

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL**

VINÍCIUS AMARAL COSTA

**Ainda acreditamos?**

**Uma articulação entre *fake news* e o lugar do pai na psicanálise**

São Paulo

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA SOCIAL

VINÍCIUS AMARAL COSTA

**Ainda acreditamos?**

**Uma articulação entre *fake news* e o lugar do pai na psicanálise**

**Versão original**

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social, sob orientação do professor Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

São Paulo

2025

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

COSTA, Vinícius Amaral

Ainda acreditamos? Uma articulação entre *fake news* e o lugar do pai na psicanálise

Tese apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia Social, sob orientação do professor Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

Aprovada em: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Professor Dr. Raul Albino Pacheco Filho** (Orientador)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

*Às amigas, que valem a pena acreditar.*

*Só acredito vendo!*

Dito popular

## **AGRADECIMENTO A CNPQ**

“O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)”

“This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ)”

Número de Processo 140339/2020-5

## AGRADECIMENTOS

Ao Raul Pacheco, por me orientar nesta pesquisa e também abrir espaços fundamentais para que eu experimentasse o risco de transmitir a psicanálise a tantos alunos e colegas de pesquisa. Pelas boas conversas e rodas de samba.

Aos docentes que participaram da banca de qualificação e de defesa, topando com generosidade serem meus primeiros leitores.

À Vera Pollo, por me situar sobre os meandros de uma psicanálise que eu desconhecia e fazer valer o real em qualquer pesquisa.

Ao Ivan Estevão, pela pesquisa que tanto me auxiliou aqui e por me inspirar ao desenho de uma “metodologia inconscientífica”.

À Patrícia Ferreira, por já estar ali quando eu comecei a frequentar o Núcleo de Psicanálise Sociedade como ouvinte e por seguir me acompanhando como interlocutora, com sua pesquisa tão valiosa.

À Tatiana Dourado, que me ajudou a ter coragem para navegar por um fenômeno tão novo, apresentando com seriedade e rigor tantos detalhes.

À Marlene Camargo, pela paciência, atenção e carinho com que me tratou e ajudou em tantos trâmites burocráticos ao longo deste processo.

Aos queridos amigos que passaram e ainda seguem no Núcleo Psicanálise e Sociedade.

Ao Tomás Mendes, pela parceria de tantos momentos na vida e por me acompanhar nesse processo de mestrado e doutorado.

À Ana Carolina Dias, pelo reconhecimento e aposta naquilo que pude construir como saber e pelos valiosos convites às aulas.

À Clarissa Metzger, por tão cedo no início de meu percurso me apresentar generosamente uma ética da psicanálise.

À Silvana Pessoa e ao Rodrigo Pacheco por dividirem a coordenação da Rede de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura e tantas outras coisas tão difíceis de serem divididas. Também agradeço aos colegas pesquisadores desta rede e do coletivo Abracadabra.

Aos colegas do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo.

Ao Paulo Rona, que mesmo mantendo importante rigor no pensamento lógico, também convida à liberdade do agir.

À Glaucia Nagem, por não deixar de me escutar quando estive cego de ignorância, de amor ou de ódio.

Ao cartel de Escrita de Caso, que possibilita a produção de um saber que nem sempre encontra espaço na Universidade. Obrigado Júlia Fatio, Mariana Angelini e Maria Lacombe.

Ao cartel de Retorno à Carta IF, onde crio vínculos para além do trabalho em psicanálise. Obrigado Ana Laura Prates. Rodrigo Pacheco, Roberto Profeta e Fábio Franco.

Aos amigos que por tantos dias e noites também compartilharam a mesa de estudos e ricos debates que tornaram a escrita menos solitária. Obrigado Vicente Lourenço, Luiz Fernando Proença e, novamente, Tomás Mendes.

Ao Gustavo Battagliese, por possibilitar acessos outros e mostrar tantas psicanálises para além de qualquer “lacanismo”.

Ao Bruno Baptistelli (Beba), por manter o diálogo da psicanálise e arte sempre aceso e seguir me provocando.

Ao Fernando Davis, pela boa companhia e viver topando minhas ideias.

Ao querido grupo 100neurose.

E a tantas amigas e amigos que estão ligados direta ou indiretamente nesta pesquisa: Beatriz Chnaiderman, Bruna Ciccarello, Bruno Mangolini, Camila Issa, Cléo Almeida, Daniel Hegg, Denise Teixeira, Guilherme Destro, Henrique Maluf, João Verani, Jonas Zilberlaib, Leeward Wang, Flávio Magaldi, Lilia Standerski, Lorraine Baker, Luiza Bussius, Mario Gaiarsa, Miguel Crochik, Raphael Güex, Renato Helena, Ricardo Paiva, Roberta Leccese, Thiago Oliveira, Victória Bragante e Vitor Monaco. Obrigado pela paciência e compreensão nos momentos em que demorei a responder.

Ao aprendizado diário com cada analisando.

À Vivi

À minha mãe

Ao meu pai.

COSTA, Vinícius Amaral. **Ainda acreditamos?** Uma articulação entre *fake news* e o lugar do pai na psicanálise. 2025. 224 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende articular o fenômeno das *fake news* com os três lugares do pai na teoria psicanalítica a partir dos registros fundamentados por Lacan: real, simbólico e imaginário. Partimos da lógica apresentada por Freud em *Psicologia das massas e análise do eu* para apresentarmos o lugar do pai imaginário como o lugar do líder. Passando pelo pai como função significante, Nome-do-Pai, no registro simbólico, aproximamo-nos também do pai real como aquilo que do simbólico excede, nos questionando se algo desta dimensão real também não é o que fica encoberta pelo uso excessivo de imagens nas *fake news*. Trabalharemos o caso da antropóloga Débora Diniz, em seus efeitos reais de segregação promovidos por notícias falsas, endossando como tantas *fake news* dependem da criação de uma ameaça imaginária a partir de um inimigo inventado para fazer de um candidato político a imagem de um pai ideal e salvador.

**Palavras-chave:** psicanálise, *fake news*, psicologia das massas, pai, real simbólico imaginário.

COSTA, Vinícius Amaral. **Do we still believe?** An articulation between fake news and the father's place in psychoanalysis. (2025). Doctoral thesis, Institute of Psychology, Pontifical Catholic University of São Paulo, São Paulo.

### ABSTRACT

This research aims to articulate the phenomenon of fake news with the three places of the father in psychoanalytic theory based on the registers founded by Lacan: real, symbolic and imaginary. We start from the logic presented by Freud in *Mass Psychology and the Analysis of the Ego* to present the place of the imaginary father as the place of the leader. Passing through the father as a signifying function, Name-of-the-Father, in the symbolic register, we also approach the real father as that which exceeds the symbolic, questioning ourselves if something of this real dimension is not also what is hidden by the excessive use of images in fake news. We will work on the case of anthropologist Débora Diniz, in her real effects of segregation promoted by fake news, endorsing how so much fake news depends on the creation of an imaginary threat from an invented enemy to make a political candidate the image of an ideal and savior father..

**Keywords:** psychoanalysis, *fake news*, mass psychology, father, imaginary symbolic real.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Crença e sexualidade no método psicanalítico .....	14
Variações do lugar do pai a partir do complexo de Édipo.....	23
1 DA IGNORÂNCIA E OUTRAS PAIXÕES.....	31
2 <i>FAKE NEWS</i> .....	47
3 CRENÇA NO PAI IDEAL: PSICOLOGIA DAS MASSAS E IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA .....	78
4 DO MITO À ESTRUTURA: O PAI COMO FUNÇÃO SIMBÓLICA.....	110
4.1 Nome-do-Pai: lei e significante .....	113
4.2 Significar uma sexualidade marcada pela pulsão .....	132
5 ACREDITAR NUM PAI, ISSO SERVE? .....	155
5.1 Bate-se numa comunista-gayzista-abortista.....	157
5.2 Furo de notícia: pai real criminoso!.....	175
CONCLUSÃO.....	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>
REFERÊNCIAS .....	210

## INTRODUÇÃO

Em junho de 2021 houve um levantamento com números reveladores: o site Aos Fatos verificou que, nos 905 dias anteriores, o presidente Jair Messias Bolsonaro havia declarado 3.326 notícias falsas, resultando em média 3,6 mentiras diárias.

Do começo ao fim, notícias falsas compunham a estratégia política de Bolsonaro, desde as eleições até o período inteiro do seu mandato. O ex-presidente não somente não se inibiu como intensificou seu uso. Constata-se que 98,21% dos eleitores de Bolsonaro se depararam com ao menos uma *fake news* e que 89,77% acreditaram na notícia como sendo um fato real (PASQUINI, 2018).

Em homenagem ao Dia da Mentira, o jornalista Cris Rodrigues, em 2019, separou as principais *fake news* no cenário político para o jornal Brasil de Fato. Entre elas, encontramos a “mamadeira de piroca”: um vídeo que apresentava uma mamadeira com bico em formato de pênis, destinada às creches de São Paulo por suposta determinação do ex-prefeito Fernando Haddad, concorrente ao segundo turno para a presidência contra Jair Bolsonaro. O jornalista nos lembra do quão importante é checarmos as fontes das notícias.

A GIJN (Global Investigative Journalism Network) publicou um tutorial (YURKOVA, 2021) sobre como as imagens manipulam e distorcem os fatos nas *fake news* para, assim, podermos distingui-las. Dentre os seis cenários recorrentes para a disseminação da fraude, dois referem-se à manipulação de fotos e de vídeos. O tutorial é extenso e rico em detalhes. Dos tipos de manipulação, a considerada mais fácil e simples é a de fotos, utilizando softwares de edição de imagem como o Adobe Photoshop<sup>1</sup>.

Não só contamos com inúmeros instrumentos para verificar possíveis adulterações como também com instituições que se colocam a tarefa diária de investigar imagens e fatos assumidos como verdades – são os conhecidos métodos de *fact-checking* (checagem de fatos).

Temos no Brasil alguns exemplos de sites – como o E-Farsas – e de agências – como a Lupa. A agência Lupa tem parceria com a revista Piauí e metodologia de trabalho própria, mas pautada pelo sucesso de instituições importantes de *fact-checking* como a Chequeado (Argentina) e a Politifact (Estados Unidos): “a matéria-prima principal no processo de produção de conteúdo jornalístico são as declarações feitas por atores públicos e as

---

<sup>1</sup> O software mencionado pela GIJN é considerado de uso profissional. Porém sabemos que, com os avanços em inteligência artificial, está cada vez mais simples que amadores também manipulem imagens e vídeos.

informações potencialmente falsas que circulam em plataformas de redes sociais e em aplicativos de mensagem” (COMO A LUPA, 2015).

A agência Lupa é um dos exemplos de empresas de *fact-checking* que operam no Brasil. Redes famosas e de alto uso no país, como Facebook e Instagram, já começaram a aderir a dispositivos para checagem de fatos em seu próprio funcionamento, em tempo real, como recurso que o usuário pode ativar enquanto lê a notícia.

Nossa questão, que pretendemos trabalhar sob uma leitura psicanalítica, advém do curioso fato de que, mesmo com a oferta de tais dispositivos, o fenômeno das *fake news* parece não só não intimidar alguns líderes políticos como estar cada vez mais sendo utilizado por eles.

O que se opera aí? Por que os dispositivos de *fact-checking*, com suas inúmeras ferramentas de verificação, não são suficientes? Haveria alguma possibilidade de explicarmos que algo nas *fake news* funcione independentemente de sua relação com os fatos<sup>2</sup>?

### **Crença e sexualidade no método psicanalítico**

Trata-se de um fenômeno amplo<sup>3</sup>, sendo necessário um recorte à pesquisa. Sem deixarmos de considerar que há outros tipos de *fake news* – como, por exemplo, sobre esquemas que dificultariam a eleição de Bolsonaro nas urnas eletrônicas em 2018 (FAKE NEWS, s.d.) ou a icônica adesão do ex-presidente à cloroquina (SERRÃO, 2023) durante a pandemia de Covid-19 –, daremos enfoque àquelas em que predomina uma espécie de “ameaça sexual”, conforme demonstrado na matéria do jornalista Cris Rodrigues.

O tom da sexualidade, enquanto elemento que ameaçaria a nação e que faria de Bolsonaro uma espécie de salvação e boa ordem, participou com frequência das notícias falsas durante sua campanha e governo, sobretudo como uma ameaça ao campo escolar. Em

---

<sup>2</sup> Aqui, o termo “fato” é tomado tal qual o uso corrente, no sentido de um acontecimento acabado, um evento ou aquilo que serve para comprovar algo. Resgatando sua etimologia, encontramos uma derivação de *factum* do latim, denotando um “feito”. É o termo empregado pelas instituições de avaliação e que aparece no título da importante obra de Tatiana Dourado (2021), *Fake news: quando mentiras viram fatos políticos*. Sabemos que o termo também abre margem para extenso debate da psicanálise com a filosofia, o qual Jacques Lacan adentrou, não sem rigor, e que nos exigiria um competente diálogo com diversos autores, entre eles Ludwig Wittgenstein, conforme indicam Gurgel & Gurgel (2020).

<sup>3</sup> Se hoje digitarmos “*fake news*” no Google, teremos mais de três bilhões de resultados; se acrescentarmos “Bolsonaro” à pesquisa serão quase dez milhões de respostas. O recorte proposto aqui não visa encerrar a questão, mas tornar possível uma abertura para esse campo de pesquisa.

nome da boa educação, da família tradicional e do que é dever de um cidadão de bem, as *fake news* criavam um clima de tensão ao colocar as crianças do ensino infantil como as maiores vítimas.

Dizeres falsos circulavam na época das pré-eleições de 2018, posicionando o candidato do PL, em oposição a Fernando Haddad do PT, como aquele que protegeria a nação de uma suposta deterioração da infância. Essa tática tinha como objetivo angariar os votos daqueles que ainda estavam em dúvida entre os candidatos. Chegou-se a falar até mesmo em “empreendedorismo moral” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020), pautando de forma moral e religiosa a produção discursiva operante nas *fake news* a favor de Bolsonaro.

É evidente o uso das *fake news* como novidade entre as táticas de competitividade política, uma vez que a difusão excessiva de matérias falsas inicia-se por volta de 2016<sup>4</sup>, durante as eleições presidenciais dos Estados Unidos e do processo do *Brexit*<sup>5</sup>. Durante 2018, a campanha a favor de Bolsonaro trabalhou exaustivamente “para descaracterizar o ensino e a educação no Brasil, tendo como pano de fundo o fantasma da ‘ideologia de gênero’ e a criação de dizeres sedimentados acerca do ‘kit gay’ e da ‘mamadeira de piroca’” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 167)<sup>6</sup>.

Importante ponto para nossa pesquisa: a moral sexual presente de forma predominante nas *fake news* teve um papel decisivo na legitimidade de Bolsonaro e na ilegitimidade de Haddad (ALMEIDA, 2019). Mesmo falsos, os dizeres nas notícias e seus rápidos compartilhamentos surtiram efeitos.

É como se, independentemente de sua veracidade e apenas pelo conteúdo veiculado, a notícia falsa obtivesse sucesso pelo “empreendedorismo moral” almejado, chegando mesmo a promover no usuário que a recebe a crença de que se trata de um fato real<sup>7</sup>. O dano de uma *fake news*, mesmo que desmascarada, torna-se irreversível (CALDAS; CALDAS, 2019, p.

---

<sup>4</sup> Ainda que o recurso de notícias falsas não seja tão recente, Dourado (2021) delinea com precisão o momento em que podemos especificar o fenômeno das *fake news*, partindo de um funcionamento que envolve estratégias complexas do uso das redes sociais, sobretudo na difusão e compartilhamento das notícias, como apresentamos no Capítulo 2.

<sup>5</sup> Saída do Reino Unido da União Europeia em 2018.

<sup>6</sup> O termo “*ideologia de gênero*” foi deturpado pelo governo de Bolsonaro e merece uma atenção que não compete a esta pesquisa. Ver: Miskolci & Campana (2017); Reis & Eggert (2017); e Machado (2018) para uma melhor precisão. Ver: Lima (2017); e Santos & Estêvão (2021) para a articulação do termo com a psicanálise.

<sup>7</sup> Somada ao uso de robôs digitais (*bots*), a disseminação escapa a qualquer possibilidade de controle (*bot* é um programa de computador que executa tarefas de forma automatizada, imitando ou substituindo o comportamento humano. A palavra é uma abreviação de *robot*, “robô” em inglês. Os *bots* podem ser usados para realizar tarefas repetitivas, como comprar bilhetes *online*, reservar lugares em jogos digitais e monitorar o tráfego e atividades incomuns na web. Eles podem ser legítimos ou mal-intencionados). O uso de algoritmos digitais é de tamanha preocupação que o debate foi levado para o âmbito jurídico, com a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) das *fake news* criada pelo Ato 75/2018.

209).

Tal “empreendedorismo” surfa na crista das ondas da “ideologia de gênero”, deturpando seu sentido e produzindo significações que induziam os eleitores a crerem que se tratava de uma educação sexual infantil:

uma vastidão de notícias falsas produziu dizeres sobre a educação na infância, na maioria das vezes relacionados com cenas de teor sexual, promovendo, dessa forma, uma incitação nas mídias digitais à boa conduta das crianças, que deveriam ser protegidas do saber sexual empreendido pelas instituições educacionais (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 168).

Um cenário ameaçador estava instaurado. Bolsonaro, o “candidato de bem” e que aparentava-se fiel aos preceitos cristãos, ia se tornando a aposta de muitos para “salvar” a educação pela via moral correta: “as análises eleitorais apontam a importância do apoio dos neopentecostais para a eleição de Jair Bolsonaro, seus filhos e grande número de candidatos posicionados à direita, no espectro político” (PACHECO FILHO, 2019, p. 193).

Sob a análise do sociólogo Marcos Coimbra, também presidente do Instituto Vox Populi de pesquisa, a evolução do voto estimulado entre os evangélicos foi de 30%, gerando trinta pontos de vantagem quando disputou em 2019 a campanha contra Fernando Haddad, obtendo um segmento de cerca de 10%:

o que mudou a eleição e permitiu que Bolsonaro entrasse no segundo turno quase eleito não foi o antipetismo, a lava-jato, as prestidigitações de Moro, a intervenção dos generais, a partidarização do Judiciário, o governo Dilma, a prisão de Lula, o horror ao PT da TV Globo. Foi uma mudança abrupta e intensa no eleitorado evangélico, especialmente do Sudeste (e do Sul), especialmente de baixa classe média, especialmente feminino (COIMBRA, 2019, n.p.).

Coimbra também faz menção ao uso de aplicativos para disseminar as *fake news*: “um raro bom jornalismo oferecido pela grande imprensa brasileira revelou como isso foi feito: através do impulsionamento de informações falsas e mentiras contra Haddad, disseminadas pelo WhatsApp” (COIMBRA, 2019, n.p.).

A criança tornava-se o alvo de muitas dessas notícias falsas. O plano de governo de Bolsonaro prometia garantir a boa educação infantil como “projeto” político. Bolsonaro,

como outros candidatos, aderiu ao discurso moral religioso junto com o crescimento dos movimentos neopentecostais, impulsionando uma agenda conservadora com viés católico (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 169).

Em 1905, quando Freud explorou a questão da sexualidade em *Três ensaios sobre sexualidade*, não foi sem consequências contra o “empreendedorismo moral” da época. Ele tomou a “sexualidade” num sentido além daquele atribuído pela noção popular, considerando também os “sentimentos ternos” que uma criança pode ter com seu cuidador: “usamos a palavra ‘sexualidade’ no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* (amar)” (FREUD, 1905/1996, p. 234).

Com a noção freudiana, a temática da sexualidade torna-se mais complexa, ampliando a diversidade de crenças, comportamentos e identidades construídas socialmente. “Embora tenha como suporte um corpo biológico, ela transcende esse aspecto que se volta para a reprodução e aos atos instintivos, devendo ser vista também como uma construção social” (SILVEIRA, 2013, p. 287). Encontramos na *libido* o termo com que Freud desenvolve sua noção de sexualidade, enquanto espécie de “energia amorosa” – notando até a aproximação do termo *lieben* (amar) e *libido* – usada na forma de investimentos que a criança faz no mundo, nos outros e nos objetos.

Assim, o sexual adentra o campo do amor enquanto vínculo. *Libido* refere-se aos investimentos tanto da criança por seus cuidadores ou educadores quanto o lugar em que é investida por esses, promovendo relações de identificação.

Em correspondências com o Dr. Furst<sup>8</sup>, Freud questionava-se se a criança não deveria obter esclarecimentos acerca da sexualidade; negar tal conhecimento poderia trazer consequências, uma vez que “o clima de mistério apenas a impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta” (FREUD, 1907/1996, p. 125). A proposta de Freud não estimula qualquer antecipação ou treinamento precoce para a vida sexual, mas sim critica a maneira misteriosa com a qual a sexualidade é tratada, já que poderia ser mais um conhecimento entre outros.

O recente cenário criado pelas notícias falsas parece continuar tratando a sexualidade

---

<sup>8</sup> “Nas correspondências que Freud trocava com Dr. Furst, médico de Hamburgo, este lhe fez alguns questionamentos: se as crianças deveriam ser esclarecidas sobre as questões sexuais, em que idade e de que modo. Freud respondeu que não havia nenhum propósito em negar às crianças e aos jovens o esclarecimento sobre questões sexuais. Criar um mistério sobre tais questões, para Freud, estava ligado à falta de consciência dos adultos sobre a sexualidade, ignorância e a um pudor usual. Esse erro grotesco acarretava sérias consequências, pois o recém-nascido vem ao mundo com sua sexualidade e seu desenvolvimento acontecerá acompanhado de sensações sexuais” (SILVEIRA, 2013, p. 287).

em patamar diferente da proposta de Freud (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 169).

Passado mais de um século, notamos que a temática da sexualidade ainda é um tabu e pode ser manipulada como ameaça em estratégia política. E é partindo dessa suposta ameaça que se cria uma demanda por resolução.

Moral e ordem foram atreladas à imagem do candidato de extrema-direita, defensor da “boa educação” e da proteção contra a “doutrinação” que colocaria em risco qualquer criança e sua sexualidade – como quiseram fazer entender deturpando o sentido de “ideologia de gênero”, por exemplo.

As *fake news* de Bolsonaro utilizaram a obra *Aparelho sexual e cia.: um guia inusitado para crianças descoladas*, de Zep & Bruller (2007), em rede nacional, durante o programa Jornal Nacional em agosto de 2018 (AO JORNAL NACIONAL, 2018). O site *E-farsas* verificou a informação dada pelo ex-presidente de que a obra havia sido lançada no inventado “9º Seminário LGBT infantil”, evento organizado pelo deputado federal do PSOL Jean Wyllys. Houve, sim, um seminário chamado “9º Seminário LGBT”, sem o adjetivo “infantil”, com o objetivo de discutir diversidade sexual, e sem o lançamento da referida obra. Tampouco houve qualquer “kit gay”, mas um guia de orientação para professores para debate sobre sexualidade distribuído pelo Ministério da Educação (MEC). Aquele livro tampouco consta no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) (LOPES, 2018).

Uma vez divulgada a mentira, a imagem de Fernando Haddad, Ministro da Educação na época e candidato do partido oposto ao de Jair Bolsonaro, já estava em jogo, ao mesmo tempo em que uma ameaça moral e sexual inventada permeava o âmbito educacional e clamava por resolução:

apesar de a retomada da narrativa do “kit gay” possuir propósitos eleitorais, ao focar na educação, tem-se como empenho manufaturar um alvoroço midiático, justificado por uma escalada moral nos debates que dizem respeito à sexualidade. É possível levantar, a partir disso, que os sujeitos que ratificam essa *fake news* buscam se insuflar contra um suposto atentado à inocência infantil (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 173).

A justificativa de “combate” à ameaça sexual seria feita em nome de Deus e dos cidadãos de bem. Bolsonaro representava os valores cristãos que norteavam o combate contra um suposto “kit gay”, que teria como objetivo mudar condutas sexuais das crianças, sob o comando de “comunistas”.

A verificabilidade dos fatos também foi uma questão a Freud. Às voltas com a possibilidade de qual destino dar aos conteúdos que ouvia no relato de seus pacientes, o psicanalista teve sua crença colocada em jogo: “eu não acredito mais em minha neurótica<sup>9</sup>” – comunicou Freud (1887-1904/1986) a Fliess em carta de 10 de outubro de 1895. Entre as razões do que viria a ser a revelação de um grande segredo, Freud destacava que no funcionamento inconsciente haveria uma impossibilidade de reconhecimento sobre a verdade, já que a neurose se constituía num fundo de ficções investidas de afetos. Freud descobriu a importância da fantasia e da crença no processo de cura justamente por colocar em questão suas próprias crenças, fundando ao mesmo tempo uma prática terapêutica e um método investigativo. Não se tratava de abandonar ou desqualificar seus pacientes, pelo contrário, sua aposta seguiu levando em conta a própria complexidade acerca do que se poderia considerar verdade e fato a partir dos atravessamentos do inconsciente.

Mais de um século desde a descoberta freudiana, a questão da crença segue presente no trabalho de psicanalistas dentro e fora dos consultórios:

frequentemente o analista se depara em sua clínica com apresentações subjetivas fortemente marcadas pela crença. Independente do conteúdo específico dessas crenças, de natureza religiosa, moral ou política, já nas entrevistas preliminares verifica-se uma relativa tensão, por vezes explícita, acerca dos destinos da crença no decorrer do tratamento (DUNKER, 2004, p. 56).

Tensão que se intensifica quando o objeto que organiza a crença do analisando se apresenta de forma antagônica ao saber suposto que está dirigindo a análise. Já nas primeiras investigações freudianas, pela influência marcante da crença, o lugar da verdade não era tranquilo. Antes dos recentes termos *fake news* ou *fact-checking*, lá estava o psicanalista vienense tentando checar os fatos, recorrendo até mesmo aos parentes de suas pacientes.

---

<sup>9</sup> Ainda que se encontre a recorrente tradução, vale lembrar que no original em alemão Freud está se referindo à sua *Neurotika*, sua teoria sobre as neuroses na época. Trata-se de uma frase importante para esta pesquisa e não pode ser tomada simplesmente como uma desistência de Freud; pelo contrário, o autor seguiu colocando em questão suas crenças e descrenças no processo psicanalítico, inclusive levando em conta o importante papel da fantasia no tratamento. Nessa mesma época ele afirmou que no inconsciente não haveria qualquer indicação da realidade, passando da teoria da sedução para a da fantasia. Pode-se ainda ler essa manifestação de Freud em relação à origem do sintoma, que dialoga bem com o lugar dos fatos em nossa pesquisa e em como *fake news* se aproveitam da constituição psíquica na manipulação de fatos que poderiam ser investigados seriamente, promovendo notícias falsas que alimentam crenças. Essa virada na teoria de Freud também reposiciona a própria cura de uma perspectiva determinista: “se se antes era possível conceber uma teoria normativa, que almejava a cura e o progresso [...], agora não era mais viável sustentar um projeto de assepsia das neuroses” (CANAVÊZ; HERZOG, 2007, p. 119).

Longe de tentarmos qualquer aproximação da postura questionável do uso de *fake news* em campanhas políticas de Bolsonaro com o do discurso do sintoma histérico que participou da origem à psicanálise, partimos do que Freud pode formular acerca do lugar da crença de seus analisandos e das “paixões” que movimentavam as associações-livres. Antes de passar da teoria da sedução para a fantasia, Freud teve que trabalhar a influência da crença naquilo que seus pacientes avaliavam como verdade.

O trabalho realizado por Freud sobre a crença e sua influência na verdade poderia nos trazer outra forma de leitura também do social, levando a prática psicanalítica para além do consultório? Abordamos como o método do *fact-checking* ainda não é simples em vista dos esforços diários de diversos profissionais do jornalismo e da tecnologia. Seria por influência da crença presente em cada usuário no momento em que opta por compartilhar antes de checar a notícia?

Freud só muda sua postura diante dos fatos ouvidos na clínica depois de um tempo, para dar lugar a uma fantasia decorrente da associação-livre<sup>10</sup> de suas histéricas e por reconhecer seu efeito clínico: os sintomas se dissolviam ou eram deslocados. Isso decorria de um modo de dizer de suas pacientes diante da permissão de seu médico numa direção de induzi-las a *falarem o que lhe ocorresse*, independentemente de sua *veracidade*<sup>11</sup>.

Quando Freud aposta na fala como via de tratamento, a crença deixa de ser um elemento a ser verificado como *verdadeiro ou falso*, mas pela possibilidade de o sujeito questioná-lo, tateando algo de uma realidade psíquica. Uma realidade estruturada com um fundo de ficção, de fantasia – ou, para dizer em outros termos, uma realidade de “procedência fantasmática”: “o tratamento analítico põe em questão as crenças do sujeito. Isso não deriva de uma interpelação direta sobre a legitimidade ou o conteúdo da crença, mas de transformações no que seria o fundamento de toda crença possível para um sujeito, ou seja, sua procedência fantasmática” (DUNKER, 2004, p. 58).

Avaliar o objeto em jogo na crença, em termos de verdadeiro ou falso, não se torna o mais fundamental, uma vez que temos a procedência fantasmática operando na construção da

---

<sup>10</sup> Foi com o método da *talking cure* – cura pela fala – que Freud (1895/1996, p. 96), no decorrer do atendimento da paciente Emmy von N., criou a associação-livre: “creio que as dores de estômago, em seu caso, sempre acompanham os ataques de zoopsia. Responde-me, com bastante má vontade, que isso não sabia. Peço-lhe que procure se lembrar disso até amanhã. Bastante agastada, me diz que eu não devia perguntar sempre de onde vinha isso ou aquilo, mas sim deixá-la contar o que tinha a me dizer. Aquiesço e ela prossegue, sem preâmbulos”.

<sup>11</sup> O método que sustentava até então era o catártico, inspirado pelo fato de que um sintoma podia ser dissolvido quando a paciente pudesse dizê-lo e acessar uma situação anterior em que a devida *reação* lhe fora impedida (FREUD, 1895/1996).

realidade para cada sujeito. Dunker (2004) lembra que nos deter sobre o objeto desviaria do verdadeiro problema, a saber, a relação que o sujeito estabelece com esse objeto na experiência mediada pela crença fantasmática. Assim, a crença do sujeito serviria de motor à associação-livre, motor do tratamento analítico. Podemos pensar também no importante lugar da crença dos usuários ao compartilharem as notícias; se não fosse a ação de milhares compartilhando notícias falsas, motivados emocionalmente com sua crença, o fenômeno das *fake news* não aconteceria.

A relação entre o dizer e o sintoma toca na correspondência entre realidade e representação, bem como no acesso à verdade. Não tentando conceituar a verdade, tal como a filosofia, Freud (1933/1996) chega a redigir um texto em recusa de fazer da psicanálise uma *Weltanschauung*, uma “visão de mundo”. Freud estava definindo um novo campo de atuação e de pesquisa em que a problemática entre realidade, percepção e verdade participava do método:

tudo se passa como se houvesse uma percepção aguda de que seria preciso construir outra racionalidade capaz de abrigar uma concepção de sujeito incapaz de estabelecer a verdade a partir da percepção da realidade, mas que nem por isso abre mão de questionar muito precisamente esta disposição mesma do problema (IANNINI, 2009, p. 21).

Problema que leva Freud a pensar o sujeito a partir da alteridade, não privilegiando somente a consciência ou o *eu*, mas também o inconsciente. A dialética entre desejo e alteridade remete à condição de desamparo (*Hilflosigkeit*) do *infans*, numa dissimetria constituinte do sujeito a partir de um objeto que oscila entre o que se busca e o que se alucina. A alucinação remete a uma condição de satisfação que induz o sujeito a criar sua realidade particular, o que muitas vezes impossibilita-o de acessar algum tipo de saber que não lhe convém por lhe ser insatisfatório.

A impossibilidade de adequar uma referência à alucinação do objeto nos remete à impossibilidade de dizer a verdade de forma total. Daí o interesse de Freud nos atos-falhos como equívocos do sujeito e do sem-sentido dos sonhos e chistes, ambos exemplos dessa falha inaugural do sujeito: “se não pudermos ver com clareza, ao menos vejamos com precisão as obscuridades” (FREUD, 1926/1996, p. 155).

É nesse obscuro que também encontramos o sujeito marcado pelo desejo do Outro (LACAN, 1958-1959/2016, p. 26), em seu desamparo enquanto condição diante do desejo.

Desamparo que o sujeito tenta intermediar por sua relação imaginária, em termos lacanianos. Temos no ensino do psicanalista francês a referência de três registros – real, simbólico e imaginário –, que trabalharemos com maior detalhamento ao longo de cada capítulo desta tese e em sua articulação com os três lugares do pai – pai real, pai simbólico e pai imaginário. Por enquanto, frisamos que Lacan aborda a dimensão imaginária como uma das formas de o sujeito lidar com seu desamparo diante do desejo do Outro pela via do *eu*. Quando algo nessa relação vacila é porque o *eu* não foi suficiente para amparar o sujeito.

Podemos dizer inclusive de uma função que o *eu* propicia como defesa, enquanto elemento imaginário: “o sujeito se defende com seu *eu*” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 28). Defesa oriunda das experiências que a criança desenvolveu dentro de um jogo de imagens diante do outro semelhante: “trata-se da experiência do semelhante no sentido de que ele é olhar, de que ele é o outro que te olha, de que põe em jogo certa quantidade de relações imaginárias, entre as quais, em primeiro plano, as relações de preeminência, e também submissão e derrota” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 28). Vemos a predominância do registro imaginário no suporte escópico presente e atuando nas *fake news* que se proliferam entre áudios, fotos e vídeos, ainda que ali os elos com o real e o simbólico estejam entrelaçados de forma fantasiosa (FERREIRA, 2014, p. 17).

Freud (1915/1996), em *O inconsciente*, traz a dimensão do desamparo (*Hilflosigkeit*) como o que há de mais primitivo, até mesmo em relação à angústia. Lacan articula o termo freudiano com a posição do sujeito diante do desejo do Outro, enquanto um sujeito sem recursos. Mas essa falta de recursos é o que possibilita ao sujeito se estruturar diante do desejo como desejo do Outro. Dialética que divide o sujeito (e que não se confunde com o *eu*), convocando-o, mas também o “aspirando”. Nas palavras de Lacan (1958-1959/2016, p. 455):

o sem recursos diante de quê? Isso não pode ser definido, centrado, senão como o desejo do Outro. A relação do desejo do sujeito com o desejo do Outro é dramática, na medida em que o desejo do sujeito tem de se situar perante o desejo do Outro, o qual, no entanto, o aspira literalmente e o deixa sem recursos. É nesse drama que se constitui uma estrutura essencial não só da neurose, como de qualquer outra estrutura analiticamente definida.

Essa experiência imaginária na relação com o outro constrói alguma defesa na relação do sujeito com seu desamparo. A partir do olhar do outro, o sujeito tenta situar-se numa espécie de matriz simbólica, pela qual situa o desejo para o Outro a partir de uma fantasia

fundamental. É quando passamos do olhar para a fala, fazendo o sujeito ser esse elemento dividido de saída, representado como \$:

se o sujeito está barrado aqui é porque se trata do sujeito como falante, na medida em que se refere ao outro como olhar, ao outro imaginário. Sempre que tiverem de lidar com algo que é propriamente uma fantasia, verão que ela é articulável nesses termos de referência, como relação do sujeito como falante com o outro imaginário (LACAN, 1858-1959/2016, p. 28).

Temos então a diferença entre um *eu* (imaginário) para um sujeito (simbólico), dividido e marcado pelos efeitos de sua própria fala. O que não quer dizer que a psicanálise deixa de considerar o importante lugar do fato, mas, na aposta de uma verdade derivada do dizer do sujeito, o fato deixa de ser da ordem do verificável materialmente, em uma realidade empírica. Foi a partir dessa conclusão que Freud passou da teoria da sedução para a teoria da fantasia.

Ainda que uma ficção dotada de investimento afetivo seja impossível de ser distinguida da verdade, isso não impediu Freud de seguir suas investigações e criar o seu método. A fantasia passou a ocupar lugar central em sua teoria, fazendo dessa “impossibilidade” – que toca na tênue relação entre ficção e verdade – motor para investigação e tratamento.

### **Variações do lugar do pai a partir do complexo de Édipo**

Pouco tempo depois da carta sobre sua descrença, Freud escreve a Fliess para falar de uma lenda grega de onde tiraria uma estrutura para “captar uma compulsão que todos reconhecem”, presente na existência dos neuróticos, ainda que em cada fantasia se encontrassem particularidades diferentes. É *Édipo rei* de Sófocles, como peça teatral, que fundamenta para Freud uma analogia que virá a servir de condutor clínico: “cada pessoa da plateia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual” (FREUD, 1887-1904/1986, p. 251).

Em 1900, com a *Interpretação dos sonhos*, Freud retoma o mito grego pela via dos “sonhos típicos” numa neurose, entre eles o sonho recorrente sobre a morte de pessoas

queridas. Para além da tragédia, a relação de Édipo com seu destino faria alusão a uma espécie de “compulsão” presente na experiência da humanidade (ABEL, 1997, p. 16).

A peça promove também identificação, mesmo que a plateia não saiba o que exatamente nela a cativa. Freud alinha o destino do herói com o que escuta em sua clínica, na forma da pré-história de uma praga lançada: “o destino nos comove somente porque poderia ser o nosso – porque o oráculo lançou a mesma praga sobre nós antes de nascermos, como sobre ele [Édipo]” (FREUD, 1900/1996, p. 278).

O oráculo é aquele que alerta Édipo sobre uma espécie de desgraça antes mesmo de seu nascimento. É a marca com a qual ele terá que lidar ao longo de sua epopeia. De um lado, há a praga em si, feita profecia pelo herói, que realiza um desejo inconsciente infantil; segundo Freud, “é o destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual no sentido de nossa mãe e o nosso primeiro ódio e nosso primeiro desejo assassino contra nosso pai” (FREUD, 1900/1996, p. 278).

Freud recorre ao mito de Édipo para pensar o lugar do pai no tratamento analítico. Com Lacan, esse pai é também articulado aos três registros: real, simbólico e imaginário. Se pudermos ver na célebre frase de Freud “Eu não acredito mais em minha neurótica” uma dúvida sobre a impossibilidade de termos certezas sobre qualquer origem, concluímos que também é na estrutura de todo mito que encontramos uma forma de se lidar com a problemática das origens.

A crença no pai ocupa, para Freud, o lugar de um mito. Acredita-se no mito por sua eficácia simbólica, por sua transmissibilidade da lei. O Édipo, por exemplo, situa a cena real e insuportável da relação da criança com o desejo materno e a lei do pai a partir de uma narrativa que organiza o drama familiar em tempos lógicos (LACAN, 1957-1958/1999).

Conhecemos em Lacan esses três tempos na via dos tempos da entrada na linguagem pelo *infans* e de sua relação com o pai pela via do Nome-do-Pai, significante organizador da relação da criança com o desejo da mãe. O Nome-do-Pai opera como o significante que representa a castração, fazendo efeito na cadeia significante ao situar a criança dentro de um discurso. Podemos ver, com Lacan, todos os efeitos para o sujeito do inconsciente enquanto efeito de um discurso do Outro (LACAN, 1957-1958/1999).

Freud ainda traz à cena outro mito, um de sua própria criação, em *Totem e tabu*, de 1913. Aqui, a temporalidade que Freud propõe também remete ao pai enquanto lugar da lei. Tanto o pai de Édipo – Laio – quanto o pai do mito freudiano tiveram acesso a um gozo

decorrente de um ato de transgressão. Enquanto Laio transgredir uma lei estabelecida, o assassinato do pai da horda funda a lei. Os irmãos se juntam e assassinando o próprio pai instauram a lei, representada pelo totem enquanto símbolo do pai morto (FREUD, 1913/1996).

Lacan coloca a meta psicanalítica no campo do desejo, atravessado pela relação entre lei e morte, levando aquele que se submete a tal experiência à realidade da condição humana. Tal condição, desde Freud, remete à *Hilflosigkeit*, ao desamparo de uma realidade permeada pela relação do indivíduo com a própria morte. Ainda que a neurose construa algum tipo de salvação imaginária, na figura de um pai – como Édipo acreditando que encontraria a verdade na busca por desvendar o enigma oracular – a relação do sujeito com o desamparo não pode esperar qualquer ajuda de um outro (LACAN, 1959-1960/2008, p. 356).

Nessa experiência do desamparo (*Hilflosigkeit*) encontramos algo do estrutural do sujeito com a impossibilidade de proteger-se da morte, isto é, não há como remediá-la e, assim, “não há perigo no nível da experiência última do *Hilflosigkeit*” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 356). Na impossibilidade de dizer o que é ou o que não é tal experiência, o que é a relação, afinal, do indivíduo com a própria morte, a situação de desamparo é uma espécie de limite que no mito de Édipo adquire seu alcance completo:

vou levá-los hoje, mais uma vez, à travessia dessa região intermediária, lembrando-lhes que não se deve absolutamente negligenciar na história de Édipo, o tempo que decorre entre o momento em que este fica cego, e o momento em que morre – morte privilegiada, única, da qual lhes disse o enigma que ela constitui em Sófocles (LACAN, 1959-1960/2008, p. 356).

Édipo, enquanto personagem do mito de Sófocles, paradoxalmente, não realizou o complexo de Édipo (QUINET, 2015) ao se punir por uma falta que não cometeu. Quando matou Laio, não o matou como seu pai, mas como um desconhecido que lhe cruzou o caminho na estrada. Fugiu daqueles que acreditava serem seus pais em busca de uma promessa que lhe foi endereçada em relação ao pai: “foge daqueles que acredita serem seus pais, e querendo evitar o crime, ele o encontra” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 357).

Tentaremos extrair desse lugar ocupado pelo pai, em seus diferentes registros, uma chave de leitura para a relação do indivíduo com o seu pai; como o caso do pai idealizado, predominantemente imaginário e que leva as marcas do que Freud (1921/1996) nos apresentou em sua *Psicologia das massas*.

Estaríamos diante de uma relação com esse pai imaginário, representada por um líder na psicologia das massas? Essa crença no pai salvador participa do cenário do compartilhamento de *fake news*? Essa relação que estagna milhares de indivíduos numa lógica das massas não impede a relação do sujeito com seu desejo, com sua dimensão inconsciente?

O mito de Édipo fala de uma fantasia infantil. Justamente, fantasia é o que não se realiza, mas que influencia de forma inconsciente as atitudes do sujeito no mundo. Podemos dizer que Édipo atuou o que sustenta a fantasia dos pacientes ouvidos por Freud, já que acabou realizando seus desejos incestuoso e parricida. Realizou-os sem sabê-lo, marcando a descoberta freudiana: o consciente não é senhor de suas ações (QUINET, 2015, p. 158).

Dada a inconsciência de seu ato, Édipo segue recorrente na obra de Freud. Mesmo em 1917, em suas *Conferências introdutórias*, Freud diz: “a análise confirma tudo o que a lenda descreve. Mostra que cada um desses neuróticos também tem sido um Édipo” (FREUD, 1916-1917/1996, p. 392). Ou no texto sobre o Moisés de Michelangelo: “tenho acompanhado de perto a literatura psicanalítica e aceito sua pretensão de que somente depois de ter lido o material da tragédia, sua origem remontada pela psicanálise ao tema edipiano, é que o mistério de seu efeito foi por fim explicado” (FREUD, 1914/1996, p. 254).

Tentamos realizar uma pesquisa partindo desta relação da psicanálise também com o campo do saber, sobretudo, um saber contido na estrutura mítica e que não responde à demanda de um saber absoluto. Partimos da premissa de que a psicanálise caminha na contramão da lógica contemporânea, regida pelo discurso capitalista. Na era da globalização científicista, o que impera são práticas orientadas para enquadrar o sujeito no que tange a uma categorização universal. Em meio às políticas atuais que promovem a generalização, a padronização e a vitimização do sujeito, a psicanálise se insere considerando a contingência de cada caso e visando a uma responsabilização subjetiva.

Frente a tal cenário, vemos cada vez mais psicanalistas ampliando sua prática para outros campos de saber, atuando em instituições de saúde mental, sociais e jurídicas. Não se restringindo a um tratamento clínico *stricto sensu*, dentro dos consultórios particulares, eles sustentam o ato analítico para além do individual, assumindo responsabilidade pelos efeitos de suas intervenções. Nesta pesquisa, valendo-nos de algumas articulações teóricas, propomos uma breve reflexão sobre a inserção possível da psicanálise enquanto prática institucional no campo social, partindo do lugar da crença no pai.

Tomados por afetos que os impulsionam a compartilhar notícias falsas em vez de

checar sua veracidade, o ato de cada indivíduo torna-se fundamental para o advento do fenômeno. Sem a massiva quantidade de compartilhamentos, as *fake news* não aconteceriam, evidenciando um importante fator da participação da crença, que predomina em relação à ação de verificar os fatos.

Lembramos que os afetos “não são aliados da interpretação” (SOLER, 2022, p. 21), podendo até mesmo conduzir um grande número de pessoas ao engano. A vivência do afeto “não prova nada, não é amiga da prova” (SOLER, 2022, p. 21). Ponto fundamental para pensarmos o lugar do *fact-checking*, com seus esforços diários para tentar levar provas de falsificação de notícias a milhares de usuários.

Freud já havia proposto uma leitura sobre a relação entre os afetos e uma massa de indivíduos. Um estado de enamoramento assola cada indivíduo da massa na relação com seu líder (FREUD, 1921/1996), fazendo do líder uma espécie de pai imaginário e mitológico. Esse “mito” criado pela via dos afetos pode desvelar a estrutura de um pai não somente imaginário, mas também simbólico, e seus efeitos pela via da estrutura e do que Lacan chamou de Nome-do-Pai (LACAN, 1955-1956/2008).

Eis a dimensão de que uma massa nada quer saber. Trataremos melhor a relação entre o grande Outro de Lacan e o outro como semelhante ou rival no quarto capítulo, *Do mito à estrutura*. À guisa de introdução, tomaremos a crença de Édipo. O que Édipo tem de crença, o tem na medida em que não sabe do crime do pai, e justamente isso interessou a Freud, por ele fazer acontecer sua sina sem que a soubesse. Tudo poderia ter sido diferente se o herói soubesse do crime de Laio. Uma primeira chave de leitura possível acerca do fenômeno das *fake news* passa pela crença, tal qual a vemos em Édipo, enquanto defesa do desejo inconsciente.

Não se trata de uma pesquisa pormenorizada do conceito de crença<sup>12</sup>, mas de sua participação no movimento que leva toda uma massa a preferir compartilhar notícias falsas em vez de checá-las. O efeito devastador de tal comportamento em massa leva ao pior, à segregação, conforme o caso da antropóloga e professora Débora Diniz que abordaremos no quinto e último capítulo, a partir da relação com o pai real – dimensão do pai nunca descoberta por Édipo e que remete ao lugar do pai gozador, transgressor e portador de um crime. Seria essa a “mentira” do pai, que fica de fora de tantas *fake news*?

Assim, dividiremos esta tese, iniciando-a pelo desenvolvimento da noção de *paixão da*

---

<sup>12</sup> Para isso, ver Dunker (2004).

*ignorância*, como umas das paixões do ser (LACAN, 1953-1954/2009). No segundo capítulo o enfoque será sobre as *fake news*, em diálogo com alguns estudos jornalísticos, principalmente de Dourado (2021) e de Fisher (2023). Já no terceiro capítulo veremos o funcionamento de uma psicologia das massas a partir do lugar do líder e de seu apelo afetivo operante nas estratégias de disseminação de notícias falsas. Da identificação da massa ao líder salvador, passaremos no capítulo quatro para a leitura simbólica do lugar que o líder ocupa, conforme estudos de Lacan sobre a estrutura. Finalizando no quinto capítulo, traremos o caso de Débora Diniz a título de exemplo e forma de abordarmos o efeito real que as *fake news* promovem como segregação.

A pesquisa em psicanálise não visa necessariamente a qualquer tipo de convicção ou prova; inclusive, leva-se em conta no processo de investigação as marcas do lugar da fala e da associação-livre como exercício da produção de novos saberes. É também a forma pela qual Lacan transmitia seus seminários. Boa parte do material aqui utilizado é decorrente de edições derivadas de gravações e anotações do que era falado pelo psicanalista francês.

Uma pesquisa que leva em conta a estrutura do simbólico – passível de ser apreendida somente a partir da fala – é marcada por alguma impossibilidade de tudo se dizer:

trataremos de sacar alguma coisinha do que corresponde ao mito de Édipo em Freud. Como não estou apressado, não terminarei com isso hoje. Não vejo por que haveria de me cansar. Falo com vocês da maneira que as coisas vão me surgindo, e vamos ver até onde, mais ou menos, podemos chegar (LACAN, 1969-1970/1992, p. 117-118).

Destes fracassos e impossibilidades, conforme “coisas vão surgindo”, produziremos novos saberes e modos de fazer, abrindo espaço principalmente para questionamentos.

A pesquisa em psicanálise acaba por colocar em xeque as próprias produções de qualquer ciência, por serem sempre produções de sentido marcadas pelo simbólico e por esta ambiguidade entre fala e escuta: “a escuta psicanalítica é a invenção freudiana que requisita seu lugar no próprio cerne dessa ambiguidade irreduzível do simbólico – ambiguidade fundadora do sujeito humano” (JORGE, 2005, p. 101).

Lacan indica que na pesquisa em psicanálise só podemos encontrar aquilo que um dia foi perdido, algo que um dia foi esquecido, citando uma célebre frase de Picasso: “eu não procuro, eu acho” (LACAN, 1964/2008, p. 15). Não se trata do tipo de pesquisa em que o

método visa encontrar alguma resposta, mas sim poder encontrar algo que já se soube e foi esquecido. E na tentativa por articular o fenômeno das *fake news* com o lugar do pai para a psicanálise, encontramos algo de falso na própria origem do pai da horda primitiva do mito de Freud que dá origem à civilização: há uma espécie de *fake news* ali onde os irmãos insistem em colocar o pai real, antes de morto, para se tornar símbolo e sustentar uma lei, e com isso esconder a dimensão da castração.

É com essa marca, que atravessa todo sujeito, que operamos nesta pesquisa. Não haveria como deixar de fora o sujeito que a dirige entre leituras e escritas:

o que é ler senão escrever, pensar enquanto se interpreta, se deposita pedaços de si e articula-se, ligam-se pontos, muito mais do que compreender, havendo mesmo que se transformar manchas de tinta em ideias abstratas, processo nada ‘puro’, duro por excelência, lógica intervalar, intervalo em que ‘cada’ se encontra (SILVA FILHO; ESTEVÃO, 2024, p. 4).

Tendo como objetivo principal a função do pai nos diferentes registros de Lacan, teremos de passar por uma gama de conceitos: imagem, recalque, pulsão, significante, desamparo... Teremos conceitos principais, trabalhados com maior profundidade, e outros adjacentes, que talvez convidem o leitor a fazer sua própria pesquisa. Não pretendemos esgotá-los aqui, talvez até não haveríamos como escapar de um certo estilo de ensaio ao colocar em questão “autor e mundo” em um só tempo (SILVA FILHO; ESTEVÃO, 2024, p. 5), tal qual Freud imprimiu em seus escritos – como é o caso de *Psicologia das massas e Totem e tabu*, verdadeiros ensaios.

Desde uma de suas primeiras obras, *A interpretação dos sonhos*, Freud acaba por transmitir não somente sua teoria como também seu lugar de autor-sonhador. Sendo a associação-livre o método com o qual o sonhador interpreta o próprio sonho, produzindo sentidos junto a outros elementos que o compõem, o sonho torna-se objeto que passa a atuar sobre o sonhador. “O sonho de Freud, chamado por ele de A Interpretação dos Sonhos, opera sobre Freud, opera como um objeto, e remete Freud à sua fundação – contrariando o que Freud queria fazer, que era um livro que ensinasse a serem os sonhos interpretados” (MELLO, 1987, p. 20).

Vemos aí a marca do recalque, a importante descoberta freudiana, operando na própria metodologia de pesquisa: “o *já achado* está sempre por trás, mas atingido por algo da ordem do esquecimento. Não é assim uma pesquisa complacente, indefinida, que se abre então?”

(LACAN, 1964/2008, p. 15).

Ainda que partamos de uma questão que origina o desejo de pesquisar, podemos reconhecer uma espécie de “epistemologia inconscientífica” que marcará a própria questão inicial, definindo tal “questão de pesquisa” num *a posteriori* (LACAN, 1964/2008, p. 7).

Vale ensaiar, sem rigidez, mas jamais perdendo o rigor (LACAN, 1964/2008, p. 9). Seguimos apostando na psicanálise como instrumento, não necessariamente de resolução, mas de pensamento (ESTEVÃO, 2018), “muito embora, enquanto instrumento, sempre deva modificar drasticamente a mão que a segura, por ensaio e erro, por não tolos e avanço extenso – técnica sempre do sofrer efeitos de falar” (SILVA FILHO; ESTEVÃO, 2024, p. 9).

Lacan parte da função e campo da fala na apropriação do sujeito, sustentando o método freudiano da associação-livre e seus efeitos numa relação ambígua com a produção do saber. O sujeito não sabe nunca muito bem sobre aquilo que produz em relação aos impactos que poderão ou não surtir enquanto interesse científico para outros sujeitos, colocando sempre sua douta ignorância a operar (LACAN, 1960b/1998, p. 808) – o que é bem diferente da ignorância como paixão do ser, pela qual iniciaremos nosso problema de pesquisa.

## 1 DA IGNORÂNCIA E OUTRAS PAIXÕES

Iniciaremos com a *paixão da ignorância* para pensarmos o fundamental lugar da crença no compartilhamento das *fake news*, sem a qual o fenômeno não se sustentaria. Este capítulo dará base para analisarmos a importante participação dos afetos no momento de compartilhamento, bem como o que conduz uma massa na relação com seu líder, tal como Freud apresentou e que desenvolveremos no terceiro capítulo, dedicado ao lugar do pai em articulação com o imaginário e a lógica operante na psicologia das massas.

Trata-se de uma forma de nos apropriarmos do campo dos afetos do ponto de vista da psicanálise, nos termos que tanto interessou a Lacan e à sua possibilidade de leitura a partir da via do real, simbólico e imaginário. Esses três registros funcionam numa espécie de *enodamento borromeano*<sup>13</sup>. Mas, se os tentássemos representar em uma linha, a sequência seria algo como  $R \rightarrow S \rightarrow I \rightarrow R \rightarrow S \rightarrow I \rightarrow R \rightarrow S \rightarrow \dots$ , tendo sua ordem jamais alterada, fazendo do simbólico (S) sempre o registro entre o real (R) e o imaginário (I). “Devido a sua própria estruturação, o lugar do sujeito falante é produzido pelo simbólico, que permite mediatizar a relação com o real, por um lado, e com o imaginário, por outro” (JORGE, 2005, p. 99).

A realidade humana se dá na confrontação desses três registros essenciais e bem distintos (LACAN, 1953/2005, p. 12), sendo o real aquele que sempre escapa aos esforços de significação simbólico e imaginária, proporcionando a cada um que reconhecesse sua própria relação real com o sujeito e não seguir qualquer medida vinda de outro (LACAN, 1953/2005, p. 14).

Uma *paixão da ignorância* assola os indivíduos que nada querem saber dessa dimensão, mantendo o outro imaginário como encobridor do lugar simbólico (Outro). Abordaremos em detalhes essa passagem do outro ao Outro no capítulo quatro.

Se a psicanálise opera no “reino do entre” (JORGE, 2005, p. 99) é pela

---

<sup>13</sup> “Espero que tenham em mente o esquema mínimo do enodamento borromeano. A ilustração mais simples é a de se representar, como Lacan sugeriu, três rodinhas de barbante que não estão enodadas. Ponham duas, uma sobre a outra, elas não estão enodadas, e se a terceira passa por baixo daquela que está embaixo e por cima daquela que está em cima, como pode fazer um barbante, então, as três ficarão presas, enodadas borromeaneamente, com essa característica de que basta cortar qualquer rodinha para que as três se soltem. Essa é a formulação mais simples para todas as prósperas construções que Lacan fez em seguida sobre essa matriz mínima” (SOLER, 2018, p. 51-52). “A partir dessa introdução do nó borromeano, há toda uma fenomenologia a ser retomada, que diz respeito à relação com o corpo (imaginário), com o verbo (simbólico) e com o gozo vivente (real), conforme eles estejam enodados ou não” (SOLER, 2018, p. 74).

impossibilidade de qualquer totalização, efeito ilusório das identificações maciças. Impossibilidade que remete menos aos limites da psicanálise, especificamente, e mais ao campo do saber e da ciência em articulação com os limites do simbólico. Cada indivíduo da massa acaba ignorando a condição simbólica de sua própria estrutura enquanto sujeito do inconsciente.

O simbólico é a via de acesso ao sujeito, é o registro que permite ao sujeito um lugar de intervalo. Enquanto em uma massa predomina a separação do bem *versus* mal<sup>14</sup>, encarnados nos corpos do líder e do inimigo que ameaça, o simbólico permite olhar de outra forma para os dois lados – situando algo além do bem e do mal, algo entre a massa e seu líder.

A paixão da ignorância comparece no mito de Édipo durante toda a epopeia que precede o momento em que o herói tem que se deparar com seu desejo e descobrir o crime de Laio, seu pai, tirando-o da posição de inocente e salvador – posição análoga ao do ocupado pelo líder em uma massa.

Quinet (2015) menciona um efeito de transmissão do teatro grego pela via da equivocidade, podendo nos deixar a pergunta: afinal, Édipo queria ou não saber sobre sua verdade e, logo, a verdade sobre o crime de seu pai?

A equivocidade do teatro grego permitiria duas saídas, inclusive simultâneas. Do lado afirmativo, Édipo quer saber; vemos uma investigação insistente do herói, que faz da busca do assassino e de seus pais verdadeiros sua trama. Motivado pelo “desejo especulativo”, ao encontrar a *hybris*<sup>15</sup> com sua desmedida, acabou sofrendo as consequências por querer saber demais – de uma forma totalizante, sem enigmas.

Do lado negativo, Édipo não quer saber: vemos o momento em que não consegue ir além e se cega. Seria o ponto de entrar em contato não com a própria desmedida, mas com a de seu pai: “ele não quis saber do gozo criminoso do pai, Laio, não quis saber da maldição herdada. Ele não foi movido pelo desejo de saber, e sim pela paixão da ignorância. Édipo é a tragédia do não saber” (QUINET, 2015, p. 88).

No momento em que cada usuário sente-se ameaçado por um inimigo imaginarizado e

---

<sup>14</sup> Veremos isso em detalhes no funcionamento das *fake news*, naquilo que inclusive autores não psicanalistas como Dourado (2022) e Fisher (2023) abordam como uma lógica que opera sobre um ideal do *nós versus eles*.

<sup>15</sup> Não é à toa que Freud viu tanto proveito não somente no mito de Édipo tal como apresentado por Sófocles, mas também na terminologia do teatro grego. Aqui, tanto a noção de *hybris* quanto de *hamartia* ajudam a transmitir a relação entre o mito e o recalque na neurose: “o que está recalcado e é originário é o crime do pai, sua desmedida (*hybris*) e sua falta trágica (*hamartia*). O rei Laio, nos dizeres de Édipo durante a peça, não é uma figura de pai odiado. Pelo contrário, é um personagem paterno por quem ele tem admiração e amor” (QUINET, 2015, p. 11).

opta por compartilhar em vez de checar a veracidade daquela notícia, está se comportando como uma massa. Ainda que todos estejam no conforto de seus lares, estão movidos por um ideal que os fazem ignorar, tal qual Édipo, a insuficiência do líder. A função do líder, no mundo contemporâneo, já nem precisa mais estar encarnada, bastando a própria função do olhar operante no processo digital, que vai muito além de um mero estímulo sensorial.

A dimensão escópica é fundamental para o funcionamento das redes sociais, fazendo da posição do “ver e ser visto” o elemento que carrega uma espécie de moeda de troca do ponto de vista do capitalismo, o qual “se utiliza desse gozo como moeda, seja para o exibicionismo, seja para a vigilância” (FERREIRA, 2014, p. 19). Na cultura cibernética, encontramos uma das representações da pulsão na dualidade exibicionismo/voyeurismo, fazendo do olhar vigilância. A lógica das massas segue operante a partir dos *gadgets*<sup>16</sup> tecnológicos e no uso que fazem do imaginário social.

São tantos recursos de imagem que vemos seu excesso resultando em um efeito oposto. A sina do trágico Édipo, que se torna cego, opera em cada usuário. Na forma de uma crença cega, cada um compartilha as notícias que recebe sem qualquer desconfiança, sentindo-se assim, através de uma simples ação, participando no combate de uma suposta ameaça. É nessa ação que o ideal de um pai salvador se mantém sustentado, já que diversas *fake news* não só constroem narrativas ameaçadoras como também indicam quem poderia resolvê-las.

Ao longo desta tese introduziremos a articulação do complexo de Édipo de Freud e a função paterna apresenta por Lacan. Indo do “mito à estrutura”, diferenciaremos a relação com um pai imaginário da relação com o pai simbólico, o que poderíamos propor como a passagem de uma relação apaixonada e cega com seu líder àquela em que cada um poderia ver sua posição como sujeito de um desejo inconsciente. Foi por manter-se ignorante que Édipo, segundo Quinet (2015), preferiu se cegar e não entrar em contato com o crime do pai e, assim, com sua própria dimensão desejante.

Essa ilusão de um “ser total” remete ao registro imaginário e desperta paixões. Freud, em *Psicologia das massas*, chega a comparar a relação estabelecida entre a massa e seu líder a um estado de enamoramento: a massa se comporta tal como um ser apaixonado. Vemos nessa

---

<sup>16</sup> O termo em inglês se refere a dispositivos eletrônicos portáteis, geralmente pequenos e leves, que são concebidos para facilitar a vida das pessoas. Os *gadgets* podem ser dispositivos inusitados ou tradicionais que ganharam funções inteligentes ou um design mais avançado. Alguns exemplos incluem: smartphones; tablets; notebooks; HDs externos; carregadores portáteis; pulseiras inteligentes; aspiradores de pó tipo robô; câmeras fotográficas; óculos de realidade virtual. Os *gadgets* também podem ter uma função social de *status*, especialmente quando são equipamentos ostensivos, com tecnologia de ponta e preços elevados.

paixão um efeito aglutinador pela imagem que condensa uma figura, uma pessoa e uma posição.

Tomamos o imaginário como o registro do espelho e do reconhecimento a partir das imagens enquanto suporte tanto do *eu* quanto do outro, semelhante (LACAN, 1949/1998). A via das paixões tende a confundir as imagens com alguma totalidade que possibilita separações que não levam em conta a estrutura simbólica. Seu efeito é a tendência de se aproximar do que nos parece semelhante e afastar o que nos parece diferente<sup>17</sup>. É o campo do narcisismo operando nas pequenas diferenças (FREUD, 1918/1996) e muitas vezes por grupos que estão bem próximos:

entre duas aldeias vizinhas, uma é a rival mais invejosa da outra; cada pequeno cantão olha com desprezo para os outros. Raças intimamente conectadas mantêm uma distância mínima entre si; o alemão do sul não suporta o alemão do norte, o inglês difama de todas as formas o escocês, o espanhol despreza o português (FREUD, 1921/1996, p. 130-131).

O imaginário que permeia as *fake news* conta com os ideais de um pai salvador – que inclusive no Brasil faz ode ao “mito”<sup>18</sup> – bem como os ideais de ameaça a partir do estrangeiro – representado pelos ditos “esquerdistas” que querem aferrar com os bons costumes e corromper crianças com seus *kits gays*. Entre tantas pesquisas, como a de Oliveira et al. (2020, p. 103), podemos identificar os elementos que indicam, na campanha de Jair Bolsonaro, “uma parte significativa da definição da escolha para o cargo de Presidente do Brasil”, buscando nas manifestações em redes sociais indícios sobre “a ativação desse mito no imaginário dos sujeitos pesquisados”.

Nessa postura que privilegia o pai salvador, estabelecemos relações com uma das paixões do ser. Quando se está apaixonado, é possível até mesmo confundir os efeitos de significação com a própria verdade, não se questionando sobre os meios de seu saber. Aquilo que o sujeito precisaria saber é de outra ordem, essa “maldição” sobre o sexo que Freud nos apresentou. É essa descoberta que causa uma espécie de impasse acerca do sexual, daquilo

---

<sup>17</sup> No terceiro capítulo abordaremos o funcionamento que rege as massas, tendo em conta que tanto o amor quanto o ódio são dois lados de uma mesma moeda, uma vez que a massa tem como elemento um inimigo em comum que une os que se creem diferentes em relação a ele.

<sup>18</sup> A reportagem da BBC (BOLSONARO PRESIDENTE, 2018) destaca a passagem no evento em 7 de março de 2018, quando Jair Messias Bolsonaro anunciou sua filiação ao Partido Social Liberal (PSL), bem como sua pré-candidatura para o cargo de presidente na época. Seu pronunciamento foi sucedido de orações, execução do Hino Nacional e gritos de “mito, mito, mito”.

que se pode ou não saber, produzindo infortúnios no campo do amor e secretando “as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém” (LACAN, 1973/2003, p. 531).

Os *fact-checkings* tornam-se inoperantes se ninguém os acessa para checar as notícias. Mas o usuário que o faz tem sua crença abalada, deve lidar com sua própria fantasia e com aquilo de que ela o defende. Os efeitos dessa relação atravessam o lugar da verdade para o sujeito, uma vez que o estado de apaixonamento impacta juízos de valor e faz confundir uma significação com a própria verdade. Os afetos que atravessam o ser estão também subordinados a uma estrutura de linguagem (SOLER, 2022, p. 26-27).

A noção de estrutura, tão importante para a nossa pesquisa, vai sendo delineada. “É na dimensão do ser que se situa a tripartição do simbólico do imaginário e do real, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 352). Não podemos abordar as três paixões fundamentais sem interrogar a própria relação do sujeito com sua estrutura.

Para cada paixão, Lacan (1953-1954/2009, p. 352) apontará a junção entre dois dos três registros. Porém, em cada uma das três paixões, sempre um dos três registros ficará de fora. Na junção do simbólico com o imaginário está o amor; na do imaginário com o real, o ódio; e na junção do real com o simbólico, a ignorância.

Partimos da *ignorância*, que encontra colaboração através dos dispositivos digitais para fazer imperar uma “razão paranoica” dentro de um reino hiperimagético (QUINET, 2020). A razão na era digital sustenta uma verdade afetada pela *paixão da ignorância* e com dificuldade de qualquer abertura para a dimensão da dúvida e de um desejo de saber. O espetáculo encobre toda possibilidade de contato com o desejo, uma vez que arranca suspiros de seus usuários através de recursos cheios de pulsação e brilho, encobrindo as faltas constitutivas da dimensão do sujeito de desejo: “lá onde o mundo real se transforma em imagens, as imagens se tornam mais reais para o gozo do espectador” (QUINET, 2020, p. 13).

Vivemos em uma época em que quase não há relações que não sejam intermediadas pelo virtual e pela imagem. Esse excesso que permeia o imaginário dá a sustentação àquilo que Quinet (2020, p. 13) denomina “estado paranoico”: “no estado paranoico, a voz que sonoriza o olhar se torna presente como êxtimo<sup>19</sup> (um íntimo externo) encarnado pelo líder”.

Quando nos referimos ao maior líder ocidental, Jesus Cristo, enfatizando seus

---

<sup>19</sup> Neologismo lacaniano para se referir à “íntima exterioridade” ou “externa intimidade” da relação do sujeito com os objetos, cujo efeito é uma relação que não resulta em absoluta distinção entre o interno e o externo.

sofrimentos no decorrer de seu julgamento e condenação, chamamos essa história de “Paixão de Cristo” (POLLO; BARBOSA, 2016, p. 438). Também no dia a dia do consultório são frequentes aqueles que procuram uma análise para tratar de suas paixões, de seus amores loucos ou impossíveis. O próprio termo “patologia” derivou do grego de *páthos*, paixão.

Encontramos na paixão de Édipo uma forma de entender o inconsciente. Em sua *paixão da ignorância*, Édipo não conseguiu enxergar a tempo que seu fatídico destino levava as marcas do crime de Laio, seu próprio pai. Tirésias até tenta, logo no início da peça, alertar Édipo sobre sua tragédia anunciada, “mas o herói, em sua paixão da ignorância, não quer saber e o ataca” (QUINET, 2015, p. 83). Não é de hoje que vemos na história e nos mitos a postura agressiva e violenta diante daqueles que, tal qual Tirésias, ocuparam o lugar de mestres da verdade<sup>20</sup>.

Ao lado da ignorância há outras duas paixões do ser: o amor e o ódio (LACAN, 1953-1954/2009). Já nas origens da psicanálise, o amor está sempre elevado à categoria de fundamento teórico – o chamado *amor de transferência*, motor de uma análise. O amor torna-se um importante ponto para pensarmos o tratamento analítico (FREUD, 1914a/1996).

Tomamos o amor como constituinte fundamental do ser desde o seu nascimento ao ocupar seu majestoso lugar para os pais. Esse bebê amado é também idealizado. Junto com o amor vem uma série de ideais que lhe são transmitidos (FREUD, 1914a/1996).

Aquele que procura uma análise operará, de forma inconsciente, esses ideais. O trabalho analítico dá-se sobre uma demanda, na forma de um apelo apaixonado, um pedido de amor: “nos termos de Lacan, os fenômenos transferenciais incluiriam também a paixão da ignorância, pois amor, ódio e ignorância correspondem às três paixões do ser” (POLLO; BARBOSA, 2016, p. 440).

Temos aí nas paixões e nos registros “os diferentes domínios em que se estende a relação inter-humana” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 314). A consequência dessa conjunção não natural da espécie humana desemboca numa desordem sexual, no sentido de que, não pautada pelo instinto, a espécie terá que lidar com uma série de inaptações no campo sexual: “no homem, nós o sabemos, as manifestações da função sexual se caracterizam por uma desordem eminente. Não há nada que se adapte” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 184). A cada um fica a incumbência de buscar e conjugar seus objetos em “uma espécie de

---

<sup>20</sup> Tirésias, como Édipo, era cego. Mas, diferentemente de Édipo, que na peça de Sófocles – *Édipo Rei* – prefere se cegar e nisso representar sua impossibilidade de ver o crime de seu pai Laio, Tirésias representaria o cego que possui o saber, mestre da verdade, por já ter nascido nessa condição (QUINET, 2015).

fragmentação, de explosão, de despedaçamento, de inadaptação, de inadequação” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 184). Virtual ou não, a imagem está sempre operando narcisicamente na relação do sujeito com seus objetos.

Como lidar com enxurradas de notícias falsas que colocam em questão a sexualidade? Lacan fala de um “jogo de esconde-esconde” entre imagem e objeto, questionando-se se há, de fato, um ideal de uma única norma que adotamos no funcionamento da sexualidade: “como poderíamos então representar o mecanismo pelo qual essa imaginação em desordem chega finalmente, não obstante, a preencher sua função?” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 185).

O que na natureza está resolvido pelo instinto, no humano encontra uma falta de adaptação e uma desnaturalização, contando com o outro para tentar encontrar qualquer direção sobre como nos adaptar: “do que é que se trata? – senão de ver qual é a função do outro, do outro humano, na adequação do imaginário e do real” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 186).

Eis a condição humana em sua relação com a distância ou proximidade do outro, que pode ser tomado enquanto “irmão”, semelhante, ou “inimigo”, estrangeiro que ameaça: quando é o outro quem se encontra muito próximo, o sujeito não consegue ver a si mesmo, exigindo uma distância: “se estivermos colocados num ponto muito próximo da imagem real, podemos não obstante vê-la, num espelho, no estado de imagem virtual. É o que se produz no homem” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 186).

Essa distância produz uma hiância. A falta, fundamento que marca o ensino de Lacan, pode ser representada na relação do sujeito com o outro e com sua a própria imagem no espelho: é necessária uma distância para poder ver o próprio reflexo. Porém, essa distância, ao mesmo tempo, evidencia ao sujeito que ele não é a imagem refletida: “o que é que resulta disso? Uma simetria muito particular. Com efeito, o sujeito virtual, reflexo do olho mítico<sup>21</sup>, quer dizer, o outro que somos, está lá onde vimos inicialmente nosso ego – fora de nós, na forma humana” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 186). O *eu* não se confunde com o sujeito, o *eu* é um outro<sup>22</sup>. A “forma” humana está fora do sujeito, ele tenta capturá-la pela imagem que tem do próprio *eu* e do outro – que no plano imaginário se confundem. O sujeito remete ao simbólico, à posição diante da relação *eu* – *outro* intermediada por um terceiro, o Outro.

---

<sup>21</sup> Valioso notar que Lacan denomina esse “olho”, que o sujeito supõe ser o olho que lhe reconhece e lhe possibilita um reflexo, de “olho mítico”, remetendo ao lugar do mito na teoria psicanalítica tão cara ao desenrolar de nossa pesquisa.

<sup>22</sup> Verso de Arthur Rimbaud que Lacan aproveita para introduzir o registro imaginário.

No plano simbólico, a posição do sujeito surge como efeito diante da difícil acomodação com a própria imagem: “é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 187). É concomitante a essa não acomodação do sujeito com a própria imagem que vemos a relação da massa com seu líder, tentando na figura do outro, do pai salvador, uma espécie de unificação de si. Essa não acomodação do sujeito com a própria imagem se reflete também no campo sexual: o sexual não está no corpo biológico nem na anatomia.

Nesta pesquisa, abordaremos os efeitos de *fake news* com ênfase no sexual, tendo como exemplos de ameaças: uma “ditadura gayzista” (OYAMA, 2022), a “ideologia de gênero nas escolas” (DIADORIM, 2022) ou a implementação da “mamadeira de piroca” (RODRIGUES, 2019). Em contraposição a essas supostas ameaças, um candidato político salvador.

Lacan chama a atenção à uma devastação causada pelo pai, quando este “realmente tem a função de legislador ou dela se prevalece” (LACAN, 1957-1958/1998, p. 586) em vez de simplesmente funcionar como um representante da lei.

A paixão da ignorância remete ao desconhecimento da posição do sujeito, concomitante ao desconhecimento do lugar do pai para além de sua função. Desde Freud isso fica notado na relação que ele estabelecia na clínica com seus pacientes. A própria transferência, o “amor de transferência”, mantinha uma posição sobre *não querer saber nada sobre isso*.

A paixão da ignorância remete ao que há de trágico na peça de Sófocles: o crime de Laio, pai de Édipo, é a dimensão de um gozo que não fora inscrito a tempo pelo protagonista em seu consciente, atuando por toda a vida e levando às últimas consequências aquilo que não quis saber sobre o pai. O crime se manifesta na peça não como história consciente de Édipo, mas como realização inconsciente. A peça é a história da maldição de Laio.

Ainda que tenha sido movido pelo seu desejo de saber, Édipo não consegue resolver o enigma da esfinge de modo que o implique, ficando sem saber sobre o crime do pai: “mas a investigação de Édipo não vai mais longe e ele fica sem saber por que seu pai, com a anuência da mãe, mandara matá-lo” (QUINET, 2015, p. 10).

Trata-se de uma história de que o herói não poderia saber, pois é anterior ao seu nascimento. Édipo sofre uma espécie de punição transgeracional. Freud percebe o próprio

funcionamento do recalque nessa história anterior, pela qual o vemos sofrer. O destino oracular de “matarás teu pai e dormirás com tua mãe” recebido pelo protagonista é, para Freud, o próprio paradigma do ser humano. É esse saber que ficará em estado de recalque e será apresentado como pano de fundo da peça.

Isso remete à própria posição do sujeito do inconsciente e seu acesso se dá pela via do desejo, que leva as marcas da estrutura baseada nos três registros. Até mesmo vinte anos depois de seu primeiro seminário em 1954, Lacan retoma tal concepção ao falar do gozo. Entre inconsciente e gozo, o ser ignora o fato de que, ao falar, goza, não querendo saber nada disso<sup>23</sup> (LACAN, 1972-1973/1985).

O indivíduo não nasce pronto, terá de aprender como obter as satisfações por conta própria a partir de um modelo que não é biológico, já que está atravessado pela estrutura da linguagem, cujo efeito é uma não adequação natural com o sexual. Atravessados pela linguagem, os “objetos do mundo” levarão a marca de uma satisfação parcial. Enquanto o amor visa sempre a uma relação de totalidade, a pulsão vem atravessar o sujeito, lembrando-o de que sua relação é sempre marcada por uma parcialidade.

Esse investimento sobre as coisas do mundo passa também por uma espécie de autoinvestimento. Em *Introdução ao narcisismo*, Freud (1914b/1996) menciona que, para que se possa investir nas coisas, primeiramente, a libido é investida no próprio *eu*. Nessa concepção, o *eu* toma o lugar de mais um objeto entre outros investidos de maneira libidinal.

Mas é justamente graças à leitura de Lacan que percebemos com clareza que o amor, no nível do narcisismo, não é a simples fascinação imaginária, pois esta não é suficiente para dar conta daquilo que no amor visa um mais-além do espelho. Desde o seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan teoriza este ‘mais-além’, cunhando, neste seminário, a expressão *paixão do ser* para situá-lo (VIEIRA, 1997, p. 131).

As paixões carregam as marcas da onipotência que o sujeito não quer pagar ao ter que se inscrever no campo do Outro e abrir mão da condição de o seu saber também ser falho

---

<sup>23</sup> O estatuto do amor ganha mudanças nesse seminário de Lacan, comparado ao primeiro. Não é nosso foco aqui adentrar as particularidades da mudança que o amor adquire ao longo do ensino. Porém, notamos a permanência de questões introduzidas já no primeiro seminário e a importância delas para pensarmos as *fake news* no cenário político, ao utilizarmos a fascinação imaginária como recurso. Com o desenvolvimento da noção de gozo, Lacan retoma a questão do amor e da paixão também na dimensão real. Por ora, ficaremos com a posição inicial presente no primeiro seminário, de 1953, criando o solo para tratarmos a relação entre a posição sobre nada querer saber da posição inconsciente e sua operação na psicologia das massas.

(LACAN, 1973/2003).

A totalização exigida pelo amor visa negar o saber e a falta estrutural constitutiva de todo sujeito em sua aquisição da linguagem, que, movido pela paixão, crê poder encontrar o outro que lhe completará – seja pelo amor, seja pelo ódio. “O amor funda o mito do Um por conduzir, ainda que acidentalmente, ao encontro. É o que vem indicar Lacan quando afirma que o amor é apaixonante. Ele é captação imaginária, mas é também realização pulsional” (VIEIRA, 1997, p. 140).

A paixão situa-se no campo imaginário de uma suposição de saber no Outro: “Eu amo aquele no qual suponho um saber”. Obtém-se então um certo gozo e não um saber, o que eterniza a busca de um saber capaz de dizer este gozo. A partir de I busca-se S e encontra-se R. O afeto situa-se no mesmo campo, mas repousa sobre uma articulação distinta. “Eu sou afetado quando obtenho um saber”, é o que poderíamos contrapor, no nível do afeto, à máxima lacaniana do amor, citada acima. Uma vez que o afeto é entendido como algo que vem ao corpo afetado pelo significante, podemos dizer que a partir de I encontra-se S e oculta-se R na agitação de um corpo afetado (VIEIRA, 1997, p. 141).

A identificação entre vários é a forma mais primitiva do laço afetivo. Há entre seus tipos um que se baseia na possibilidade de partilhar uma qualidade comum com o outro, inspirada no traço que advém de um líder. Esse traço possibilita uma estruturação libidinal de uma massa, a partir da identificação de cada um do grupo com o lugar do líder: “o líder ocupa um lugar central nessa formação e a noção de idealização é introduzida para explicar a sua função no estabelecimento de um duplo laço libidinal: a identificação ao líder pela via do Ideal do eu e, a partir disso, a identificação entre os membros da massa” (RINALDI, 2022, n.p.).

Colocando o líder – ou melhor, seu traço de qualidade – no lugar de objeto, temos uma superposição de lugares, o do Ideal do eu com o objeto. Articularmos nessa relação entre o Ideal do eu e o objeto a hiância colocada por Lacan entre o sujeito e o “olho mítico” de onde o sujeito se supõe visto e busca reconhecimento. Essa superposição faz com que o sujeito ignore tal hiância e tem como efeito um estado hipnótico dos membros de uma massa, assemelhando com o próprio estado de enamoramento: “marcada pelo estado de fascinação e servidão que estão a um passo da hipnose. A idealização falsifica o julgamento e a instância do ideal de eu perde a sua função crítica” (RINALDI, 2022, n.p.).

A crítica exercida pela massa fica silenciada; tudo que o objeto faz e pede é correto e

inocente. A consciência não se aplica a nada que seja feito pelo amor do objeto; na cegueira do amor, alguns se convertem em criminosos sem remorsos. A situação total pode ser inteiramente resumida nesta fórmula: o objeto foi colocado no lugar do Ideal do eu (FREUD, 1921/1996, p. 107).

O ideal promove em cada um a ilusão de unidade. É como se o líder fosse a mente unificadora e uma que comanda e dá as diretrizes, tal qual a Igreja ou o Exército, exemplos que interessaram a Freud a partir de uma constituição que propõem e cujo efeito impede a desagregação de forma permanente ou artificial.

Encontramos em Lacan, como dimensão imaginária, esse ideal que possibilita a ilusão de unicidade. O Um unificaria o significante com o objeto, isto é, o Ideal do eu encontraria algo que preenchesse sua fantasia acerca das garantias de um gozo e apagaria qualquer traço de perda que remeta à estrutura e ao sujeito. Tanto Cristo quanto o comandante-chefe amam “igualmente todos os membros do grupo” (FREUD, 1921/1996, p. 107).

Em termos objetais, a pulsão desvela a inadequação em relação às coisas do mundo enquanto plenamente satisfatórias. O amor é a experiência, quando capitação imaginária, de suposto encontro do objeto perdido. É como se no amor o objeto se materializasse. Assim também ocorre no ódio, quando encontramos o motivo de nossa insatisfação não enquanto efeito estrutural, mas na consistência de alguma coisa que valide nossa fúria: o *amoródio*<sup>24</sup> representa as polaridades afetivas em relação aos objetos, mas que, em ambos, permanecem em uma relação imaginária.

Levando em conta que o amoródio é a base da experiência analítica, já que constitui o solo inicial das paixões do ser, poderíamos nos perguntar para onde vai, então, o ódio, ou melhor, a agressividade que constitui o narcisismo de cada um. E que também poderia ameaçar essa ilusão de unidade de uma massa.

Freud chamou de “narcisismo das pequenas diferenças” o lugar que o estranho ocupa para o *eu* enquanto ameaça: “a agressividade interna que pode surgir como efeito dos diversos narcisismos é evitada não apenas pela idealização e pelo amor que une os membros da massa ao líder, mas principalmente porque é desviada para fora, no incremento do ódio em relação àqueles que não pertencem a ela, os ‘estrangeiros’” (FREUD, 1921/1996, p. 107).

Assim, para Freud, é sobre a segregação que a fraternidade se constituirá. Temos na

---

<sup>24</sup> Freud afirma que o ódio é anterior ao amor e Lacan (1972-1973/1975) formula o neologismo *hainamoration* para condensar amor e ódio, mescla de paixões sobre a qual a experiência psicanalítica se inscreve. Somando-se ao amor e ao ódio, a ignorância fecha o conjunto dos três afetos, as três paixões do ser.

história exemplos de segregação e racismo que ilustram narcisismos das pequenas diferenças pelo plano identitário: seja em nome de uma nação, de uma raça ou de uma religião, separa-se o amor do ódio tal qual se separa aqueles que pertencem ou não ao mesmo grupo. Com o avanço dos modos capitalistas de laço entre os indivíduos, cresce a forma segregadora e excludente de se fazer vínculos: “torna-se urgente repensarmos os laços sociais entre nós, principalmente quando verificamos que o ódio, como paixão do ser, tem se mostrado cada vez mais pregnante” (FREUD, 1921/1996, p. 107).

Considerando a paixão da ignorância presente em todo ser, entendemos que “o fruto positivo da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação do saber e sim uma forma mais elaborada” (LACAN, 1969-70/1992, p. 360). A emergência desse não-saber é cara à psicanálise, sendo até mesmo abordada enquanto ética ao tratar o saber como efeito do encontro entre os indivíduos regidos pelo inconsciente. Um tratamento que passaria pelo modo de lidar com o saber, inverso ao saber *a priori* comandado pelo mestre<sup>25</sup>.

É pela ação da palavra que dois indivíduos se afetam, ou uma massa e seu líder:

ensino a vocês o sentido e a função da ação da palavra, na medida em que é aí que está o elemento da interpretação. É ela que é o meio fundador da relação intersubjetiva, e que modifica retroativamente os dois sujeitos. É a palavra que, literalmente, cria o que os instaura nessa dimensão do ser que tento fazê-los entrever (LACAN, 1953-1954/2009, p. 357).

Lacan frisa que não se trata de intelectualidade. A realidade ganha consistência onde há palavra como ação do ser. Notamos que as *fake news* não teriam seu alcance se não houvesse a participação das redes sociais, composta de usuários que se representam a partir de seus perfis. Lacan, antes mesmo do advento das redes sociais, apresentava a relação entre realidade e seguidores: “a questão não é saber até onde se pode ir, a questão é saber se seremos seguidos. Está aí, com efeito, um elemento discriminador do que se pode chamar a realidade” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 357).

Interrogado sobre a ignorância, Lacan responde distinguindo amor e desejo:

---

<sup>25</sup> Lacan apresentará seus quatro discursos para posicionar o mestre em relação ao discurso universitário, histórico e do analista. Vemos as ressonâncias dessa posição naquele que ocupa o lugar de líder para uma massa: “esse saber não sabido, contido na douta ignorância, se caracteriza, portanto, pela impossibilidade de ser transmitido, posto que desloca o saber para o lado do sujeito. Assim, a noção de *a posteriori* nos serve como aporte para pensarmos a dimensão do saber na psicanálise, em oposição à noção do saber *a priori* sobre o sujeito, tal qual se posiciona o mestre” (DUPIM; BESSET, 2014, n. p.).

o amor distingue-se do desejo, considerado como relação-limite que se estabelece de todo organismo ao objeto que o satisfaz. Porque seu ponto de mira não é a satisfação, mas o ser. É por isto que não se pode falar de amor senão onde a relação simbólica existe como tal (LACAN, 1953-1954/2009, p. 359).

Logo em seguida, faz uma distinção entre o amor enquanto “paixão imaginária” e o amor enquanto “dom ativo” – este segundo é o elemento constitutivo do plano simbólico. O amor é desejar ser amado, é capturar o outro em si mesmo; trata-se do amor como reconhecimento, diferente do amor como dom invocador na relação da criança com a mãe e na aquisição da linguagem: “o desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, enviscado, submetido na particularidade absoluta de si mesmo como objeto. Aquele que aspira a ser amado se satisfaz muito pouco, isso é bem sabido, como ser amado pelo seu bem” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 359).

O ser quer ser amado por tudo, não somente por aquilo que seu *eu* desperta no outro, mas por cada detalhe – “pela cor dos nossos cabelos, pelas nossas mãos, pelas nossas fraquezas, por tudo” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 359).

Já o amor como dom ativo, e não como paixão, “visa sempre, para além da cativação imaginária, o ser do sujeito amado, a sua particularidade” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 360). Se houvesse lugar para a particularidade, uma massa se dissolveria. O que rege a massa é uma crença em relação ao fato de que todos ali são um e só corpo.

Voltando à questão da palavra enquanto ação do ser, o amor engaja o sujeito quando “se realiza simbolicamente na palavra, se dirige em direção ao ser do outro” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 360). Aqui a palavra diferencia o amor pelo ser da pura “fascinação imaginária”. Sem a palavra, não há o amor como dom. Com a palavra, o mito poderá ser desbancado e ter sua dimensão estrutural revelada – tema do quarto capítulo desta pesquisa.

O ódio, Lacan vai dizer que é a mesma coisa, é também imaginário: “há uma dimensão imaginária do ódio, na medida em que a destruição do outro é um polo da estrutura mesma da relação intersubjetiva” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 360). Uma vez que a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, o amor e o ódio carregam proximidades: “se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limites”

(LACAN, 1953-1954/2009, p. 360).

As *fake news* operam seus discursos de ódio e segregação – como no caso de Débora Diniz que apresentaremos no último capítulo. “Falando-lhes de amor e de ódio, eu lhes designo as vias da realização do ser, não a realização do ser, mas somente suas vias” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 361). A importância de diferenciar a fascinação imaginária da paixão e o “dom” do amor encaminha, estruturalmente, a relação do sujeito do inconsciente aos moldes que Freud descobre no amor de transferência.

É essa dimensão que fica encoberta nos modos regidos pela psicologia das massas e seu líder. Ali, “o imaginário é reduzido, especializado, centrado na imagem especular, que faz ao mesmo tempo os impasses e a função da relação imaginária” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367). Via da relação com a imagem, do outro ou de si mesmo, campo do eu ideal: “a imagem do eu – pelo simples fato de que ele é imagem, o eu é eu ideal – resume toda a relação imaginária no homem” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367).

Mas a imagem carrega em si sua qualidade de inacabada, uma vez que advém por uma experiência “jubilatória do fenômeno do espelho, mas não está menos em relação com a prematuração vital e portanto com um déficit original, com uma hiância à qual fica ligada na sua estrutura” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367).

Vemos assim a relação do sujeito com uma imagem de si que é sempre imagem inacabada, antecipada, e como isso opera de forma estrutural para além do engodo das imagens. É essa imagem de si que o sujeito busca reencontrar no outro, “é no outro que ele reencontrará sempre o seu eu-ideal” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367). Temos um bando de indivíduos que “se encontraram” no outro, sem tocar na estrutura; é essa a via que opera numa massa. Via do amor ou ódio, planos imaginários, pois, se o outro que o indivíduo encontra pode preencher essa expectativa, preencher essa imagem, “ele se torna objeto de um investimento narcísico” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367). Estamos no campo do amor – tal qual o enamoramento presente numa massa. Mas, se ocorre o inverso e o outro “aparece como frustrando o sujeito do seu ideal e da sua própria imagem, [ele] engendra a tensão destrutiva máxima” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367). É a via do ódio: “por um nadinha, a relação imaginária ao outro vira num sentido ou num outro, o que dá a chave das questões que Freud se coloca a propósito da transformação súbita, na *Verliebtheit*<sup>26</sup>, entre o amor e o ódio” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 367).

---

<sup>26</sup> Lacan diversas vezes opta por deixar o termo no original e abrindo a tradução aos seus interlocutores. Entendamos aqui um amor-paixão, apaixonamento, captura.

Mas o que o sujeito ignora nesse processo é a sua estrutura, e que nessa polarização entre amor e ódio ele é o pivô do que se desempenha naquilo que diz de sua posição diante do Outro – seja amando, seja odiando. O Outro é também Outra Cena (*Ein anderer Schauplatz*), nome que Freud deu ao inconsciente ao constatar que aquilo que o recalque encobria desembocava em cenas muitos singulares à história do sujeito: “esse inconsciente é feito do que o sujeito desconhece essencialmente da sua imagem estruturante, da imagem do seu eu – sejam as cativações às fixações imaginárias que foram inassimiláveis ao desenvolvimento simbólico da sua história” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 369).

Paralelo importante, ao concluirmos que o inconsciente se tornará acessível ao sujeito somente pela “assunção falada da sua história” (LACAN, 1953-1954/2009, p. 369), pela verbalização. Na psicologia das massas, poderíamos nos perguntar: quem fala? O líder é aquele que ocupa o lugar da fala, não dando lugar às singularidades da história falada de cada indivíduo. Por amor ao ideal do Um e ódio à diferença, usuários compartilham notícias falsas; a paixão não é só pela ignorância como também pelo audiovisual<sup>27</sup>: veem e ouvem seu líder encarnado em imagens. Que lugar para a fala e para o Outro simbólico?

Mesmo sendo de milênios atrás, *Édipo rei* segue uma peça atual, não só podendo servir para traçarmos correlatos nos dias de hoje como para “saber sobre o próprio desejo, sobre sua origem e sobre o Outro num mundo científico-capitalista em que a ignorância da subjetividade é crassa e reside em primeiro plano” (QUINET, 2015, p. 89).

É a dimensão do pai criminoso que fica oculta durante a peça. Porém, ela está presente nas ações de Édipo que acompanhamos, em cada passo seu ao efetivar o destino que lhe foi colocado de forma oracular. Temos aí a dimensão que Lacan traz do inconsciente como discurso do Outro. Esse Outro é também lei, que o sujeito herda de forma inconsciente e simbólica. No caso de Édipo a lei é representada como maldição herdada. Édipo porta o crime do pai como discurso do Outro.

Édipo é tomado pelas três paixões fundamentais: “o amor pelo povo e pelo antigo rei Laio, o ódio pelo assassino desse rei (dirigido a Creonte, a Tirésias e em seguida a si mesmo) e a ignorância da maldição herdada. O não querer saber leva o sujeito ao pior” (QUINET, 2015, p. 89).

A paixão da ignorância segue atuante, presente nas massas e dando consistência ao

---

<sup>27</sup> “O amor do brasileiro pelo audiovisual vai além. Dados da Kantar Ibope mostram que estamos 27% acima da média de consumo de vídeo (em todos os formatos) quando comparados com outros 37 países avaliados” (FRADE, 2024).

Outro como instância totalizante. Candidatos a cargos políticos se posicionam como salvadores de seus escolhidos, corroborando para que nada se toque da dimensão desejante. Mas a psicanálise mostrou que o pai vai além desse justo e salvador. Deparar-se com a dimensão real do pai pode ser horripilante, mas a aposta psicanalítica leva em conta a dimensão ética e os efeitos possíveis a cada um diante da divisão, não permitindo a ninguém ser puramente um salvador ou vil inimigo.

Neste primeiro capítulo, demos ênfase ao campo das paixões, com enfoque na ignorância, para no capítulo três as articularmos ao lugar da crença que rege e fundamenta a lógica da psicologia das massas. A *paixão da ignorância* serve como preparação para adentrarmos o complexo funcionamento das massas e o lugar do líder como pai imaginarizado, em que cada indivíduo da massa deposita um ideal de salvação.

Mas, antes, traremos mais detalhes e informações sobre o fenômeno das *fake news*.

## 2 FAKE NEWS

Seguindo na articulação entre a psicanálise e o fenômeno das *fake news*, dedicaremos este capítulo ao recorte de alguns elementos que nos ajudem a compreender a importante participação dos usuários nas redes sociais para o compartilhamento de notícias falsas.

Sem o compartilhamento, as *fake news* não teriam seu peso. E não é por falta de dispositivos que auxiliem na verificação dos fatos que os usuários seguem decidindo por compartilhá-las. Como primeiro exemplo, temos a agência Lupa, que a partir de dados históricos, estatísticos, comparações e informações verifica a veracidade do fato noticiado, bem como a avaliação da qualidade de um produto ou serviço e sua publicidade, tentando oferecer aos cidadãos brasileiros um lugar a “recorrer quando precisam tomar decisões” (COMO A LUPA, 2015).

O levantamento do que já foi publicado sobre o fato em questão é feito por consultas a jornais, revistas e sites, e quando há ausência de dados sobre o fato a ser checado conta-se com as LAI (Leis de Acesso à Informação). Também existe o auxílio de assessorias de imprensa, bem como agentes que vão a campo para realizar investigação própria.

Quando finalmente a pesquisa chega a uma conclusão, a agência Lupa enquadra o fato checado em nove categorias: 1) falso (a informação está comprovadamente incorreta); 2) contraditório (a informação contradiz outra difundida pela mesma fonte antes); 3) verdadeiro (a informação está comprovadamente correta; 4) ainda é cedo (a informação pode vir a ser verdadeira, mas ainda não há nada que a comprove); 5) exagerado (a informação está no caminho correto, mas o valor citado é entre 10% e 100% maior do que o valor real); 6) subestimado (a informação está no caminho correto, mas o valor real é entre 10% e 100% maior do que o valor citado); 7) insustentável (não há dados públicos que comprovem a informação); 8) verdadeiro, mas... (a informação está correta, mas o leitor merece um detalhamento); 9) de olho (em monitoramento) (ENTENDA, 2015).

As etiquetas podem ser alteradas e novas podem ser criadas. Vemos aqui o esforço da agência Lupa em levar ao público a veracidade dos fatos que investiga. A reavaliação do seu método, bem como de suas etiquetas, é feita sempre no intuito de informar corretamente a audiência. Ainda assim, infelizmente, todo o rigor e trabalho tornam-se inúteis se o usuário não é despertado pela vontade de ir checar, ele mesmo, o fato apresentado por alguma *fake news*.

O repórter responsável pela checagem é quem escolhe uma das etiquetas citadas, mas a partir de 2018 a empresa adotou o que se chama “dupla edição”, “o que significa que nenhuma checagem é publicada sem que ao menos três pessoas tenham lido seu conteúdo” (ENTENDA, 2015). Enquanto as ferramentas que checam fotos apropriam-se de imagens mais antigas, a Lupa, diante dos fatos, parte de três critérios de relevância:

os jornalistas da Lupa observam, diariamente, o que é dito por políticos, líderes sociais e celebridades, em jornais, revistas, rádios, programas de TV e na *internet*. Ao selecionar a frase em que pretende trabalhar, a equipe adota três critérios de relevância. Dá preferência a afirmações feitas por personalidades de destaque nacional, a assuntos de interesse público (que afetem o maior número de pessoas possível) e/ou que tenham ganhado destaque na imprensa ou na *internet* recentemente. Preocupa-se, portanto, com ‘quem fala’, ‘o que fala’ e ‘*que barulho faz*’ (COMO A LUPA, 2015, grifo nosso).

Esse “barulho”<sup>28</sup>, que para a Lupa torna-se índice de pesquisa e verificação, para tantos só reluz a dimensão cega e apaixonante permeada pelos afetos, conforme exploramos no primeiro capítulo. Do ponto de vista psicanalítico, é nesse barulho que podemos encontrar alguma mensagem inconsciente a se decifrar.

Impulsionados pelo furor que as polêmicas nas redes geram, usuários saem clicando no botão de compartilhar como se fossem verdadeiras máquinas de guerra. O compartilhamento se torna uma espécie de ataque, promovendo e difamando as atrocidades do suposto inimigo que ameaça. Lembremos que as duas grandes guerras do século XX foram marcadas por avanços não somente bélicos e territoriais, mas também em técnicas de propaganda (DOURADO, 2021, p. 7). A difusão em larga escala é, antes de tudo, de crenças e doutrinas numa espécie de “governo invisível” para o controle da “mente de massas” (BERNAYS, 1928).

O modelo inspirado na crença é o mesmo que ainda hoje fundamenta comunicações realizadas na *internet* através das redes sociais. No Brasil, quase três quartos da população são usuários de *internet* e lidam com todo tipo de informação diversificada e criada para meios específicos, levando a marca de modelos exclusivos de negócios pensados para cada plataforma. Conteúdos falsos e distorcidos assimilam-se aos seus segmentos e obtêm rápido alcance na *internet* em dissonância de fluxos de informações. Assim, “fica difícil distinguir o

---

<sup>28</sup> Aproximando ao âmbito das paixões, encontramos mais adiante neste capítulo autores que abordam uma “animosidade” fundamental para a sustentação de *fake news*.

que é fruto de ação coordenada e o que reflete ação política orgânica, bem como os limites entre o que é partidarismo, radicalismo e atitude política antidemocrática” (DOURADO, 2021, p. 9). Não é em outro cenário, mas no digital, com todas as suas facilidades de manipulação e distribuição, que surgem as *fake news*.

Um importante detalhe é que, mesmo sendo desmentidas pelos *fact-checkings*, as *fake news* acabam apresentadas em grupos de *internet* segmentados e conquistando visibilidade e compartilhamento. Não há dúvidas de que a *internet* deu um salto em relação aos meios midiáticos e sua complexa influência em assuntos políticos.

De fato, as democracias se veem obrigadas a encarar um cenário comunicacional complexo não mais centrado unicamente na programação e no noticiário dos *media*, mas também em fluxos de mensagens e em trocas informativas baseados em plataformas de mídias sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas, ao mesmo tempo em que tentam conter a ascensão de movimentos ultraconservadores que passaram a chamar mais atenção nos últimos anos da década de 20 do século XXI (DOURADO, 2021, p. 13).

A linguagem noticiosa acaba por participar do tom de veracidade de uma *fake news*, tal como muito antes da *internet* e até mesmo da popularização dos aparelhos televisores. Impossível não recordar quando, em 1938, foi transmitido por rádio o romance *Guerra dos mundos*, de H. G. Wells, cuja narração de uma invasão alienígena gerou pânico e caos entre os ouvintes, que tentaram deixar a cidade em apuros. Ou então as semelhanças entre os *penny press*<sup>29</sup> e os folhetins partidários que continham notícias inventadas e veiculadas em jornais baratos e de fácil leitura (SCHUDSON, 2010).

Ainda que o termo *fake news* tenha ganhado força mundialmente em 2016, antes já tínhamos exemplos de uso distorcidos de informações com intuito de obter vantagens políticas. É o caso retratado por Fernando Morais no livro-reportagem *Corações sujos* (2000), que ganhou sua versão cinematográfica em 2011 pelo diretor Vicente Amorim. A obra retrata a recusa da organização terrorista nipo-brasileira Shindo Renmei em acreditar na rendição do Japão na Segunda Guerra Mundial. Além da criação de notícias falsas para fazer crer que o Japão ainda estava empreendendo uma campanha vitoriosa, os membros da organização

---

<sup>29</sup> “Em outros tempos, seriam folhetins panfletários radicalizados e extremistas; hoje, são chamados de *sites* hiperpartidários, alguns deles com tráfego equiparado ou maior do que a imprensa de referência. Esses canais que esticam a corda partidária e/ou ideológica publicam fatos falsos bem como uma série de conteúdos nocivos para a formação de uma opinião pública razoável e bem informada em função do teor enviesado, conspiracionista, negacionista, ultraconservador e extremista” (DOURADO, 2021, p. 21).

terrorista cometeram o homicídio de vinte e três imigrantes japoneses que aceitavam a derrota do Japão.

Indo mais distante ainda rumo ao passado, o próprio termo *fake* surgiu em 1898, em artigo de J. B. Montgomery-M'Govern. Por *fake journalism*, o artigo na época denominava o objetivo de “induzir ao erro um público ignorante e desavisado” (MONTGOMERY-M'GOVERN apud DOURADO, 2021, p. 19).

É importante diferenciarmos opinião e *fake news*, já que nem toda visão de mundo distorcida cabe no mesmo contexto, podendo ser chamada ainda de *desinformação*. O conceito de *fake news* não se aplica a qualquer tipo de informação falsa, mas àquelas com condição de notícia fraudulenta, falseada ou até mesmo fabricada (DOURADO, 2021, p. 52). A veiculação nas redes é um importante elemento de caracterização: “esse tipo específico de informação falsa convencionado como *fake news* emula a ideia de notícia e de novidade para narrar fatos políticos e assim conquistar maior visibilidade na *web* e no trânsito entre diferentes plataformas de mídias sociais” (DOURADO, 2021, p. 52).

Seu caráter de falsificação é duplo<sup>30</sup>: primeiro, pela própria invenção dos fatos, ao forjarem evidências a serem apresentadas aos receptores; e, em segundo, pela “mimetização jornalística” usada na apresentação da notícia:

o adjetivo *fake* (falso, fraudulento, fabricado) e o substantivo *news* (notícia, matéria jornalística) da expressão, assim, representam o mimetismo da mentira como matéria de jornal ou *website* de notícia que constituía – e ainda constitui – o padrão-ouro de credibilidade junto ao público que uma *fake news* pode tentar obter (DOURADO, 2021, p. 53).

Os sites de redes sociais fizeram evoluir o fluxo de informação na *internet*, liberando um poder de comunicação definido como “comunicação pós-massiva”; uma comunicação “todos-todos”, isto é, não somente emitida por canais de notícias, mas também criada e difundida pelos próprios usuários. Estes utilizam as redes sociais tanto para encontrar outros usuários quanto para promover a visualização de seus conteúdos. “O que torna os *sites* de redes sociais únicos não é o fato de permitirem que pessoas se encontrem com estranhos, mas de permitirem que usuários articulem e tornem visíveis suas redes sociais” (BOYD;

---

<sup>30</sup> Importante ponto para manter em suspensão e articular mais adiante nesta pesquisa com o lugar do pai real (LACAN, 1969-1970/1992), naquilo que ele assume como *agente duplo* e seu caráter de *falsificação*. Trabalharemos melhor a questão no último capítulo.

ELLISON, 2007).

Dinâmica que conta, de um lado, com a possibilidade de os usuários emitirem informações e, de outro, de que outros usuários possam ver e reconhecer aquilo que cada um carrega em sua rede. Antes das redes sociais, quando somente jornais, TVs, rádios e outros meios de comunicação divulgavam notícias, não havia a necessidade dessa dimensão dos outros reconhecendo ou não o que se emitia. Era uma via de mão única: um lado emite, o outro recebe. Com as redes sociais, a dinâmica é totalmente dependente da integração entre seus usuários.

É olhando e interagindo com a tela, por exemplo, que o sujeito encontra seus objetos através de avatares<sup>31</sup> que sustentam um lugar no mundo virtual. A comunicação não somente passou a ter uma via dupla, trocando os lugares de receptor e emissor, como também abriu a possibilidade de um canal de comunicação entre esses usuários e seus avatares. A área dos comentários anexada a cada notícia servia de palco para a apresentação dos mais diversos discursos de ódio (QUADRADO; FERREIRA, 2020).

Do mundo virtual, quase nada fica de fora. As paixões humanas, muito antes do advento da tecnologia digital, já criavam suas noções amor e ódio, de bem e de mal. Nessa estrutura, “nem o bem, nem o mal, nem suas múltiplas definições, nem a discussão que tende a separá-los sem jamais conseguir. A *internet* encarna a presença da humanidade a ela própria, já que todas as culturas, todas as disciplinas, todas as paixões aí se entrelaçam” (LÉVY, 1998, p. 12).

Os conteúdos que circulam no mundo virtual ficam cada vez mais difíceis de serem controlados. Somam-se à analfabetização campanhas do próprio governo para democratizar o acesso à *internet*.

Desde meados da primeira década de 2000 iniciou-se uma massiva ampliação de acesso, muito fortificado por políticas públicas que desenvolveram projetos de ‘inclusão digital’, como o programa de 2005 do

---

<sup>31</sup> O conceito de avatar vem da cultura hindu e se refere à encarnação ou manifestação de uma divindade em forma humana ou animal. A palavra “avatar” deriva do sânscrito “avatara”, que significa “descida do céu à terra”. No hinduísmo, um avatar é uma das formas humanas ou animais assumidas pelo deus Vixnu ao visitar a humanidade. O termo “avatar” foi popularizado na era da *internet*, em parte devido ao sucesso do livro *Snow crash*, de Neal Stephenson, em 1992. O termo foi utilizado pela primeira vez em 1986 no jogo de videogame *Habitat* para representar corpos virtuais. Um avatar é uma representação gráfica, geralmente em forma de imagem ou personagem, que é usada para identificar uma pessoa em um ambiente virtual. Pode aparecer em jogos, comunidades virtuais, redes sociais, fóruns de discussão e plataformas de mensagens. Muitas vezes, os avatares são usados como foto de perfil no lugar de uma fotografia realista.

governo federal *Computador para todos – Projeto Cidadão Conectado*, que objetiva a democratização do acesso à tecnologia, visando à inserção dos cidadãos na ‘nova linguagem’ e possibilitando que mais pessoas se ‘beneficiem’ da rede (FERREIRA, 2014, p. 12).

Uma vez que o acesso é democratizado, a escolha do conteúdo não é mais controlada por aquilo que o governo tem como projeto.

A possibilidade de criação torna-se tão ilimitada que os usuários também podem criar seus avatares. Zizek (2006) resgata a analogia que Freud fez com uma cebola e suas camadas para abordar as inúmeras possibilidades de *eus* pela via do avatar nas redes sociais, e que no ciberespaço “por vezes Ihe são desconhecidos ou estão adormecidos” (FERREIRA, 2014, p. 16). Possível pela via da tela que “afrouxa” as amarras do usuário em comparação a sua vida fora do ciberespaço, os avatares permitem a proliferação de “múltiplos *eus*”, que se exteriorizam e são representados pela tela do *laptop* ou celular. É uma construção imaginária daquilo que o usuário quer ser, ou de como gostaria de ver a si mesmo ou visto pelo outro, figurações de um *eu ideal*. É nesse sentido que são como as camadas de uma cebola, já que, quando a cebola é inteiramente descascada, não encontramos nada em seu núcleo. O sujeito é esse “nada” que desaparece sem as camadas (ZIZEK, 2006, p. 231).

Na alegoria que Zizek aproveita de Freud, o sujeito não se confunde com o *eu*, com as camadas que o encobrem para situar-se no mundo em relação ao outro. Ainda que no plano virtual, os efeitos promovidos pelas relações nas redes sociais podem ser analisados com conceitos psicanalíticos, uma vez que a fantasia inconsciente que opera no sujeito desde antes do advento tecnológico segue sendo sustentada pelos elementos virtuais, situados não só no registro imaginário como também no simbólico e no real (FERREIRA, 2014, p. 17).

Com os avatares e toda a dinâmica das redes sociais, os usuários são influenciados por aquilo que chega de forma maciça. A quantidade e velocidade com que as notícias falsas circulam corroboram para a manutenção da ignorância dos usuários. Na massificação de dados na era digital, como selecionar aquilo que chegará ao usuário?

Diante da quantidade incontável de dados, a curadoria do *feed* de notícias dos usuários de mídias sociais é feita pelos algoritmos, que não são *softwares* ou entes, mas cálculos matemáticos, ou ações executáveis, com vistas a propósitos específicos, como identificar *Trending Topics* no Twitter e dar visibilidade a *posts* mais aderentes ao interesse de cada usuário (DOURADO, 2021, p. 42).

O usuário final visualiza a notícia junto à imagem do avatar do outro usuário que a compartilhou. Visualiza também alguns botões que o permitirão compartilhar novamente a notícia e mandá-la adiante para mais tantos outros usuários representados em seus avatares. Poderá “reagir”, via botões de *react* – se gostou, não gostou, achou engraçado etc., e até mesmo oferecer um “coraçãozinho”, caso tenha “amado”.

Por trás das imagens que operacionalizam a dinâmica do compartilhamento, os algoritmos operam a todo vapor. Qualquer chance de recusa pelo usuário diante de alguma notícia que não está no escopo de seu interesse é cada vez mais reduzida graças à leitura que os algoritmos fazem a partir das ações de todos.

Quanto mais o usuário interage, mais terá a sensação de que tudo o que está acontecendo na sua experiência virtual é a própria experiência da realidade, não fazendo qualquer crítica por estar encerrado em uma rede “fechada em si”, que só mostra aquilo que se quer ver.

É importante ter em mente que esses diferentes serviços são fechados em si e essas comunidades *online* se articulam em diferentes plataformas. Assim, fóruns originados ou baseados em serviços menores podem se desdobrar como páginas e grupos públicos em redes mais comerciais, com funções, modos de comunicação e formas de engajamentos também distintos, ou complementares (DOURADO, 2021, p. 47).

Explorar a linguagem do jornalismo é a maior estratégia para disseminar mentiras como se fossem verdades, uma vez que desde o século XIX, muito antes das redes sociais, a imprensa ganhou posição de destaque como instituição legítima na divulgação dos fatos de interesse público. As redes sociais não deixam de ter um tanto dessas características, mas mudam radicalmente pelo fato de serem criadas e sustentadas a partir das ações dos próprios usuários.

É com essa linguagem jornalística que as *fake news* ganham caracterização de notícia, disputando a atenção dos usuários com outras notícias – mesmo as ditas verdadeiras e verificadas. As *fake news* também se diferenciam dos discursos de opiniões: “diferentemente de discursos opinativos distorcidos e, por isso, também potencialmente enganosos, no caso das *fake news*, entende-se que não se pode haver dúvidas quanto ao *status* de falso desse tipo de informação” (DOURADO, 2021, p. 54)

São “apresentadas como histórias presumidamente factuais, porém, comprovadamente falsas, produzidas com a intenção de serem distribuídas como notícias de última hora nos ambientes digitais” (DOURADO, 2021, p. 55).

Alcott & Gentzkow (2017), nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, foram uns dos primeiros a investigar esse tipo específico de circulação. A entrada da verificabilidade, ou do “quão a história é passível de verificação”, reforça sua especificidade: “a postulação factual, ou a presunção de fato, outro eixo fundante do objeto *fake news*, deve ser entendida em diálogo direto com a condição de falsidade” (DOURADO, 2021, p. 55-56).

É importante identificar o lugar do fato, aqui, para delimitá-lo enquanto aquilo que coloca em cena a possibilidade ou não de vestígios de falsificação, seja por imagens, áudios, citações em imprensa, entre outros recursos forjados pela via da edição, adaptação e invenção, apoiando um “atributo da verossimilhança”.

Desse modo, *fake news*, como contrafação de relação de base factual, se passam por notícias não necessariamente pela mimetização do formato jornalístico, mas porque são comunicações fraudadas que simulam fatos e acontecimentos urgentes, escandalosos e graves, que precisam ser conhecidos, portanto compartilhados, para o maior número de pessoas possível (DOURADO, 2021, p. 57).

Na maioria das vezes, quando um conteúdo se espalha, é porque já havia sido compartilhado antes em nichos específicos. Redes sociais de menor uso – e com maior “liberdade” discursiva, acolhendo discursos de ódio e segregadores – como o *Discord* ou *4Chan* são essenciais para compor as estratégias das *fake news*.

É baseado no comportamento *online* dos usuários que os artigos saem dessas redes consideradas verdadeiras “bolhas ideológicas” e passam a circular em outras. Se em redes sociais maiores como Facebook ou Instagram a sensação de “bolha” é promovida pela aparição dos conteúdos feitos sob medida para cada usuário, nas redes menores não é preciso nenhum trabalho de algoritmo, uma vez que a própria adesão a elas é feita a partir de uma escolha dos próprios usuários, interessados em sua proposta de *free speech*. O que vemos é que se trata de um *hate speech* disfarçado de *free speech*<sup>32</sup> (BRESOLIN, 2023). Esse comportamento que parte da bolha ideológica para fora, para outras redes, sustenta também

---

<sup>32</sup> É a autorização do discurso de ódio (*hate speech*) disfarçado como direito à liberdade de expressão que as redes menores sustentam (*free speech*) (ANDRADE, 2021).

uma estrutura que encontrada nos estudos psicanalíticos sobre a psicologia das massas.

Conforme mencionamos na Introdução, o caráter moral é um elemento importante na constituição do fenômeno, regendo o ato de compartilhar que é impulsionado pelos próprios usuários, sem os quais não teríamos o efeito danoso de uma *fake news*: “a ‘moralidade de comportamento’ que se apoia revela-se, portanto, na postura que possuem ao repassar adiante a mentira virtual” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 173). Também “a atitude em encaminhar e compartilhar em sites de redes sociais, por exemplo, revela a conduta do sujeito, em seu profundo medo e desespero moral. É marcado também um posicionamento político, de viés extremista, ao ser amparado por discursos autoritários” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 174).

Foi o caso de Tatiana Lionço, que teve sérias consequências a partir de uma edição de vídeo altamente difundida no YouTube. Em 2012, a psicóloga participou de uma mesa-redonda sobre o combate à homofobia nas escolas. “Ela disse à minúscula plateia de acadêmicos e autoridades políticas que deveriam assegurar aos pais que não havia nada de incomum em uma criança pequena expressar curiosidade pelo corpo ou pela roupa de outra” (FISHER, 2023, p. 351).

Pouco tempo depois, um deputado de extrema-direita fez modificações no vídeo original do evento, resultando em novos sentidos pela reordenação das palavras proferidas por Lionço e fazendo parecer que ela incentivava o ato sexual entre crianças (LOPES, 2013).

O deputado, por muitos considerado uma esquisitice às margens da política, tinha poucos aliados e pouco poder efetivo. Mas tinha um séquito substancial no YouTube, onde postou a gravação editada. Youtubers de extrema-direita, então uma comunidade pequena mas ativa, repostaram o vídeo enganador, acrescentando seus comentários carregados de desinformação (FISHER, 2023, p. 351).

Dentro da interface das redes sociais, os usuários deixavam comentários acusando Lionço de “comunista” e “homossexual”, participante de uma conspiração global cujo objetivo era incentivar a pedofilia com a distribuição dos “kits gays”. Essas acusações proliferavam não somente no Youtube, mas também no Twitter e Facebook, exigindo a morte de Lionço.

O que no início era um “barulho”<sup>33</sup>, considerado por muitos amigos e próximos de Lionço, foi virando realidade consensual, indignando até aqueles que não mais pertenciam ao grupo onde tudo se originou. “Muitas [pessoas] entraram em contato com a universidade onde ela trabalhava, exigindo sua demissão” (FISHER, 2023, p. 352). A “morte” da psicóloga havia começado com a demissão do trabalho, o afastamento de amigos e colegas e tendo a vida para sempre marcada. “Embora tenha voltado a lecionar após algum tempo, sua vida nunca mais foi a mesma e ela é acossada pela infâmia aonde quer que vá” (FISHER, 2023, p. 352).

O *youtuber* e deputado marginal que havia lançado a propagação enganosa estava concorrendo à presidência em 2018: tratava-se de Jair Bolsonaro. Não à toa, ele repete uma fórmula que o mundo havia testemunhado nas eleições estadunidenses poucos anos antes:

todos esperavam que ele fosse perder. Em vez disso, ele ganhou com dez pontos percentuais a mais do que o concorrente. Foi o acontecimento mais significativo na política global desde a eleição de Donald Trump. O sexto maior país do mundo ficou sob o comando de um conspiracionista de extrema-direita (FISHER, 2023, p. 352).

O comportamento de Bolsonaro era rejeitado, de início, pela classe dominante, devido às suas conspirações extremistas e discursos de ódio. Mas, dentro das redes, com toda a multiplicidade de possibilidades de avatares darem suas vasões àquilo que não encontra lugar fora do mundo virtual, esse tipo de postura chamava a atenção, enchendo os comentários com todos os conteúdos postados, dando bastante alimento aos algoritmos. “A direita brasileira mal existia até coisa de dois anos atrás”, comentou Brian Winter, diretor da revista acadêmica de estudos políticos *Americas Quarterly*, considerando-a como um fenômeno saído “do nada” (FISHER, 2023, p. 353).

É o típico personagem que “brota” como “personalidade reinventada” e que conquista por sua polêmica. Antes das eleições, Winter fez uma visita ao gabinete de Bolsonaro: “seus oito assessores ‘passaram todo o tempo que eu estava lá nas redes’, disse ele. ‘Ninguém fazia trabalho legislativo’” (FISHER, 2023, p. 353). A política de Bolsonaro não era fruto de um trabalho legislativo, mas de manipulações e publicações de conteúdos nas redes sociais.

“Não era só Bolsonaro. Por motivos que ninguém conseguia explicar, o Brasil estava

---

<sup>33</sup> Retomando um dos importantes critérios utilizados pela agência Lupa no processo de checagem de fatos: quem fala, o que fala e que barulho faz.

inundado de conspirações e novas pautas radicais que, em todos os casos, pareciam vindas do YouTube” (FISHER, 2023, p. 353). O YouTube, em sua posição privilegiada nos resultados das buscas e em sua falta de critérios sobre conteúdos publicados, fomentou a ideia da Ural, que chegou a ser até mesmo declarada por um dos candidatos à presidência nos debates. Tratava-se de um plano fictício prevendo a união da América Latina enquanto uma espécie de “superestado pancomunista”, estourando no YouTube em 2016 (BANDEIRA, 2018).

A maneira como os algoritmos do YouTube funcionavam ajudaram a impulsionar as ideias que Bolsonaro já tinha, mas que não ganhavam alcance. “Bolsonaro sempre advogou esses pontos de vista hipersectários<sup>34</sup>, mas eles nunca tinham dado retorno”, disse Roberto Braga, do Laboratório Forense Digital, que faz rastreamentos de desinformação.

A eleição que levou Bolsonaro à presidência também fez dois *youtubers* de extrema-direita chegarem à legislatura federal e muitos mais a cargos de nível estadual. Outros logo conseguiram empregos na Política Federal. Era como se uma grande maré subisse e alçasse um recorte bem específico da direita marginal – os *youtubers* – aos altos níveis do poder (FISHER, 2023, p. 354).

O comportamento dos brasileiros nas redes sociais segue padrões semelhantes ao dos norte-americanos. Conquistando o segundo lugar entre os maiores consumidores de conteúdo no YouTube, o Brasil também comporta “uma democracia presidencial gigante, com uma classe média grande, definida pela separação racial, pela polarização crescente e por uma direita populista em ascensão que parecia viver na *internet*. Acima de tudo, o país serviu como uma espécie de vislumbre do futuro” (FISHER, 2023, p. 354).

Mas há um ponto de crucial diferença entre as duas nações. Ainda que carregue semelhanças, o candidato da época, Donald Trump, não era um usuário das redes como Jair Bolsonaro. “No Brasil, foi como se as próprias mídias sociais tivessem assumido a Presidência” (FISHER, 2023, p. 355). O país estava representando para o mundo uma espécie de nova ordem política, guiada pelo digital. “Em retrospecto, o Brasil de 2019 prenunciou não só boa parte do caos dos Estados Unidos no ano seguinte, mas o futuro para o mundo democrático no geral e que, se alguma coisa não mudar, ainda pode estar pela frente” (FISHER, 2023, p. 355).

---

<sup>34</sup> Veremos no capítulo seguinte como a psicologia das massas formulada por Freud articula a ideia presente nesse efeito de hipersectariedade nas redes sociais ao tentarem fazer de um grupo uma unidade e, em decorrência, segregar o suposto estranho e diferente.

Foi graças a uma série de vídeos que o então debochado personagem de Jair Bolsonaro passou a ser levado a sério. Em 2016, já tendo assumido o cargo de deputado federal, “Bolsonaro era marginalizado até no próprio partido. Mas o YouTube, em busca de sua meta de 1 bilhão de horas de tempo assistido, acabara de instalar sua nova IA de aprendizado profundo. No Brasil, *youtubers* de extrema-direita – o verdadeiro partido de Bolsonaro – decolaram na visibilidade” (FISHER, 2023, p. 356).

Assim, obtemos detalhes importantes para a nossa pesquisa, pautada pela participação da crença que move as *fake news*. Estamos retomando aqui a forma com a qual foi construída uma imagem, a de Bolsonaro, candidato político que, anos depois, se considerou um deputado sem partido. Na verdade, seu partido era concentrado na própria imagem e no seu lema de “Brasil acima de tudo”, chegando até mesmo a pronunciar: “eu sou, realmente, a Constituição” (CARVALHO, 2020).

Sem dúvidas, isso não seria possível sem o uso das redes sociais. “O YouTube não só criara uma comunidade marginal na *internet* ou mudara a visão de mundo de certos usuários, mas havia radicalizado todo o movimento conservador do país, e de maneira tão eficiente que derrubou praticamente toda a direita política anterior” (FISHER, 2023, p. 357).

Desde 2016, quando o YouTube atualizou seus algoritmos, os canais de direita passaram a ganhar um público com muito mais velocidade do que os outros canais, dominando o conteúdo político da plataforma.

As menções positivas a Bolsonaro dispararam. Assim como as menções a teorias da conspiração que Bolsonaro fazia circular. [...] O YouTube tinha uma inclinação acentuadamente pró-Bolsonaro e deu uma guinada à direita durante um período em que os números de Bolsonaro nas pesquisas estavam fracos e estacionados (FISHER, 2023, p. 358).

Não seria exagero dizer que o YouTube, junto à participação de seus usuários, criaram um “mito” chamado Jair Bolsonaro.

Outra pesquisa revelou que, mais do que orientar os usuários, os vídeos de Bolsonaro estavam mudando a posição política de quem acessava a plataforma. Tudo começava pelo número de visualizações: “canais que elogiavam Bolsonaro ou usavam palavras-chaves de extrema-direita tinham picos de visualização – graças ao algoritmo, supõe-se” (FISHER, 2023, p. 358). Assim, os comentários tendiam para a direita também: “era o YouTube que

estava atraindo usuários para o bolsonarismo, e não o contrário” (FISHER, 2023, p. 358).

Na mesma linha do que aconteceu com Lionço, o jovem vereador Carlos Jordy “inspirou” seu modesto número de seguidores – com participação de jovens e crianças em idade escolar – a filmarem de forma clandestina qualquer prova de “doutrinação comunista-homossexual”. O próprio vereador se vangloriou do vídeo que mais viralizou: “nele, uma aluna interrompia sua professora de história durante uma aula sobre a Alemanha nazista. A aluna perguntava se seus colegas conservadores eram equivalentes aos nazistas e a professora respondia que sim. Uma faixa no vídeo destacava o nome de Jordy e seus links nas redes” (FISHER, 2023, p. 359).

Tratava-se de mais um vídeo editado, na mesma linha estratégica de Bolsonaro que, inclusive, na época havia comentado preferir ter um filho morto a um filho gay (FISHER, 2023, p. 359). A aluna do vídeo não tinha feito a pergunta sobre a Alemanha nazista em comparação com os colegas conservadores: “na verdade, a aluna, que era homossexual, havia descrito como era sofrer o assédio de colegas cujas famílias apoiavam Bolsonaro” (FISHER, 2023, p. 359). Queria saber se os colegas, por assediá-la em decorrência de sua orientação homossexual, poderiam ser considerados nazistas: “não, dissera a professora, mesmo que os dois grupos tivessem em comum a homofobia” (FISHER, 2023, p. 359). Essa foi a resposta original, que Jordy editou para autopromoção.

Novamente, vemos a difusão de um vídeo que começa visualizado por um pequeno número de pessoas, até cair na página de alguém com mais influência – no caso, Nando Moura – e ser difundido como denúncia da escola enquanto “epicentro de abusos”. “Ele se espalhou por canais de direita da plataforma, foi impulsionado a grandes públicos. Em seguida se espalhou no Facebook, onde foi assistido 5 milhões de vezes” (FISHER, 2023, p. 359).

Uma “verdade” passa a existir a partir de elementos que não são checados em nenhum momento. Parece pouco importar se aquilo ocorreu mesmo, basta que haja seguidores. E o vídeo, mesmo manipulado, atinge milhões de visualizações, bastando para isso cair nas mãos de alguém com maior influência. Essa pessoa é um elemento de difusão por ter credibilidade. Os seguidores de Nando Moura compartilharam esta e outra notícias por acreditarem nele e, conseqüentemente, em seu conteúdo.

A escola passou a sofrer graves ameaças e a professora, a ser vista como inimiga a ser destruída. Mesmo dois anos depois do vídeo, a professora complementa: “temo pela minha

família, temo pelos meus alunos e meus colegas de trabalho” (FISHER, 2023, p. 360).

Os pais dos alunos já não sabiam mais se acreditavam no relato dos professores e outros funcionários ou no que viam nas redes sociais. “Eram tantos amigos e parentes lhes repassando a teoria da conspiração que eles tinham dificuldade para conciliar a realidade que conheciam com a irrealidade das mídias sociais que havia se espalhado” (FISHER, 2023, p. 360). O termo “doutrinação” era trazido em forma de perguntas incisivas, deixando os professores resguardados dentro das salas de aula. Com medo, passaram a se preocupar com tudo que diziam, no receio de terem suas falas distorcidas e divulgadas nacionalmente.

O medo é uma das vias para a transformação do desamparo (*Hilflosigkeit*). A compreensão freudiana sobre o desamparo não se confunde com o medo, já que o medo implica alguma reação diante de um perigo representável. Freud contrapõe o medo à angústia. A angústia cria uma espécie de expectativa, uma angústia diante de algo, tendo por característica a *indeterminação e ausência* de objeto específico. É quando encontra um objeto que chamamos a angústia de “medo” (FREUD, 1926/1996).

Trata-se não do desamparo em sua condição biológica, um puro organismo, mas na condição de que seja necessário, para a constituição do sujeito, de um outro organismo que introduzirá à criança em desenvolvimento sua necessária renúncia pulsional como condição da vida em sociedade e inserção no laço social (FREUD, 1929).

Logo, a política do desamparo não se confunde com a do medo, já que o desamparo é o afeto decorrente de uma desconstrução imaginária. Já o medo necessita dos representantes para sustentá-lo e dar objetos à angústia: “o medo é essa forma de angústia que encontrou um objeto, no sentido de reação ao perigo produzido por um objeto possível de ser representado” (SAFATLE, 2016, p. 51).

A política do medo, para operar, depende de um objeto que o represente. “Essa ideia da possibilidade de representação do objeto do afeto é central. É a possibilidade de tal representação que provoca a reação dos pelos que se eriçam como sinal de defesa, da atenção que é redobrada, da respiração que acelera como quem espera por um ataque” (SAFATLE, 2016, p. 51).

A realidade pode até ser manipulada nas redes, mas o afeto que isso toca em cada um é real. O medo, fora das redes sociais, corrobora para a manutenção das *fake news*. Incidentes desse tipo se espalhavam pelo Brasil (CARVALHO, 2020). Cada *youtuber* surfava na onda do vídeo para se promover, acabando por ampliá-lo ainda mais. Cada boato ia encontrando

em outro boato o suporte de sua verdade inventada, não precisando ter sequer um vídeo original. A lógica da difusão nas redes sustentava tudo, pela lógica do visualizar e compartilhar. “Cada boato, por mais implausível que fosse por si só, ao se agregar a outros dava credibilidade aos demais, uma treliça de desinformação que gerava seu próprio suporte” (FISHER, 2023, p. 360).

Os professores chegavam a ser demitidos, intimidados e ter de se esconderem: “as comunidades eram atizadas à desconfiança e à discórdia, tudo orquestrado via YouTube” (FISHER, 2023, p. 360). “No Brasil, hoje, isso acontece com frequência: filmagens e linchamentos [...]. É um jeito de intimidar. E está dando certo” (FISHER, 2023, p. 361). A estratégia de Jordy, mantendo-se na linha de vídeos editados, rendia-lhe audiência em todo o Brasil e, em apenas dois anos, ele conquistou um cargo na legislatura federal, na mesma eleição que alçou Bolsonaro. “‘Se as redes sociais não existissem, eu não estaria aqui’, contou Jordy. ‘Jair Bolsonaro não seria presidente’” (FISHER, 2023, p. 361). As redes sociais não somente ditavam mudanças na realidade fora do virtual, incitavam o ódio e a segregação, elas também faziam com que *youtubers* como Jordy assumissem cargos políticos.

Jordy nunca conversou com alunos, professores ou demais envolvidos nas edições de seus vídeos. “Nunca visitara a escola, que ficava a metros de seu gabinete. Nunca tinha nem sequer usado suas prerrogativas de vereador. Ele havia focado todas as suas energias nas mídias sociais. Por quê?” (FISHER, 2023, p. 362).

O uso das redes sociais fomenta uma lógica de total desconhecimento do inimigo real: “‘Estamos travando uma guerra cultural’, disse ele, embora fosse impreciso em relação a quem seria o inimigo” (FISHER, 2023, p. 362). Mas o medo era despertado e funcionava para mantê-lo no poder. Jordy tinha consciência do uso que fazia da plataforma: “as pessoas respeitam aquilo de que têm medo. Elas precisam ter medo para entender que podem ser punidas por suas atitudes” (FISHER, 2023, p. 362).

Enquanto o desamparo (*Hilflosigkeit*) é a condição do sujeito numa relação de falta de representação e de um objeto, é também o que o posiciona enquanto sujeito de uma estrutura de linguagem, em que qualquer objeto passa pelo efeito da cadeia significante numa relação simbólica com o Outro<sup>35</sup>. O medo surge quando encontramos algum objeto que represente de forma consciente tal condição. Ainda que esse objeto seja manipulado e elegido arbitrariamente, como forma de colocar o sujeito a não lidar com sua condição estrutural. No

---

<sup>35</sup> Abordaremos em mais detalhes a relação do sujeito com o desamparo (*Hilflosigkeit*) no capítulo a seguir.

capítulo a seguir veremos como esse objeto arbitrário influencia uma massa de indivíduos quando assume o lugar de líder – por um efeito imaginário que leva as marcas de um pai idealizado.

Aquilo que faz oposição à massa – a suposta ameaça “vinda de fora” – é eleito arbitrariamente. O político Jean Wyllys e a artista Pablllo Vittar são exemplos de como as *fake news* elegem representantes da oposição para servirem de alvo de um medo coletivo. Editaram uma imagem para dar a impressão de ser um *print*<sup>36</sup> vindo do Twitter do próprio político, que junto à artista faria uma “turnê” pelas escolas do Brasil promovendo o ensino sobre diversidade sexual. Vincular essas duas figuras públicas tinha como objetivo a desqualificação do debate, já que, “num país conservador como o Brasil, os dois evidenciam tensões no leque de diversidades, cuja visibilidade incomoda” (SILVA JÚNIOR; SILVA, 2020, p. 178). Assim, a esquerda estaria alinhada a um projeto político de desvio infantil, criminoso.

A “ideologia de gênero” deixa de ser uma pauta de debate sério para tornar-se representante do inimigo dos cristãos (MACHADO, 2018), fazendo do governo Bolsonaro um Estado ultraconservador ao ponto de interditar e extinguir qualquer participação na esfera pública de políticos LGBTQIAPN+<sup>37</sup> (COSTA, 2021), que passariam a ser tomados como “representantes do mal” e alvos de discursos de ódio, produzindo como efeitos o medo e a segregação.

Fisher (2023) entrevistou Inzaghi, um estudante de dezessete anos que frequentava a escola onde o vídeo de Jordy causou afetos de medo e posturas de segregação. O estudante percebeu um funcionamento recorrente enquanto assistia ao YouTube: “às vezes estou vendo um vídeo sobre um jogo e de repente vira vídeo do Bolsonaro”, contou. ‘Querem que a gente veja esses vídeos, queiramos ou não’” (FISHER, 2023, p. 362).

A crescente da direita nessa época não deixava dúvidas: “os métodos de radicalização da direita em larga escala no YouTube tinham uma consistência muito assustadora para ser algo que não estivesse embutido no código” (FISHER, 2023, p. 362).

---

<sup>36</sup> *Print* é a função que cria uma imagem com tudo o que é exibido no display do aparelho, sem depender da instalação de aplicativos.

<sup>37</sup> Trata-se de uma sigla que sofre mudanças de acordo com as atualizações necessárias para representar as diversas identidades de gênero e sexualidade. Atualmente, corresponde a: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Transexuais; Queer; Intersexo; Assexual; Pansexual; e Não binário. O símbolo de “+” representa a possibilidade de sofrer modificações a qualquer momento, uma vez que novas identidades são reconhecidas. Abordo essa questão no item *Do todx ao todes, do GLS ao LGBTQIA+* no capítulo *Nem todo psicanalista?* do livro *Provocações para a psicanálise no Brasil: racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo* (COSTA, 2021, p. 165-166).

O próprio Jair Bolsonaro, quando tomava a palavra em público, insistia para que o público deixasse os noticiários maiores e passasse a confiar somente no YouTube<sup>38</sup>. Trocou os tecnocratas do governo por subcelebridades da plataforma, encontrando ressonância com sua posição em relação à educação, saúde pública e às minorias. Essas personalidades das mídias sociais “saciavam o algoritmo” que impulsionou o deputado à presidência.

Entre esses, o MBL foi de forte influência na candidatura de Bolsonaro. O partido, inicialmente, usava o Facebook para divulgar suas propostas, mas “depois de 2016, perto da época em que o YouTube atualizou o algoritmo, a plataforma de vídeos se mostrou mais eficiente, e eles trocaram de rede social” (FISHER, 2023, p. 364). O mesmo conteúdo que o MBL postava em ambas as plataformas, muitas vezes, era vetado pelo Facebook, e isso não ocorria no YouTube (HAYNES, 2018).

Foi graças ao YouTube que personalidades como Arthur do Val conseguiram notoriedade e um cargo político.

Para sublinhar a importância da plataforma, do Val citou um vídeo superviralizado que outro grupo acabara de postar. Com o título *1964*, o ano do golpe militar no Brasil, ele afirmava que os abusos da ditadura – que havia assassinado centenas de dissidentes e torturado milhares – tinham sido fabricação de historiadores de esquerda. O vídeo defendia que o golpe fora necessário para extirpar o comunismo, sugerindo que em breve seria preciso uma medida similar. “Fui um dos que mais compartilharam esse vídeo”, disse (FISHER, 2023, p. 365).

Trata-se da “ditadura da curtida” (FISHER, 2023, p. 365). Não importa se é *fake news*, contanto que estimule a propagação e faça sua “ampliganda” – termo específico para um tipo de propaganda que atinge seu alcance graças à proliferação por meio de pessoas desavisadas (DIRESTA, 2021). Os efeitos dessa lógica resultam em sérios aprendizados distorcidos sobre a história. “Para Valéria Borges, a professora de história, era ‘apavorante’ ver o YouTube apagar a história do país da mente dos jovens brasileiros e até mesmo incentivá-los a repetir o que o vídeo dizia” (FISHER, 2023, p. 365).

Pedro D’Eyrot, político e produtor dos vídeos do MBL, comenta sobre o extremismo que percebeu acompanhando os *youtubers*: “só porque aquilo vai dar *views*, vai dar

---

<sup>38</sup> Publicação de Jair Bolsonaro no Twitter em 12 de novembro de 2018 que sugeria “algumas excelentes opções de canal de informação no YouTube”, sendo estes os canais da: Embaixada da Resistência; Nando Moura; Diego Rox Oficial; Olavo de Carvalho; Tradutores de Direita; e Bernardo P. Küster. Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1061809199196368896>. Acesso em: 10 mar. 2025.

engajamento” (FISHER, 2023, p. 365). O produtor apostava forte nas redes, acreditando que seria a força da mudança. Tratava-se de um caminho sem volta. “Agora a impressão era que as redes prolongavam tendências que só podiam ser nocivas, extremas demais até para um grupo de revisionistas do golpe com bonés da campanha de Trump” (FISHER, 2023, p. 366).

Como já mencionamos, a utilização das redes sociais para se obter vantagens políticas não se limita a casos brasileiros. Recentemente, Sergei Lavrov, ministro das Relações Exteriores da Rússia, em seu pronunciamento na 78ª Assembleia Geral das Nações Unidas no estado de Nova York, fez uma crítica aos Estados Unidos e aos países europeus, afirmando a falta de cumprimento de suas promessas. Na opinião do russo, eles seriam os responsáveis pela criação de um ambiente de desconfiança global, tendo se convertido em um verdadeiro “império da mentira” (LAVROV, 2023). Lavrov declarou: “acostumados a menosprezar o resto do mundo, os norte-americanos e europeus costumam fazer promessas, assumir obrigações, inclusive escritas e juridicamente vinculantes, e depois simplesmente não as cumprem”. A constatação de que o mundo está passando por “mudanças irreversíveis” e que uma “nova ordem mundial está nascendo diante de nossos olhos” é compartilhada por diversos líderes na Assembleia Geral da ONU.

Outro exemplo da influência norte-americana sobre os meios de comunicação ocorreu na mesma época em que Tucker Carlson foi impedido pelo governo dos Estados Unidos de entrevistar Vladimir Putin (TUCKER, 2023). “Tentei entrevistar Putin e o governo americano me impediu. O que, não conseguimos ouvir a voz de Putin?! Por quê?!”, questionou o apresentador.

A entrevista recente foi obstruída por figuras anônimas em Washington. O ex-apresentador da Fox News sentiu-se decepcionado com a falta de apoio da mídia estadunidense, sendo a decisão da censura feita sem passar por seu crivo. Apesar de não ter entrado em detalhes, Carlson disse que o atual governo estava por trás da intromissão.

Temos nesses exemplos um tipo de política que ataca a democracia, na mesma lógica com a qual Robert Mercer impulsionou a ultradireita global com táticas eleitorais a partir do uso e da captura de dados, conforme matéria de Luis Nassif (2022) ao GGN.

Mercer foi um dos primeiros a usar a inteligência artificial para comprar e vender ações na bolsa. Com o High Frequency Trading, “compra e vende ações na bolsa, milhares de vezes por segundo, ganhando centavos em cada uma dessas transações” (NASSIF, 2022).

Considerado “figura central” no uso dos algoritmos para atingir metas políticas,

fundou O Movimento, organização utilizada para ajudar partidos nacionalistas<sup>39</sup>. Também auxiliou Mauricio Macri na Argentina e Guo Wengui, um bilionário chinês que faz oposição ao regime de seu país. Fora esses exemplos, “deve-se a ele o sucesso da campanha de Donald Trump nos Estados Unidos, de Jair Bolsonaro no Brasil, Viktor Orbán na Hungria, Matteo Salvini na Itália, do partido Vox na Espanha, e Marine Le Pen na França” (NASSIF, 2022).

Um de seus ex-funcionário, David Magerman, revelou os aspectos políticos de Mercer, suas conexões com Bannon e Trump e sua posição racista. Nassif (2022) comenta que uma declaração de Magerman souo profética: “se o mundo soubesse o que Mercer está tentando fazer eles não aceitariam”.

Em 2013, Mercer adquiriu a SCL Elections, que se autoqualificava como uma empresa de “guerra psicológica”, usando recursos para influenciar o comportamento da conduta inimiga. Era o início do que viria a ser a Cambridge Analytica<sup>40</sup>. A SCL/Cambridge Analytica fazia parte do sistema de defesa britânico. O modelo foi criado por contratantes militares e utilizava táticas militares.

Um ex-funcionário declarou ao The Guardian que a Cambridge Analytica não era uma empresa normal nem uma consultoria política:

acho que a Mercer nem importa se ganhar algum dinheiro. É o produto de um bilionário gastando enormes quantias de dinheiro para construir seu próprio laboratório de ciências experimental, para testar o que funciona, para encontrar pequenas lascas de influência que podem influenciar uma eleição. Robert Mercer não investiu nesta empresa até que ela executou vários pilotos – testes controlados. Este é um dos cientistas da computação mais inteligentes do mundo. Ele não vai gastar US\$ 15 milhões em besteiras (NASSIF, 2022).

Em sua origem, a nova empresa conquistou imediatamente 44 clientes nos Estados Unidos, com três candidatos presidenciais: Ben Carson, Ted Cruz e Donald Trump.

Em Trinidad e Tobago, a empresa de Mercer foi contratada por ministros do governo.

---

<sup>39</sup> Conforme o documentário *Privacidade hackeada*.

<sup>40</sup> A Cambridge Analytica é uma empresa de análise de dados que trabalhou com o time responsável para campanha do republicano Donald Trump nas eleições de 2016, nos Estados Unidos. Segundo o jornal The Guardian, na Europa a empresa foi contratada pelo grupo que promovia o Brexit (a saída do Reino Unido da União Europeia). A empresa é propriedade do bilionário do mercado financeiro Robert Mercer e era presidida, à época, por Steve Bannon, então principal assessor de Trump. A Cambridge Analytica teria comprado acesso a informações pessoais de usuários do Facebook e usado esses dados para criar um sistema que permitiu prever e influenciar as escolhas dos eleitores nas urnas, segundo a investigação dos jornais The Guardian e The New York Times (ENTENDA O ESCÂNDALO, 2018).

Eles construíram uma plataforma de segmentação contratando a mesma empresa do Brexit – a *AggregateIQ*.

Documentos analisados pelo Observer mostraram que se tratava de proposta para capturar o histórico de navegação dos cidadãos, gravando conversas telefônicas e aplicando o processamento de linguagem natural aos dados de voz gravados. Montaram com esse material um banco de dados da política, com pontuações para cada cidadão em sua propensão a cometer crimes (NASSIF, 2022).

Trinidad e Tobago foi o ponto de partida para o que viria a ser o projeto de “experimentos” de Mercer. Antes de a empresa ser adquirida, o projeto da SCL no país foi o primeiro a utilizar *big data*<sup>41</sup>. Nele estava Aleksandr Koganb, psicólogo da Cambridge Analytica, além de Chris Wylis e Mark Gettleson, especialista em grupos focais. Thomas Borwick, filho de Vitória Borwick, parlamentar conservador de Kensington, também compunha o time.

A SCL, antes mesmo do caso Cambridge Analytica, havia desenvolvido um conjunto de técnicas de interesse políticos, chegando a servir ao Conselho de Segurança Nacional de Donald Trump, Michael Flynn e John Bolton.

Tamsin Shaw, filósofa e professora da Universidade de Nova York, afirma que estamos vivendo uma “guerra de informação”. Políticos com o auxílio da ciência da tecnologia e dos algoritmos estão influenciando as eleições sem que os eleitores percebam: trata-se de explorar fenômenos existentes como o nacionalismo e depois usá-los para manipular as pessoas à margem.

Bannon, em entrevista, revela como consolidou sua fabricação de *fake news*. Ele destaca a importância da seção de comentários presente nas notícias e sua eficiência para aparecerem em destaque nos sistemas de buscas:

---

<sup>41</sup> *Big data* é um conjunto de dados grandes e complexos que crescem rapidamente e contêm uma variedade de fontes. O *big data* é utilizado para recolher, armazenar, organizar, analisar e interpretar dados de uma empresa ou mercado. O objetivo é ajudar as empresas a tomarem decisões mais estratégicas e assertivas. Embora o conceito em si seja relativamente novo, as origens de grandes conjuntos de informações remontam às décadas de 1960 e 1970, quando o mundo dos dados estava apenas começando, com os primeiros *data centers* e o desenvolvimento do banco de dados relacional. Por volta de 2005, as pessoas começaram a perceber a quantidade de dados de usuários gerados pelo Facebook, YouTube e outros serviços *online*. *Big data* pode ser usado em *machine learning*, modelagem preditiva e outras análises avançadas para resolver problemas de negócios. Por exemplo, as empresas podem usar *big data* para gerar *insights* sobre o desempenho do negócio e para tomar decisões. Grandes empresas digitais como a Amazon, a Uber e a Netflix usam *big data* para desenvolver produtos e prever ao que os clientes vão assistir (O QUE É, s.d.).

foi a união de tecnologia e conteúdo. Em particular, eu tinha uma equipe inteira dedicada à análise dos algoritmos do Facebook. Sem o Facebook, a Breitbart nunca teria chegado ao tamanho que chegou. As redes sociais e toda uma bateria de novas tecnologias baseadas em dados e inteligência artificial permitem o uso da comunicação como um laboratório sem os limites do politicamente correto: os humilhados pediam sangue, e eles iriam obtê-lo (OS PLANOS, 2022).

Bannon também dá destaque ao fator “apaixonante” gerado nas trocas virtuais e a como esse fator é fundamental para o engajamento: “no laboratório digital, é possível analisar em tempo real quais mensagens geram maiores paixões e despertam mais respostas (engajamento) para usá-las como munição infinita em qualquer ocasião” (OS PLANOS, 2022).

Se não bastasse toda a influência da Cambridge Analytica nas decisões das eleições, Mercer doou mais de US\$ 25 milhões para a campanha de Trump. Logo depois da vitória republicana em 2016, a empresa firmou contrato com o próprio Pentágono e com o Departamento de Estado.

Quando os métodos de coleta de dados ilegais de milhões de usuários foram revelados, a Cambridge Analytica encerrou suas atividades. Mas Bannon, Mercer, Trump, Bolsonaro e muitas outras peças-chaves do esquema de manipulação e influência com viés político continuaram servindo-se dos métodos.

Chama-se de atividade jornalística “pós-noticiosa” (SILVA; ALBUQUERQUE; VELOSO, 2019) um tipo de trabalho que atualmente é destinado às agências e que não se refere mais à produção de notícias em primeira mão, mas sim à checagem dos fatos. O tempo que se leva para essa verificação ocorrer, bem como a desvantagem em estar sempre atrasada em relação ao momento de lançamento da notícia falsa, faz com que seu alcance não obtenha a mesma repercussão em relação às *fake news* em análise.

Outro ponto que evidencia uma estratégia das *fake news* para além do teor do seu conteúdo dá-se pelo fato de que a proliferação das notícias falsas acaba demandando uma investigação jornalística por meio de checagens e dispõe ainda de mais tempo e trabalho dos jornalistas que já estão ocupados com suas pautas de rotina. “A disseminação e a circulação de inverdades, meias-verdades e distorções ocorrem por força de quem as produz e por quem recebe e compartilha esses fatos lidos e escutados sem que soubesse de onde vinham

originalmente” (DOURADO, 2021, p. 72).

A transmissão dos rumores e seu valor de verdade para um coletivo é tema de estudo de longa data, como para Shibutani (1996) ou até mesmo quando o psiquiatra inglês Bernard Hart, em 1916, relacionou confiabilidade e precisão de transmissão: “a confiabilidade de um rumor depende da precisão com que cada declaração é transmitida” (HART, 1916).

É como se o simples ato de repassar uma mensagem recebida trouxesse alguma percepção de possibilidade factual à história narrada, independentemente de sua veracidade. Se há condições que favoreçam a validade do fato em questão, a possibilidade de o rumor circular torna-se ainda mais fácil. Hart percebeu um importante detalhe: havia a particularidade de serem em sua maioria notícias de guerra.

Eram rumores que abordavam notícias sobre grupos sociais que já sofriam algum tipo de ameaça, operando na via da ansiedade a partir de notícias de guerra – invasões espãs ou vitórias em batalhas – e tocando em “complexos generalizados” relacionados à “estrutura psicológica essencial de todo ser humano” (HART, 1916).

Antes de ser considerado verdadeiro ou falso, “fato” é qualquer coisa que se constitui por atividade, remetendo ao seu sentido próprio em latim, *factum*: o ato de se fazer algo.

É pelo fato que presumimos uma interação com a realidade e com a temporalidade ou algum destaque que marcou o tempo e/ou o espaço e que pode agora ser narrado fora do evento ocorrido. Se acaso a notícia for bastante divulgada e repetir a temática necessária, mesmo que por notícias diferentes, auxilia ainda mais para que os fatos noticiados pareçam verdadeiros. Talvez a frase “uma mentira repetida diversas vezes torna-se verdade” nunca tenha tido tanta precisão como nos dias atuais no cenário das *fake news*.

No idioma inglês, *news* é o termo que designa *notícia* ou *novidade*. Ambiguidade que comparece nos estudos de Gomes (2019) e Dourado (2021), já que “só é notícia um ato verbal que comporte uma pretensão de ser verdadeiro” (DOURADO, 2021, p. 10-11). Para que tal efeito ocorra, a notícia tem que se utilizar de tom sensacionalista, fazendo-se parecer algo novo. Curiosamente, quando vemos as *fake news* em série, notamos sua repetição; parecem novas ameaças, vindas de um mesmo adversário odiado, mas é o que se evidencia a cada compartilhamento: a manutenção de um só afeto, o da paixão da ignorância.

“A pretensão de ser verdadeiro significa o compromisso com a realidade” (DOURADO, 2021, p. 77). Aqui, nada temos acerca do fato. Parece verdadeira a notícia que tocar nos afetos. A realidade se dá como consequência dela, independentemente da veracidade

dos fatos; parece verdadeira porque sustenta o lugar a que a massa almeja.

Além de criadas, as *fake news* devem ser compartilhadas para que atinjam o efeito desejado. Esse ato corrobora para uma realidade que nada tem a ver com os fatos empiricamente verificáveis, mas sim com seu valor. Retomando o termo em latim, o que faz o “fato”, no sentido de que algo foi mesmo *feito*, é o ato de compartilhar. Sem ele, não haveria esse efeito factual.

A crença oriunda do ódio coletivo promove o ato de compartilhar. São *fake news* que trazem representações do inimigo odiado. “Nesse sentido, *fake news* são construídas e distribuídas para se passarem por fatos credíveis” (DOURADO, 2021, p. 78). Eis o importante lugar da crença: “são compartilhadas entre perfis e páginas que creem ou querem levar a crer que o caso ali narrado é legítimo” (DOURADO, 2021, p. 78).

A pesquisa de Dourado (2021) se alinha à nossa ao evidenciar a forma como as *fake news* sustentam a notícia falsa somada à crença de que elas se aproveitam, crença já existente no *modus operandis* da massa que as compartilha.

É a pretensão de ser um relato factual o que encoraja a distribuição das *fake news*. Mesmo que não haja sinceridade por parte de quem cria uma *fake news* ou até da parte daqueles que a distribuem, isso não afeta em nada o pressuposto pragmático que acompanha cada uma delas: aquilo será tomado como verdadeiro ou deve ser tomado como verdadeiro, e a verdade deve ser transmitida a terceiros (DOURADO, 2021, p. 78).

O que movimenta uma massa a passar adiante é o que lhe foi tomado como verdadeiro, e não qualquer prova do fato trazido pela notícia. Novamente, é a crença o motor principal que faz com que o fenômeno das *fake news* cumpra seu ciclo, uma vez que não basta que uma notícia falsa seja criada, ela deve também ser compartilhada. “Só faz sentido o engajamento na cadeia de transmissão de *fake news* se houver a crença de que o destinatário final da mensagem a tomará como um relato fiel aos fatos” (DOURADO, 2021, p. 79).

Nos estudos de Wardle & Derakhshan (2017), a “intenção de enganar” é um elemento de difícil mensurabilidade. Mesmo sendo fator estruturante para a desinformação *online*, sua dificuldade de mensurar se dá por estar “associada à detecção de ação orquestrada e/ou à atitude subjetiva do indivíduo que produz e/ou compartilha” (DOURADO, 2021, p. 80). A força do efeito viral obtida pela via do engano se dá em decorrência de sua circulação “entusiástica” em mais de uma rede social.

Não temos como objetivo aqui explicar o fenômeno das *fake news*, mas sim apontar em seu funcionamento algumas características que dialogam com o que a psicanálise já desenvolveu. Por exemplo, o funcionamento que opera nos estudos de Silva, Albuquerque & Veloso (2019) mostra que o número de produção de notícias falsas é tão superior às possibilidades de checagem que a tarefa se torna impossível. Vemos nessa dinâmica algo que funciona pelo simples efeito de proliferar e alimentar o *feed*<sup>42</sup> das redes sociais e os grupos do WhatsApp, preenchendo as telas e os olhares dos usuários.

Cada usuário é bombardeado de forma maciça, numa relação de excesso com notícias repletas de recursos audiovisuais. Entramos no campo além da consciência pela via do pulsional, que se configura desde os primeiros anos da criança na relação com o Outro. É por estar no intermédio da cadeia significativa que o objeto pulsional da criança passa pelo simbólico, que se depara também com sua falta, já que ele não é dado prontamente na realidade, precisando ser um objeto sempre criado pelo significante e pelo Outro<sup>43</sup>. Assim, o alimento para a criança é sempre um “alimento significativo”.

Não seria nada absurdo concluir que, desde os primórdios da constituição de cada um, somos alimentados por aquilo que uma cultura produz: imagens, vídeos, notícias, enfim, tudo que caiba num *feed*. A terminologia utilizada no léxico tecnológico não deixa dúvidas: notícias podem servir não só para nos informar, mas também para nos “alimentar”.

Recursos multimídias em excesso e que escondem uma falta; vivendo num mundo permeado pela linguagem, é com o compartilhamento significativo que “amarramos” nossos objetos pela significação, viabilizando a cultura que na linguagem encontra uma espécie de equivalência para os objetos que circulam. “Algo como um ‘*valor-desejo*’ pelos objetos pode ser significantizado pelo equivalente-geral, em processo que guarda relação de homologia com aquele pelo qual o ‘Desejo da Mãe’ pode ser significantizado pelo ‘Nome-do-Pai’” (PACHECO FILHO, 2008, p. 78).

O significado último do qual o objeto tem seu valor leva as marcas do enigma do desejo materno, sendo o Nome-do-Pai o significante que poderá atribuir algum significado

---

<sup>42</sup> *Feed* é uma palavra inglesa que significa “alimentar” e pode referir-se a um fluxo de conteúdo a ser percorrido. O conteúdo é mostrado em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro. Por exemplo, um *feed* pode ser editorial (como uma lista de artigos ou notícias) ou conter informações de produtos (uma lista de produtos, serviços etc.). Nas redes sociais, o *feed* de um perfil é aquele espaço da página principal que oferece uma visão geral dos *posts* mais recentes. O *feed* do Instagram é uma das partes centrais da plataforma e aparece na tela inicial do aplicativo. O conteúdo de perfis e *hashtags* que você segue tem prioridade no *feed* do Instagram, mas a rede social também exibe anúncios e *posts* recomendados com base nas suas atividades (MÜLLER, 2012).

<sup>43</sup> Abordaremos a relação entre o sujeito e o significante no capítulo quatro.

fálico, permitindo-o circular (LACAN, 1957-1958/1998, p. 563), trazendo aqui, à guisa de introdução, o que trabalharemos também adiante acerca do pai simbólico.

O que o valor fálico de um objeto mascara é a sua condição faltante, isto é, o objeto adquire seu valor a partir de uma atribuição do significante e do que produz de efeito enquanto circulação. A linguagem possibilita certo compartilhamento, mas de forma parcial desses objetos, já que há sempre uma perda que o simbólico jamais recupera (PACHECO FILHO, 2008, p. 78).

Dinâmica que encontra sua engrenagem de ilusão infinita nos modos de produção do capitalismo, na oferta constante de objetos que parecem tentar saciar o que é insaciável pela condição estrutural: mais um, mais um, mais um... E assim milhares de usuários passam horas tocando suas telas na expectativa da próxima notícia. Se uma imagem fala mais que mil palavras, hoje estamos lidando com milhares de imagens. Será que uma imagem ainda diz algo? E o que dizer da incessante oferta de imagens?

Talvez possamos extrair algum tipo de “verdade” que medeia a relação dos usuários com o excesso de informações. Essa verdade se apresenta de forma silenciosa; não a encontramos mais nos fatos, mas no *ritmo* do que se imprime na relação de sujeitos e seus objetos. Também no “barulho” que as *fake news* promovem e em como estratégias políticas se aproveitam disso.

Um dos objetos mais icônicos que permeia as redes sociais é o *story*<sup>44</sup>. Pensado como narrativa de curta duração que não exija tanto tempo de atenção do usuário, o formato apresenta informações rápidas sem ocupar o *feed* e permite tantos outros *stories* em sequência. Ainda na lógica de aceleração e compressão, em 2021 o WhatsApp passou a permitir acelerar em até duas vezes os áudios recebidos, dois anos após o Instagram disponibilizar o recurso dos *reels*<sup>45</sup>.

Os *reels* possibilitam uma experiência de narrativa rápida e acesso instantâneo, preenchendo o *feed* não só com imagens e textos, mas com vídeos e animações. São recursos que demandam cada vez menos qualquer tipo de esforço de compreensão ou leitura dos usuários, tornando-os mais *softidiots* (QUINET, 2020).

---

<sup>44</sup> No idioma inglês aceitam-se dois termos para o que em português traduzimos como “história”. Enquanto *history* remete a eventos reais que aconteceram no passado, como por exemplo “história da civilização”, *story* pode ser utilizada para eventos que não exigem evidências, aceitando-a como ficção ou rumor.

<sup>45</sup> *Reels* são vídeos curtos, de até 180 segundos, que se pode criar e compartilhar no Instagram. Os *reels* podem ser gravados na vertical e editados no smartphone combinando áudio, imagens, textos e efeitos visuais.

Coincidentemente, *reel* é também o termo que no idioma inglês designa “carretel”, jogo que tanto interessou Freud (1920/1996) por participar da constituição do sujeito em relação ao objeto, a partir dos movimentos de presença e de ausência da mãe, e por como essa dinâmica constrói o *eu* para o sujeito. Caberia nos perguntar como esse “carretel” atua hoje, enchendo os usuários: que tempo para a ausência? Que sustentação dos intervalos?

Novamente, não se trata de tentar explicar as *fake news* a partir do constructo teórico psicanalítico, mas o inverso: a partir do fenômeno e daquilo que nele participa, reconhecer passagens da teoria de Freud e Lacan, entre outros autores comentadores. Este capítulo, com enfoque mais jornalístico, ensaia de forma introdutória alguns pontos que desenvolveremos nos capítulos a seguir, norteados pelo lugar do pai e de sua articulação nos três registros formulados por Lacan: indo do pai imaginário como salvador e idealizado da psicologia das massas para o pai real, cujo lugar de crime e transgressão, conforme apresenta-nos o mito de *Totem e tabu*, é deixado de fora. A passagem do imaginário para o real dá-se pela via do pai simbólico, o Nome-do-Pai brevemente introduzido aqui, chave para pensarmos o lugar da estrutura e do tratamento na psicanálise.

O simbólico é uma espécie de registro-chave para Lacan, que lhe permitiu “caminhar” do imaginário para o real e do real para o imaginário (JORGE, 2005, p. 100). É o registro pelo qual a psicanálise opera, é a dimensão inconsciente do sujeito enquanto “estruturado como linguagem” (LACAN, 1957/1998). Como uma cabeça de Jano<sup>46</sup>, o simbólico é o ponto de situar o sujeito *entre* dois – representado na cadeia significante por  $S_1$ - $S_2$  (LACAN, 1969-1970/1992). É no simbólico que o sujeito pode ocupar algum *lugar de intervalo* (JORGE, 2005, p. 100), lugar que se torna praticamente impossível diante das enxurradas de notícias permeadas de estímulos visuais. Que espaço é possível cavar aí nos modos predominantemente imaginários de criação e circulação de notícias falsas para o sujeito que habita o *intervalo* simbólico?

Ainda que não incipiente, o fenômeno das *fake news* é um campo de estudos em plena formação. Dourado (2021) nos lembra que, entre 2016 e 2020, o Google Scholar localizou mais de 46 mil publicações a partir do termo “*fake news*”.

---

<sup>46</sup> Deus romano das mudanças, representado diversas vezes pela imagem de uma cabeça composta em dupla face, cada uma olhando para um lado oposto. A figura de Jano é associada a portas (entrada e saída), bem como a transições. A sua face dupla também simboliza o passado e o futuro. Jano é o deus dos inícios, das decisões e escolhas. A analogia de Jano com o registro simbólico me foi apresentada por Jorge (2005, p. 101).

Em quatro anos, esse jovem campo de pesquisa se vê diante de cerca de 85 mil artigos científicos publicados e livros editados em áreas do conhecimento tão diversas como Ciências da Computação, Ciência Política, Comunicação, Economia, Direito, Filosofia, Linguística, Matemática, Jornalismo, Relações Internacionais, Psicologia, Sociologia, entre outras (DOURADO, 2021, p. 59).

Quantos trabalhos temos especificamente em psicologia? Desses, quantos em psicanálise? A cada semana, novos trabalhos são submetidos e vão compondo o amplo banco de dados do campo do social. Apostamos na contribuição desta pesquisa como mais uma via de leitura das *fake news*, partindo da *paixão da ignorância* como elemento fundamental que compõe todo o movimento de crença e compartilhamento das notícias.

Essa ignorância, conforme adentramos neste capítulo, tem como suporte aparelhos com recursos multimídia, cujas telas funcionam como sustentáculo da fantasia, tão fundamental na construção da crença e no início do tratamento de neuróticos.

Fora e dentro do mundo virtual, a fantasia dá sustentação à realidade de cada indivíduo “como proteção frente ao real – o que não pode ser representado, apreendido – que dá contorno à realidade psíquica” (FERREIRA, 2014, p. 17). Por realidade psíquica, entendemos um conceito caro à psicanálise desde Freud, que não era ingênuo ao ponto de acreditar que haveria uma realidade tangível e acessível a todos – uma única realidade empírica, com o inconsciente de cada sujeito participando dela. A realidade é sempre psíquica, é sempre uma construção que leva as marcas do inconsciente de cada um: “o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica” (FREUD, 1900/1996, p. 637).

Comumente, tomamos “fantasia” como uma pura imaginação de algum indivíduo. Diz-se que alguém está fantasiando quando inventa uma realidade não compartilhada. Mas, para a psicanálise, a fantasia é um conceito importante e não se reduz a uma imaginação, nem mesmo ao imaginário. É uma cena que também está apoiada de forma simbólica: “uma imagem que tem uma determinação significativa, ou seja, uma cena imaginária construída sobre uma frase que, como tal, tem a estrutura da linguagem” (QUINET, 2002, p. 170).

É com a descoberta do inconsciente por Freud, desde o momento em que ele “não acredita mais na sua neurótica”, que a fantasia se diferencia do que entendemos no vocabulário cotidiano. Junto com Lacan e a noção de inconsciente estruturado como linguagem, a fantasia inconsciente se difere de um “faz de conta” que o imaginário popular cria de forma singular ou coletiva e que tem consciência de sua invenção. A fantasia

inconsciente é estruturada como uma linguagem.

Seriam as *fake news* um modo de agir em ambos os registros, mantendo uma fantasia do pai salvador, uma fantasia do “mito”, enquanto os *feeds* de informações permanecem bem preenchidos, promovendo algum tipo de satisfação? Podemos nos perguntar o que se torna consciente e o que se torna inconsciente aos usuários durante esse processo. Algo da repetição é apreendido nessa experiência? Ou ela se mantém recalcada pela “paixão” que fala mais forte em cada momento de compartilhamento?

O olhar no processo digital vai muito além do estímulo sensorial. A dimensão escópica é um elemento fundamental para o funcionamento das redes sociais, fazendo a posição do “ver e ser visto carregar uma espécie de moeda de troca do ponto de vista do capitalismo, “que se utiliza desse gozo como moeda, seja para o exibicionismo, seja para a vigilância” (FERREIRA, 2014, p. 19). Na cultura cibernética, encontramos uma das representações da pulsão na dualidade exibicionismo/voyeurismo, fazendo do olhar vigilância – que ameaça os usuários de punição, já não precisando nem mais da figura encarnada do líder, podendo ser transmitida pela via da simulação de imagens, no “conforto” dos lares de cada um.

Temos aqui a relação escópica enquanto dimensão pulsional, que captura os sujeitos pelo olhar, predominantemente nos modos de fazer laço, sendo até mesmo possível concluir que, hoje, vivemos em uma “sociedade escópica” (QUINET, 2002). Com isso, não há como deixar de perceber uma importante primazia da pulsão escópica nos modos de relacionamento, tendo como consequência duas frentes: o uso da imagem nas relações permeadas pelas redes sociais e a crescente militarização do ciberespaço (FERREIRA, 2014, p. 128).

Tanto Dourado (2021) quanto Fisher (2023) demonstram que a engrenagem das *fake news*, ao unir redes sociais e recursos de monetização de visualizações via YouTube, acaba por reproduzir “articulações sociais que se dão no contexto do capitalismo tardio” (FISHER, 2023, p. 129). Na mesma plataforma, laço social e capitalismo se conjugam.

Pelo WhatsApp é possível, mais recentemente, até mesmo enviar e receber transferências bancárias. Fisher (2023) destaca a relação entre ausência de censura e as rentáveis visualizações. A lógica do acúmulo: de *views*, de inscritos, de seguidores, enfim, de “amigos”. Apesar de as plataformas monetizarem o acúmulo – seja com frações de centavos por *views*, seja por fecharem contratos de relevância financeira com donos de canais de YouTube a partir de um número mínimo de seguidores –, tal acúmulo também evidencia uma

falta: a realidade virtual se constrói com a participação de avatares.

Se por um lado vivemos a evidente ascensão tecnológica que inova em seus recursos de interatividade e possibilita novas formas do laço social, não podemos perder de vista seu modo de produção econômica, ainda operante em uma estrutura simbólica do capitalismo (PACHECO FILHO, 2010). Relações marcadas por fluidez e efemeridade, numa “tendência à adesão e popularização que parece sempre estar condenada ao ofuscamento pela chegada de novas propostas que se apresentam mais ‘incríveis’ e que, pouco a pouco, vão fazendo dissolver aquilo que se encontrava tão popular” (FERREIRA, 2014, p. 130).

Freud (1914/1996) falava de uma dimensão econômica, a partir dos investimentos libidinais. Uma parte do narcisismo, chamada *narcisismo primário*, não deixa jamais de atuar na constituição psíquica do sujeito, investindo a libido não somente no *eu*, mas em todos os objetos da fantasia para o sujeito. O reconhecimento do *eu* ocorre a partir de uma imagem que é investida também pelo olhar de algum outro, semelhante.

Aqui inicia o que opera no registro imaginário, dimensão do *eu-outro*, onde há uma lógica de “ou eu ou o outro” – muito similar ao que vimos de “nós *versus* eles” nos efeitos gerados pelas *fake news* e promovido pelo narcisismo das pequenas diferenças. A dimensão imaginária é permeada por tensão e agressividade. Antes do ensaio sobre o narcisismo, Freud (1905) já demonstrava que durante a vida sexual infantil, além das zonas erógenas que compõem o corpo – não só biológico, mas como imagem –, outras pessoas poderiam ocupar o lugar de objeto de prazer para a criança. Ali, em tenra idade, a participação do olhar no desenvolvimento da pulsão sexual, pelas vias do ver e exibir-se, poderia promover uma satisfação sexual independentemente das zonas erógenas (FREUD, 1905, p. 180).

O ver e o ser visto são independentes das zonas erógenas, porém temos exemplos de como o exibicionismo/voyeurismo participam do erotismo em idade adulta, o que nos faz concluir que são atividades eróticas e de obtenção de prazer. São os “atrativos” do objeto investido sexualmente, que se costuma chamar de beleza e promover o campo da estética (FREUD, 1905, p. 198). Chama-se *design de interface* o campo que promove estudos estéticos para influenciar o desejo de uso e de compra de aplicativos (CARNEIRO; SANTA ROSA, 2023), bem como o uso de recursos de cores promovendo influências sobre os usuários (RAMOS et al., 2024).

Um dos destinos possíveis para a pulsão é a reversão em seu oposto (FREUD, 1915). O par exibicionismo/voyeurismo da pulsão escópica é um exemplo: “a finalidade ativa de

‘olhar’ é substituída pela finalidade passiva de ‘ser olhado’” (FERREIRA, 2014, p. 135).

A relação da criança com seu cuidador é atravessada pela pulsão, numa dinâmica de narcisismo primário que, ao mesmo tempo que favorece a escolha de objeto, vai alienando o sujeito em sua relação estrutural com o Outro. A ordem da linguagem possibilita um tratamento desse imaginário pela via simbólica. O Outro não se esvai mesmo na ausência do outro que ameaça. Enquanto o imaginário separa o pequeno eu do pequeno outro, o campo do grande Outro é o da alteridade presente em todo sujeito.

Se nunca podíamos contabilizar o número de visualizações para monetização, o conhecido “espaço publicitário” nas TVs, rádios, jornais e outros meios já evidenciava a estrutura, na relação entre laço social e capitalismo. Vale lembrar que antes mesmo do surgimento das redes sociais e das *fake news* uma prática semelhante já era aplicada nas revistas. Propagandas pagas se disfarçavam de notícias, aproveitando-se de uma estética familiar ao leitor para vender um produto, podendo chamar a atenção fingindo que não é anúncio (VESTERGAARD; SCHRODER, 2000, p. 61).

Essas propagandas disfarçadas levavam em algum canto da página, de forma bem reduzida, a identificação “informe publicitário” ou “publicidade paga” (KNOLL, 2005, p. 8). O leitor acabava dando credibilidade ao produto anunciado por uma espécie de “valor agregado” ao já depositado naquela revista e na estética de notícia.

Seja na contemporaneidade das redes sociais, seja na era das TVs domésticas, as máquinas tecnológicas funcionam pela via do fascínio e encantamento dos objetos imaginários. Lacan (1964/2008) aborda os *mass media*, os meios de comunicação em massa, segundo aquilo que aparece de maneira tão “explosiva” em referência a dois objetos: “a voz, quase que planetarizada, senão estratosferizada por nossos aparelhos – e o olhar, cujo caráter invasor não é menos sugestivo, pois por tantos espetáculos, tantas fantasias, não é tanto nossa visão que é solicitada mas o olhar que é suscitado” (LACAN, 1964/2008, p. 265).

Ainda que o divã seja somente um instrumento e não condição de garantia para a direção de uma análise, representa bem o ato de se levar o sujeito a dizer de seu sintoma de outra posição. Ao retirar o analista do seu campo de visão pode também “abrir os olhos” para um mais-além do amor que permeia sua relação com o objeto amoroso.

Haveria aí uma “posição-limite” para além da busca de uma satisfação, também a dimensão desejante. É sua relação com o campo do sexual que, sendo um sujeito atravessado pela estrutura significante, contará com sua própria experiência, não sem seus momentos de

hiância, para significar qualquer coisa sobre o sexo, feito na intervenção do pai simbólico, “desse médium que é a metáfora paterna” (LACAN, 1964/2008, p. 265).

Assim, não é o avanço de forma isolada que “causa” efeitos de alienação, favorecendo certos tipos de comportamento por estarem associados a tecnologias mais antigas ou novas (FERREIRA, 2014, p. 131-132). Trata-se de sua articulação com a estrutura subjetiva, capturando o sujeito pela via do olhar e da dinâmica escópica, alimentando, junto ao incessante compartilhamento de *fake news*, uma tensão agressiva de um “eu *versus* outro” representada na forma massiva de um “nós *versus* eles” com efeitos segregadores.

Também notamos outro elemento importante na composição do fenômeno: o lugar ocupado por algum político em campanha e sua promessa de salvação, tal qual Donald Trump nas eleições dos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria, Matteo Salvini na Itália, Marine Le Pen na França e, finalmente, Jair Bolsonaro no Brasil. Para compreender isso, recorreremos aos estudos de psicologia das massas desenvolvido por Freud e dele extrairemos o importante lugar do líder e de suas ressonâncias sobre o lugar do pai idealizado.

### 3 CRENÇA NO PAI IDEAL: PSICOLOGIA DAS MASSAS E IDENTIFICAÇÃO IMAGINÁRIA

*Será preciso lembrarmos, para tornar inteligível a importância dessa questão, a figura do Führer e os fenômenos coletivos que deram a esse texto seu peso de vidência no cerne da civilização?*

Jaques Lacan (1960a/1998, p. 684)

No capítulo anterior abordamos as *fake news* para demonstrar como ocorre seu funcionamento, da criação ao compartilhamento, levando em conta dois elementos essenciais, além da *paixão da ignorância* de milhares de usuários: a invenção de uma suposta ameaça e a indicação de algum candidato político como salvação.

Seguiremos com os estudos de Freud e outros comentadores sobre o importante texto *Psicologia das massas* (1921), buscando o que o autor elaborou acerca do lugar do líder e seus efeitos na massa. Trata-se de um lugar privilegiado com o qual alguns políticos são representados pelas *fake news*, como se fossem um “mito” que se coloca a salvar a nação, por exemplo, Jair Bolsonaro no Brasil, Donald Trump nos Estados Unidos, Viktor Orbán na Hungria, Matteo Salvini na Itália, Marine Le Pen na França. O que abordamos no primeiro capítulo acerca dos afetos, aquilo que Lacan chamou de “as paixões do ser”, participa do fenômeno das massas pela via da identificação dos integrantes com algum traço do líder. A junção do afeto com o traço de identificação torna-se o elo entre cada indivíduo e com o líder, a partir dos investimentos libidinais (FREUD, 1921/1996).

Um elo que não se faz sem alguma crença cega e submissa, predominantemente imaginária. É naquele texto que Freud traz em detalhes a relação do fenômeno com o processo de constituição identificatória do *eu*. A massa se serve de uma característica do líder, um traço para poder se identificar enquanto unidade.

Nesta pesquisa, como já trabalhamos na Introdução, daremos destaque às *fake news* que operam noticiando uma espécie de “ameaça sexual”, sobretudo que atingirá as crianças em suas instituições educacionais, e Jair Bolsonaro como o político que combateria e protegeria seus “iguais”.

Vemos entre o líder e seus seguidores um tipo de relação com o lugar do pai imaginário, confundido com aquilo que a massa acredita ser seu ideal de pai salvador. É a

imagem de um político vindo ao público para endossar as *fake news*, falando “em nome de” uma ordem necessária.

O ditado “Deus acima de tudo, Brasil acima de todos”, tão repetido, sintetiza alguma significação dada ao traço que une a massa e qualifica como *estranho* tudo o que a ela não pertence (SCOLA, 2020; GOLDSTEIN, 2019; PAULA, 2021). Vemos o uso de variações desse lema em outras campanhas que também levam o dedo da Cambridge Analytica, como é o caso do “*Make America great again*” (Faça a América ser grande novamente) de Donald Trump, tornando-se inclusive um ícone imagético a partir de um boné. Durante a campanha de Trump, a venda desses bonés gerou uma renda de oitenta mil dólares por dia (SHOAIB, 2022), mais uma vez evidenciando a produção econômica operante em uma estrutura simbólica do capitalismo (PACHECO FILHO, 2010). Trump não somente conquista as eleições como faz dela um processo altamente lucrativo só com a venda de bonés.

Foi em 1919 que Freud teve sua primeira ideia sobre uma possível explicação para uma psicologia das massas (FREUD, 1921/1996, p. 79, nota editorial). Esse texto, publicado em 1921, foi desenvolvido a partir do que já havia sido trabalhado em *Totem e tabu* (1913), *Sobre o narcisismo* (1914) e *Luto e melancolia* (1917).

Com recorrência, Freud manifestava o interesse de levar sua descoberta do inconsciente para além da prática de consultório. Vemos ao longo das suas obras o lugar do social sendo desenvolvido e recebendo os conceitos que, em um primeiro momento, serviram ao médico para tratar sintomas dos pacientes neuróticos, enquanto ele criava sua própria teoria do inconsciente e prática psicanalítica.

Nesses conceitos, Freud encontrou também chaves para leituras do social. Em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), ele tenta explicar os efeitos que o fenômeno das massas exerceria sobre cada indivíduo, seguindo a investigação do que estava construindo como uma espécie de “estrutura da mente” já pronunciada em *Além do princípio do prazer* (1920) e concluída em *O eu e o isso* (1923).

Encontramos a estrutura psíquica proposta por Freud na relação do indivíduo com seu objeto de amor. Temos na relação amorosa o ponto de partida da pesquisa sobre a psicologia das massas, sendo essa relação a de um indivíduo ou um grupo deles – uma massa – com seu objeto. Não há distinção para a psicanálise entre o individual e o social, pois não há indivíduo sem um grupo e vice-versa. A psicologia individual é ao mesmo tempo psicologia social (FREUD, 1921/1996, p. 81).

Quando um político usa sua própria imagem, seu nome e sobrenome, serve-se de representante do líder, ocupando o lugar de Ideal de eu. “Eis por que cada indivíduo dirige seu amor a ele confundindo-o com a instância paterna internalizada, remanescente do narcisismo e do complexo de Édipo, é a instância psíquica do representante simbólico do amor parental que alimenta o narcisismo” (QUINET, 2020, p. 20). O Ideal do eu funciona como um lugar que pode ser ocupado também por algumas pessoas a partir da fantasia inconsciente, de onde o sujeito, a partir desse Ideal, vê a si mesmo como um ser amado pelo outro. “Ao situar o líder nesse lugar, o sujeito não só o ama como a um pai, como também espera seu amor. Às vezes, só o fato de amar o líder é suficiente para se sentir amado por ele devido à estrutura de reciprocidade intrínseca do amor (amar e ser amado)” (QUINET, 2020, p. 20).

A teoria de Édipo faz-se presente como nunca ao reconhecermos que o interesse pelo mito despertado em Freud é menos em relação à profecia que se realiza de um herói que acaba matando o próprio pai e dormindo com a mãe e mais o fato de que o faz sem saber. Freud reconhece nesse fazer sem saber o próprio inconsciente, como uma ação da qual o sujeito prefere não saber a respeito.

Vemos a imbricação entre os afetos, que movem o sujeito em sua ignorância sobre algumas ações, com o lugar do pai na teoria edípica. Freud retira do mito de Sófocles uma chave de leitura sobre o social que se presentifica na teoria sobre a psicologia das massas no plano das identificações.

Pensamos na identificação como o processo pelo qual o *eu* do sujeito se constitui, levando em consideração suas relações com outros indivíduos e grupos sociais. A relação entre a identificação do sujeito e sua própria constituição passa pelos conflitos psíquicos que ocorrerão com os outros indivíduos, indo além de um conflito entre as pulsões e as normas de uma cultura. O conflito produz efeitos na própria constituição de um a um, em cada sujeito, em diversas partes e ideais do eu (RUDGE, 2022, p. 11).

Freud reivindica na sua descoberta do inconsciente a possibilidade de construir uma teoria sobre o social nessa via que o sujeito constitui, ao mesmo tempo, seu próprio *eu* e seu laço social com outros indivíduos, sendo esse também o campo de sua prática, seja na escuta do um a um dentro do consultório ou como leitura dos fenômenos sociais.

As relações do sujeito com o outro e com seu próprio *eu* tornam-se tema principal de pesquisa psicanalítica, podendo ser consideradas como fenômenos sociais (FREUD, 1921/1996, p. 69). Apesar de não ser nosso enfoque aqui, sabemos da importante influência

de Lévi-Strauss para a construção do ensino de Lacan, valendo ressaltar que o sociólogo concordava integralmente com Freud nesse aspecto, considerando *Totem e tabu* um texto “revelador” que, não devendo nada a qualquer ciência social, “flutua” entre uma tradicional sociologia histórica e uma atitude mais moderna e cientificamente sólida (LÉVI-STRAUSS, 1949/2012, p. 537).

A própria relação de Lacan com o Édipo é ambígua, mas nunca deixada de lado, “às vezes desvalorizando o Édipo em Freud, às vezes tentando ultrapassá-lo, às vezes interrogando-o, mas sempre mantendo-o como referência essencial” (QUINET, 2015, p. 9). Nessa permanência do Édipo no ensino de Lacan, a tragédia passa de mito para estrutura<sup>47</sup>, elemento organizador. Com a noção de Outro em Lacan, escrito com inicial maiúscula, o pai de carne e osso também passa para outro lugar, o lugar de organização, que desempenha papel fundamental na primeira identificação. A grafia com letra maiúscula ressoa o trabalho de Freud na relação entre o *eu* e o social, entre o individual e o coletivo, já que o sujeito, ao se relacionar com qualquer outro – rival e semelhante –, também se relaciona com seu Outro, lugar de estrutura.

Seria esse o valor que Lacan reconheceu ao manter Édipo como referência? Seja para criticá-lo, seja para valorizá-lo, Édipo ainda transmite o próprio lugar do pai para psicanálise?

É na ambivalência desse pai que Freud interpreta a forma estranha de funcionamento do grupo que Le Bon (1895/1981) descreve, utilizando sua descoberta sobre o inconsciente para justificar que as pulsões até então recalcadas acabam vindo à tona e de forma indomada numa massa graças ao lugar do pai como instância simbólica.

Com os estudos de Dourado (2021), testemunhamos que as *fake news*, para serem efetivas, precisam dos grupos setorizados e hiperpartidários, o que seria inviável sem o avanço tecnológico que promove a propagação e permite a criação das redes sociais. Precisam também dos avatares como representantes digitais do *eu* e da posição que alguns políticos tomam ao se pronunciarem e representarem o Ideal do eu para uma massa. É o encontro de um novo campo de estudo, do aparato tecnológico influenciando um jeito de fazer política, mas mantendo em contato com noções fundamentais já formuladas por Freud há mais de cem anos.

Conforme a tecnologia avança, retrocedem os critérios de censura na veiculação do

---

<sup>47</sup> Abordaremos isso melhor no capítulo seguinte, sendo a passagem do pai imaginário – o líder, neste capítulo – para o pai enquanto função organizadora e simbólica – o que Lacan chamou de Nome-do-Pai.

que poderá ou não ser compartilhado, possibilitando com maior facilidade que, de tempos em tempos, um ou outro venha assumir esse lugar de pai salvador – conforme testemunhamos em eleições presidenciais de diversos lugares do mundo.

Partindo da *paixão pela ignorância*, articularemos à *Psicologia das massas* o funcionamento em redes sociais dos grupos segmentados e hiperpartidários e sua fundamental participação para sustentar e promover *fake news*. Neste primeiro momento, nos balizaremos pelo lugar do pai imaginário em Freud – que tem sua representação na figura do líder salvador ou do inimigo ameaçador. Seja por amor ou por ódio, produz-se o mesmo efeito para a massa: a sensação de pertencimento e a motivação pela via da lógica de um “nós *versus* eles”.

Lacan apresentou como *paixão da ignorância* um afeto nutrido pelo sujeito neurótico em sua relação com o pai, nada querendo saber da castração. Já explicamos que a manutenção do complexo de Édipo na teoria e sua universalidade tem a ver com a manifestação de um crime que Édipo recalçou e que fora cometido pelo próprio pai.

Vale lembrar que, quando dizemos aqui “o pai”, servimo-nos da tríade lacaniana do imaginário, simbólico e real: o pai como imagem é o pai de carne e osso, tanto o pai biológico como aquele que se propõe a ocupar seu lugar. Mas quando nos atemos a esse lugar e a sua relação com a constituição de cada sujeito, tratamos de “demarcar a diferença entre o poder social do pai e o valor simbólico de sua função” (MORAIS, 2011, p. 32).

Partiremos do lugar do líder para fundamentar a dimensão imaginária antes de avançarmos na questão estrutural, uma vez que “a teoria estruturalista permitiu que Lacan se distanciasse da teoria do declínio da imago paterna” (MORAIS, 2011, p. 31). Esse distanciamento nos ajuda a entender como a teoria psicanalítica ainda é válida para os dias atuais e em como o complexo de Édipo nos serve estruturalmente, não alterando sua validade em decorrência das mudanças históricas.

Conforme explica Pacheco Filho (2009, p. 153), “existe, em relação a esse assunto, em primeiro lugar, uma confusão conceitual entre as noções de ‘imago do pai’ e ‘função do pai’”. Ainda que constatemos a predominância das imagens no uso da tecnologia para difundir *fake news*, há uma estrutura que funciona para cada indivíduo numa espécie de “extimidade do sujeito”<sup>48</sup>. Também “como instância superegoica na extimidade do sujeito, ou seja, em sua

---

<sup>48</sup> O termo *extimidade* é uma invenção lacaniana para referir-se àquilo que há de mais íntimo, mas que também é exterior ao sujeito, causando uma sensação de estranheza. No último capítulo desta tese abordaremos a *extimidade* pela via do estranho (*Unheimlich*) e seus efeitos de segregação com um exemplo real sobre o caso da antropóloga Débora Diniz. Aqui, podemos entender que essa dimensão fica “encoberta” pelos efeitos

exterioridade íntima. [...] Isso se torna mais ainda evidente quando o líder vem se dirigir através de vídeo para o cidadão que está na sua cama acordando e ligando seu celular” (QUINET, 2020, p. 21).

É com os aparelhos tecnológicos ofertados pelo capitalismo que o líder chega aos olhos e ouvidos de cada cidadão. Mesmo levando em conta que não havia essa influência das redes sociais na escolha dos candidatos quando Freud desenvolveu sua teoria da psicologia das massas, acreditamos que o conhecimento iniciado com ele e, posteriormente, retomado e desenvolvido por Lacan permaneça pleno de sentido para compreender o sujeito na contemporaneidade, não constituindo apenas uma curiosidade histórica que só diz respeito às históricas pudicas do século XIX (PACHECO FILHO, 2009, p. 153).

Teremos no próximo capítulo a questão da estrutura, com a qual se pode fazer uma leitura do lugar do pai não somente como uma pessoa de carne e osso - que pode ser o pai biológico, o pai adotivo ou até mesmo aquele que encarna a figura do líder -, mas enquanto uma função que remete à estrutura inconsciente do sujeito. Essa estrutura diz de uma ambivalência presente em cada indivíduo, mas que em uma massa a “cegueira” promovida pela paixão acaba dividindo a ambivalência “para fora”, polarizando amor e ódio, bem e mal, em duas figuras: a do líder e a do *estranho*. Tudo o que Édipo não podia ver é que as duas eram uma única pessoa: Laio, seu pai.

Esse é nosso ponto central, valendo retomá-lo: como ainda o Édipo nos serve para a leitura de fenômenos sociais? E qual a sua relação com a psicologia das massas e as *fake news*? A chave encontra-se no que Lacan fundamentou como *paixão da ignorância*, em que o que se ignora, inconscientemente, é a condição de insuficiência do pai. É o que em alguns parágrafos anteriores diferenciamos entre o indivíduo de carne e osso e o lugar que ele ocupa.

O advento da tecnologia faz com que esse líder nem precise mais estar presente e ao vivo em rede nacional; ele tenta manter sua imagem de suficiência pela enxurrada de conteúdos disparados diariamente aos usuários. Os vídeos e notícias manipulados podem promover o mesmo efeito que Freud, em 1921, constatou no fenômeno das massas. A *fake news* se presentifica como tantos outros “objetos escópicos” que na era das redes sociais sustentam a satisfação oriunda do *ver e ser visto*; ela “se presentifica no um a um, não sendo mais necessário nem mesmo um pensamento, uma reflexão, um sistema de valores ou uma

---

promovidos pela paixão destinada ao líder e que faz do *estranho* não um elemento da estrutura, mas o inimigo que a massa projeta “para fora”.

filosofia para constituir o grupo” (QUINET, 2020, p. 21).

O líder para a massa é visto como poderoso e onipotente, servindo a cada um dos indivíduos como um ideal. Se cada indivíduo entrar em contato com a dimensão faltante desse líder, com sua castração, teria que também entrar com a própria dimensão desejante. É dessa dimensão que o sujeito não quer nada saber, a que tem horror. Por isso a “verdade” de uma notícia é colocada em xeque: mais valeria compartilhar uma notícia falsa e sustentar o lugar de pai suficiente a ter que checá-la e lidar com sua insuficiência? Se concluirmos que o líder ocupa um lugar de ideal para o eu e que esse ideal também o constitui, ter que se deparar com um líder insuficiente – com um pai insuficiente, com um político insuficiente, enfim, com um Outro insuficiente – seria lidar com a própria insuficiência estrutural.

Se Freud aposta na leitura do fenômeno de massas é por perceber que as ordens seguidas por cada pessoa revelariam que o lugar ocupado pelo líder encontra-se na própria estrutura psíquica. “A tragédia de Sófocles é a tragédia do desvendamento da verdade do sujeito, o que fez Freud compará-la ao processo analítico. Pouco a pouco o sujeito descobre seus desejos criminosos: ele também é um Édipo” (QUINET, 2015, p. 88).

Encontramos sob o termo da neurose tanto o nome de uma estrutura clínica como a própria constituição da cultura, em sua função de defesa. A neurose é uma defesa contra esse saber inconsciente, saber de que o sujeito nada quer saber. A *paixão da ignorância* manteria o neurótico protegido pela ilusão de que existe um pai – um líder – que possa protegê-lo de uma ameaça externa.

Um detalhe importante no fenômeno das *fake news* também se articula com o ensaio de Freud: a relação entre a velocidade dos compartilhamentos e a indisposição que uma massa sofreria na ausência do seu líder. Retomemos o fato de que Jair Bolsonaro emitia em média 3,7 mentiras diárias. O trabalho necessário para que os dispositivos de *fact-checking* acompanhem esse ritmo é impossível, por isso “há preocupação de identificar mais rapidamente conteúdos suspeitos para dirimir os custos sociais e políticos da disseminação de informações nocivas e explicitamente falsas” (DOURADO, 2021, p. 60).

Se o bombardeio de notícias falsas ocupa os sites de verificação, não poderíamos aí ver seus efeitos de massa? Isto é, “as implicações que esses processos de equívocos informativos massivos e campanhas de desinformação *online* podem gerar na opinião pública, em resultados eleitorais e na estabilidade das democracias” (DOURADO, 2021, p. 60)?

E o que caracteriza uma massa não é o fato de os indivíduos se unirem por uma única

e mesma opinião? Além de tentarem eliminar e deixar de fora tudo e todos que possam ir contra essa univocidade?

Esses detalhes acerca da relação entre as notícias falsas e a psicologia das massas, bem como a paixão da ignorância sustentada por uma opinião que não aceita contrariedades, participam da própria evolução dos estudos sobre o termo “*fake news*”, uma vez que, por sua recém-elaboração, seu objeto específico ainda encontra-se em dificuldade<sup>49</sup> de definição.

Por terem formatos tão diversificados e abordar temas inesperados, por sua característica efusiva e indiscriminadamente compartilhada, torna-se ainda mais difícil definir um modelo preciso de monitoramento e metodologia. Pesquisar *fake news* é lidar com seu caráter imprevisível, efêmero e dinâmico.

Estamos diante de um fenômeno que conjuga os campos não somente social e político, mas também o tecnológico. Somado à tecnologia em termos de aparelhos como celulares, computadores e tablets, fundamentais para a circulação das notícias falsas, entraremos com o campo psicanalítico para tentar compreender melhor os efeitos dessa tecnologia na constituição e funcionamento psíquico de cada usuário.

Interessado nos fenômenos sociais e não limitando sua prática ao manejo do um a um, Freud se questionava sobre a relação entre o inconsciente e o estado de enamoramento na relação do sujeito com o grupo do qual se sente pertencente.

O apaixonado é humilde, porque investe a maior parte de sua libido no objeto, conseqüentemente, a autoestima e o amor próprio acham-se rebaixados. O objeto amado é sempre passível de idealização, assim como a pulsão é passível de sublimação. O objeto ideal, como o nome o indica, não pode corresponder inteiramente a nenhum ser encarnado e a pulsão sublimada não visa à satisfação genital (POLLO; BARBOSA, 2016, p. 439).

A configuração de grupos hiperpartidários (essas bolhas ideológicas) somada à produção e compartilhamento constante de notícias como um possível lugar de partida para a pesquisa psicanalítica: não haveria aí algo que as redes sociais, mais as intervenções da Cambridge Analytica, produziram de maneira similar ao que ocorre numa massa?

Sigamos nos estudos propostos por Dourado (2021) e vejamos se as características

---

<sup>49</sup> “Um dos gargalos encarados por boa parte dos estudos, especialmente aqueles de abordagem eminentemente empírica ou que se dedicam a experimentos tecnológicos, é a dificuldade de se definir o próprio objeto” (DOURADO, 2021, p. 60).

definidoras das *fake news* nos ajudam a cruzar melhor o campo do fenômeno com a articulação estrutural da psicanálise, partindo dos efeitos de identificação. “Como membro de uma raça, de uma nação, de uma casta, de uma profissão, de uma instituição, ou como parte componente de uma multidão de pessoas que se organizam em grupo, numa ocasião determinada, para um indivíduo definido” (FREUD, 1921/1996, p. 82).

Na época em que Freud desenvolvia sua teoria, acreditava que a psicologia das massas era uma ciência ainda “em sua infância”. Entendemos que o autor não só estava se referindo ao avanço que a psicanálise poderia dar como também às mudanças que veríamos ocorrer no próprio funcionamento das massas – e, por que não, no uso de recursos tecnológicos? O advento tecnológico, é fato, influenciou e alterou a forma como enviamos uma informação de um lugar a outro, alcançando um maior número de pessoas.

Tal articulação entre psicanálise e *fake news* contribui para seguirmos pensando na influência desse fenômeno que nos convoca, psicanalistas ou não, ao debate ético.

Embora haja maior demanda por relato objetivo de fatos, adesão do jornalismo à precisão informativa, uso de dados públicos e discussão sobre ética na imprensa desde então, isso não quer dizer que farsas, engodos e pseudoinformações que simulam o relato noticioso para fins de diversão, de lucro e de propaganda não acompanhem os novos suportes materiais e as tecnologias possíveis (DOURADO, 2021, p. 19).

O poder de criação e disseminação, que na época das rádios e televisões ficava nas mãos dos donos das mídias, hoje se deslocou para os próprios usuários. Seja verdade ou mentira, o conteúdo entra na casa de uma pessoa vindo de outras pela esfera da visibilidade pública. “De maneira geral, o grande imbróglio do fenômeno das *fake news* não é o uso de falsificações para fins políticos, algo difícil de ser extinguido dos processos comunicacionais, mas a rápida velocidade com que inverdades passam a disputar atenção pública *online*” (GOMES, 2019, p. 32).

As contas de redes sociais pessoais - e não somente aquelas que representam grandes instituições ou meios jornalísticos – têm grande responsabilidade, junto dos algoritmos, pela alimentação das informações que circulam nas redes.

Apesar de na época de Freud ainda não existir o termo *influencer*<sup>50</sup>, o psicanalista já

---

<sup>50</sup> *Influencer* é a pessoa que detém o poder de influência em um determinado grupo. Esses profissionais das redes sociais impactam centenas e até milhares de seguidores todos os dias com o seu estilo de vida, opiniões e hábitos

considerava a influência como um quesito fundamental. Foi o que o motivou a buscar os estudos de Le Bon, que via nas massas a importância de uma nova abordagem, não somente econômica ou jurídica, mas também psíquica. Lacan não testemunhou o fenômeno e a proliferação de compartilhamentos dentro de uma rede social, não se familiarizou com o termo *seguidores*, tão fundamental para o funcionamento das redes sociais e suas relações entre avatares, porém considerava que só era possível haver uma realidade onde houvesse seguidores (LACAN, 1953-1954/2009, p. 359).

Uma das características psíquicas de uma massa é que a tomada de decisões ocorre com forte influência de cada membro, que segue a atitude de outro, o que talvez não ocorreria se este estivesse isolado. Freud se interessou por isso e encaminhou o trabalho por duas vias: por um lado, tentou “extrair” do fenômeno os elementos para compor sua construção sobre o inconsciente e, por outro lado, percebeu que com sua teoria poderia contribuir com a leitura do fenômeno das massas. Vemos nesse trabalho de mão dupla outro modo de abordar a psicanálise como uma leitura que considera o individual e o social inseparáveis. A influência de uma massa poderia promover alterações à estrutura psíquica de um sujeito?

É na questão deixada em aberto por Le Bon que Freud propõe uma hipótese: “se os indivíduos do grupo se combinam numa unidade, deve haver certamente algo para uni-los, e esse elo poderia ser precisamente a coisa que é característica de um grupo” (FREUD 1921/1996, p. 84).

Quando uma massa adquire esse sentimento de unidade, Freud destaca três fatores, a partir dos estudos de Le Bon: cada indivíduo é tomado por um sentimento de poder que não o influenciaria se estivesse sozinho; em uma espécie de contágio hipnotizante, cada indivíduo está disposto até mesmo a sacrificar interesses pessoais em prol do coletivo; e uma alta sugestibilidade, acarretando em perda da vontade e do discernimento, funcionando em cada um de forma quase “hipnotizada” ao comando do líder.

Essa sugestibilidade é a influência da massa sobre o indivíduo, e podemos constatar nos *influencers* tal poder de construção e manutenção de ideais. Para Freud, essa ligação lembra um estado hipnótico. A hipnose é uma espécie de estado de enamoramento que cada indivíduo sente quando pertence a uma massa e

talvez possamos interpretar melhor seu enunciado se vincularmos o contágio

---

(VIEIRA, 2020).

aos efeitos dos membros do grupo, tomados individualmente, uns sobre os outros, enquanto apontamos outra fonte para essas manifestações de sugestões no grupo, as quais ele considera semelhantes aos fenômenos da influência hipnótica. Mas que fonte? (FREUD, 1921/1996, p. 87).

É sobre a influência exercida pelo líder que Freud viu o proveito dos conceitos que havia desenvolvido, sobretudo acerca de sua posição diante de um desamparo (*Hilflosigkeit*). Entendemos esse desamparo como uma noção na obra de Freud que vai de 1895 até 1927, denotando uma condição de desproteção irremediável para o sujeito. Inicialmente, trata-se de uma condição da própria prematuração orgânica, até que o termo sofre deslocamentos teóricos, permitindo uma apropriação menos biologizante e mais subjetiva, como base onde o *eu* significará suas experiências iniciais.

Retomaremos essa dimensão no capítulo seguinte, levando em conta o elemento sexual presente em tantas notícias falsas. A condição do sexual, do ponto de vista da psicanálise, não se delimita por uma questão biológica nem anatômica. O sexual passa pela constituição de cada sujeito, este devendo se “sexuar” na relação que estabelece com o Outro. É sobre essa condição pulsional que o sujeito terá que obter suas próprias significações acerca do sexual.

Em um primeiro momento, em seu *Projeto para uma psicologia científica* (1895), esse desamparo inaugura uma experiência de comunicação entre o bebê e o adulto, como um “indivíduo experiente” que proverá o objeto de sua satisfação. Ao mesmo tempo, essa estabilização de comunicação primeira (*Verständigung*), além de satisfazer o bebê, torna-se uma “fonte primordial” de todos os motivos morais (FREUD, 1950/2007, p. 363). Esse ponto serve de base para pensarmos o fator pulsional presente no fenômeno das *fake news*: o incessante compartilhar das notícias reproduziria uma experiência de satisfação pela via da repetição, ao mesmo tempo em que recriaria a experiência inicial de amparo, buscando aplacar essa condição.

O estado de desamparo originário é deslocado para alguma ameaça externa, sendo no Brasil, por exemplo, a notícia falsa que veiculava uma “doutrinação gayzista”, contando com mentiras que iam desde a introdução da artista Pabblo Vittar em eventos políticos fictícios até a distribuição de mamadeiras no formato de pênis em escolas. Toda essa ameaça inventada

fortalece a demanda por um líder capaz de proteger seus “filhos”<sup>51</sup>.

Aqueles que estão fora do grupo e que não compartilham qualquer traço de identificação são considerados estranhos ou estrangeiros. Enquanto o grupo se identifica como “irmãos”, filho desse único pai-líder, aqueles outros “podem inspirar temor, reverência, hostilidade ou curiosidade. Em todos os casos, contudo, recebem a marca da diferença: a palavra que se lhes atribui é o *eles*, diferentemente do *nós* que atribuímos àqueles com quem nos identificamos” (PACHECO FILHO, 2002, p. 258-259).

Entendendo o processo de formação das massas, poderíamos entender o que estaria impedindo cada um a sair da lógica do rebanho. “Somos seres de rebanho, não resta a menor dúvida. Mas, se fôssemos sempre e apenas isso, talvez ainda habitássemos as cavernas” (POLLO, 2022, p. 5).

Para quem duvida de que a máxima hobbesiana “o homem é o lobo do homem” segue vigente, Pollo (2022) nos lembra que, em agosto de 2021, o grupo islâmico Talibã matou mais de setenta pessoas em Cabul, no Afeganistão, assim que retomou o poder depois de vinte anos. “Estupefatos, assistimos na televisão a cenas dantescas em que corpos despencavam do lado de fora de um avião superlotado que levantara voo” (POLLO, 2022, p. 5).

Lembrar-nos de que somos nosso próprio lobo – ou então “seres de rebanho” – não significa que somos uma espécie acolhedora por natureza, inclinados à paz mundial. Ser o homem o próprio lobo do homem toca na dimensão estruturante do ser falante, apontando “para o fato de que não há o interno sem o externo, o dentro sem o fora, o único sem o múltiplo assim por diante. Relembrem que a hipótese de se chegar a Um só corpo quando se tem dois é a grande ilusão do ser falante, para sempre inalcançável” (POLLO, 2022, p. 5).

Quando se cria uma ameaça, ao mesmo tempo em que ela se apresenta aos olhos de cada membro da massa como algo externo cria-se também essa ideia de exterioridade, fortalecendo ainda mais a massa como ilusão de unidade. A massa é regida pelo líder e nela cada indivíduo trocava sua singularidade por uma demanda de amor, um amor que leva à demanda por fazer, de vários, uma única coisa. A subserviência de cada um sustenta um tipo de vínculo muito parecido ao estar enamorado, mesmo quando fora de uma massa. É preciso que haja um representante que faça unidade ao grupo positiva ou negativamente.

---

<sup>51</sup> Dupla possibilidade de leitura: um ideal de pai-político que protegeria tanto os filhos de uma nação - as crianças - quanto também seus escolhidos, fazendo de todo cidadão escolhido um filho pertencente à irmandade.

Um agrupamento pode se dar em torno de um líder que é admirado, seja enquanto pessoa ou enquanto ideia, mas pode se dar também em torno de um inimigo comum, nomeado por Freud de “líder negativo”. À guisa de mais uma observação extremamente sutil, o texto freudiano ressalta que a perda do líder traz irrupção de pânico, porém, em se tratando de um líder religioso, o afeto que se instaura não é o medo, e sim o ódio (POLLO, 2022, p. 6).

Pelo ódio, a massa autoriza-se aos impulsos mais violentos, dirigidos ao outro ou a si própria. “É o que temos presenciado dia a dia em nossa sociedade cada vez mais dominada por líderes religiosos, sobretudo evangélicos” (POLLO, 2022, p. 6).

A relação da psicologia das massas com o pai dá-se pela condição de desamparo. Os indivíduos de uma massa fazem seu apelo:

conjugando-se aos impulsos primariamente hostis do falante, a angústia do desamparo é outro determinante desse apelo ao pai, que Freud (1895) denominou de “motivo moral”, enquanto Lacan (1963) reconheceu como a necessidade de uma origem biológica e, mais adiante, como a necessidade de produzir sentido, o qual é sempre imaginário (POLLO, 2022, p. 6).

O principal operador das formações das massas é a identificação. A figura do líder é introduzida no aparelho psíquico pela via de um traço, cumprindo a função do que na teoria de Freud encontrávamos como Ideal do eu: “o Ideal do eu é outro nome do líder” (POLLO, 2022, p. 6). A teoria do significante em Lacan corresponde ao que em Freud e na psicologia das massas encontramos como traço. “Quando vários sujeitos identificam-se com esse objeto-traço, temos algo equivalente à subjetividade de determinada época” (POLLO, 2022, p. 6).

Sendo a dimensão significante aquilo que representa o sujeito para um outro significante, os laços sociais não operam sem ela. É no laço que o traço/significante opera, gerando identificações *egoais*<sup>52</sup>:

veja-se o bigodinho do Hitler ou o dedinho em forma de arma de Jair Bolsonaro. A identificação vertical com o líder gera identificações horizontais, promovendo assim, secundariamente, o grupo dos egoais. Egoais em seus valores, sua ética, sua conduta e, até mesmo, sua aparência (POLLO, 2022, p. 6).

---

<sup>52</sup> Neologismo que consta no próprio texto de Pollo (2022) e que condensa “egos” e “iguais”.

A entrada de Jair Bolsonaro no poder dá-se já em 2016 por um “golpe parlamentar-jurídico-midiático” (SEGATO, 2021). Segato (2021) confirma o aumento das estatísticas de feminicídio entre 2019-2021, sendo a opressão de gênero “o pilar fundamental de todas as opressões”, e assistimos logo após o golpe manifestações de discursos homofóbicos, racistas, misóginos e preconceituosos. O ódio sustenta todos eles, visando à segregação pela via da aniquilação da diferença.

A direção de uma análise é contrária à lógica das massas. No funcionamento das massas, apaga-se o lugar de sujeitos e o que predomina são classes:

Sendo determinada pela incidência do significante no real, ela [a massa] é minimamente binária, como os significantes, separando não apenas ricos e pobres, mas também homens e mulheres, brancos e negros e assim por diante. É completamente diferente da lógica do Um da singularidade preconizada por Lacan como passível de ser alcançada em um fim de análise (POLLO, 2022, p. 7-8).

A lógica da singularidade não deixa “de fora” a diferença, mas a inclui como fator estrutural. Diferentemente de uma lógica das massas, chamamos a lógica analítica de “lógica do real”, que “implica a diferença entre o significante e o significado, entre o que se ouve e o que se lê” (POLLO, 2022, p. 8). São apontamentos que podemos evidenciar, e que trabalharemos no próximo capítulo ao darmos enfoque ao pai como função estrutural, diferenciando-o do pai de carne e osso e de qualquer um que se identifique na posição de líder.

Acreditando que são “amadas” pelo líder, as massas têm seu número sempre indeterminado e passível de crescimento. Reduzidas ao “objeto-insígnia”, podem sempre adicionar novos membros, dispostos a trocarem sua singularidade por uma suposta proteção. Essa lógica promove a segregação pelo laço fraternal, “os sujeitos se acreditam irmãos, pertencem à mesma fratria, ao mesmo clã. [...] É por isso que afirmamos com Lacan, não sem Freud, é claro, que a fraternidade é a base, o ponto de partida do narcisismo da pequena diferença e de todos os racismos, sexismos e demais ‘ismos”” (POLLO, 2022, p. 8). Aqui, o bolsonarismo serve de exemplo como o lugar que o pai pode ocupar como Ideal do eu, colocando um véu sobre o pai como função de estrutura. Pai que não deveria ser confundido com o de carne e osso, o pai biológico ou qualquer ser humano que pretenda ocupar tal lugar.

Os efeitos da fraternidade no âmbito político podem ser devastadores:

a polarização política, desse modo, orienta hábitos de consumo informativo e confere força a canais hiperpartidários em função da indisposição em relação ao outro (na lógica nós *versus* eles) e, no limite, da agressividade direcionada aos que são externos em termos ideológicos, partidários e morais (DOURADO, 2021, p. 32).

O inimigo seria então aquele que se encontra do lado de fora da massa. Projetado, mantém-se como ameaça, mas também como elemento que dá consistência ao grupo.

O ideal que une os indivíduos em massa deve ser encontrado em um líder. “Deve ser fascinado por uma intensa fé (numa ideia), a fim de despertar a fé do grupo; tem de possuir vontade forte e imponente, que o grupo, que não tem vontade própria, possa dele aceitar” (FREUD, 1921/1996, p. 91). A forma fanática com que o líder crê no lugar que ocupa configura a crença fanática operante na massa.

Le Bon denomina “prestígio” o poder atribuído ao líder e ao seu ideal que, tal qual a hipnose, “paralisa inteiramente nessas faculdades críticas e enche-nos de admiração e respeito. Parece que desperta um sentimento como o da ‘fascinação’ na hipnose” (LE BON *apud* FREUD, 1921/1996, p. 92).

Mas Freud ainda se vê insatisfeito com as explicações acerca desse prestígio por parte do líder, bem como da sua função: “Le Bon não dá a impressão de haver conseguido colocar a função do líder e a importância do prestígio completamente em harmonia com seu retrato brilhantemente executado da mente grupal” (FREUD, 1921/1996, p. 92). É como se Freud reconhecesse o valor de Le Bon na ideia de “mente grupal”, mas não encontrasse nela as origens do líder, fonte das massas, e a precisão de sua função.

Do ponto de vista psicanalítico, vejamos como o uso das *fake news* tenta circunscrever a escolha para a presidência na promessa de um líder que faça valer a função do pai salvador. A via distorcida e equivocada dos fatos opera para que os indivíduos façam seus laços. A noção de espetáculo político-midiático já anunciava que, para isso, bastaria as notícias causarem mobilizações e tocarem em temas que despertam “paixões”.

O uso de mídias sociais na *internet* corrobora para sustentar os fatos equivocados, pela via da fragmentação dos grupos. “Esses temas são fios condutores do interesse e envolvimento políticos para um público fragmentado *online*, mas numeroso socialmente” (DOURADO, 2021, p. 37).

A política se faz antes com os afetos. As *fake news* funcionam no cenário da polarização, dos afetos, independentemente da veracidade factual. A forma com que o fato chega enquanto notícia cria a roupagem necessária para o convencimento. Mesmo sendo mentira, parece fato, inventando deliberadamente as evidências necessárias. Já em seus títulos, as *fake news* avisam sua intencionalidade ao usuário, e logo de partida movimentam as paixões de quem as recebe.

A facticidade é fabricada tendo por estrutura diferentes níveis da linguagem noticiosa, que pode até aparecer de maneira bastante rudimentar e amadora, mas que não deixa de ser significativo para situar que ali não se trata de um relato opinativo, literário ou humorístico (DOURADO, 2021, p. 37-38).

O ato de compartilhar *fake news* produz como efeito as chamadas “bolhas” virtuais; grupos hipersectários em que nenhuma diferença é bem-vinda. Lógica próxima da dos chamados *grupos artificiais* (FREUD, 1921/1996, p. 106), por considerarem a importância de uma força externa, atuante para que a estrutura grupal não falhe e cause desagregação. O grupo artificial depende da influência gerada por essa ilusão, que o mantém unido em si e a um líder.

Encontramos na Igreja e no Exército exemplos desses grupos que funcionam pela via de um amor, tal qual o amor cristão, que representa a união e semelhança de todos perante os olhos de um líder unificador. “Prevalece a mesma ilusão de que há um cabeça – na Igreja Católica, Cristo; num exército, o comandante-chefe – que ama todos os indivíduos do grupo com um amor igual” (FREUD, 1921/1996, p. 105-106).

Freud recorre ao amor como Cristo o pronunciou – “Quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” – para sustentar a hipótese de Eros no envolvimento do líder com seu grupo:

ele [Cristo] coloca-se para cada membro do grupo de crentes, na relação com um bondoso irmão mais velho; é seu pai substituto. Todas as exigências feitas ao indivíduo derivam desse amor de Cristo. Um traço democrático pela Igreja, pela própria razão de que, perante Cristo, todos são iguais e todos possuem parte igual de seu amor. Não é sem profunda razão que se invoca a semelhança entre a comunidade cristã e uma família, e que os crentes chamam-se a si mesmos de irmãos em Cristo, isto é, irmãos através do amor que Cristo tem por eles. Não há dúvida de que o laço que une cada indivíduo a Cristo é também a causa do laço que os une uns aos outros. A

mesma coisa se aplica a um exército (FREUD, 1921/1996, p. 106).

Ressaltando a ausência acerca da importância do líder nos outros estudos, Freud considera que ter partido dessa influência dele sobre um grupo o coloca em posição favorável: “nos achamos no caminho certo para uma explicação de principal fenômeno da psicologia de grupo: a falta de liberdade do indivíduo num grupo” (FREUD, 1921/1996, p. 107).

Se cada membro do grupo está influenciado pelo poder de Eros, por essa quantidade libidinal presente na via da relação com o líder e com os outros membros, poderíamos partir dessa circunstância para constatar a alteração e limitação presentes na personalidade de cada indivíduo.

O laço emocional é o que domina o grupo formado pela Igreja e pelo Exército. O laço com o líder parece ser um fator mais fundamental para que os grupos artificiais se reúnam do que o laço entre os membros.

E quando não há presença de um líder, mas ainda assim encontramos um grupo? Nesse caso, Freud conserva a ideia de que alguma abstração possa representar o líder, tal como a imagem de Cristo:

teremos de considerar se os grupos com líderes talvez não sejam os mais primitivos e completos, se nos outros uma ideia, uma abstração, não pode tomar o lugar do líder (estado de coisas para o qual os grupos religiosos, com seu chefe invisível, constituem etapa transitória), e se uma tendência comum, um desejo, em que certo número de pessoas tenham uma parte, não poderá, da mesma maneira, servir de sucedâneo (FREUD, 1921/1996, p. 111).

Com a ideia de uma abstração do líder, Freud fundamenta o terreno para retomar seu conceito de libido, “força invisível” que estrutura uma massa: “nossa atenção será atraída em primeiro lugar por uma consideração que promete levar-nos da maneira mais direta a uma prova de que os laços libidinais são o que caracteriza um grupo” (FREUD, 1921/1996, p. 111).

Ainda que nossa pesquisa foque nas *fake news* disseminadas no Brasil e em seu uso para eleger Jair Bolsonaro, vale em alguns momentos trazer exemplos do que ocorreu nos Estados Unidos, lembrando que a campanha que elegeu o ex-presidente em 2018 contava com o esquema já citado da Cambridge Analytica, similar ao que colocou Trump no poder.

O esquema foi usado somente para o benefício de partidos de ultradireita. Não à toa, eles são orientados pelo ideal de um Estado ultranacionalista e extremista. Torna-se inclusive didático fazer analogias entre o lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e o estadunidense “*Make America great again*”. Em ambos vemos a referência ao ideal de Estado como nação, reproduzindo o caráter de “paixão fraterna” e tendo exemplos do que seria uma ideia que funciona como líder.

Nas semanas após a vitória de Trump, o sentimento de urgência se espalhou pelas instituições da vida norte-americana. Agências do governo se prepararam para a guerra do futuro presidente contra um “*deep state*”, ou “Estado profundo”, criado pela sua imaginação. Grupos de direitos humanos se mobilizaram contra políticas que miravam minorias e imigrantes (FISHER, 2023, p. 185).

“No Twitter, assim como em todo lugar, Trump era a pura indignação – contra as minorias, contra as instituições – como motivadora para mobilizar apoiadores” (FISHER, 2023, p. 186). Vemos aqui o uso que faz do que denominou “minorias” para manter a influência necessária aos compartilhamentos de seus *posts* em redes sociais.

Não se tratava de uma política pautada por uma agenda esclarecida ou por diretrizes de ações declaradas. Mais parecia uma forma de dominação baseada numa lógica de extrema segregação. “Seria possível que as mídias sociais, mais do que simplesmente amplificar Trump, tivessem deixado os norte-americanos mais próximos do raciocínio nós-contra-eles, vamos-acabar-com-tudo?” (FISHER, 2023, p. 186).

Sobre o alcance das notícias nas redes, pleiteia-se a questão: “que tipo de mensagem chegava mais longe? Mensagens alegres? Mensagens tristes? Mensagens conservadoras ou progressistas? Os resultados foram um ruído” (FISHER, 2023, p. 186). Pois não se tratava tanto do conteúdo, mas de como essas mensagens tocavam nas emoções de seus usuários: “independentemente do tópico, independentemente da facção política, o que os psicólogos tratam com o ‘termo moral-emotivo’ impulsionava várias vezes o alcance de qualquer tuíte” (FISHER, 2023, p. 186). São conteúdos que transmitem sentimentos: “mais do que meras palavras, são expressões de (e convocações ao) julgamento da comunidade, seja ele positivo ou negativo” (FISHER, 2023, p. 186). Quanto mais se usava termos moral-emotivos, mais alcance se obtinha, chegando até 20% mais longe. Eis a forma de fazer política via redes.

Era a prova de que as mídias sociais impulsionavam não apenas Trump, que usava mais termos moral-emotivos do que outros candidatos, mas todo o seu jeito de fazer política. Os tuítes de Hillary Clinton, que enfatizavam superar as indignações em vez de atiçá-las, tinham performance baixa” (FISHER, 2023, p. 187).

Vemos que, mesmo passados mais de cem anos do ensaio de Freud, com a ajuda de outros comentadores psicanalistas e não psicanalistas, a psicologia das massas segue sendo um jeito de fazer política. Uma política que segue servindo-se das emoções na construção de um ideal de salvador que remete à figura de um pai mitológico. Trata-se de um uso da condição originária de todo indivíduo, o desamparo, pela via da liderança em decorrência do medo.

O desamparo (*Hilflosigkeit*), pensado em relação ao Outro lacaniano, se aproximaria de um “desabamento das reações possíveis” (SAFATLE, 2016, p. 50), uma espécie de estado fora de si, mas no qual o sujeito ainda viveria na dependência de um Outro que já não se sabe como responderá. É um retorno da condição originária de todo indivíduo, remetendo aos primórdios de quando o bebê encontrava-se em estado prematuro e insuficiente na busca pela obtenção de suas próprias exigências por satisfação, marcando assim uma dependência com seus cuidadores – constituindo também o registro simbólico, de um Outro ora suficiente, ora insuficiente: “Como a vida humana desconhece normatividades imanentes, a afecção originária só pode ser, ao menos para Freud, a expressão da vulnerabilidade do sujeito no interior da relação com o Outro e da ausência de resposta articulada diante das exigências postas pela necessidade” (SAFATLE, 2016, p. 51).

O desamparo dá-se não somente por tal vulnerabilidade, mas também por uma “ausência de resposta adequada” às exigências por satisfações provenientes de excitações pulsionais. Temos aqui a relação entre o que Freud considerava a fonte do que origina o tipo de elo de uma massa com seu líder. Em termos lacanianos, a consistência de um pai imaginário que venha dar alguma resposta, uma resposta também imaginária diante da impossibilidade, por estrutura, de obter uma resposta do Outro. A lógica da psicologia das massas transforma o impossível estrutural – a resposta do Outro – em uma impotência imaginária – a norma do outro.

Com qualquer capacidade intelectual restrita, a lógica do funcionamento de uma massa dá-se na exacerbação emocional. “Os laços grupais protegem os seres humanos da solidão e do desamparo, garantindo-nos provisão narcísica e oferecendo-nos sentido para a existência”

(PACHECO FILHO, 2006, p. 64).

A importância de trazer tais noções do escopo psicanalítico para pensarmos as *fake news* dá-se diante dos elementos que se destacam entre tantas notícias falsas. Por exemplo, o candidato beneficiado pelas *fake news* ocupar o lugar de pai imaginário, salvador. Mas, afinal, do que ele está salvando sua população?

Os eleitores acreditam que a salvação seria daqueles que não são amados aos olhos de Cristo, os não cristãos, os esquerdistas, o doutrinadores sexuais... Mas o pai imaginário “salva” do horror ao saber (PAIM FILHO et al., 2013); saber sobre a dimensão estrutural que colocaria cada indivíduo a lidar com seu complexo de castração; saber sobre sua relação com um Outro, que é insuficiente. A massa é obediente e não questiona, pois nessa postura encontra uma defesa. A questão é: a que preço?

Essa lógica não somente coloca em xeque qualquer debate ético sobre estratégias de campanhas políticas, já que se utiliza da mentira para promover uma ilusória representatividade, como também revela uma postura de dependência na relação entre a população e o candidato. A ideia de desamparo na psicanálise não é da ordem de uma imaturidade, como se o desamparo tocasse em um estado afetivo de impotência que pudesse ser superado num processo de maturação do indivíduo; ela tem muito mais a ver com a possibilidade de fazer algo com o estranhamento que disso deriva, que Freud cunhou como *Unheimlichkeit* (SAFATLE, 2016, p. 51).

Em *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Freud afirma duas características sobre a angústia, sendo a expectativa do trauma de um lado e de outro sua repetição atenuada. Com a primeira delas: “sua relação com a expectativa se liga à situação de perigo; sua indeterminação e ausência de objeto, à situação traumática de desamparo, que é antecipada na situação de perigo” (FREUD, 1926/2014, p. 116).

Estamos diante de uma política que maneja o desamparo estrutural pela via do medo, dando-lhe uma representação. Seriam os conteúdos veiculados nas *fake news*, mesmo inventados, representações do que no desamparo não encontra resposta no Outro? Isto é, mesmo sendo notícias falsas, as *fake news* promovem representações do que seria a ameaça de um lado e o salvador de outro, inventando um medo para que a população não entre em contato com a dimensão do desamparo (*Hilflosigkeit*)?

Se podemos concluir que o desamparo não está relacionado com qualquer noção desenvolvimentista, no sentido de uma imaturidade, mas sim por uma condição do sujeito em

relação ao Outro e à linguagem, tanto o medo quanto a esperança seriam o contrário dele. Pois, “contrariamente ao medo, ou mesmo à esperança, o desamparo não projeta um horizonte de expectativas que permite aos instantes temporais ganharem a forma da continuidade assegurada pela projeção do acontecimento futuro” (SAFATLE, 2016, p. 52).

Safatle (2016) aproxima medo e esperança como afetos complementares por sua conectividade pela via de uma temporalidade da expectativa. A eliminação de tal expectativa é o próprio desamparo, “inaugurando outra temporalidade, desprovida de expectativa, que se expressa em um caráter fundamental da indeterminação” (SAFATLE, 2016, p. 52).

Tal indeterminação própria à temporalidade do desamparo remete “ao excesso de força pulsional. [...] Foi pensando muitas vezes em tal característica que Freud fala do desamparo como experiência de uma ‘dor que não cessa’, de um ‘acúmulo de necessidades que não obtém satisfação’” (SAFATLE, 2016, p. 53).

É esse excesso pulsional que não encontra no campo simbólico a plena representação. Costa Pereira (2008, p. 200) remete à *Hilflosigkeit* presente nos textos sociais de Freud redigidos ao fim de sua vida enquanto “constituída pela impossibilidade para o aparelho psíquico de apreender pela simbolização o conjunto dos possíveis e de delimitar, de uma vez por todas, o sujeito, seu corpo e seus desejos em um mundo simbolicamente organizado”. Freud trabalha o campo do social nessa relação entre o excedente pulsional e os limites do campo simbólico no psiquismo.

Entre os pós-freudianos, Lacan foi quem mais evidenciou a importância de se afirmar o desamparo enquanto possibilidade de subjetivação da pulsão de morte:

coloco a questão – o término da análise, o verdadeiro, aquele que prepara a tornar analista, não deve ela a seu termo confrontar aquele que a ela se submeteu à realidade da condição humana? É propriamente isso o que Freud, falando da angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, a *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem, nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte [...] não deve esperar a ajuda de ninguém (LACAN, 1959-1960/2008, p. 356).

É importante ressaltar que Freud admite uma condição de desamparo a todo ser humano, uma vez que não se trate de “resignação diante da vulnerabilidade, de demanda de cuidado por figuras protopaternas de autoridade ou uma experiência de exploração contínua do medo” (SAFATLE, 2016, p. 54). E isso é justamente o que vemos ser feito por muitos

governos, que se aproveitam da condição do desamparo para criar medos e justificar uma espécie de pai salvador – sendo sempre figura “protopaterna” - com a ajuda de instrumentos tecnológicos e manipulação de dados em redes sociais.

O que Freud trabalhou foi a possibilidade de pensarmos o desamparo como afirmação “que pode nos levar à conseqüente redução de demandas por figuras de autoridade baseadas na constituição fantasmática de uma força soberana” (SAFATLE, 2016, p. 54).

Esse “jeito de fazer política” foi assimilado por Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, com a ajuda de Steve Bannon e sua equipe. As pesquisas de Brady chegavam a conclusões que corroboravam a lógica de um “nós *versus* eles”, como por exemplo: “quando um progressista postava um tuíte com termos moral-emotivos, seu alcance crescia de maneira considerável entre outros progressistas, mas caía entre conservadores. (E vice-versa)” (FISHER, 2023, p. 187).

“Os dados também sugeriam que usuários, embora de modo inconsciente, obedeciam a esses estímulos, cada vez destratando mais quem fosse do outro lado” (FISHER, 2023, p. 187). Conforme pesquisa de Rathje, Bavel & Linden (2021), postagens negativas sobre exogrupos políticos tendem a ganhar muito mais engajamento no Facebook e no Twitter.

Trump fez das redes sociais um canal de manutenção livre e com muito menos censuras e limites do que os noticiários televisivos. “O presidente havia transformado sua conta de Twitter em um discurso à nação, ao vivo da Sala Oval, e que nunca tinha fim” (FISHER, 2023, p. 188).

A lógica do exogrupo transmite a noção de representatividade, isto é, “as pessoas, de modo geral, percebem exogrupos como monólitos” (FISHER, 2023, p. 193). É como se, ao ver um representante do grupo ao qual não pertencem tendo um mau comportamento, eu acabe por generalizar sua conduta aos demais. É o que alguns cientistas chamam de “falsa polarização”. Essa conduta só corrobora para piorar o cenário político e qualquer acesso ao debate. Isso não nos faz lembrar de outra atitude de Bolsonaro, que não compareceu aos debates e, com isso, foi ainda mais aclamado por seus seguidores?

“A própria estrutura das mídias sociais incentiva a polarização” (FISHER, 2023, p. 194), uma vez que, logo após a notícia, temos o campo dos comentários, levando seus usuários a criarem visões ainda mais extremadas sobre o que estão recebendo:

Não que os comentários em si fossem convincentes; o que fazia diferença era o mero contexto de haver comentários. Leitores de notícias, como descobriram os pesquisadores, processam as informações de um jeito diferente quando estão em um ambiente social: os instintos sociais sobrepõem a razão, o que os leva a buscar afirmação da honradez de seu lado (FISHER, 2023, p. 194).

Ao colocar os usuários em um espaço social homogêneo, a sensibilidade torna-se conformada, e “os grupos do Facebook amplificam ainda mais esse efeito” (FISHER, 2023, p. 194). É por afirmar uma identidade que esse funcionamento do Facebook “subjuga sua capacidade de avaliar informações falsas e aumenta sua atração por mentiras” (FISHER, 2023, p. 194). É a sensação de não estar só, de pertencer, de fazer parte de um time tal qual no futebol, como afirma Tufekci (2018):

na era e no contexto das mídias sociais, quando nos deparamos com pontos de vista opostos, não é a mesma coisa que as ler num jornal enquanto estamos a sós [...]. É como ouvir esses pontos de vista do time oposto enquanto você está junto com a torcida no estádio de futebol... Nós nos conectamos ao nosso grupo berrando para a outra torcida.

Da tecnologia à realidade fora das telas, numa espécie de adestramento para a hostilidade, usuários passavam a ver os membros dos exogrupos “como menos do que completamente humanos” (FISHER, 2023, p. 196). Isso autorizava a postura violenta na sociedade numa perigosa crença: “normas *online* de indignação e conflitos cada vez mais intensos podiam ‘fazer emoções sociais antigas passarem de forças pelo bem coletivo a ferramentas para a autodestruição coletiva’” (FISHER, 2023, p. 196).

Levando em conta que um inimigo em comum pode desencadear o ódio de uma massa e fazê-la agir tal qual uma “mente grupal”, talvez a fundamentação no líder seja o fator menos importante; “o ódio contra uma determinada pessoa ou instituição poderia funcionar exatamente da mesma maneira unificadora e evocar o mesmo tipo de laços emocionais que a ligação positiva” (FREUD, 1921/1996, p. 111).

Curiosamente, então, o afeto oposto ao amor – o ódio – funcionaria igualmente na leitura de Freud. Mas o que se torna ainda mais importante é o fato de tanto amar quanto odiar manterem a dimensão imaginária do afeto, permitindo a polarização.

Eis o “extremismo”: amar ou odiar. Não há relação emocional íntima que perdure por

certo tempo e que não carregue sentimentos ambíguos entre amor e ódio, carinho e hostilidade. Freud atribui ao recalque o fato de que os sentimentos de ordem aversiva passam imperceptíveis. É o que denominou de “narcisismo das pequenas diferenças” para explicar o direcionamento dessa hostilidade a quem ameaça como se fosse uma ameaça ao amor próprio: “esse amor a si mesmo trabalha para a preservação do indivíduo e comporta-se como se a ocorrência de qualquer divergência de suas próprias linhas específicas de desenvolvimento envolvesse uma crítica delas e uma exigência de sua alteração” (FREUD, 1921/1996, p. 113).

A tendência de uma massa agir em prol daquilo que a unifica direciona toda essa hostilidade para o inimigo em comum, e nada disso surge na relação entre os membros, já que ameaçaria sua organização e senso de unidade. É como se o grupo agisse como uma só mente – eis a definição de *Le Bon* que despertou o interesse de Freud.

Comenta Freud: “Se assim, nos grupos, o amor a si mesmo narcisista está sujeito a limitações que não atuam fora deles, isto é prova irreversível de que a essência de uma formação grupal consiste em novos tipos de laços libidinais entre os membros do grupo” (FREUD, 1921/1996, p. 113).

O surgimento da rede social como espaço de compartilhamento de arquivos dá-se com a invenção do Classmates por volta de 1995 nos Estados Unidos e Canadá, feito para que estudantes trocassem documentos. Se o que a origina é uma demanda estudantil, hoje em dia, cada vez mais, a rede social abre espaço aos mais diferentes e não censurados grupos de identidade.

Com fotos e perfis customizáveis, as redes dão lugar aos avatares, com os quais os usuários não precisam se identificar e podem vestir a persona que quiserem. Chamam-se de *haters*<sup>53</sup> os avatares que entram em fóruns e grupos de discussões para destilarem seu ódio. Novamente, para o amor ou para o ódio, as redes sociais se tornaram palco dos mais variados fenômenos narcísicos.

Com a noção de narcisismo, Freud (1914) resgata a possibilidade de a libido ser investida não somente no outro, mas também no próprio *eu*. É sobre esse tipo de investimento narcísico que uma massa parece acontecer, levando em conta esse fenômeno que representa um desvio do alvo sexual:

---

<sup>53</sup> O termo é usado na *internet* para descrever pessoas que fazem comentários de ódio ou crítica sem muito critério. Os *haters* podem ser agressivos, julgar, desmerecer e, por vezes, até ameaçar as pessoas. Os seus comentários podem ser visualizados como um ato de *cyberbullying* e assédio virtual. Eles muitas vezes optam por se esconder por trás de perfis falsos ou anônimos para evitar repercussões por suas palavras. Seus alvos mais comuns são celebridades ou temáticas controversas.

descrevemos esses fenômenos como gradações do estado de estar amando e reconhecemos que elas envolvem certa usurpação do *eu*. Voltaremos agora mais de perto nossa atenção para esses fenômenos de estar enamorado ou amando na firme expectativa de neles encontrar condições que possam ser transferidas para os laços existentes nos grupos (FREUD, 1921/1996, p. 114).

As *fake news* promovem uma espécie de ligação para uma determinada identidade presente nas redes. Sem os *haters*, as notícias não entrariam no circuito antes de serem enviadas às redes sociais maiores, misturando-se no meio de tantas outras para “alimentar” os usuários diariamente nos *feeds*. Sem a identidade dos *haters* dentro dos fóruns de discussão, poderíamos imaginar se as *fake news* alcançariam a mesma abrangência.

Seguindo na relação com o lugar do pai, em nossa pesquisa entendemos que “a identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (FREUD, 1921/1996, p. 115).

Sob o termo de complexo de Édipo, Freud fundamenta o lugar do pai e da mãe na constituição do sujeito, bem como sua relação de amor e ódio com o objeto. Conforme a narrativa do mito, a catexia de objeto sexual se volta para a mãe, enquanto com o pai se investe a libido, tendo-o como modelo.

Sabemos que a noção de identificação se desenvolveu, ao ponto de Lacan nomear assim o efeito produzido no *eu* a partir de um traço que vem de um outro semelhante. Em seu retorno a Freud pela via do “inconsciente estruturado como linguagem”, Lacan afirma que a identificação produz como efeito a possibilidade de o sujeito se representar no significante para um Outro.

O processo de identificação é importante tanto para compreendermos o funcionamento de uma massa quanto para adentrarmos na condição do pai simbólico e do que Lacan propõe enquanto inconsciente estruturado como linguagem (LACAN, 1953/1998), na relação que os efeitos de estrutura seguem mantendo com o Ideal do eu.

Mas, como quer que seja depois a resistência do caráter às influências dos investimentos objetais abandonados, serão gerais e duradouros os efeitos das identificações iniciais, sucedidas na idade mais tenra. Isso nos leva de volta à origem do ideal do Eu, pois por trás dele se esconde a primeira e mais

significativa identificação do indivíduo, aquela com o pai da pré-história pessoal. Esta não parece ser, à primeira vista, resultado ou consequência de um investimento objetal; é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (FREUD, 1923/1996, p. 28).

Veremos as ressonâncias entre identificação e escolha objetal no capítulo seguinte, a partir do que Lacan elementariza como “Desejo da Mãe” e “Nome-do-Pai”, deslocando assim da pessoa do pai e da mãe, enquanto indivíduos encarnados, para elementos de uma estrutura, passando a ocupar lugares simbólicos no chamado *Édipo estrutural*.

Freud (1921/1996) retoma a relação entre identificação e escolha objetal no seu texto sobre as massas para nos lembrar dos lugares ocupados pelo pai e pela mãe. Estes coexistem até o momento em que se nota a interferência do pai, até então um modelo, em sua relação com a mãe:

sua identificação com ele assume então um colorido hostil e se identifica com o desejo de substituí-lo também em relação à mãe. A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo de afastamento de alguém (FREUD, 1921/1996, p. 115).

Há também a inversão do complexo de Édipo, isto é, uma troca entre a escolha objetal e a identificação. *O caso Dora* (FREUD, 1905/1996) – icônico relato que fundamenta o lugar da histeria – tem essa representação pela via do sintoma histérico, na imitação inconsciente da tosse do pai por Dora:

nesse caso, só podemos descrever o estado de coisas dizendo que a identificação apareceu no lugar da escolha de objeto e que a escolha de objeto regrediu para a identificação. Já aprendemos que a identificação constitui a forma mais primitiva e original do laço emocional; frequentemente acontece que, sob as condições em que os sintomas são construídos, ou seja, onde há repressão e os mecanismos do inconsciente são dominantes, a escolha de objeto retroaja para a identificação: o *eu* assume as características do objeto (FREUD, 1905/1996, p. 116).

Em seu estilo de escrita, Freud alterna sua hipótese sobre a gênese da psicologia de massas a partir de suas questões, mas também oferece generosas sínteses para acompanharmos suas conclusões:

primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no *eu*; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual (FREUD, 1905/1996, p. 117).

Essa “qualidade comum” participará de forma significativa para que ocorra a identificação via traço, detalhe para pensarmos a relação do Ideal do eu com o significante em Lacan. É dessa qualidade comum que vemos aonde Freud chega com sua questão primordial: “o que gera o laço de uma massa com seu líder?”. “O laço mútuo existente entre os membros de um grupo é da natureza de uma identificação desse tipo, baseada numa importante qualidade emocional comum, e podemos suspeitar que essa qualidade comum reside na natureza do laço com o líder” (FREUD, 1905/1996, p. 117).

Depois de algumas voltas em torno da questão sobre a origem de uma massa, Freud encontra no processo de identificação seu modelo edípico. Remete-se ao momento em que a criança, de forma ambivalente, destinava a esse modelo identificador também pulsões hostis, por sentir-se ameaçada diante do lugar que a mãe tinha para o seu desenvolvimento. Essa identificação primária torna-se recalcada e será atualizada na relação com o líder, cuja ambiguidade se manifestará no medo de perder o seu amor e seu lugar de filho amado. O líder passa então a manipular a massa sobre tal ambivalência, mas projetando o ódio na figura do estranho, do estrangeiro, daquele que estaria “fora” da suposta identidade unitária da massa.

Estudos recentes sobre *fake news* e processos de identificação nas redes sociais levam em conta o importante lugar do ódio na função que cumprem os *haters*. Para Gillespie (2010), o funcionamento dos algoritmos, ao classificarem seus usuários baseados em suas preferências e identidades, filtram as informações e acabam por projetar conteúdos tóxicos e que facilitam processos de manipulação. Essa manipulação é endossada pelos próprios usuários, fazendo ecoarem modos de polarização política que se acentuam em momentos como o das campanhas eleitorais. *Haters* podem destilar seu ódio com ainda mais incentivo, já que mais usuários estão “tomados” pelo calor da época das eleições, em clima de estádio de futebol (FISHER, 2023).

Nesse estádio, os usuários podem ser torcedores, jogadores, narradores e não somente espectadores. Participam e fazem o intermédio da comunicação. De meros receptores

passivos, hoje ocupamos o lugar de participantes ativos nas trocas das informações.

O núcleo da *web* das mídias digitais e de seus subprodutos é, de todo modo, a interação. Assim sendo, após mais de meio século de predomínio dos meios de comunicação de massa, o modelo emissor-receptor tem sido sobrepujado continuamente em direção a uma dinâmica de produção, difusão e circulação de informação mais horizontalizada. Facebook, YouTube, WhatsApp, Facebook Messenger e WeChat formam o conjunto de mídias sociais com maior número de usuários ativos no mundo no ano de 2020 (DOURADO, 2021, p. 43)

Mas quais os limites para essa “liberdade” de expressão? Em 2016 foi criada a rede Gab, onde o atirador que matou 11 pessoas em uma sinagoga de Pittsburgh postou, antes do atentado, um depoimento antimuçulmano. “Tida como poço do antissemitismo *online*, o Gab não proíbe discurso de ódio e tem crescido nos últimos anos pela adesão de supremacistas, de nazistas e de outras matizes da extrema-direita” (DOURADO, 2021, p. 44-45).

Já o Parler foi apelidado de “câmara de eco conservadora”. Apesar de se apresentar como imparcial, foi lugar de predominância para a base de apoio tanto de Donald Trump quanto do bolsonarismo. Um dos filhos de Jair Bolsonaro, Eduardo, conseguiu 120 mil seguidores em 11 dias ao migrar para o Parler após ter seus posts apagados em outras redes sociais por serem *fake news*.

O crescimento das ditas “redes livres” – *free speech platform* – aumentou a validação de discursos de ódios e atentados *online*. Outro exemplo é o do jovem de 21 anos que matou 22 pessoas a tiros em um supermercado em El Paso, no Texas. Antes do ato, ele publicou um manifesto contra o que nomeou “invasão hispânica” em sua cidade, feito em quatro páginas no *8Chan* – que surgiu em 2013 como dissidência do *4Chan* e a favor de um ideal de *internet* livre e liberdade extremada.

Além do posicionamento extremista, o caráter de hiperpartidarização que propaga notícias falsas carregadas de polarizações também compõe o cotidiano dessas redes sociais. É sobre esse campo que vemos travarem “batalhas de narrativas para impor visões de mundos e confrontar as ideias conflitantes” (DOURADO, 2021, p. 47).

Matthew Levendusky explica que “os *media* partidários atuam de modo que as notícias são moldadas para sustentar visões de mundo, geralmente liberais ou conservadoras, e que esses tipos de veículos selecionam histórias tendenciosas que favoreçam posições e

ideologias políticas” (LEVENDUSKY *apud* DOURADO, 2021, p. 48).

Ainda que sejam públicos pequenos se comparados às grandes redes sociais como Instagram, Facebook ou TikTok, são usuários engajados e influentes. Conforme os estudos de Fisher (2023) e Dourado (2021), essas atividades iniciadas em redes menores – conhecidas também como “*media partidários*” –, que dão liberdade ao discurso de ódio e disseminação sem censura de notícias falsas, tornam-se fundamentais para o germe do que ganhará maior espaço; sem esse passo inicial, as *fake news* não alcançariam redes sociais maiores, atingindo maior número de usuários.

Os *media partidários* atuam de forma radical sobre grupos que já estão sofrendo polarizações, prejudicando qualquer validade de informações, principalmente em épocas eleitorais. Estimulam a discórdia e o divisionismo graças ao engajamento dos usuários.

Os *media partidários* também ganham força com o funcionamento das redes, uma vez que “esses canais são caracterizados por promover visão política unilateral sem dar qualquer espaço à pluralidade de ideias, por disseminar mensagens antissistema, anti-imprensa e antipolítica e por ter as mídias sociais como plataforma de divulgação” (DOURADO, 2021, p. 49).

O hiperpartidarismo não demonstra pudor algum ao abordar o negacionismo e seguir promovendo *fake news* em territórios sem nenhum controle editorial por qualquer órgão que regule as leis da comunicação.

Graças aos conceitos freudianos, na leitura de uma psicologia das massas podemos articular os processos inconscientes participantes. Como efeito de fraternidade, os grupos segmentados criam e compartilham as notícias falsas por diversas vezes diariamente. Tornam-se alheios a qualquer coisa que venha perturbar seus ideais e se autorizam ao discurso de ódio segregador, fundamentados por uma crença de serem “filhos escolhidos”.

Lacan articula a relação da criança com o pai e a mãe enquanto posições simbólicas a partir do desejo e da inscrição da lei e do lugar de falo que a criança ocupa, inicialmente, para o desejo do Outro. O falo é tanto uma posição inicial da criança em seu Édipo quanto o efeito produzido pela significação da cadeia significante, uma vez que o sujeito fala e sofre a incidência significante e todos seus efeitos (LACAN, 1957-1958/1999).

A relação com o falo torna-se ambivalente, pois é quando ele vacila que a dimensão desejante brota, colocando em xeque a dimensão significante e o lugar do Outro: em nada o Outro atende à demanda, pois é uma posição simbólica, é por onde o sujeito intermedia seus

significantes na tentativa de dar sentido ao outro e aos objetos (LACAN, 1957-1958/1999).

Vemos, na lógica da psicologia das massas, uma posição infantil identificada com o lugar de ser o falo para o Outro. Isso articula também o lugar do Ideal do eu, projetado na pessoa do líder. Lacan menciona que o desejo pode ser perigoso (LACAN, 1957-1958/1999, p. 516), pois ao colocar em xeque o Outro faz com que o sujeito também coloque em xeque a própria demanda e o lugar no qual está posicionado, por ela ser sempre insatisfeita e não harmoniosa com a cadeia significativa.

Em termos freudianos, o sujeito passaria a não projetar mais o Ideal do eu na figura do líder, assumindo-o como algo da ordem estrutural. Tal assunção, conforme veremos no capítulo seguinte e já iniciando a articulação com o pai simbólico, colocaria o sujeito na relação dialética com o falo e o desejo próprio, ao preço de também lidar com a castração: já que ninguém de fato porta o falo, ele circula, como circulam a linguagem e suas significações.

Tal é a dimensão insuportável àqueles que se encontram numa massa. Pois, ao assumirem que o líder é castrado, terão de ver sua própria relação com a castração, com o desejo e com o lugar estrutural do Outro, confrontando-se com o período da tenra infância, quando os cuidadores assumem enorme poder. Estes seguem atuantes em idade adulta de forma recalcada sob o Ideal do eu, no qual Lacan encontra seu suporte significativo.

Tendo em conta essa dimensão, podemos pensar também na Igreja e no Exército – que andam juntos com as *fake news*. Seja o lugar do militar quanto o do líder religioso – ou até mesmo de ambos “misturados” com o lugar político –, a figura do indivíduo que produz a ligação da massa sustenta uma espécie de “homem-deus” que se faz crer como a própria encarnação do suporte do significante. “A religião cristã coloca-nos diante da solução espantosa, audaciosa – é o mínimo que se pode dizer –, atrevida, que consiste em fazer com que uma pessoa encarnada, um homem-deus, seja suporte da função do significante cuja ação é marcada na vida como tal” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 517).

Não é à toa que Deus foi chamado de Verbo<sup>54</sup>, pois essa encarnação dá uma solução precisa da relação de todo sujeito com a fala. Essa solução, que tampona a ambivalência do Outro e a dimensão desejante, tende à via imaginária das encarnações. Vemos o efeito disso na psicologia das massas: de um lado, a encarnação do salvador e, do outro, a encarnação da

---

<sup>54</sup> “No início era o Verbo” é uma frase que aparece no primeiro capítulo do Evangelho de João, na *Bíblia*. A frase diz que o Verbo estava com Deus e era Deus, e que tudo foi feito por meio dele. O Verbo é descrito como o agente da criação, a essência da vida e a fonte da luz. Por exemplo, João 1:4 afirma: “A vida estava nele, e a vida era a luz dos homens” (BÍBLIA).

ameaça. Uma forma de o indivíduo se proteger da própria dimensão significante: salvador/ameaça é um par que funciona na linguagem e representa o sujeito para outro significante.

É, então, na função do Ideal do eu que encontramos o lugar do líder condicionado enquanto objeto que sustenta o desejo, em sua substância, podendo ser o mais insignificante, tratando-se de um “papel de ideal que o mais insignificante objeto pode assumir na gênese de líder” (LACAN, 1958/1998, p. 646).

O *eu* – dimensão imaginária e alienada – tem uma função: desconhecer os efeitos que o inconsciente produz. “Esses efeitos estendem sua dominação sobre o próprio eu: foi inclusive para afirmá-lo expressamente que Freud introduziu sua teoria das relações entre o Eu e o Isso – logo, para ampliar o campo de nossa ignorância, e não de nosso saber” (LACAN, 1960a/1998, p. 675).

O Ideal do eu é uma formação simbólica que se prende às coordenadas incessantes do eu. Formação fundamental para nos aproximarmos da questão formulada por Freud em *Psicologia das massas*:

como um objeto, reduzido a sua realidade mais estúpida, porém colocado por um certo número de sujeitos numa função de denominador comum, que confirma o que diremos de sua função de insígnia, é capaz de precipitar a identificação com o Eu Ideal, inclusive no débil poder do infortúnio que no fundo ele revela ser” (LACAN, 1960a/1998, p. 684).

Trata-se de um objeto qualquer, “estúpido”, que adquire sua função pela posição simbólica ocupada, precipitando em outros indivíduos um fascínio idealizado. A história está recheada de exemplos do tipo, marcando uma repetição que remete sempre à origem da história do humano: “Será preciso lembrarmos, para tornar inteligível a importância dessa questão, a figura do Führer e os fenômenos coletivos que deram a esse texto seu peso de vidência no cerne da civilização?” (LACAN, 1960a/1998, p. 684).

É pelo traço de significante que o sujeito encontra “as marcas de resposta que tiveram o poder de fazer de seu grito um apelo” (LACAN, 1960a/1998, p. 686), quando o choro do bebê já poderia ser significado graças a um Outro e a relação de demanda do sujeito. A realidade para o sujeito leva as marcas da insígnia onde foram inscritas a onipotência da resposta. “É a constelação dessas insígnias que constitui para o sujeito o Ideal do eu”

(LACAN, 1960a/1998, p. 686).

Quando passamos a articular o desejo enquanto movimento simbólico, tocamos em algo que vai além da busca pelo ideal, encontrando sua função naquilo que o desejo tem de regulação da repetição significativa no neurótico (LACAN, 1960a/1998, p. 688).

A reação diante do desejo pode ser de agressividade, quando insistimos em nada saber sobre ele e mantermo-nos na lógica da demanda, consistindo um Outro que venha nos salvar – ou ainda consistindo-o na forma de ameaça como responsável pelo desamparo (*Hilflosigkeit*), inclusive pensando no que significa “responsabilidade” enquanto possibilidade de responder por si.

Insistir na demanda mantém o sujeito alienado à lógica de que é o outro – com minúscula, rival e semelhante – a causa do mal-estar. Aqui Lacan propõe substituímos a agressividade por demanda de morte (LACAN, 1957-1958/1999, p. 520), considerando-a “vaga demais” e qualificando a conduta no âmbito meramente individual. Já quando podemos tratar como “demanda de morte”, temos aí uma relação de um indivíduo com o outro – além dos diversos exemplos citados sobre os homicídios que ocorreram tendo a participação das redes sociais.

Na substituição da “agressividade” por “demanda de morte”, temos a indicação da articulação subjetiva que se presentifica nela. Nessa lógica, a máxima cristã de “amar o próximo como a si mesmo” apresenta uma complexidade. Uma vez que toda a encarnação do bem e do mal, do amor e do ódio, pode ser abordada enquanto relação significativa, e não como qualidades inerentes e “encarnadas” no outro, também nos questionamos sobre “amar o próximo como *nos* amamos”. É certo que nos amamos tanto assim? A experiência mostra que temos os afetos mais ambivalentes, singulares e contraditórios com nós mesmos (POLLO, 2022).

Se articulássemos a máxima cristã com o campo do Outro, teríamos algo como o que Lacan formulou sobre: amar o próximo como a si mesmo, enquanto odeia a si como ao Outro, pela demanda inconsciente que opera no nível da fala (LACAN, 1957-1958/1999).

Mas o que seria essa dimensão sobre o Outro de que uma massa nada quer saber? Como a crença no “mito” salvador inviabiliza a direção lacaniana de um tratamento pela via simbólica? No próximo capítulo, veremos a passagem do mito à estrutura.

## 4 DO MITO À ESTRUTURA: O PAI COMO FUNÇÃO SIMBÓLICA

*Se a psicanálise deve se constituir como ciência do inconsciente, convém partir de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem.*  
Jacques Lacan (1964/2008, p. 199)

Para darmos início ao que situamos no simbólico, partiremos do fato de que quando alguém fala, o faz para alguém. O significante serve para pensarmos nessa relação, exprimindo a dimensão da fala enquanto demanda para o Outro (LACAN, 1957-1958/1999, p. 91). Há uma subversão da teoria da comunicação<sup>55</sup>, uma vez que toda mensagem tem em seu receptor não somente um destinatário, mas uma posição de demanda. “A introdução da linguagem na comunicação é ilustrada a todo instante pelo modo como o Outro tem acesso à demanda” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 92).

Vimos no primeiro capítulo como Lacan (1953-1954/2009) trabalhou as paixões do ser, e dentre essas o amor. No seminário 5, *As formações do inconsciente* (1953-1954), Lacan retoma a via dos afetos.

É para fixar alguma coisa que falo aqui de amor. O ódio, nesse caso, tem o mesmo lugar. É unicamente nesse horizonte que a ambivalência do ódio e do amor pode ser concebida. É também nesse horizonte que podemos ver chegar ao mesmo ponto um terceiro termo, homólogo do amor e do ódio em relação ao sujeito, que é a ignorância (LACAN, 1957-1958/1999, p. 453).

Amor, ódio e ignorância – Lacan os situa, nesse seminário, como sendo do campo da demanda. A demanda tenta encobrir a castração que marca o Outro. Não sendo da ordem de uma necessidade pura, isto é, a demanda, que não se trata de necessidade pura, mas de apelo dotado de significante, aponta também para a falta no Outro. A ambivalência entre amor e ódio encontram-se imaginariamente “resolvidas” quando uma massa destina todo o amor ao líder e todo o ódio ao inimigo. Essa ambivalência poderia abrir para a condição da castração do Outro – representado na peça de Sófocles pelo crime do pai, encoberto (QUINET, 2015).

---

<sup>55</sup> “O esquema emissor-mensagem-receptor posto como um processo de comunicação que se efetiva a partir de um sujeito consciente de suas investidas, senhor das suas ações e que tem de usar a comunicação para determinado fim, (seja sob a ótica do emissor ou do receptor) cai por terra” (BORGES, 2008, p. 56).

Esse desejo articulado de forma significativa leva as coordenadas do que Freud faz surgir como fundamental, enquanto manifestação essencial do sujeito: o complexo de Édipo. Nos conteúdos emergidos durante as sessões se escutava um desejo oculto nas entrelinhas, passível de ser apreendido a partir do trabalho de análise, na passagem de um significante a outro. Sendo sempre uma relação do sujeito com o significante, temos uma relação estrutural de dois patamares, dois horizontes da demanda:

por trás da demanda mais primitiva, a do seio e do objeto que representa o seio materno, há o desdobramento criado na demanda pelo fato de ela ser demanda de amor, demanda absoluta, demanda que simboliza o Outro como tal, que distingue o Outro, portanto, como objeto real capaz de proporcionar uma dada satisfação do Outro como objeto simbólico que dá ou recusa a presença ou a ausência (LACAN, 1957-1958/1999, p. 512-513).

Nessa estrutura dupla, encontramos uma matriz das relações do ser, onde “irão cristalizar-se as relações intrínsecas que se acham no horizonte de qualquer demanda, o amor, o ódio e a ignorância” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 513).

O desejo é introduzido quando situamos as paixões do ser endereçadas a um Outro. Essa dialética inicia-se com o desejo pela mãe enquanto desejo que sofre também a intervenção do pai. É o tempo de um pai que representa para a criança uma espécie de pai “terrível e destruidor”, o pai que diz não e intervém fazendo da relação mãe-criança uma relação intermediada pela lei. E o que isso tem a ver com o desejo?

É somente quando a criança passa a sentir o risco de perder aquela que ama que introduzimos, ao mesmo tempo, o desejo e a castração. Isso se apresenta inicialmente na forma de fantasias (LACAN, 1957-1958/1999, p. 510).

O campo da linguagem é introduzido junto com algum tipo de ameaça para o sujeito, da perda de seu amor e não somente a privação dos cuidados maternos essenciais para a sobrevivência. Essa relação já é homóloga ao que virá a organizar-se pelas leis da fala. Lacan enfatiza que são *relações virtuais* desde muito cedo, pré-formadas. Não são completamente articuladas desde a primeira mamada do bebê, mas ali, desde a primeira dependência, “já pode muito bem começar a criar a hiância que fará com que seja na recusa a se alimentar que encontrará o testemunho por ele exigido do amor de sua parceira materna” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 513).

Para entendermos um pouco melhor o campo da demanda em sua relação com a

crença e os efeitos de sentido, utilizemos o exemplo que Lacan (1957-1958/1999, p. 92) traz sobre um pedido feito pelas crianças: “é só pelo uso do significante que é possível à criança pedir a lua – inclusive, também pelo significante que os adultos não hesitam em prometer a lua, mesmo estando muito distante de possuí-la”. É graças ao significante que produzimos objetos para além de qualquer realidade empírica, e é graças a ele que fazemos promessas – e acreditamos!

Seguindo na articulação do lugar do pai para a psicanálise, a partir da proposta de Lacan sobre os registros do real, simbólico e imaginário abordaremos o lugar do pai simbólico sob o termo Nome-do-Pai, que articula linguagem e lei. Termo cunhado por Lacan (1955-1956/2008) e cuja “virtude” encontramos desde Freud como aquilo que funda a diferença entre o campo do humano e o da animalidade. Lacan (1968-1969/2008) recorre ao mito da horda de *Totem e tabu* (FREUD, 1913/1996) para mostrar que, mesmo o pai estando morto, ele segue operando na forma de uma lei: “o assassinato do pai significa, justamente, que não se pode matá-lo. Ele já está morto desde sempre. [...] Mas vejam, resta o Nome-do-Pai, e tudo gira em torno disso” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 149).

Momento em que Lacan (1955/1998) apresenta o simbólico como registro de supremacia sobre os outros registros – real e imaginário (LACAN, 1955/1998, p. 13). Até mesmo o imaginário, que perpassa tudo aquilo que o indivíduo acredita ter sido criado na relação com o semelhante, só lhe foi possível no momento em que houve uma fala dirigindo-se ao Outro<sup>56</sup>. Quando abordamos o Outro e seu lugar com o significante, adentramos o campo do sujeito, marcado por uma posição e que não se reduz ao seu lugar enquanto indivíduo, permitindo-nos pensar processos além da imagem narcísica do *eu*.

Mesmo a dimensão narcísica, crucial para qualquer entendimento acerca da função do *eu*, só pode ser abordada em sua forma de fantasia quando tocamos o “aquém do sujeito” e o “para-além do Outro” (LACAN, 1955/1998, p. 58), de onde o significante extraiu sua posição primordial: da conexão entre paternidade e morte, na força que o pai morto exerce enquanto verdadeiro pai, o pai simbólico (LACAN, 1956/1998, p. 472).

Essa é uma importante chave de leitura para passarmos do lugar do pai imaginário, salvador e amado, para o do pai real, que ocupa o lugar de uma transgressão e de portador de

---

<sup>56</sup> Importante ponto para não nos esquecermos de que, mesmo separando os registros para efeitos de pesquisa, real, simbólico e imaginário sempre operam conjuntamente. O tão enfatizado lugar do pai idealizado pelas massas tem uma leitura imaginária predominante, mas ali também estão atuando o tempo todo o pai simbólico – significante ordenador e articulador – e o pai real, transgressor e criminoso, que será abordado no capítulo seguinte.

um crime. Nossa hipótese é que essa dimensão do pai real fica de fora das *fake news* – seria ela a “mentira do pai” escamoteada na invenção de uma ameaça sexual? Para entendermos tal passagem, faz-se necessário analisar melhor como é a relação com o pai simbólico e seu lugar de lei na cadeia significante.

Este capítulo trará mais enfoque na teoria psicanalítica para compreendermos o lugar do pai simbólico na mediação do sujeito com a própria cadeia significante. Isso será importante para entendermos os efeitos de se tomar o pai não mais como a figura de um líder, mas como um operador simbólico que participará das significações que o próprio sujeito poderá dar, não só em relação ao lugar do líder como também o lugar do sexual para além de uma norma moral.

Com as noções apresentadas aqui, poderemos passar para o capítulo seguinte e retomar o enfoque no fenômeno das *fake news* a partir do caso da antropóloga Débora Diniz e da relação entre segregação e o lugar do pai real.

#### **4.1 Nome-do-Pai: lei e significante**

Abordar o pai com enfoque no registro simbólico é levar em conta seu lugar como lei e não somente sua imagem especular. Antes mesmo de qualquer certeza sobre sua origem, “o Nome-do-Pai cria a função do pai” (LACAN, 1953/2005, p. 47). Ainda seguimos no campo da crença – ou, para ser mais preciso, da fé. “A essência e a função do pai como Nome, como eixo do discurso, decorrem precisamente de que, afinal, nunca se pode saber quem é o pai. Continuem tentando descobrir, é uma questão de fé” (LACAN, 1968-1969/2008, p. 149).

Se o pai é sempre incerto, se é uma questão de fé, passamos a acreditar na palavra. Pensamos aqui na fala que faz a mediação entre dois: “ela permite, entre dois homens, transcender a relação agressiva fundamental com a miragem do semelhante” (LACAN, 1953/2005, p. 31). Trata-se de tomar a fala estruturalmente, enquanto o que é realizável na mediação da libido, aquilo que Freud denominava como o que liga os indivíduos numa massa.

Pensar a mediação através da fala é pensar Édipo como estrutura que intermedia a relação a dois, marcada pelo imaginário. “Para que uma relação assuma seu valor simbólico é preciso haver a mediação de um terceiro personagem” (LACAN, 1953/2005, p. 33).

Esse terceiro elemento é a lei que remete à função paterna. Quando o sujeito produz

suas significações, está colocando em jogo sua relação com a linguagem naquilo que leva as marcas do que Lacan formulou como Édipo estrutural. O pai, aqui, o é em sua função paterna, que intervém sobre a relação da criança com o desejo materno. O Nome-do-Pai é o produto dessa intervenção. Quando um sujeito produz significações está se posicionando não só em relação a outros indivíduos, mas também na linguagem. Sua referência como falo, conforme vimos no capítulo anterior, é fundamental para entendermos a relação de um sujeito que é permeada por um simbólico e suas consequências na relação com o pai e com o sexual.

Em pesquisa anterior dedicamos um capítulo à articulação entre realidade e percepção (COSTA, 2019, p. 49), introduzindo um importante esquema de Lacan chamado *Esquema R* (LACAN, 1958/1998, p. 559). Vale resgatar aqui que tal esquema situa os efeitos decorrentes do Nome-do-Pai como função significante sobre o lugar da criança como falo.

É a manifestação do lugar ocupado pelo Nome-do-Pai nos processos de significação que faz do sintoma algo a ser decifrado, uma vez que lapsos, sonhos e jogos de palavras encontram-se sob influência do recalque. O recalque opera, simbolicamente, também nos processos de significação, uma vez que é somente no fim da cadeia, com o último significante, que por retroação derivamos algum sentido. Esse sentido não se encontra em nenhum significante, a não ser na sua articulação de um significante a outro.

É promovendo a significação a partir da cadeia significante que o Nome-do-Pai cumpre uma função de ponto de basta. Produzindo sentidos, a criança vai sofrendo intervenções do lugar do pai; teríamos assim uma triangulação, se olhássemos do ponto de vista do pai de carne e osso sobre a relação mãe e bebê, mas também uma relação quaternária, uma vez que a significação do falo está em jogo.

A posição da criança a coloca na relação com o falo, passando daquela que é o falo para alguém com a possibilidade de possuí-lo. O pai assume uma função simbólica na intermediação do falo. Essa é a passagem do segundo para o terceiro tempo do Édipo estrutural, em que o pai também transmite alguma ambivalência: em um momento, é o pai terrível que vem dizer não ao acesso da criança à mãe; em outro, é o pai que diz sim ao transmitir o lugar do Ideal do eu. É uma intervenção que conta com o desejo da mãe. Se não há essa direção do desejo materno sobre o pai, a operação não ocorre, deixando a criança sujeita a uma posição fálica para o Outro, não dialetizada pela função do Nome-do-Pai (LACAN, 1958/1998, p. 559).

Essa função simbólica do pai intervém na relação do sujeito com o Outro. O sujeito se

questiona o que é nessa relação, assim como em relação ao tempo e à finitude, derivando daí sua curiosidade pela procriação e pelo sexual. Não se trata da sexualidade nos moldes biológicos, determinados anatomicamente, mas do sexual enquanto campo da diferença. “Que a questão de sua existência inunde o sujeito, suporte-o, invada-o ou até dilacere por completo, é o que testemunham ao analista as tensões, as suspensões e as fantasias com que ele depara; mas resta ainda dizer que é sob a forma de elementos do discurso particular que essa questão no Outro se articula (LACAN, 1958/1998, p. 555).

A significação é fruto da articulação entre o simbólico e o imaginário, pois o *eu*, referenciado pela imagem do outro, busca seu apoio. O campo da realidade para Lacan (1958/1998) se desdobra no desenho de um quadrilátero (COSTA, 2019, p. 52). Retomamos o que da ordem da identificação está em jogo nele:

esse quadrilátero está entre o triângulo “mãe-criança-falo” e o triângulo simbólico “PMI”, onde “P” designa o Nome-do-Pai, “M” designa o Outro materno e o “I”, o ideal-do-eu. Esse quadrilátero “mi-MI” entre os triângulos remete à “i” como imagem especular, “m” enquanto *Urbild* especular, a primeira imagem da mãe na qual o bebê também se reconhece antes de reconhecer um “eu”. E de “i” (eu-ideal) a M (Outro materno) se situam os modelos de identificação<sup>57</sup> (LACAN, 1958/1998, p. 555).

A realidade para Lacan é efeito das interferências perceptivas, sustentado por imagens e modelos identificadores. O registro simbólico estrutura a realidade ao poder organizá-la não enquanto realidade em si, mas enquanto discurso, pela via da cadeia significante, formatando também o registro imaginário. Ambos os registros tentam dar conta do que o sujeito conhece como “mundo” e como resposta ao real, que não se pode abarcar totalmente, não sendo representável pela cadeia significante. É o que escapa e produz sintomas; o real não se situa nem no código nem na forma.

O inconsciente situa-se na “fronteira” entre o simbólico e o imaginário. “É nessa hiância, no entre, que acontece o processo analítico. *Entre* é diferente de tomar o simbólico como o principal ou absoluto” (COSTA, 2019, p. 54). Tal hiância aponta para uma impossibilidade: o objeto já não é mais natural para a espécie humana, está de partida

---

<sup>57</sup> As diversas letras em composição aqui tornam-se mais acessíveis tomando o esquema visual apresentado por Lacan (1958/1998) que trabalhamos em pesquisa anterior (COSTA, 2019, p. 49). Vale retomar o fato de que nesse esquema a realidade para Lacan já não se confundia com o registro do real, mas é uma espécie de tela que se coloca sobre o real a partir de uma articulação do simbólico com o imaginário. *Urbild* é a “protoimagem”, primeira imagem fundamental advinda do outro, enquanto imagem e identificação sustentada pelo Nome-do-Pai (COSTA, 2019, p. 52).

submetido a um registro autônomo, com leis próprias. “De maneira distinta do animal, o homem opera na via de um certo excesso, seja simbólico, seja imaginário, na tentativa de tamponar essa hiância fundamental e estruturante. A pulsão de morte é, pois, o efeito dessa entrada do terceiro termo, do simbólico” (KAUFMANNER, 2006, p. 51).

O simbólico dá forma, mas não absoluta. Nessa tentativa de abarcar a totalidade, encontramos os efeitos decorrentes da dimensão imaginária. É o campo do ideal, que visa à construção do Um, do único. A psicanálise opera na via inversa à tendência unificante, levando em conta a impossibilidade que decorre na falta a ser do sujeito.

Se na lógica das massas predominam a imagem do *eu* e do outro ilusoriamente unificados pela figura do líder e remetendo este a um pai ideal que dita a ordem sobre a moral que rege o sexual, o registro simbólico tem sua importância por remeter à cadeia significante, mediando o lugar do *eu* e do outro também perpassado pela fala. É a passagem de uma posição no discurso; passagem do “ser o falo” para o Outro – marcado pela demanda e constituição imaginária do Outro –, para o “ter o falo” – em que o Outro aparece como faltante, marcando a dimensão simbólica na via dialética do sujeito com o desejo (LACAN, 1957-1958/1999).

E como pensar esse pai simbólico em relação ao Outro? Influenciado pela linguística, o “simbólico” em Lacan vai além daquilo que o pai simboliza – não se trata do sentido mais usual sobre aquilo que o pai possa adquirir como sobreposições de significados. Temos uma importante definição de Lacan acerca do que ele considerava como símbolo: “símbolo não é a suprarrealidade que se imagina; muito pelo contrário, ele é essencialmente feito da fratura da realidade, de sua decomposição em partes significantes” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 495).

Começamos por não o equivaler ao pai de carne e osso, seja o pai biológico ou o político que se faz líder aos olhos de uma massa. O pai simbólico cumpre uma função que podemos apreender quando Lacan articula o Édipo, um mito, com a estrutura linguística.

A dimensão inconsciente é manifestada na ação de Édipo, que realiza uma profecia versada antes mesmo de seu nascimento – lembrando que se trata de um castigo dirigido ao pai, Laio. O herói o faz sem saber: “sendo assim, a saga de Édipo, assassinando seu pai e casando com sua mãe, é a realização dos desejos infantis humanos, que foram recalcados. O outro aspecto que nos assemelha a Édipo é a ignorância quanto a essas fantasias” (ABEL, 1997, p. 16).

Édipo vai sabendo a verdade pouco a pouco, ora negando os pontos que poderiam

fazê-lo concluir quem são de fato seu pai e sua mãe biológicos, ora querendo se aproximar deles. Freud assemelha esse desvalimento progressivo ao próprio processo analítico, que testemunhamos como plateia no decorrer das ações da peça.

Na passagem do mito à estrutura, passamos da narrativa, da historieta, para um esquema que nos permite abordar as leis de parentesco atuando na linguagem como leis do inconsciente. O Nome-do-Pai é o significante que estrutura essa ordem, fazendo do registro simbólico uma “ordem própria de existência” (LACAN, 1954-1955/1988, p. 44) e funcionando de forma autônoma. Da ordem, temos notícias pela forma que opera em sua lei, sendo uma lei de interdição tal qual o pai morto e erguido de *Totem e tabu*. O totem não é o pai propriamente, o totem é o que vem simboliza-lo.

Sob o termo Nome-do-Pai (LACAN, 1955-1956/2008) temos a lei que vem barrar o desejo da mãe, operação chamada de metáfora paterna, uma vez que há a substituição de um puro desejo ao capricho da mãe por uma lei, introduzindo uma nova significação no mundo simbólico da criança.

Noção já apresentada por Freud, que pelo laço paterno encontrava a via, pela fé e pela lei, de um novo laço da criança com o mundo. Função que também se aproxima da religião (LACAN, 1974/2005): “enquanto o laço materno decorre de uma dimensão natural, baseada na percepção e na presença, o laço paterno introduz a dimensão do que não se vê, a dimensão da ausência. Ele supõe a crença na palavra” (ZENONI, 2007, p. 16).

Essa ausência introduz o pai como sempre incerto sobre sua origem. Se da mãe se pode ter certeza sobre a origem do bebê, do pai é sempre uma “questão de fé”. Inclusive, quem serviu de pai a Édipo foi o pai adotivo, o que pouco importa, já que quem cumpre a função de pai é aquele que reconhece na criança seu filho: “e nós estamos todos nessa, meus bons amigos, pois, afinal de contas, *pater is est quem justae nuptiae demonstrant*, o que significa que o pai é aquele que nos reconheceu” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 361-362).

O mito de Édipo aponta para o fato de que, para todo ser humano, o pai é sempre algo incerto; aquele que o representa passa a cumprir uma função de pai, a partir do reconhecimento de seus filhos. “Estamos, no fundo, no mesmo ponto de Édipo, embora não o saibamos. Quanto ao pai que Édipo conheceu, este só é, muito precisamente, como o mito de Freud o indica, o pai uma vez morto” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 362).

Édipo mata Laio sem saber que estava matando o próprio pai – não o pai que o reconheceu como filho, mas o criminoso; um pai de uma pré-história que filho não conheceu.

Freud, em *Totem e tabu*, coloca a morte do pai da horda primitiva como gênese de uma organização social a partir de uma lei. “É igualmente aí, como já lhes disse mil vezes, que está a função do pai. A única função do pai, em nossa articulação, é a de ser um mito, sempre e unicamente o Nome-do-Pai, isto é, nada mais do que o pai morto, como Freud no-lo explica em *Totem e tabu*” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 362).

É dessa fé, dessa crença, que podemos retirar norteadores para a leitura da sociedade. Do registro paterno obtemos a via do recalque, que ao mesmo tempo é uma inscrição que barra o gozo da mãe sobre a criança e a via que a coloca em uma relação simbólica com o mundo, retirando-a de uma simples vida animal.

Na aproximação entre os indivíduos ditos normais e os neuróticos, Freud formula não só um método de tratamento como uma teoria sobre a cultura, uma vez que a suportabilidade do recalque definia, em um momento de sua investigação, a diferença entre o normal e o patológico. O conflito entre a satisfação imediata de impulsos sexuais e a moral de uma cultura era condição universal: “é imperativo a Freud entender como se dá no indivíduo a passagem da sexualidade infantil à sexualidade adulta, afinal toda neurose desemboca em um conflito de ordem moral” (ESTEVÃO, 2017, p. 77). Em termos psicanalíticos, a moral não está relacionada a um referencial da boa conduta, mas ao trabalho de cada indivíduo na passagem da sexualidade infantil para a adulta.

O Complexo de Édipo de Freud é revisitado por Lacan com sua releitura estrutural, articulando-o à metáfora paterna e ao campo da relação “erótico-agressiva”:

A retomada lacaniana do “complexo de Édipo” acentua este aspecto de substituição de uma dimensão por outra, presente nos textos de Freud sobre a religião, lhe retirando qualquer conotação mitológica ou de anedota. A “metáfora paterna” traduz o complexo de Édipo nos termos dessa subordinação do imaginário, campo da relação erótico-agressiva, ao simbólico, campo da relação de palavra, que caracteriza a experiência humana, no primeiro momento do ensino de Lacan (ZENONI, 2007, p. 17).

Para que o pai atinja seu *status* simbólico, ele deve operar de forma ausente – onde em *Totem e tabu* temos o pai morto. Ele deve ser anulado enquanto presença e imagem para operar como significante que possibilita ao sujeito dar significado às coisas: “sua operatividade fica reduzida à operatividade de um Nome” (ZENONI, 2007, p. 17). Em Freud (1913/1996), esse nome se dá pelo totem que, além de sua imagem, inscreve uma lei. É essa

dimensão da lei que diferencia o totem de uma pura imagem, fazendo-o significante que opera e intervém inconscientemente na relação entre os irmãos.

É pela via dos sonhos e da sexualidade que Freud apresenta sua teoria do inconsciente, partindo de *A interpretação dos sonhos* (1900) e *Três ensaios sobre a sexualidade* (1905). O que esses dois assuntos têm a ver com o inconsciente? E como isso se relaciona ao pai?

Sonho e sexualidade comportam o desejo e sua relação com a linguagem; o sonho, na via da interpretação, e a sexualidade, na maneira com que cada indivíduo terá de lidar sobre o que diz de seu desejo para além do corpo biológico e da anatomia. Ambos levando a marca do funcionamento do recalque.

Desde Freud (1900/1996) vemos a relação entre inconsciente e processos de significação. Na “deformação” dos sonhos, encontramos a operação da própria neurose, na relação entre desejo e processos de censura oriundos do *eu*. “Aqui a censura serve de medida para se efetuar ou não a deformação onírica” (ESTEVÃO, 2017, p. 99). Freud tenta nos mostrar que, mesmo os sonhos parecendo sem sentido ou absurdos, é nessa sua deformação que encontramos o processo que faz deles realizações de desejos recalcados.

Zizek (1996) atenta para o detalhe de que é na *forma* dos sonhos e não somente em seus conteúdos que podemos apreender o recalque. Essas deformações oníricas ocorrem muitas vezes substituindo um elemento por outra coisa, já que a apresentação explícita de certo conteúdo recalcado poderia ser intolerável ao sonhador.

O registro simbólico opera substituindo um elemento por outro – como é o caso do Nome-do-Pai intervindo no Desejo da Mãe e produzindo a metáfora paterna. Quando Freud (1905/1996) aborda a problemática da sexualidade, toma o próprio sintoma como uma formação inconsciente e que cumpre a função de substituo sexual.

Esse mecanismo de deformação é oriundo de duas forças psíquicas (FREUD, 1900/1996, p. 253). “Uma dessas forças constrói o desejo que é expresso pelo sonho, enquanto a outra exerce uma censura sobre esse desejo onírico e, pelo emprego dessa censura, acarreta forçosamente uma distorção na expressão do desejo” (ESTEVÃO, 2017, p. 99-100).

O *eu* cumpre a função de censurar impulsos conflitantes entre o desejo e a demanda daquilo que é ou não permitido, inibindo “o investimento em uma representação que causa desprazer, recalcando-a. O agente dessa ação é também o agente da censura, o *eu*” (ESTEVÃO, 2017, p. 99-100).

A censura antecede o recalque via sentimentos de desprazer. Esse desprazer vem acompanhado de uma representação antitética. “Censurar-se é sentir o desprazer ao mesmo tempo que é o processo mesmo de censura, o recalque da representação antitética” (ESTEVÃO, 2017, p. 99-100).

Não se trata de julgamento moral acerca do bem ou do mal, já que tal crivo será atribuído posteriormente às atitudes infantis, a partir das normas morais da civilização. Trata-se de uma relação acerca do que é ou não possível satisfazer em termos pulsionais.

As crianças são completamente egoístas, sentem suas necessidades intensamente e lutam de maneira impiedosa para satisfazê-las – especialmente contra os rivais, outras crianças, e, acima de qualquer outra coisa, contra seus irmãos e irmãs. Mas nem por isso chamamos uma criança de “má”: chamamo-la de “levada”; ela é mais responsável por seus malfeitos em nosso julgamento do que ante os olhos da lei. E é certo que seja assim, pois podemos esperar que, antes do fim do período que consideramos como infância, os impulsos altruístas e a moralidade despertem no pequenino egoísta (FREUD, 1900/1996, p. 265).

É sobre esse conflito que temos o mito da origem da civilização, *Totem e tabu*, na articulação do complexo de Édipo com a entrada na cultura, com o assassinato do pai da horda como estruturação decorrente do recalque.

Mas por que esses desejos sexuais devem sofrer censura, sendo a deformação onírica seu representante enquanto dormimos? A forçosa entrada em latência na passagem do “*eu infantil*” para o “*eu adulto*” encontra ressonâncias no mito de *Totem e tabu* como aquilo que faz limite ao gozo de cada um: se antes o pai podia gozar de todas as mulheres, com seu assassinato e tendo o *totem* no seu lugar todos devem censurar os impulsos primários, obedecendo a uma lei que os fazem lembrar da posição de quem, no passado, tudo podia fazer desenfreadamente. Aí vemos “o recalque de uma série de pulsões, de uma série de desejos, que são rechaçados pela entrada da moral. Nesse ponto estão os sentimentos edípicos” (ESTEVÃO, 2017, p. 105).

O complexo de Édipo, com a entrada da metáfora paterna, situa o sujeito não somente em relação ao desejo e à lei, mas também na partilha dos sexos. É o Nome-do-Pai o significante que permite simbolizar a diferenciação dos sexos, não por qualquer referência à anatomia ou ao sexo biológico, mas enquanto significações do sujeito que o situa em uma dada posição. É a função de um “ponto de basta” (*point de capiton*) que mencionamos e que

em francês remete à expressão extraída do vocabulário dos tecelões para indicar o ponto em que uma almofada amarra a estrutura.

Se para a criança algo da posição ocupada pelo pai a introduz na relação com o Nome-do-Pai, o que ela poderá descobrir mais tarde é que ele já estava presente no próprio discurso da mãe, já que é um operador significante. O Nome-do-Pai também aponta para a criança onde está o desejo do Outro, já a partir do discurso, para além dessa intervenção. A mãe pode transmitir muito bem seu desejo mesmo na ausência de qualquer pai feito de carne e osso: “o desejo da mãe pode apontar para o genitor da criança, mas não necessariamente. O Nome-do-Pai (NP) é um significante e não uma pessoa” (QUINET, 2015, p. 38).

Chama-se de metáfora, pois é onde o sujeito do inconsciente aparece. O Nome-do-Pai vem no lugar do desejo. Enquanto desejo do Outro, recalcado, sua manifestação ocorre pelo surgimento do sujeito, efeito da operação, dividido entre lei e desejo. Na metáfora paterna cunhada por Lacan encontramos correspondência com o complexo de Édipo de Freud, “não dentro de uma perspectiva evolucionista do desenvolvimento infantil, mas sob uma perspectiva estrutural, atemporal” (QUINET, 2015, p. 38).

Na dialética do desejo, o bebê deseja a mãe e é por ela desejada. Sua posição subjetiva dá-se na interrogação do desejo materno: “assim, ‘desejo da mãe’ resume o desejo por ela e o desejo dela, dentro da lógica lacaniana em que o desejo do sujeito é o desejo do Outro” (QUINET, 2015, p. 38).

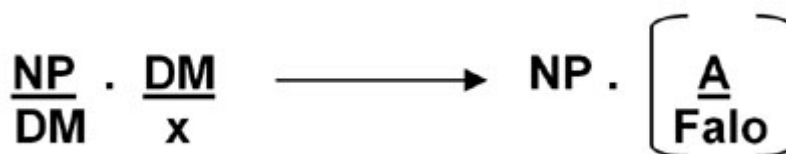
Com a entrada da lei pela via significante, a operação ocorre em dois tempos que não são cronológicos, mas lógicos. “No primeiro, o sujeito como bebê se depara com o significante do Desejo da Mãe (DM) enquanto enigmático, ou seja, cujo significado é uma incógnita (X)” (QUINET, 2015, p. 39).

É esse *X* que na álgebra lacaniana corresponde ao “O que ela quer?”, ressoando o lugar da própria questão que vem do Outro. Para falar do desejo, Lacan extraiu da peça de Jacques Cazotte (1776/1992) a questão *Che vuoi?*, “O que queres de mim?”. É a via de acesso ao Outro, campo da linguagem e do inconsciente, no qual o sujeito terá de operar com os significantes e com todos os limites de seu próprio gozo: “*Che vuoi?*” Que queres?

Eis a pergunta que a criança endereça, como sujeito, ao Outro que a deixou ver sua própria falta. Vemos, assim, que a pergunta sobre o desejo não é exatamente uma pergunta sobre a demanda, é na verdade sobre o gozo oculto: “por que me gerastes? Para que me queres? Me preferes vivo ou morto?” (POLLO, 2024, p. 133).

Já no segundo tempo lógico “o discurso da Mãe aponta para o Nome-do-Pai, e seu desejo será metaforizado por algo (pai, trabalho, outra mulher etc.); a incógnita (X) receberá uma significação: o valor fálico” (QUINET, 2015, p. 39). O falo, para Lacan, é um valor que produz efeitos de significação a partir da metáfora paterna. Trata-se daquilo que tem valor por comportar uma significação que valida o *eu* do sujeito. Chamamos essa significação de “significação fálica”.

Figura 1 – Significação fálica segundo Lacan



Fonte: esquema abreviado de Lacan (1966/1998, p. 563).

No esquema temos o Nome-do-Pai (NP) como o significante que opera sobre o desejo da mãe (DM), que colocava a criança enquanto uma incógnita acerca de seu lugar no desejo do Outro. O produto dessa operação é a função do Nome-do-Pai atuando de forma recalcada, naquilo que o falo é em relação ao Outro (A/Falo), ou seja, sua significação está sempre em relação ao lugar do Outro, um lugar simbólico.

Mas essa lei não é integralmente bem-sucedida. A mãe transmite ao filho algo da insuficiência, uma vez que o pai, de carne e osso, também porta o significante da lei. Aqui vemos uma disjunção entre o pai que porta a lei e o pai real<sup>58</sup>, que transmite o seu inconsciente.

A presença do pai real transmite algo à criança, que não é abarcada na cadeia significante, deixando inclusive “escapar” que não há um desejo “puro” do lado da mãe, nem que o Outro é absoluto. Temos notícias dessa operação “não tão bem-sucedida” no desejo, como retorno do recalcado:

o importante aqui é desprender-se de uma ideia do pai que o identifica à

<sup>58</sup> Como já mencionado, dividimos cada abordagem do pai em relação aos registros formulados por Lacan para efeito de transmissão, uma vez que real, simbólico e imaginário atuam sempre em articulação, não há como funcionarem de forma isolada. A realidade é efeito de sua articulação.

função do interdito, que o limita ao puro significante, que o mede sob os parâmetros de uma perfeição simbólica, para permitir a abertura de uma perspectiva sobre a função do pai na qual a dimensão da lei seja menos oposta e mais articulada à do desejo (ZENONI, 2007, p. 19).

O pai apresenta-se na teoria ora como o pai morto – sendo, então, perfeito no cumprimento da função de ordem –, ora como pai vivo, real, marcado pela imperfeição e colocando-se como um pai “sem lei”. O pai idealizado, conforme rege a lógica das massas, é a fantasia do neurótico, é a ânsia por um pai encarnado que possa ocupar o lugar simbólico do pai morto. Lugar impossível de ser ocupado por qualquer ser vivo.

Seja como instância ausente ou como indivíduo presente, temos no pai a função do limite.

É por esse motivo que, como instância ou como indivíduo, o pai realiza, de uma forma ou de outra, o entrelaçamento entre o interdito e o desejo. Isso faz com que ele tenha uma função de limite – função de limite ao pior. Por um lado, esse entrelaçamento limita o ilimitado da lei, que gostaria que tudo fosse codificado, que uma norma regesse todos os aspectos de nosso comportamento, que, em última análise, tudo se explicasse (ZENONI, 2007, p. 19).

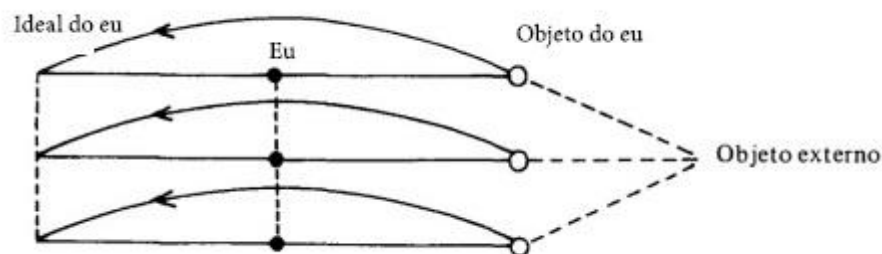
Para a psicanálise, o pai funciona e não funciona ao mesmo tempo. Funciona, pois, no lugar do puro desejo, traz uma lei que é a lei significante. O bebê passa a poder significar o mundo e, assim, a sair da condição de puro objeto do Outro. Mas essa lei, por sua vez, não pode explicar tudo, pois há um mais-além do simbólico e do imaginário: o real.

Há como ler o uso das *fake news* sob essa égide, no desafio que elas nos propõem em relação aos inúmeros dispositivos ofertados de *fact-checking*, reposicionando-as como fatos que podem ser verificados acerca de sua veracidade e servindo às estratégias políticas enquanto significações de uma crença. Com as *fake news*, faz-se um uso do desamparo estrutural presente na constituição psíquica. Tal insuficiência pode abrir o campo do desejo para o sujeito, mas também buscar soluções imaginárias.

Na lógica das massas, qualquer tratamento sobre a relação do sujeito com o Outro fica excluído, e a ilusória “solução” para lidar com o desamparo dá-se de forma imaginária, tomando um outro qualquer – até mesmo “estúpido” – para ocupar o lugar de líder, bem como um *outro* outro para ocupar o lugar de ameaça.

Mas a dimensão simbólica está ali presente também na lógica das massas – assim como o registro real, já que não se pode abordar qualquer registro sem sua relação com os demais. O que ocorre é a predominância imaginária pela via dos ideais. No esquema que Freud (1921/1996) propõe das massas, vemos o líder ocupando um lugar simbólico de Ideal do eu, lugar que opera de modo inconsciente e não aparente. Os efeitos de identificação entre a massa e seu líder apontam para o além da imagem, como no totem. O que se opera ali é uma função simbólica, o desencadeamento de uma identificação em série.

Figura 2 – Esquema de Freud



Fonte: Lacan (1964/2008, p. 257).

Lacan (1957-1958/1999) apresenta a formação do Ideal do eu na criança quando se estabelece o complexo de Édipo estruturalmente, isto é, para além das figuras da mãe e do pai, na relação da criança com a dialética do falo intermediado pela linguagem.

A dimensão do desejo situa o lugar do sujeito para além do indivíduo, tratando o sexual não como necessidade, mas implicando o atravessamento da função da fala sobre o organismo: “falar não quer dizer simplesmente exprimir as significações atribuídas às palavras pelo código, mas quer dizer também produzir um novo sentido, do mesmo modo que desejar não quer dizer ser condenado pelas necessidades da necessidade, mas aspirar a ‘outra coisa’” (ZENONI, 2007, p. 21).

O Outro não é somente o lugar do código; ele representa o lugar em que novos sentidos podem ser produzidos, pois escapa à lei da qual o significante tenta dar conta:

o que alarga, interpreta, adapta e, no final das contas, diz a lei, não é, em si, um termo de lei. A enunciação da lei tem como único fundamento ela própria, já que a existência da lei não pode, por definição, ser precedida pela lei, assim como uma palavra não pode ser garantida senão pela própria

palavra, ou seja, na verdade, não tem garantia (ZENONI, 2007, p. 21).

O simbólico leva as marcas da relação da mãe com o pai para além de seus lugares enquanto indivíduos, das pessoas que ali estiveram no processo de estruturação subjetiva da criança.

Não é unicamente da maneira como a mãe se arranja com a pessoa do pai que convém nos ocuparmos, mas da importância que ela dá à palavra dele – digamos com clareza, a sua autoridade –, ou, em outras palavras, do lugar que ela reserva ao Nome-do-Pai na promoção da lei (LACAN, 1966/1998, p. 585).

O Nome-do-Pai já está ali presente desde sempre pelo “crédito”<sup>59</sup> dado à pessoa que ocupa o lugar do pai ou um X qualquer para o desejo da mãe. Seja um pai de carne e osso ou uma “coisa qualquer” que disputará o lugar da criança diante dos olhos da mãe, essa ameaça de perder o lugar de amor para o Outro a situa na dialética do desejo e nas alternâncias de posicionamento entre “ser ou ter” o falo.

É algo dessa posição que se transmite, passando não somente pelo lugar do pai, mas abrindo as vias da suposição que se dá ao Outro enquanto lugar estrutural e “suposição da boa-fé” (ZENONI, 2007, p. 21).

É com o Nome-do-Pai que o sujeito se estrutura pela via do significante naquilo que pode representá-lo para outros significantes, fazendo surgir o sujeito na marca de uma diferença diante dos deslocamentos significantes. Lacan (1953/2005 e 1960a/1998) recorre a uma alegoria de Mallarmé (1897)<sup>60</sup> para dizer que a linguagem é como uma moeda apagada que será passada de mão em mão em silêncio. Tal alegoria sobre a linguagem como moeda articula bem o lugar do significante em relação ao desejo do neurótico, já que para não cair na vertigem o neurótico tende a se agarrar na “garantia mítica” do significante (LACAN, 1958-1959/2016, p. 491). Tal qual a moeda, que passa de mão em mão em silêncio, a lei do Nome-

---

<sup>59</sup> Aqui, para mantermos a questão que dá título à nossa pesquisa: *Ainda acreditamos?*, vale lembrar que “acreditar” também pode trazer o sentido de “dar crédito”, definição que vai de encontro com o lugar do Nome-do-Pai como valor.

<sup>60</sup> Lacan recorre à alegoria de Mallarmé mais de uma vez – em *O simbólico, o imaginário e o real* (1953) e em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* (1960). Trata-se de um poema publicado em *Divagations* (1897): “*Narrer, enseigner, même décrire, cela va et encore qu’a chacun souffrait peut-être pour échanger la pensée humaine, de prendre ou de mettre dans la main d’autri en silence une pièce de monnaie, l’emploi élémentaire du discours dessert l’universel reportage dont, la littérature exceptée, participe tout entre les genres d’crits contemporains*”.

do-Pai se articula à cadeia significante.

Servimo-nos do que o mito nos ensina para pensarmos a relação do Nome-do-Pai com os demais significantes. Outra alegoria utilizada por Lacan para tratar da linguagem é a função da *senha*, já que a senha é uma escolha arbitrária e de acesso cuja composição em nada remete a uma significação: “é aquilo graças a que não se reconhecem os homens do grupo, mas o próprio grupo se constitui como tal” (LACAN, 1953/2005, p. 25). O Nome-do-Pai é esse significante que organiza o conjunto dos significantes, mas que o faz de forma arbitrária. É um significante qualquer, que ao produzir os efeitos de significação via metáfora passa a ter como função a atribuição de um valor fálico sobre o discurso, a partir do qual o sujeito se localiza.

Assim como a senha, esse significante é arbitrário. E é eleito independentemente de sua significação. Quando falamos e acreditamos que aquilo a linguagem produz em sua significação é de fato o que ela designa, estamos numa “miragem” (LACAN, 1953/2005, p. 24).

É também “miragem” a ficção que se constrói de um pai que goza em paz de seu objeto (LACAN, 1958-1959/2016, p. 490). A dimensão problemática de tal ficção é o que essa metáfora visa esconder: “por trás da metáfora do pai como sujeito da lei, como possuidor sereno do gozo, esconde-se a metonímia da castração” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 490). Podemos articular aqui os efeitos que decorreriam para uma massa aos se tomar o pai ideal como castrado. Tal dimensão colocaria cada indivíduo a se haver com a sua própria castração? Ameaçando, assim, o efeito de “enamoramento” típico da lógica das massas?

Tomemos essa noção para pensarmos o que está por trás de *Totem e tabu*, cujo mito do pai da horda primitiva foi inspirado em outros mitos primitivos. É o ponto da castração que interessa à psicanálise, não seu significado literal, mas sua função em diversos mitos e sua transmissão de geração a geração: Cronos que castra Urano, Zeus que castra Cronos... (LACAN, 1958-1959/2016, p. 490). É passagem de um mito a outro, levando sempre a marca da castração. A castração do filho é também castração do pai. É nessa equivalência que introduzimos o pai como simbólico, como lei que passa de um a outro.

Ainda vivemos uma organização em que a neurose se faz presente não somente nos consultórios, mas nos modos do funcionamento social; forma de exemplificar que, do ponto de vista psicanalítico, o individual e o social não se separam.

Tanto o mito de *Totem e tabu* quanto o de Édipo servem para pensarmos a articulação

do individual com o social. “Freud forjou o mito de *Totem e tabu* como originário da civilização para ‘demonstrar’ a universalidade do tabu do incesto, articulando, assim, o ‘sujeito individual’ com o ‘sujeito social’ – que para ele não se diferencia” (QUINET, 2015, p. 25). É com a assimilação do mito que podemos ler na psicanálise a condição entre social e individual como a própria condição do sujeito dividido, levando as marcas do “interno” e “externo” (FERREIRA, 2014, p. 16)<sup>61</sup>.

Édipo, ainda que originalmente seja um mito, fundamenta uma linha de apreensão de coisas que não nos são claras e conscientes em um primeiro instante. Não vivemos além do Édipo e isso quer dizer que, na forma com que apreendemos o campo dos fenômenos sociais, para além do consultório, ainda não vivemos para além do consciente nem da prática analítica (POLLO, 2016, p. 277).

A peça de Sófocles pode ser lida de diferentes modos (QUINET, 2015), seja pela tradução variada dos termos que a língua grega permite, transmitindo o enigma no dizer da Esfinge, ou pela linhagem sugerida no nome de Édipo, de seu pai e de seu avô<sup>62</sup>.

Nos processos de significação da cadeia, o falo também circula e marca uma posição do sujeito em relação ao Outro e à lei, que é transmitida de geração em geração. Chamamos de complexo de castração a relação estabelecida entre o sujeito e o falo, na passagem de um lugar que aquele ocupa no desejo do Outro, sendo o falo para alguém, assim como advento da função paterna exercida pelo Nome-do-Pai, fazendo do sujeito um portador deste. Trata-se de um significante privilegiado na cadeia do discurso e que faz referência à posição do sujeito em relação ao Outro, resgatando a época em que a criança era o falo de Outro (a mãe) (LACAN, 1957-1958/1999).

Num primeiro momento, o sujeito encontra-se na condição de ser o falo diante do desejo do Outro – é também o processo de alienação para aquisição de linguagem, marcando-a já de entrada na posição objetal. O sujeito é o falo na medida em que não pode tê-lo, mas somente o Outro. Sendo o Outro aquele que pode ter o falo, só cabe ao sujeito sê-lo. Lacan fala de uma crescente angústia na medida em que a análise progride. É para não entrar em contato com a dimensão angustiante do complexo de castração que o sujeito não quer saber

---

<sup>61</sup> É nessa relação entre exterioridade e interioridade que vemos operar o significante, levando a marca freudiana sobre a inviabilidade de se pensar uma psicologia individual separada de uma psicologia social: “tal como a banda de Moebius, é indissociável o exterior do interior” (FERREIRA, 2014, p. 16).

<sup>62</sup> “‘Matarás teu pai e dormirás com tua mãe!’ Ela está no crime de Laio, o homem do pé torto. Para quem não sabe, o avô de Édipo se chamava *Labdaco*, isto é, pé manco; seu pai, Laio, era pé torto; ele, Édipo, pé inchado. Três significantes da *lalíngua* grega, que demonstram como o significante marca o corpo, em sua transmissão geracional” (POLLO, 2016, p. 278).

dessa dimensão do Outro, “o que se trata de não revelar” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 497).

É a “subsistência de seu desejo” que o neurótico tem de provar a si e é o que não ocorre quando segue pela via imaginária, substituindo esse Outro pelas imagens do outro, semelhante: “é graças à relação do *eu* com a imagem do outro que pode se estabelecer todo esse jogo de substituições no qual o neurótico nunca tem de fazer a prova daquilo de que se trata, a saber, que ele é o falo” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 498).

Se o neurótico coloca à prova quem é ou não o falo, quem de fato o tem, entraria em contato com a dialética do desejo. O desejo é desejo do Outro, mas levando em conta que nesse Outro o falo também falta. “No neurótico, o desejo do Outro é o que apavora o sujeito, que se sente correndo ali todos os riscos” (LACAN, 1958-1959/2016, p. 498).

O efeito da dialética do desejo entre “ser ou ter” o falo produz no sujeito uma “defasagem essencial em relação a tudo o que é, pura e simplesmente, da ordem da direção imaginária da necessidade – necessidade que a demanda introduz numa ordem outra, a ordem simbólica, com tudo o que ela pode introduzir aqui de perturbações” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 96).

O desejo é assim sustentado pela estrutura simbólica, que o mantém circulante na cadeia significante como algo “sempre pronto a reaparecer” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 97) diante da circulação do falo e na alternância de uma posição de sujeito e objeto. O desejo se desvela no efeito da cadeia significante sob as leis de metonímia e metáfora: “é pela ação da metáfora que se produz o surgimento do novo sentido, já que, tomando emprestados alguns circuitos originais, ela vem incidir no circuito corrente, banal, comumente aceito, da metonímia” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 97).

O campo da linguagem para o sujeito está longe de ser unívoco em sua significação. Ao desejo do Outro, o equívoco e o desconhecido constam como “caráter fundamental da linguagem” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 100). É com esse sistema de linguagem ambíguo que o sujeito deverá lidar sobre a significação de si e do sexual.

Édipo porta uma sina decorrente do crime do pai. “A *hybris* de Laio foi tê-lo sequestrado, rompendo as leis da hospitalidade, e traído aquele que o acolhera” (QUINET, 2015, p. 93). É a dimensão do pai criminoso que fica oculta durante a peça de Sófocles – e poderíamos nos perguntar se é também a dimensão que fica de fora das *fake news*.

Porém, testemunhamos como em suas ações o herói acabou por efetivar o destino que lhe fora colocado em decorrência do crime do pai. Quinet (2015, p. 11) propõe retomar a

tragédia de Édipo, dando enfoque à tensão vivida pelo protagonista “entre seu *status* de sujeito e o de objeto”. Tal é a condição do sujeito, marcado por uma barra (\$) e que não se confunde com seu apoio imaginário, o *eu*, apoio narcísico que o mantém na paixão da ignorância.

A tensão se dá entre o sujeito do desejo (que mata o pai e tem sexo com a mãe) e o objeto de filicídio e vítima da tradição oracular cumprindo um “destino”. A partir daí saliento a responsabilidade do sujeito ético imprensado entre a determinação simbólica (Inconsciente) e a parte que lhe cabe de decisão própria e singular; entre a paixão de ignorância e o desejo de saber (QUINET, 2015, p. 11).

O inconsciente produz um saber que não se acessa diretamente pela via da consciência, sendo necessário um trabalho analítico que passa pela fala e pela interpretação, como inaugurado por Freud com a associação-livre. É o “fundamental” da psicanálise, assinalando a importância da linguagem e da fala e tomando os fenômenos a partir da “importância do significante na economia do desejo” (QUINET, 2015, p. 11).

É na diferenciação entre significante e significado que opera uma lei inconsciente. Podemos pensar nos significados atribuídos a uma massa em decorrência do que o líder profere e ressitua-los, levando em conta que são sempre suportados por uma cadeia significante. A não diferenciação entre significado e significante confunde o lugar daquele que fala com a própria lei enquanto verdade: “não é a mesma coisa dizer que uma pessoa deve estar presente para sustentar a autenticidade da fala e dizer que há alguma coisa que autoriza o texto da lei” (QUINET, 2015, p. 11).

Apesar de a massa confundir o líder com a própria lei, o texto da lei basta por estar no nível do significante: “trata-se do que chamo de Nome-do-Pai, isto é, o pai simbólico” (LACAN, 1953/1998, p. 277). O Outro, lugar do código e do significante, também é sede da lei. É isso que se expressa no mito de Édipo articulado ao conhecimento linguístico. A cultura é ordenada simbolicamente em lei e código. Tudo o que se organiza em torno das identidades, dos grupos, de uma moral sexual, tudo aquilo que uma civilização tenta ordenar passa pelo significante: “é o mundo das palavras que cria o mundo das coisas” (LACAN, 1953/1998, p. 277).

É em nome do Outro, em “Nome-do-Pai”, que o neurótico mascara o próprio desejo – o qual não advém sem o complexo de castração. Seria insuportável constatar que ninguém

tem o falo de fato, que é um efeito discursivo. Para manter sua relação de dependência, o neurótico precisa manter uma consistência desse Outro, de modo que alguém o tenha.

Não se trata somente de se relacionar com o líder como alguém que porta a lei e a verdade, mas também de seus efeitos estruturais. A consistência é dada ao Outro a partir do poder absoluto destinado àqueles representados imaginariamente na figura do líder, do político salvador, do pai e até mesmo na figura de Deus. Mas o que a experiência clínica constata é que o desejo só pode nascer quando não há Deus (LACAN, 1958-1959/2016, p. 491).

É no nascimento do desejo que notificamos a fratura da realidade, conforme a definição de Lacan sobre o símbolo; nessa hiância surge o sujeito desejante. Fratura que remete à hiância presente na relação do sujeito com o Outro – seja o pai, o líder ou Deus –, assim como nos intervalos da cadeia e em sua passagem de um significante a outro.

O neurótico resiste a participar do jogo ambíguo feito um sonhador sempre ocupado fazendo as malas, preparando-as, mas que acaba por esquecer-las ou as deixa no guarda-volumes. São malas preparadas para uma viagem que ele nunca faz (LACAN, 1958-1959/2016, p. 491). Vemos o uso dessa postergação do desejo nas promessas religiosas, que garantem um futuro de recompensas àqueles que abrem mão de suas satisfações materiais “em vida terrena”, sendo o paraíso essa espécie de viagem por vir (FREUD, 1927/1996).

A cadeia significante ordena o que é da ordem humana (LACAN, 1953/1998). O sintoma faz metáfora, apontando para outro sentido e desvelando sua posição como um significante que representa o sujeito para outro significante. Há um mecanismo duplo na metáfora, entre o sentido consciente e uma significação inacessível:

entre o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significante atual passa a centelha que fixa num sintoma – metáfora em que a carne ou a função são tomadas como elemento significante – a significação inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver (LACAN, 1953/1998, p. 522).

O sintoma marca a divisão do sujeito e mostra sua função simbólica: o sujeito entre um saber consciente e um saber *insabido* (*Unbewusste*)<sup>63</sup>, cuja neurose é a recusa em sabê-lo.

---

<sup>63</sup> Não sendo um conhecimento de ordem consciente, esse saber inconsciente poderia ser traduzido ao pé da letra por “insabido” ou “não sabido”, mantendo a conjugação de *wissen* (saber) no termo escolhido por Freud – *Das Unbewusst* (FURTADO, 2011, p. 134).

Mas Freud reconhecia uma espécie de satisfação paradoxal no sintoma; o processo da fala também muitas vezes não abria para o reconhecimento de um saber, mas para uma tendência à repetição. Uma repetição que colocava em cena a constante tentativa de inscrição na cadeia significante (FREUD, 1920/1996). O pulsional marca a impossibilidade de o simbólico e o imaginário tudo dizerem e abre o campo das articulações na via do real e do gozo.

Na pulsão presentifica-se uma espécie de tendência à morte, sendo “a meta de toda a vida, a morte” (FREUD, 1920/1996, p. 38). Entendamos que essa pulsão de morte, em Freud, é uma tendência ao inanimado: “a tensão assim gerada no material até então inanimado lutou por se libertar, assim nasceu a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado” (FREUD, 1920/1996, p. 38).

Com o pulsional em cena, o sintoma abre caminhos para pensarmos o que ocorre no processo analítico quando a decifração dos significados possíveis no sintoma, como mensagem a ser decifrada, já não é mais suficiente. Uma dimensão do sintoma resistiria ao tratamento analítico regido pela interpretação, como Freud havia formulado, e se abriria numa divisão: o sintoma como efeito de uma mensagem que visa à interpretação e sua dimensão pulsional no nível da satisfação inconsciente.

Sendo o substituto do conteúdo recalçado (FREUD, 1926/1996), o sintoma pode continuamente renovar as exigências pulsionais e, por sua vez, retomar as estratégias de defesa na via imaginária do *eu*.

Notamos que Lacan também se depara com os limites de sua formalização no que propunha enquanto tratamento pela via do simbólico. Na linha do sintoma como mensagem a ser decifrada, toma-o como metáfora, abrindo campo para articulações entre psicanálise e linguística estrutural. Nessa articulação introduz modificações e, tomando o sintoma como metáfora, abre-o para a via do desejo, tendo a metonímia como seu correspondente no campo da linguagem.

É a possibilidade de abordarmos não somente o *eu* de cada indivíduo numa massa, constituído pelo jogo de relações imaginárias que a criança vai construindo diante do outro semelhante, mas também o sujeito do inconsciente (LACAN, 1958-1959/2016, p. 28). O sujeito do inconsciente é a via do tratamento psicanalítico. É tratar não somente as “miragens” imaginárias, mas também o real pela via simbólica (LACAN, 1964/2008, p. 14).

A fala torna-se a práxis do tratamento, por meio da qual o analista escuta os pontos de repetições e de posição do sujeito. Trata-se o sintoma naquilo que há de singular do sujeito, na

escuta do um a um, contrária à lógica que rege a massa.

Vemos a solução dada pelo engenhoso funcionamento das *fake news* que, sob a tutela da Cambridge Analytica, replica um modelo de repetição e bombardeamento diário de notícias falsas. Algo da pulsão seria satisfeita de forma inconsciente? Não somente pela ação que impulsiona cada usuário ao compartilhá-las e ao “alimentá-las”, mas também na manutenção de sua repetição? A repetição marca o campo do pulsional, colocando em xeque os limites do simbólico e de qualquer possibilidade de interpretação.

A castração é marcada pela pulsão, situando o sujeito não só em sua ameaça de perder o lugar de amor para o Outro, mas também no ponto em que não encontra qualquer possibilidade de metáfora sobre si e sobre o sexual. Trata-se da inadequação das produções significantes em relação ao objeto faltoso – nomeado como *objeto a*.

#### **4.2 Significar uma sexualidade marcada pela pulsão**

Veremos como a pulsão marca a sexualidade de forma singular a cada sujeito e em como essa dimensão do desejo pode ser abordada real e simbolicamente. Articulação fundamental para pensarmos a abordagem moral e predominantemente imaginária que tantas *fake news* tomam o campo da sexualidade.

Muitos autores tentaram e tentam ainda difamar o lugar de Édipo na psicanálise como uma espécie de normatização, colocando em xeque condições de tantos que não têm conhecimento de seus pais, fazendo da psicanálise uma teoria burguesa (ESTEVÃO, 2017, p. 31). Difamação que cai por terra quando lemos o mito em sua forma estrutural, e não pensando a condição de pais biológicos. Assim como a partir da identificação que resulta desse lugar ocupado pelo pai da horda primitiva, modificando a relação do sujeito com o complexo de Édipo, de modo que ele deixa de ser um complexo que a criança adquire na relação de investimentos dos pais biológicos e passa a recurso de proliferação cultural (ESTEVÃO, 2017, p. 31).

É em *Algumas consequência psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos* (1925) que Freud situa o *supereu* como herdeiro do complexo de Édipo: “em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o supereu se tornou seu herdeiro” (FREUD, 1925, p. 319).

A herança trágica que Édipo carrega é a forma de o *supereu* categórico operar, inscrevendo simultaneamente a exigência de cumprir uma lei e a sua transgressão, enviando-lhe ordens contraditórias acerca de seu comportamento: “seja assim” e “não seja assim”. O *supereu* é uma instância paradoxal, “consciência moral” (QUINET, 2015, p. 21) que se defronta com o campo pulsional.

Freud encontrou na pulsão a forma de denominar o campo daquilo que no indivíduo se diferenciaria de todas as outras espécies. Já que o sujeito é marcado pelo significante e por suas leis desde sempre, jamais poderá se relacionar com qualquer coisa que se aproximaria de um instinto. Com Lacan, a pulsão é o que coloca também em cena a realidade sexual do inconsciente em termos de efeitos discursivos. Esse ponto no Outro que o sujeito localiza como Ideal do eu marca uma distância pulsional em relação ao seu objeto de desejo. Chamamos de *objeto a* esse objeto faltante, que se extrai do campo do Outro.

É nesse plano de indeterminação que a pulsão, para Freud, chegou mesmo a ser considerada uma mitologia (FREUD, 1933/1996, p. 66). Noção que Lacan não descarta, ao tomar o mito em sua formulação discursiva na relação com a verdade, ou seja, uma ideia de verdade que só poderia apoiar-se em si mesma. A fala, enquanto progride, vai constituindo sua própria dimensão de verdade a partir das significações (LACAN, 1953/2008, p. 13). Do mito, extrai-se algo além de seu conteúdo manifesto e imaginário: sua forma de organização dos elementos, seu caráter latente e simbólico.

Freud (1915/1996) considera que a pulsão, diferentemente do instinto, não tem seu objeto definido *a priori*, como pura condição biológica de uma necessidade. A pulsão é um estímulo que convoca o aparato psíquico a um trabalho de representação. Essa estimulação estaria operando de forma inconsciente; é ela quem convoca um trabalho da consciência. A pulsão tem como finalidade a satisfação, que visa eliminar essa própria estimulação.

Diferentemente do instinto que não é atravessado pelo simbólico e pela cadeia significante, alguma porção da pulsão sempre ficará insatisfeita. É essa insatisfação que Lacan tentará denominar objeto *a*, objeto extraído do conjunto do Outro e que marca o sujeito para além da cadeia significante. Porção do real, para além do simbólico e do imaginário; a pulsão como uma espécie de “real mitificado”, já que não tem seu objeto de satisfação na natureza. Disso deriva o desejo, “reproduzindo nele a relação do sujeito com o objeto perdido” (LACAN, 1964/2008, p. 867).

É sobre essa falta de objeto que Lacan desenvolve sua teoria do significante enquanto

um trabalho do sujeito em relação com os objetos do mundo, cuja realidade é sempre psíquica e sustentada por uma fantasia. Inclusive o seu próprio *eu*, instância imaginária, torna-se um objeto do discurso. Em Freud temos o campo da significação como representação (*Vorstellung*), enquanto o campo do irrepresentável torna-se afeto (*Affekt*); ambos compõem a montagem da pulsão (SOLER, 2022, p.08).

Para Freud, o campo dos afetos poderia ser caracterizado como a dimensão quantitativa das pulsões, parte intensiva e de pura descarga. Vimos no primeiro capítulo como esse campo é também o que permeia as paixões do ser. Os afetos nem sempre precisam encontrar seus representantes pulsionais, podendo simplesmente ser “descarregados” ou transformados em seu contrário – por exemplo, o amor virando ódio ou vice-versa.

Quando neste capítulo situamos uma angústia de castração na relação do sujeito com a falta do Outro, podemos tomá-la como exemplo de um afeto que não encontrou sua significação. São os efeitos desse encontro angustiante que o sujeito tenta recalcar. Sua ignorância é uma forma imaginarizada de se defender e não abalar a significação criada para sustentar seu *eu*, além de não abalar a ideia de uma unidade corporal.

Não é à toa que o campo dos afetos pode dominar uma massa, a qual se agarra à crença de formar algum tipo de unidade junto ao líder e aos outros com que se identificam. O preço que cada um paga é o da ignorância, deixando vir do líder qualquer significação que ditará a forma com a qual devem se comportar, inclusive em relação ao sexual. Entendemos assim porque as notícias falsas que colocam uma moral sexual como ameaça aguçam os usuários a saírem compartilhando-as entre si sem o mínimo desejo por checá-las.

Seria então esse o efeito por deixar que um objeto qualquer e “estúpido” venha a ocupar o lugar de Ideal do eu para uma massa? O preço que um indivíduo paga por pertencer a uma massa, que nada critica e nem deseja, mas só segue ordens, é o da alienação acerca do campo pulsional?

Os afetos por si só trazem sempre algo de duvidoso, podendo enganar os sujeitos apaixonados e tendo importante participação na divulgação de *fake news* (DOURADO, 2021) compartilhadas sem qualquer critério sobre suas evidências. Quando tomados fora de sua função de deslocamento significante, os afetos não são “aliados da interpretação”: “ao trazer à luz o inconsciente, a vivência do afeto é uma falsa evidência, que caminha junto com a dúvida e a incerteza quanto ao saber” (SOLER, 2022, p. 21). Compreender o que há de pulsional também na relação do sujeito com a cadeia significante, levando em conta que há uma falta no

Outro, traz importantes contribuições para nossa leitura do fenômeno das *fake news*.

O afeto não pode representar o sujeito. O que pode representar o sujeito é um significante (SOLER, 2022, p. 20). É pelo significante que o sujeito, em relação ao Outro, torna algo transmissível e passível de ser identificado. Localizamos o afeto naquilo que desloca os processos de significação do sujeito e passa de um significante a outro (LACAN, 1973/2003, p. 523).

Lacan fala sobre a relação entre significante e uma “introdução primária de um significante mais simples” definido como traço unário (LACAN, 1963/2005, p. 31), sendo inclusive anterior ao sujeito. Noção extraída da relação de identificação que uma massa toma de empréstimo da figura no lugar de Ideal do eu (FREUD, 1920/1996). Essa relação põe em jogo tanto a relação com o líder quanto com os demais indivíduos da massa. O traço unário marca os indivíduos para além de uma posição ideal, mas também de gozo.

É importante distinguir, portanto, o Um do traço unário e o Um da unificação e do Ideal, tanto no que diz respeito à identidade do eu quanto ao encarnar a figura do líder, tal como Freud o apresenta quando se refere à formação de grupos, à igreja e ao exército. O que caracteriza o líder é justamente o fato de ocupar para os membros do grupo simultaneamente o lugar de ideal de eu e o lugar de objeto. Esta superposição de lugares tem, para Freud, um efeito hipnótico. Nos termos de Lacan o Um do ideal soldaria o significante (enquanto ideal de eu) e o objeto de gozo, o que daria ao sujeito a ilusão da unidade, apagando a dimensão da perda (RINALDI, 2008, p. 129-130).

A dimensão do gozo também implica que, para além da identificação imaginária com o líder, cada indivíduo da massa também se relaciona com seu próprio campo pulsional. Ainda que o tema da identificação não se esgote aqui, é importante termos alguma noção sobre sua relação com o Ideal do eu, o objeto *a* e o traço unário. O efeito que uma massa produz em cada indivíduo em termos de identificação ocorre a partir da relação com o líder, ocupando simultaneamente o lugar de Ideal do eu e de objeto.

O traço unário aparece como apagamento do objeto, como um traço distintivo, de pura diferença, marcando a divisão do sujeito pela própria linguagem, enquanto relação com um objeto perdido – objeto *a*. Esse traço não faz o Um das massas; ao contrário, marca o um a um da singularidade.

Trataremos de abordar essa distinção em sua relação com o sexual e com a pulsão,

sendo o campo de que Lacan parte para pensar o registro do real. É o traço unário que inscreve no real a diferença como tal, já que no real não há nada “em si”, a não ser como efeito da insuficiência simbólica. É no sujeito atravessado pelo significante e em relação ao Outro que o desejo se constitui como tensão, naquilo que falta no Outro e que o simbólico não articula. Esse ponto de tensão marca uma distinção do sujeito em relação ao conjunto dos significantes, fazendo-o pura distinção.

A antropóloga Débora Diniz teve seus vídeos editados. Por via da imagem, eles falsificaram sua fala e induziram milhares de espectadores a crerem em significações falsas. Tratava-se de uma fala com significações cuja temática era a sexualidade e o aborto. O efeito desses vídeos levou ao pior: violência, ódio, agressões, ameaças de morte. Segregação.

Por que essas significações sobre o sexual despertam tanto ódio? O que leva uma massa a querer segregar alguém que se posiciona de forma distinta em relação ao sexual? Por que se utilizam de *fake news* que operam justamente aí?

Retomamos a importante noção de “narcisismo das pequenas diferenças”, por meio da qual Lacan aproxima a função do traço unário: “é a partir de uma pequena diferença – que é uma diferença absoluta, incomparável – que se constitui o grande I, do Ideal do eu, que acomoda o propósito narcísico. Nessa direção, para Lacan, o sujeito se constitui como portador ou não desse traço unário” (RINALDI, 2008, p. 131).

Vemos também no mito de *Totem e tabu* a relação do traço unário com o lugar do pai real da horda primitiva. Articulado o mito de Édipo com a “mitologia” do campo pulsional, a origem da civilização se dá como um “complexo de Édipo cultural”, a partir do lugar que cada um ocupa tendo um referencial no pai da horda primitiva. Trata-se de um lugar não mais imaginário ou ideal, mas uma relação com uma espécie de pai pré-histórico. Pai que se manifesta como lei simbólica, aludindo ao pai morto, mas também na existência de uma espécie de pai mítico, todo gozador e cuja lei não o atravessava enquanto vivo (FREUD, 1913/1996).

O traço unário marca cada um após o banquete totêmico desse pai criminoso, ato que antecede a inscrição da lei – operante como pai morto. O traço unário leva as marcas do que o sujeito recalcou para entrar na cultura:

como uma cifra, é a marca primeira de surgimento do sujeito a partir do significante. Todo significante é constituído pelo traço, isto é, tem o traço como suporte. Ao transformar o único freudiano em unário, Lacan introduz

sua concepção do um, fundamento da diferença que demarca o conceito de identificação pela via simbólica, afastando-se da ideia de unificação que perpassa as identificações imaginárias (RINALDI, 2008, p. 126-127).

É importante entendermos um pouco mais sobre o funcionamento do recalque antes de prosseguirmos com a questão do traço unário e da pulsão. Os sonhos interessaram a Freud por sua *forma* de transformação dos conteúdos – caminho pelo qual teríamos notícias do recalque – e por como o desejo inconsciente poderia ser apropriado pelo sonhador a partir do trabalho onírico entre conteúdo manifesto e conteúdo latente. A hipótese freudiana do sonho como via régia do inconsciente dá-se por reconhecer no trabalho onírico uma via do desejo inconsciente. Pelos sonhos, com a técnica da associação-livre, encontraríamos o recalque operando.

Quando Freud faz do recalque a pedra angular de sua teoria, temos aqui uma via para pensarmos o universal, sendo aquele um processo decorrente da relação do sujeito com a aquisição da linguagem. “Isso permite supor a universalidade do recalque, uma vez que todo sonho detém um significado manifesto (consciente) e um latente (inconsciente)” (ESTEVÃO, 2017, p. 26).

Se não há indivíduo que não sonhe, a experiência vivida por cada um durante o sonhar transmitiria o próprio inconsciente. Caberia à teoria articular seus efeitos na clínica e então transpô-la ao social. Com os sonhos Freud encontra a posição almejada para a psicanálise: que não fosse uma medicina baseada nas categorias antagônicas entre o normal e o patológico, mas uma teoria sobre a própria cultura. Sobre a cultura, inclusive, naquilo que o sintoma introduz sobre o sexual e em sua singularidade no caso a caso. Menos que abordar o sexual moralmente, Freud apresenta que toda relação do sujeito com a satisfação sexual é sempre sintomática, uma vez que não se trata de instintos, mas de pulsões que operam parcialmente.

Em *Além do princípio de prazer* (1920), Freud não abre mão da teoria do recalque. E é em seu icônico texto social, *O mal-estar na cultura* (1929), que a distinção entre o normal e o patológico fica ainda mais distante, ao constatar que Eros e Tanatos são duas forças inseparáveis e presentes em cada indivíduo: “a cultura só será possível com o recalque de uma certa gama de impulsos. Em troca dessa recusa de satisfação pulsional, os indivíduos adentram a cultura e ganham uma parcela de segurança em relação aos seus iguais” (ESTEVÃO, 2017, p. 26).

A diferenciação entre o normal e o patológico não tem medida clara e pode variar de

acordo com diferentes épocas. “A diferença entre um e outro implica a capacidade de ‘suportar’ o recalque” (ESTEVÃO, 2017, p. 26). Podemos colocar como hipótese que as *fake news* aqui selecionadas colocariam em xeque tal suportabilidade de cada indivíduo com seu próprio recalque. Bem como o fato de que a lógica presente na relação da massa que coloca o líder no lugar de Ideal do eu e de objeto, simultaneamente, incentiva reações de ódio e agressividade, fazendo crer que a ameaça está constituída no outro imaginarizado sem nada promover acerca daquilo que a perturba em decorrência da própria insuficiência da estrutura.

Com a ação do recalque na organização neurótica da sociedade, os indivíduos passam a postergar os prazeres imediatos. Nessa suspensão da satisfação em prol do coletivo, criam os laços sociais. A cultura é fundada a partir da renúncia do que em outras espécies vemos como instinto e que entre os humanos denominamos *pulsão*, por ser desde sempre pervertida pela linguagem. A renúncia dos prazeres imediatos torna-se uma espécie de “moeda de troca”, e temos por cultura os arranjos feitos em torno dela.

Mas o que garantiria a justa medida sobre essas satisfações? Até que ponto satisfazê-las e em que momento a impossibilidade da renúncia encontra consequências morais, qualificando um indivíduo como criminoso, patológico, enfim, aquele que não se adequa? Aqui entramos com um importante elemento de admissão da universalidade psicanalítica, a qual será a base principal desta tese: a relação do indivíduo com a figura paterna.

Constatando uma universalidade do complexo de Édipo tanto na constituição psíquica do indivíduo como nos modos de operação de uma cultura, isso não ocorre sem a atuação do recalque, a “pedra angular” para cada um:

cada indivíduo trabalha com representações próprias, é claro, mas mesmo assim tem de haver uma base anterior, ou seja, tem de haver uma organização dessas representações, uma dinâmica. Para se pensar a representação como símbolos individuais, antes de ser pensada uma teoria da representação, e para tanto precisa haver uma teoria dos processos psíquicos normais (ESTEVÃO, 2017, p. 98).

Esse importante conceito motivava Freud a reunir todo esse material na tentativa de responder a uma questão: “o que faz com que o indivíduo se submeta ao recalque?” (ESTEVÃO, 2017, p. 106). Aqui, vemos a articulação de dois campos: a teoria do inconsciente e a sexualidade infantil à luz do funcionamento do recalque pela via das representações. “O estudo do recalque, que é um dos pilares da psicanálise freudiana, implica

ver por que uma representação é posta fora do fluxo associativo, o que supõe critérios para essa exclusão, que na clínica parecem ser de ordem moral” (ESTEVÃO, 2017, p. 107).

O que Freud faz em *Totem e tabu* é situar o pai da horda como o que funciona estando de fora; isto é, depois de morto e erigido um totem em seu lugar, o pai não é mais aquele que dá a proteção como pai vivo, salvador todo poderoso, mas como pai morto, feito símbolo.

O totem faz uma marca, que passa a se repetir. Uma marca que nos impede de esquecer as consequências daquele que uma vez, no passado, mirava no gozo sem restrições: “o comportamento que temos até o momento é que ocorre no recalque uma censura, causada por sentimentos morais. A partir daí, Freud segue para a constituição da moral na sociedade” (ESTEVÃO, 2017, p. 107).

Não é à toa que uma cultura moraliza o campo sexual e o faz representante de ameaças, em prol de defender o lugar da verdadeira ameaça, o lugar ocupado pelo pai pré-histórico. O que sustenta uma importante questão desta pesquisa: seria essa a “*fake news*” que toda notícia falsa tenta encobrir? Que há uma dimensão real do pai com a qual seus filhos não suportariam entrar em contato? E o que dessa dimensão do pai real implicaria sobre a possibilidade de cada sujeito construir seu saber singular acerca do sexual não na via moral nem anatômica, mas também de seu desejo?

O que antes encontrava ênfase na hereditariedade vai se deslocando para outros pontos. “À medida que abre mão da hereditariedade em prol de componentes adquiridos para se entender a neurose, Freud fica mais atento aos elementos sociais” (ESTEVÃO, 2017, p. 115).

A questão de que Freud parte ainda segue válida: o que é um Pai? Trata-se do pai morto (para Freud), situado como significante enquanto Nome-do-Pai para Lacan (LACAN, 1960b/1998, p. 827)? Não mais o pai como salvador, mas como aquele que ameaça:

se invariavelmente Freud encontra a ambivalência afetiva nos seus casos clínicos, presente sob a forma do complexo de Édipo, e se os neuróticos funcionam da mesma forma que os povos primitivos, que, por sua vez, têm um comportamento igual ao das crianças, podemos talvez atribuir a mesma fonte para esse comportamento: o medo e a admiração pelo pai (ESTEVÃO, 2017, p. 122).

Encontramos a proximidade entre o mito freudiano e o encenado na peça de Sófocles a

partir dos dois crimes de Édipo e das proibições de tabu:

se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago – não matar o totem e não ter relações sexuais com nenhuma mulher que pertença a ele – coincidem com seu conteúdo com os dois crimes de Édipo, que matou o pai e casou com a mãe (FREUD, 1913/1996, p. 159).

Com o complexo de Édipo descoberto na prática clínica, em sua ênfase com a relação paterna, Freud conduz suas pesquisas sociais segundo uma analogia entre os fatos da cultura e o que há de universal nos casos clínicos. “Freud lança aqui a teoria da cultura, que possibilita a ponte entre hereditariedade e complexo de Édipo, entre prática clínica e teoria e coloca a psicanálise em outro âmbito, agora social” (ESTEVÃO, 2017, p. 123).

Reverendo o conceito de hereditariedade não somente como uma transmissão genética, passada biologicamente, mas nas leis que organizam uma sociedade, Freud dá continuidade às suas pesquisas, além de seguir fazendo uso do complexo de Édipo como uma chave de leitura tanto do indivíduo quanto de sua relação com a lei. O psicanalista vê na lei social uma herança da posição paterna. O totem é o que representa o pai assassinado, e foi assassinando um pai todo gozador que a cultura se estabeleceu e criou um pacto coletivo.

Freud vê a hereditariedade como o que se passa de geração a geração através das proibições.

No que diz respeito à transmissão dessas proibições, Freud diz que a psicanálise demonstra que é impossível recalcar por completo os desejos ambivalentes em relação aos pais, o que possibilita uma compreensão inconsciente dos pais pelas crianças, protótipo do que será mais tarde o mecanismo de *identificação* já conhecido por Freud, mas que será posto sob os holofotes em “Psicologia de massa e análise do Eu” (ESTEVÃO, 2017, p. 126).

Assim, com a transmissão advinda do totemismo pela via da cultura, “não há necessidade de manter essa transmissão no nível biológico, pois ela é mais interessante para Freud no campo social” (ESTEVÃO, 2017, p. 126). Não se trata de um abandono da hereditariedade, mas de um interesse que leva a psicanálise a pensar a transmissão além da condição genética. Transmitir, para uma cultura, não se reduz somente ao que se transmite

pelos genes. Assim como a realidade para Freud não se reduz à realidade empírica, uma vez que ele descobre, através do sintoma, a participação da fantasia nos processos de construção de uma realidade psíquica: “apesar de considerações de ordem biológica e hereditária atravessarem toda a obra, o local privilegiado da atuação freudiana é a clínica e consequentemente a realidade psíquica” (ESTEVÃO, 2017, p. 128).

O lugar predominante de interesse para a psicanálise é o que determinam as leis da ordem numa cultura, não se apoiando em determinismos genéticos nem biológicos. Vemos ainda hoje a genética tomada quase como um lugar religioso, tanto pela proliferação de *fake news* de cunho moral sexual quanto nas ações de ódio e segregação. No próximo capítulo abordaremos em detalhes o caso da antropóloga Débora Diniz, que em defesa do direito ao aborto teve sua fala deturpada e editada, levando-a ao exílio e a ameaças de morte.

As *fake news* introduzem seus *estranhos* – representantes do medo e da ameaça – com temas como o aborto e a educação de gênero. Conforme vimos nas primeiras páginas desta tese, fala-se até em “empreendedorismo moral”, associando pautas políticas com o lugar da educação infantil.

Há uma condição originária da criança para a psicanálise que não se torna um índice a ser superado pela maturidade, mas sim uma dimensão presente no próprio psiquismo do sujeito. O desamparo se relaciona com a aquisição da linguagem em processos de simbolização do mundo, dando-lhe “um estatuto de dimensão fundamental da vida psíquica que indica os limites e as condições de possibilidade do próprio processo de simbolização” (PEREIRA, 2008, p. 127).

Retomando o capítulo sobre as massas, temos no desamparo (*Hilflosigkeit*) o reconhecimento não de uma identidade do sujeito, mas do simbólico que o suporta; um ordenamento que não dá conta do excedente pulsional, levando a uma “suspensão da capacidade de ordenamento simbólico que nos aproxima do que Lacan entende por experiência da ordem do Real” (SAFATLE, 2016, p. 53).

Em Édipo, vemos essa desmedida representada pela *hybris*: a desmedida do pai, Laio, guardando relações com a morte, e a transgressão com o pai pré-histórico do mito da horda primitiva. A pulsão é a mitologia freudiana, e sua característica “mortífera” é seu excedente, condição de insuficiência do simbólico que tenta ordenar e dar sentido, “mas o que não é mito, e que Freud no entanto formulou tão logo formulou o Édipo, é o complexo de castração” (LACAN, 1960b/1998, p. 835).

É no complexo de castração que encontramos “a mola mestra” para a articulação da dialética do desejo e o que “já não pode ser ignorado por nenhum pensamento sobre o desejo” (LACAN, 1960b/1998, p. 835). Entendemos o complexo de castração como esse ponto limite não só da possibilidade de a cadeia significante tudo significar como também de encontrar algum furo na consistência do Outro.

Com a psicologia das massas, vimos os efeitos da libido na tendência à unificação de indivíduos em torno de um líder. Para entendermos a passagem do mito à estrutura – ou para uma leitura estrutural sobre Édipo, indo além de sua narrativa e extraindo dela algumas posições –, a noção de pulsão nos serve ainda melhor.

A pulsão em Lacan é como “testemunho da carne significante” (MILLER, 1999, p. 103). Com a lei da linguagem, Lacan articula a lei apresentada por Freud (1929/1996), isto é, o fato de que a interdição na cultura promove *mal-estar*, embora dê acesso a um gozo pela via da transgressão, já que a lei também interfere no que na biologia entendemos por instinto, perdido no campo do sujeito marcado pelo significante logo de entrada.

O sujeito nasce antes mesmo de ser gestado. Ele surge pelo desejo, na escolha de um nome. Não é raro os casais escolherem duas possibilidades: um nome caso seja menino e outro caso seja menina, marcando o futuro do bebê ainda nem nascido numa lógica em que os sexos se dão por oposição: caso nasça João e não Maria, ou nasça Ana e não José.

Trata-se de um bebê que não pertence ao reino animal, que não se comportará instintivamente. A pulsão desnaturaliza o instinto, e as consequências disso passam a ser a relação do sujeito com seu corpo, sua libido. Para onde ele a destinará? E como responderá aos investimentos que lhe chegam do Outro?

Transgressão necessária para aceder a esse gozo que se instaura com uma lei (LACAN, 1960/1998, p. 217). A interferência da lei e do recalque participa da tensão que se manifesta no aparelho psíquico do sujeito.

Trata-se de uma ausência de escoamento, ou de um escoamento parcial (LACAN 1959-1960/2008, p. 216). Lacan adverte o que Freud traz no *mal-estar* sobre a influência da interdição numa relação de reforço sempre crescente que passa do gozo à interdição. Também do amor à morte, da psicologia das massas ao mal-estar na cultura.

Se a pulsão em Freud designa uma parcialidade genital, o que ocorrerá em Lacan com sua relação entre lei do incesto e lei de linguagem? O genital, o órgão, terá outro estatuto, o de “órgão irreal” (LACAN, 1964/2008). O significante cria o órgão a partir do simbólico e de

suas significações de que cada sujeito terá que se servir.

A neurose opera pela via da fantasia, orientando os sujeitos não pela necessidade nem por um instinto biológico definido pela anatomia ou pelo genital. O “órgão” sexual para um sujeito de linguagem pode muito bem não ter relação alguma com o aparelho reprodutor. Pode até ser um objeto distante, não humano, e que “preencha” apenas o olhar. “Que um homem possa ejacular à vista de uma pantufa não nos surpreende, tampouco que se sirva dela para levar o cônjuge a se sentir mais bem disposto, mas certamente ninguém pode imaginar que uma pantufa possa servir para aplacar a necessidade, mesmo extrema, de um indivíduo” (LACAN, 1953/2005, p. 20).

Pensar em pulsão perverte qualquer noção de instinto, e o objeto de satisfação, ainda que parcial, pode ser um objeto qualquer – tão “estúpido” quanto possa ser um líder.

Voltemos à tentativa de compreender melhor a relação do sujeito com esse objeto *a* que o marca também no real, para além do simbólico e do imaginário. A noção de traço unário é fundamental para abordarmos a dimensão do sujeito naquilo que ocorre nos intervalos, na hiância entre o lugar de um Ideal do eu e o objeto *a* que se extrai do Outro.

Uma vez que a bateria significativa já está composta, esse significante que representaria o sujeito para os demais significantes só poderia ser um traço, não podendo se incluir sem alguma extração no Outro, para além dos significantes, enquanto a extração de um objeto *a* no Outro. Se a metáfora paterna permite ao sujeito se localizar na lei, diante do falo, em sua posição de Ideal do eu, Lacan (1964/2008) avança na articulação do Nome-do-Pai em relação ao traço unário.

A psicanálise não visa a qualquer relação com uma espécie de “desejo puro”, como se houvesse uma verdade essencial pronta para ser acessada nesses intervalos. Visa a que dessa experiência resulte ao sujeito outra identificação, com o desejo enquanto diferença pura, marcada por esse traço unário. Um traço que faz suporte, mas não à relação narcísica, cujo efeito são unidades imaginarizadas, e sim à posição do sujeito no lugar simbólico do Ideal do eu.

A função do traço unário é “fazer o um” enquanto número, possível de se contar e, ao contrário da lógica de unificação das massas, marcar a distinção: “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontando com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele” (LACAN, 1964/2008, p. 267).

A fala começa com “a passagem do fingimento à ordem do significante” (LACAN, 1960b/1998, p. 822). O significante não busca sua garantia na realidade, mas no Outro, “tesouro dos significantes”. “É de outro lugar que não o da Realidade concernida pela Verdade que esta extrai sua garantia: é da Fala. Como é também desta que ela recebe a marca que a institui numa estrutura de ficção” (LACAN, 1960b/1998, p. 822).

O traço unário é a marca que fica no sujeito na entrada no campo da linguagem e do desejo pela forma alienada no Outro. A fala do Outro nesse primeiro tempo é introduzida como verdade e marca o sujeito na carne.

O sujeito leva sua marca invisível, deixada pelo significante alienando-se na identificação primeira que forma o Ideal do eu. Um significante qualquer que vem do Outro, em seu “dito primeiro”, conferindo certa autoridade presente na insígnia deixada pelo traço unário.

É no encontro com o semelhante que o sujeito encontra seu ponto de tensão, sendo a imagem especular narcísica do *eu* ideal aquela em que o sujeito se fixa. Mas é no Ideal do eu, no traço unário deixado pela marca do Outro, que o sujeito se detém (LACAN, 1960b/1998, p. 823). O Outro não tem nenhuma garantia senão seu próprio lugar de enunciação, seu lugar de tesouro significante. Por isso, conta com a crença do sujeito; como mencionamos, é também uma “questão de fé”.

A introdução do sujeito no campo significante vai constituindo o lugar do Outro como autoridade absoluta. “Qualquer enunciado de autoridade não tem nele outra garantia senão sua própria enunciação” (LACAN, 1960b/1998, p. 827).

Essa experiência vai introduzindo o traço unário, que dá suporte ao Ideal do eu e que mantém certa distância do sujeito em relação ao objeto *a*, extraído do Outro quando tomado não mais em sua consistência absoluta, mas também enquanto Outro pulsional. Vemos no matema da relação do sujeito com o objeto *a* ( $\$ \diamond a$ ) os “índices de uma significação absoluta”, dando a condição da fantasia (LACAN, 1960b/1998, p. 830). Fantasia que regula o desejo “de maneira homóloga ao que acontece com o *eu* em relação à imagem do corpo” (LACAN, 1960b/1998, p. 831).

A fantasia é o “estojo” daquilo que foi recalçado primordialmente e de que temos notícias no momento da enunciação (LACAN, 1960b/1998, p. 831). Trata-se de um sujeito que se enuncia numa cadeia significante inconsciente, recalçada na intervenção do Nome-do-Pai. Um sujeito que dá pistas, que não se encontra em qualquer parte do enunciado senão na

articulação, onde “ele nem sequer sabe que fala” (LACAN, 1960b/1998, p. 831).

A dimensão do pulsional dá-se nessa distância, designada numa localização que “satisfaz à exigência de estar tão mais longe do falar quanto mais ele fala” (LACAN, 1960b/1998, p. 831).

Podemos localizar aí algo de uma organicidade, objetos do tipo oral, anal, enfim, os objetos da demanda. Mas a pulsão se diferencia no campo do sujeito desejante pelo “artifício gramatical” que se mantém presente no para-além da demanda e tudo aquilo que Freud bem articulou acerca da pulsão e seus destinos (FREUD, 1915/1998).

Quando denomina-se a pulsão como parcial, trata-se de situá-la não no corpo biológico, mas em sua função, por a representar parcialmente; um objeto inapreensível no campo especular, orientando-se pela via de um traço que permite ao sujeito algum tipo de “estofo”. O sujeito que crê poder ter acesso a si mesmo, ao se designar no seu enunciado, não é outra coisa senão um objeto também pulsional (LACAN, 1960b/1998, p. 832).

O inconsciente se apresenta enquanto movimento de uma “pulsão temporal”. Temporalidade não cronológica, mas dada por “um movimento do sujeito que só se abre para tornar a se fechar” (LACAN, 1964/2008, p. 125). A inserção do significante na experiência motiva essa pulsão, mas ela é ainda anterior. Poderíamos aqui fazer um paralelo com a noção das inscrições dos traços mnêmicos apresentados por Freud, uma espécie de consciente que não estaria relacionado aos conteúdos mais obscuros que a consciência faz questão de esquecer, mas a verdadeiras marcas que vão dar a base ao aparelho psíquico e que farão suporte para a constituição da consciência no indivíduo.

A primeira inscrição nesse aparelho é o traço unário e o sujeito barrado (\$) constituído como segundo em relação à cadeia significante que suporta seu aparecimento. O sujeito se refere ao traço unário, “primeiro dos significantes”, para produzir suas significações ao mesmo tempo em que opera na enunciação. Lacan usa a alegoria da tatuagem: é como se o traço fosse primeiro como tatuagem para que o sujeito a ele se refira (LACAN, 1964/2008, p. 135). Quando, então, o significante como tal é instituído, temos a possibilidade de contar *uns* significantes, ou tantos quantos forem apreendidos.

A partir do segundo ( $S_1-S_2$ )<sup>64</sup> há o par necessário para fazer oposição: “com o que os dois uns, já, se distinguem. Assim se marca a primeira esquizo que se faz com que o sujeito

---

<sup>64</sup> Ao introduzirmos a noção de discurso enquanto *matema*, exporemos em mais detalhes o par ordenado  $S_1-S_2$ , como também sua relação com o sujeito (\$) e o objeto *a* no ordenamento de gozo (LACAN, 1969-1970/1992).

como tal se distinga do signo em relação ao qual, de começo, pôde constituir-se como sujeito” (LACAN, 1964/2008, p. 140).

A noção de traço unário permite-nos pensar o inconsciente enquanto temporalidade, em momentos de abertura e de fechamento em que o sujeito pode ser apreendido não somente como intervalo na cadeia significativa, mas também efeito de uma inscrição anterior, dotada de marcas – traços mnêmicos – no aparelho psíquico (FREUD, 1895/1996).

Trata-se de um objeto não constituído materialmente, não situado em qualquer objeto de uma realidade empírica, mas extraído do campo do Outro. É esse objeto *a* que marca temporalmente o fechamento do inconsciente: “podemos conceber o fechamento do inconsciente pela incidência de algo que desempenha o papel de obturador – o objeto *a*” (LACAN, 1964/2008, p. 143).

O objeto *a* marca de forma temporal o inconsciente a partir da fala do sujeito, numa espécie de jogo de par ou ímpar, na tentativa de se encontrar naquilo que ele mesmo diz. Nesses intervalos, há algo que o objeto não tapa: o ponto que também constitui a experiência do sujeito marcado pela falta, retornando como traço que insiste e retoma no sujeito a busca por seu objeto.

A realidade torna-se uma realidade do sexual, ponto em que o sujeito não encontra o ideal de seu sexo, marcando o real como a falta em relação ao simbólico. Mesmo tendo a cadeia significativa operando pela lei de um Nome-do-Pai, há também o objeto extraído, obturado, que faz falta.

O sujeito não é o animal biológico, mas está marcado pela dimensão do corpo e das influências da cultura acerca do tema da reprodução de sua espécie, situando-o na partilha dos sexos e em xeque com a própria finitude (LACAN, 1964/2008, p. 148). São estas as representações recalcadas no mito da horda primitiva, na forma da morte do pai e do gozo irrestrito, que marcam o sujeito.

Marcada pelo significativo, a sexualidade é polimorfa (FREUD, 1905/1996), isto é, tendo em conta a pulsão, ela nem sempre visa ao genital – ao contrário do que muitos usuários acreditam, compartilhando *fake news*. Na contramão da manutenção do “empreendimento moral”, a psicanálise não reconhece no genital anatômico-biológico qualquer possibilidade de definição do desejo inconsciente do sujeito. Nem mesmo quando este atinge idade adulta: “em relação à instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em igualdade, desde a criança até o adulto” (LACAN, 1964/2008, p. 174).

Diferentemente de qualquer animal dotado de instinto, qualquer “alvo” da pulsão em sua condição parcial não pode completar o circuito. “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo que, em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/2008, p. 176).

Não se pode falar de pulsão sem essa tensão. A pulsão, sendo parcial, não visa à satisfação, e em decorrência desse alvo não atingindo, desse objeto inapreensível, algo dela sempre retorna ao sujeito. Se até aqui havíamos percorrido a ideia do recalque em seus efeitos para o sujeito – ideia de um “retorno do recalado” dotado de alguma possibilidade de decifração a partir do funcionamento do registro simbólico –, estamos agora diante de algo que também retorna, mas que não adquire simbolização.

Lacan falará de um “sujeito acéfalo” na sua relação com essa tensão. O inconsciente se situará “nas hiências que a distribuição dos investimentos significantes instaura no sujeito e que se figuram no algoritmo em um losango [◇], que ponho no coração de qualquer relação do inconsciente entre a realidade e o sujeito” (LACAN, 1964/2008, p. 178).

Encontramos uma lacuna na relação entre recalque e pulsão, de onde Lacan extrai a noção do objeto *a*, objeto perdido para o sujeito e presente na pulsão (LACAN, 1964/2008, p. 181). A fantasia é o constructo por onde o sujeito tenta se situar, naquilo que o objeto “manca”. Sem a fantasia, não haveria sustentação para o desejo (LACAN, 1964/2008, p. 181).

O sujeito tenta se localizar em algum ponto nessa tensão constante, marcado pelo recalque e pela cadeia significante. Sua condição é de sujeito dividido [\$], “esquizado, dividido, habitualmente duplo, em sua relação a esse objeto que o mais frequentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto” (LACAN, 1964/2008, p. 181). O sujeito encontra sua condição na alternância entre “se mostrar e se esconder”.

A via do desejo não é a via do amor: “Freud, de um lado põe as pulsões parciais, e do outro, o amor. Ele diz – *não é a mesma coisa*” (LACAN, 1964/2008, p. 185). A pulsão está submetida ao complexo de Édipo, às vias de uma estrutura elementar: “é o que se designa como campo da cultura” (LACAN, 1964/2008, p. 185).

Ao diferenciar o amor da pulsão, Freud tenta assentar as bases do amor numa relação de atividade-passividade. Essa ambivalência ativa-passiva denota uma polaridade que “está ali para denominar, para recobrir, para metaforizar o que resta de insondável na diferença sexual” (LACAN, 1964/2008, p. 188)

Noção que também nos faz pensar o quão perturbadores podem ser debates com a temática sobre a “ideologia de gênero” e em como são utilizados nas *fake news*. Do ponto de vista da pulsão, “a oposição masculino-feminino jamais é atingida. [...] O que opera nos intervalos do desejo para o sujeito é uma questão: ‘*Que valor tem para ti meu desejo?*’” (LACAN, 1964/2008, p. 188).

Tal qual o *eu*, qualquer noção sobre o masculino e o feminino que se apoie na imagem do corpo é uma representação imaginária. Qualquer representação do Outro, simbólico, só poderia advir pela extração do objeto *a*, real e sem representação. “Essa representação do Outro falta, precisamente, entre esses dois mundos opostos que a sexualidade nos designa no masculino e no feminino” (LACAN, 1964/2008, p. 189). Na ausência dos representantes psíquicos sobre o masculino e o feminino, sobre a diferença sexual, o psiquismo só pode lidar com ideais, campo diferente do da polaridade atividade-passividade – um funcionamento não mais imaginário, mas simbólico (LACAN, 1964/2008, p. 189).

O campo simbólico é atravessado pelo pulsional. A sexualidade para o ser de linguagem é mostrada como aquilo que retorna, que tem uma atividade autônoma e se apresenta por intermédio das pulsões parciais.

É pelo objeto *a* que a pulsão retorna, ali no “encontro faltoso” do sujeito cara a cara com o seu desejo. É nesse retorno que o sujeito lida também com a dimensão do Outro de sua própria constituição psíquica. Em algum intervalo onde a suposta completude imaginária cai, e que o sujeito aparece se questionando sobre seu valor, sobre o valor de seu amor – seja como *amante*, seja como *amado*.

Enquanto para Freud a libido era o elo entre os indivíduos, para Lacan (1964/2008, p. 193) ela será tomada enquanto o que “é justamente subtraído ao ser vivo pelo fato de ele ser submetido ao ciclo da reprodução sexuada. E é disso aí que são os representantes, os equivalentes, todas as formas que se podem enumerar do objeto *a*”.

O objeto *a* não está no plano material, não está representado pelo órgão da anatomia. Tenta-se encobrir essa falta no Outro por seus representantes imaginários a partir de uma articulação simbólica. Temos os representantes desse objeto faltoso em tudo aquilo com que o sujeito se relaciona e depois se desvincula para seu processo de constituição. Lacan recorre novamente ao seio como exemplo, por representar essa “parte de si mesmo que o indivíduo perde ao nascer, e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido” (LACAN, 1964/2008, p. 193).

Os objetos imaginários do processo – como o seio – vão caindo, mas não impedindo o sujeito de se sustentar em sua ausência. É nesse processo de perda que o campo do Outro pode entrar em cena:

o Outro é o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer. E eu disse – é do lado desse vivo, chamado à subjetividade, que se manifesta essencialmente a pulsão (LACAN, 1964/2008, p. 200).

Lacan insiste no caráter de satisfação parcial da pulsão, em decorrência de sua desnaturalização quando comparada ao instinto; já que a espécie humana é dotada de uma cultura que se inscreve pela via da linguagem, pulsão alguma representa a totalidade do sexual. O sexual não é apresentado no psiquismo, isso deverá ser construído por cada sujeito em sua relação com os ideais da cultura a que pertence: “no psiquismo não há nada pelo que o sujeito se pudesse situar como ser de macho ou ser de fêmea” (LACAN, 1964/2008, p. 200).

É sobre essa ausência de referentes sexuais no psiquismo que o sujeito terá de situar-se. Os equivalentes para o psiquismo daquilo que sobre o sexual inexiste seriam duas posições: a atividade e a passividade. Ainda assim, ambas insuficientes para representar de forma satisfatória o sexual. E aqui Lacan retoma Édipo enquanto estrutura e o situa no lugar do Outro, inconsciente: “as vias do que se deve fazer como homem ou como mulher são inteiramente abandonadas ao drama, ao roteiro, que se coloca no campo do Outro – o que é propriamente o Édipo” (LACAN, 1964/2008, p. 200).

É num processo “peça por peça” que o sujeito extrai do Outro o que deve aprender para se situar. A falta é, ao mesmo tempo, constatar que não há uma definição última sobre o sujeito na partilha dos sexos e o movente que leva o sujeito a buscar sua definição, tendo em conta que, já de partida, isso não está dado junto com seu código genético ou qualquer outra condição inata. O sexo, para a psicanálise, não ocorre sem passar pela relação simbólica.

Que seja a pulsão, a pulsão parcial, que então o oriente, que só a pulsão parcial seja o representante, no psiquismo, das consequências da sexualidade, aí está o signo de que a sexualidade se representa no psiquismo por uma relação do sujeito que se deduz de outra coisa que não da sexualidade mesma (LACAN, 1964/2008, p. 201).

O sujeito é dependente do significante, que vem primeiro do Outro. E é em torno dessa condição que temos uma dialética presente no eixo sujeito – Outro. Essa dialética tem em seu centro uma falta que movimenta essa relação simbólica de uma busca do significante pelo sujeito para situar-se. Mas Lacan aponta que essa não é a única falta – digamos, uma falta que localizamos no simbólico.

A outra, a falta real, não está no eixo simbólico. Apesar de essa falta não participar de forma separada da falta no significante – levando-se em conta que a relação dos registros no ensino de Lacan é sempre indissociável –, “a falta real é o que o ser vivo perde, de sua parte de vivo, na reprodução sexuada” (LACAN, 1964/2008, p. 201). Há uma falta para o sujeito, sempre efeito da cadeia significante que não cessa. E há essa falta que aponta para o real.

É na dimensão do amor que Lacan tenta nos contar seus efeitos, pois, enquanto no simbólico o sujeito tenta achar o significante que o complementa, na “vida real” também busca o outro que o completará. “A busca do complemento, o mito de Aristófanes nos dá sua imagem de maneira patética, e enganadora, articulando que é o outro, que é sua metade sexual que o vivo procura no amor” (LACAN, 1964/2008, p. 201).

Aproximamo-nos, no ensino de Lacan, de uma falta não somente em relação ao simbólico, mas àquilo que ele chamou de falta real. Pelo avesso, o autor apresenta que o órgão da pulsão é a libido e que esse órgão é irreal. Tampouco se trata de pensarmos esse irreal como da ordem imaginária: “irreal não é de modo algum imaginário. O irreal se define por se articular ao real de um modo que nos escapa, e é justamente o que exige que sua representação seja mítica” (LACAN, 1964/2008, p. 201). É quando as imagens já não dão mais conta.

Há um valor no mito para o ser de linguagem, uma vez que se depara com a falta. Um mito é uma forma de explicar a origem. Mas no lugar daquilo que a cultura coloca como mito temos um vazio, um lugar deixado por um pai pré-histórico não mais acessível, que todavia sabemos ter sido um pai sem lei em relação ao gozo. É nesse pai que encontramos alguma baliza para pensar o lugar do pai real.

Esse pai real marca o sujeito como traço unário, hiância entre o Ideal do eu e o objeto *a*. Tal hiância apresenta-se tanto na relação de insatisfação plena com qualquer objeto imaginário quanto nos intervalos da cadeia significante em que temos notícias do sujeito, que se apresenta como fração, momento de vacilação. Reconhecemos essa fração por seus efeitos na linguagem. Esse significante primeiro não opera pela via do sentido, mas tem seu valor de

“puro não senso”.

O suporte fundamental que permite a entrada do sujeito no jogo da linguagem passa por uma primeira significação, a qual o sujeito não pode recusar. Uma significação que implicaria o caráter de um ponto absoluto sem ainda qualquer saber: “ele é absoluto, justamente por não ser nenhum saber, mas o ponto de encaixe que liga seu desejo mesmo à resolução daquilo que se trata de revelar” (LACAN, 1964/2008, p. 245).

Lacan recorre ao texto de *Psicologia das massas* (1921) para tratar desse suporte fundamental em sua relação com a identificação. Há uma forma específica de identificação que Freud chama de *einzigster Zug*, traço unário. Lacan explica que esse traço unário não está no campo da identificação narcísica; a primeira forma de identificação que a criança tem com o pai é a identificação de um “tempo mítico” (LACAN, 1964/2008, p. 248) – sendo até mesmo anterior ao investimento libidinal que ela tem com a mãe.

Se a identificação narcísica visa à unidade, o que Lacan demonstra é que o traço unário opera na via da distinção, trazendo o esquema da psicologia das massas em sua relação com o objeto *a* – como objeto extraído do campo do Outro. “O traço unário, no que o sujeito a ele se agarra, está no campo do desejo, o qual só poderia de qualquer modo constituir-se no reino do significante, no nível em que há relação do sujeito ao Outro” (LACAN, 1964/2008, p. 248). Trata-se da inauguração de um tempo no que consiste o Ideal do eu. O Ideal do eu incide no entrecruzamento do funcionamento do significante unário com o campo da identificação primária narcísica.

Mas, com a introdução do objeto *a*, há ainda uma outra função. Sendo o objeto *a* “puramente topológico”, Lacan o aborda enquanto “objeto do qual a pulsão faz o contorno” (LACAN, 1964/2008, p. 249), uma vez que a satisfação da pulsão é sempre parcial, fazendo com que algo retorne ao sujeito. O objeto *a*, atravessado pela pulsionalidade em jogo, passa a apresentar também o Outro para além de seu lugar como tesouro dos significantes, levando-se em conta sua temporalidade, sua dimensão de abertura e fechamento.

Esse objeto suporta o que, na pulsão, é definido e especificado pelo que a entrada em jogo do significante na vida do homem lhe permite fazer surgir o sentido do sexo. A saber, que para o homem, e porque ele conhece os significantes, o sexo e suas significações são sempre suscetíveis de presentificar a presença da morte (LACAN, 1964/2008, p. 249).

Abordamos nesta pesquisa o lugar da crença, importante elemento que participa do fenômeno das *fake news*. Sabemos que o sujeito está alienado em sua fantasia fundamental, sendo qualquer apreensão que tem da realidade uma condição também de crença. E é “no momento em que a significação da crença parece mais profundamente desvanecer-se que o ser do sujeito vem à luz do que era propriamente falando a realidade dessa crença” (LACAN, 1964/2008, p. 256).

Fantasia que organiza para o sujeito algo da ordem do sexual. Lacan é enfático, não colocando a prática analítica como uma ciência que prometeria qualquer resposta unívoca sobre o sexual, relacionando-a mais ao campo pulsional: “a psicanálise só toca a sexualidade no que, na forma de pulsão, ela se manifesta no desfile do significante, onde se constitui a dialética do sujeito” (LACAN, 1964/2008, p. 258).

Lacan (1964/2008) também retoma o texto *Psicologia das massas* nesse momento em que aborda a relação entre sexualidade e o “desfile do significante”, apontando sua importante participação na construção das identificações.

O que ocorre ali está além da aparente identificação especular, efeito da aglutinação do lugar do líder ocupando simultaneamente a posição de Ideal de eu e de objeto. Levando em conta todo o jogo escópico que opera na lógica desse fundamento – inclusive sob os diversos exemplos que abordamos sobre o uso de recursos visuais –, o que não se torna “acessível” à consciência dos indivíduos é que nessa aglutinação o Ideal do eu também está atuando sobre cada sujeito, promovendo um outro tipo de identificação que “porta a perspectiva escolhida pelo sujeito no campo do Outro, de onde a identificação especular pode ser vista sob aspecto satisfatório. O ponto do Ideal do eu é o de onde o sujeito se verá, como se diz, *como visto pelo outro*” (LACAN, 1964/2008, p. 259). É essa a posição inconsciente atuante em cada usuário, usando seus *gadgets* dentro do “conforto” de seus lares (QUINET, 2020), operando nas redes sociais, compartilhando e vendo notícias.

A função do traço unário serve para pensarmos naquilo que opera além do visível, do aparente. Em termos de função paterna e do lugar do pai, o traço unário nos ajuda a avaliar sua função para além de sua imagem. Quando colocamos um “pai salvador” ocupando simultaneamente essa posição de Ideal do eu e de objeto amoroso, temos a ilusão do Um, destinando assim “todo o amor” ao líder da massa e “todo o ódio” ao inimigo.

Eis o estado de enamoramento entre a massa e seu líder, amor que é “miragem especular” e “essência de tapeação”. Pensar o amor do ponto de vista psicanalítico é uma

forma de tentarmos compreender o fenômeno das massas, cuja tapeação é esconder outra dimensão. O líder, ocupando esse lugar, também “tapeia” a massa em relação ao objeto *a*, objeto que é falta. Essa falta sugere uma distância necessária para que o sujeito surja como efeito naquilo que sua crença não sustenta mais. Trata-se de uma “distância entre o ponto desde onde o sujeito se vê amável – e esse outro ponto em que o sujeito se vê causado como falta por *a*, e onde *a* vem arrolhar a hiância que constitui a divisão inaugural do sujeito” (LACAN, 1964/2008, p. 261).

Então, para lidarmos com qualquer dimensão do sujeito e de seu desejo, a crença sofre uma espécie de queda, mostrando-se insustentável em algum ponto. O efeito da queda da crença também denunciaria que a ilusão de um pai salvador não passa de uma aglutinação da imagem com a posição ocupada. A queda da crença situaria a massa em relação a uma posição, passível de ser ocupada por qualquer um. O pai passaria, então, a ser alvo tanto de amor quanto de ódio.

Lembremos da importante característica ressaltada por Freud sobre a obediência da massa e sua falta de qualquer crítica em relação ao líder. Isso implica sua relação com a própria fala. Que lugar há para o desejo e para a escuta da fala de cada indivíduo enquanto este se “alimenta” – talvez, até se empanturre? – de imagens e vídeos nos *feeds* das redes sociais?

A condição do sujeito na relação com o objeto *a*, faltante, mantém-se encoberta pela miragem especular. A letra *a*, minúscula, representou o lugar do *eu* na teoria lacaniana, desde seus primeiros textos sobre o estádio do espelho (LACAN, 1949/1998) e do lugar para o sujeito em relação ao campo narcísico e especular.

Quando temos a formulação do objeto *a*, mantendo esta letra, estamos nos referenciando ao lugar que uma imagem pode ocupar para encobrir a falta. Lacan (1964/2008) vai situando ora a condição de imagem que encobre aquele lugar, ora seu lugar de objeto vazio: “esse *a* se apresenta justamente, no campo da mensagem da função narcísica do desejo, como objeto indeglutível, se assim podemos dizer, que resta atravessado na garganta do significante” (LACAN, 1964/2008, p. 262).

O mais-além dessa forma de identificação define-se na relação e na distância do objeto *a* e o Ideal do eu. O objeto narcísico se funde no *a* no esquema que Freud constrói pensando a influência hipnótica enquanto “fórmula da fascinação coletiva”: “ali ele designa o que chama o objeto – onde vocês devem reconhecer o que eu chamo o *a* – o eu, e o Ideal do eu”

(LACAN, 1964/2008, p. 263).

A leitura de Freud sobre o efeito de fascinação coletiva de uma massa na proximidade do estado hipnótico leva as marcas do surgimento da própria prática psicanalítica. Foi justamente para se distinguir da hipnose que Freud fundamentou a associação-livre: “ora, quem não sabe que foi ao se distinguir da hipnose que a análise se instituiu? Pois a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre I e o *a*” (LACAN, 1964/2008, p. 264). Lacan considera essa instituição da hipnose pela confusão do significante ideal com o *a* “a definição estrutural mais segura que já foi avançada” .

Freud foi criando seu método a partir da hipnose. Ouvindo a mensagem contida no sintoma de suas histéricas, ele repensou o que havia produzido até então. Levou em conta a fala que escutava no consultório e os efeitos produzidos ao deixar suas pacientes associarem livremente. O desejo de Freud, o desejo do analista, é o que isola esse *a* e o distancia, tanto quanto possível, do I. Na distinção do sujeito em relação ao *a*, “a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão” (LACAN, 1964/2008, p. 264).

Conforme mencionamos, não se trata de esgotar termos como pulsão, Ideal do eu, traço unário e identificação, tão fundamentais e recorrentes na psicanálise, além das suas transformações ao longo da teoria. Mas apostamos que com esses desenvolvimentos podemos dar mais um passo e situar o uso constante que tantas *fake news* fazem da temática do sexual uma ameaça.

Chegamos num ponto em que a fantasia fundamental se torna a pulsão. Iniciaremos o próximo capítulo com o caso da antropóloga Débora Diniz. Tomaremos uma fantasia de espancamento fundamentada por Freud (1919a/1996) como chave de leitura sobre o amor e o ódio da criança pela figura do pai. Isso nos permitirá obter um esquema reduzido estrutural a partir de três tempos para uma leitura da passagem do amor ao gozo. Pela via do campo do gozo, introduziremos o pai real.

## 5 ACREDITAR NUM PAI, ISSO SERVE?

*Eu, a verdade, falo. [...] O fato de ela falar não significa que ela diga a verdade. É a verdade, e ela fala. Quanto ao que ela diz, vocês é que têm de se haver com isso.*

Jacques Lacan (1969)

As *fake news* se apropriam dos recursos tecnológicos para promover notícias falsas com ajuda de *influencers* – que acabam virando candidatos políticos e ganhando eleições. Como é o caso do influenciador bolsonarista Bernardo Küster, que editou o vídeo de Débora Diniz, bem como o do próprio Jair Bolsonaro, que o divulgou nas redes sociais.

Articulando o fenômeno das *fake news* com o lugar do pai, concluímos os diferentes efeitos promovidos pelo pai ideal e imaginário, tipificado no líder das massas, em relação com o pai simbólico, enquanto lei significante e lugar de pai morto no mito de *Totem e tabu*.

Antes de articularmos também algo do pai real, entendemos que a separação dessas três dimensões serve somente para efeito de transmissão e de apropriação teórica. Os três registros – real, simbólico e imaginário – não são separáveis, mas podemos notar a predominância de um deles quando os demais não são tratados. É o caso do pai imaginário e idealizado na psicologia das massas, promovendo efeitos de fascínio.

Trata-se de uma aglutinação, conforme vimos no capítulo anterior e seu efeito imaginário é a crença de unidade, o que remete à experiência narcísica de um ideal de corpo unificado. O traço unário, conforme vimos, permite outro viés de identificação; não somente a narcísica, cujo apoio encontramos na relação com a imagem, mas também essa relação com a marca inicial da entrada do sujeito na linguagem e na lei. Se uma massa visa fazer a unidade, segregando quem dela se diferencia, o traço unário opera por uma via da distinção. Aqui, a passagem do Um da unidade para o um (1) como número, que se pode contar.

Encerramos o capítulo anterior, *Do mito à estrutura*, no ponto em que a fantasia fundamental se torna a pulsão, isto é, algo do Ideal do eu e do objeto se aglutinam como efeito imaginário. Podemos também identificar o sujeito em relação ao traço unário, na hiância que há entre os dois termos.

Há uma série de passagens em que Freud e Lacan abordam a fantasia. Tal qual o lugar

da identificação, não se trata de esgotarmos o tema, mas iniciaremos com a fantasia que Freud fundamenta com o texto *Bate-se numa criança* (1919) por sua possibilidade de leitura que vai do amor ao gozo, do pai amado ao pai como ameaça.

No mesmo ano, Freud redigiu *O estranho* (1919), em que se questiona sobre sua “natureza secreta” (FREUD, 1919b, p. 258), propondo que diante do estranho que ameaça há algo muito familiar e que foi recalcado. Inclusive, é importante notar quantas traduções já tentaram verter o termo *Das Unheimliche* para a língua portuguesa, dada a sua complexidade: “o inquietante”, “o infamiliar”, “o estranho”, “o estranho familiar” e até mesmo “o estrangeiro”. Vemos a dificuldade em significar na própria palavra escolhida por Freud, afinal, que lugar é ocupado pelo estranho, essa espécie de “outro duplo” do sujeito?

Os efeitos das *fake news*, quando levam ao pior, produzem segregação, projetando no outro uma suposta ameaça que é também índice da dimensão estrutural, daquilo que no Outro se apresenta como real; dimensão gozante, quando um afeto do que nos é mais íntimo é projetado no outro, quando algo de mais familiar se mostra estranho (LACAN, 1963/2005, p. 51).

Citamos os exemplos de Tatiana Lionço, Jean Wyllys e Débora Diniz como indivíduos ameaçados de morte, junto com seus familiares e conhecidos. Como articular tais efeitos de segregação com algo do pai real? Como as variações do pai em relação aos registros propostos por Lacan situam o uso de uma espécie de “estranho ameaçador” promovido por tantas *fake news*?

Partimos da leitura que fizemos do lugar de líder na lógica da psicologia das massas, ocupado por tantos políticos, e como esse lugar atualiza uma relação idealizada com uma espécie de pai salvador com seus filhos. A predominância imaginária produz efeitos de segregação: os escolhidos pelo pai ideal obteriam a proteção e a salvação, e os “estranhos”, que não compactuariam com o mesmo ideal da massa, não somente seriam alvos de ódio e agressão como serviriam ainda mais para reforçar a ideia de unidade da massa: seriam os “não escolhidos”, os “não reconhecidos” aos olhos do pai. O líder, como pai ideal, cumpriria a função de dar à massa uma consistência imaginária de unidade.

A entrada do pai simbólico já operaria naquilo que a cadeia significativa promove como efeitos. Isso que uma massa tenta rechaçar na figura do estranho que ameaça traz notícias de uma dimensão do pai que abalaria não só a relação da massa com seu líder, mas também com a própria dimensão ideal, colocando o sujeito diante do próprio desejo.

Mas, e o pai real? Lacan (1973/2003) já anunciava a impossibilidade de analisá-lo, uma vez que se encontra do “lado de fora” da cadeia significante. O pai real “é justamente o ordenador de toda e qualquer análise” (POLLO; SANT’ANNA, 2022, p. 87), o que nos faz pensar que analisamos a partir dele, mas ele mesmo não podemos analisar por estar situado fora dos processos de significação simbólica e imaginária.

Esse pai poderia servir para além do pai idealizado como salvador? Haveria outra função então nesse pai, com tudo que lhe comporta de ambivalência e excedente, cumprindo alguma função de também possibilitar ao sujeito que nomeie e construa “os laços do sexo e os da geração” (POLLO; SANT’ANNA, 2022, p. 87)?

Trata-se de uma função contingente: “não é uma função significante, no sentido de inscrito apenas na dimensão do simbólico e/ou imaginário, mas se trata de um encontro com o impossível” (POLLO; SANT’ANNA, 2022, p. 87).

A pergunta sobre “o que é um pai?” atravessa a obra freudiana de ponta a ponta, e é na morte do pai – que vimos aqui nos mitos de Édipo e do pai da horda – que Freud encontra “a regulação de seu desejo” (POLLO; SANT’ANNA, 2022, p. 83). Lacan vai também passando da questão sobre “o pai” para “um pai”. Aqui, o “um” se articula ao que trabalhamos a respeito do traço unário no capítulo anterior – não o um da aglutinação, mas o da diferenciação, daquilo que se pode contar no “um a um”.

O lugar do pai real vai sofrendo alterações ao longo da obra de Lacan (QUINET, 2015), assim como a própria definição sobre o registro real, levando o autor a aproximá-lo do campo do gozo. Tal qual a *hybris* desmedida de Laio, o campo do gozo leva as marcas de algo que excede e não encontra significação na cadeia significante. Recolhemos notícias dessa dimensão pela via de seus efeitos.

### **5.1 Bate-se numa comunista-gayzista-abortista**

Apresentamos o ocorrido com a antropóloga e jornalista Débora Diniz como exemplo de como uma *fake news* pode levar ao pior. Diniz teve de sair do Brasil por ter sua vida e a de seus familiares ameaçadas. Escolhemos apresentar esse caso no último capítulo para

introduzir a noção de pai real conforme o ensino de Lacan. Trata-se de uma situação de segregação, quando uma massa se reúne e ameaça a vida de uma pessoa que teve um vídeo editado e divulgado como verídico.

Antes de entrarmos nos pormenores, vale dar uma breve situada sobre como o aparato das *fake news* funciona ao aproveitar da situação socioeconômica de milhares de brasileiros. Os chamados acordos *zero-rating*<sup>65</sup> permitem o uso de aplicativos sem tarifas ao usuário, como o WhatsApp, contribuinte preponderante na propagação de notícias falsas. Assim, quando os usuários não podem assistir aos vídeos completos no YouTube por uma inacessibilidade econômica, acabam acessando partes compartilhadas no WhatsApp: “pessoas que não tinham como assistir ao YouTube podiam assistir a fragmentos que outros subiam no WhatsApp e encaminhá-los a amigos ou compartilhá-los em grupos de proporções avantajadas no mesmo aplicativo” (FISHER, 2023, p. 372).

É assim que diversos acadêmicos, políticos, professores e outros agentes se tornam alvo de ameaças com a influência dos recursos de WhatsApp e YouTube, levando em conta sua “gratuidade”. A frase que se popularizou, “se você não paga pelo produto, o produto é você”<sup>66</sup>, situa a posição de objeto de gozo de tantos usuários submetidos à lógica de uma suposta gratuidade.

Também a alta taxa de analfabetismo torna-se um importante elemento na composição desta análise. Devido aos recursos imagéticos e fascinantes, as redes sociais cumprem não só o substituto da leitura como o de canais com critérios mais sérios, sendo o meio principal do consumo de notícias entre os brasileiros: “os grupos do WhatsApp são o Google, o Facebook e a CNN dessas pessoas, todos em um único aplicativo” (FISHER, 2023, p. 372).

Quando ocorre um compartilhamento viral<sup>67</sup>, levamos em conta todos esses fatores: o vídeo que a princípio ganha destaque no YouTube torna-se aquele que será picotado e compartilhado de forma gratuita entre usuários de WhatsApp. Tudo isso feito pelos próprios

---

<sup>65</sup> *Zero-rating*, ou acesso patrocinado, é a prática de fornecer *internet* sem custos financeiros sob certas condições, permitindo apenas o acesso a determinados sites ou subsidiando o serviço com publicidade. Comentaristas que discutem tal prática geralmente a apresentam como um subtópico da neutralidade da rede.

<sup>66</sup> Frase do jornalista americano Andrew (Andy) Lewis bastante disseminada após o lançamento do documentário *O dilema das redes* na Netflix.

<sup>67</sup> Ainda que inicialmente derive de “vírus” e de seu uso para informações sobre medicina, na *internet* o termo viral refere-se a um fenômeno em que um conteúdo digital se espalha espontânea e rapidamente. Nas redes sociais, um conteúdo viral é um *post* ou vídeo partilhado inúmeras vezes, que recebe também inúmeros comentários e curtidas. O termo começou a ganhar espaço nas conversas à medida que as redes sociais dominaram o cotidiano das pessoas. Uma das principais razões pelas quais um conteúdo pode tornar-se viral é o fato de conter algo interessante ou divertido. Outra razão pode ser a capacidade de gerar uma resposta emocional nos usuários. O conteúdo também precisa ser facilmente partilhável.

usuários: “como quem copiava os vídeos eram usuários comuns, o que quer que ficasse em alta no YouTube (ou no Facebook) tinha mais chance de reaparecer no WhatsApp e viralizar de novo por lá, como uma infecção que pula de um hospedeiro a outro” (FISHER, 2023, p. 372).

Em média, um usuário de WhatsApp sobe um vídeo a cada catorze mensagens de texto, linkando conteúdo do YouTube mais do que de qualquer outra plataforma, até mesmo dez vezes mais do que no Facebook (CAETANO, 2019). A pesquisa reforça a teoria de uma “tubulação” entre YouTube e WhatsApp. Essa tendência também foi encontrada nas pesquisas feitas na Índia e na Indonésia, “o que sugeria que o efeito podia ser universal” (FISHER, 2023, p. 373).

Até mesmo *fake news* sobre o Zika vírus ganhavam legendas com significações que remetiam a algum tipo de controle sexual ou natal e se propagavam de forma viral. Grupos de extrema-direita se apropriavam delas, adicionando uma afirmação: “que grupos de direitos femininos haviam ajudado a projetar o vírus como desculpa para impor o aborto compulsório” (FISHER, 2023, p. 373). Como se já não bastasse o pavor gerado pela falsa notícia sobre a doença.

Mas os grupos sabiam “que as alegações eram um alívio mental para as famílias, pois lhes permitiam direcionar a culpa e o medo para algo externo” (FISHER, 2023, p. 373). Novamente, vemos a importância de se eleger um representante qualquer para lidar com esses sentimentos, independentemente de o conteúdo ser verídico ou não, e o uso da ameaça como alvo que possibilita o direcionamento da culpa e do medo.

Essa fórmula não era novidade. O Brasil vivenciava algo que os norte-americanos já haviam experimentado: “era o constructo crise-solução de J. M. Berger: tal como os *youtubers* dos Estados Unidos haviam transformado as privações do jovem macho em raiva contra as feministas, agora os do Brasil estavam explorando o terror das famílias diante de uma doença implacável” (FISHER, 2023, p. 373). Tratamos dessa estratégia a partir dos estudos de Safatle (2016) sobre o desamparo no capítulo sobre as massas.

As milhares de ameaças de morte sofridas por Débora Diniz exemplificam como essa “tubulação” entre YouTube e WhatsApp pode surgir praticamente do nada, bastando um pequeno empenho e um dispositivo com *internet*. As acusações que Diniz recebeu eram grotescas: “de que ela trabalhava para George Soros, que ela tivera parte na criação do Zika. Muitos citavam a mesma fonte: Bernardo Küster” (FISHER, 2023, p. 374).

Trata-se de uma criação integralmente via YouTube. De sua própria casa na cidade de Londrina, o ultraconservador de trinta anos produziu, por anos, conteúdo manipulado contra progressistas, jornalistas, grupos LGBTQIA+<sup>68</sup>, feministas. Nem o Papa ficou de fora da lista. O próprio Bolsonaro havia recomendado seu canal. Küster era um dos recompensados sistematicamente pelo YouTube, chegando a acumular 750 mil inscritos.

Foi Küster quem criou a ideia de que Débora Diniz era uma ameaça e peça participativa de um complô para impor abortos involuntários. Sendo os vídeos bem repercutidos, eles eram mais e mais compartilhados. Todos mandavam seus seguidores irem atrás de Diniz.

A pesquisadora se tornou um dos casos mais famosos de violência contra acadêmicos, precisando deixar o Brasil diante de ameaças de morte contra ela, membros da família e alunos (LISBOA, 2020). Diniz foi expressamente citada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro em postagem no Twitter, tendo atraído o forte ataque de “milícias digitais” que praticaram contra ela diversos crimes.

Diniz já havia se pronunciado publicamente acerca do tema do aborto desde 2004, mas foi em 2018 que os discursos de ódio começaram e logo cresceram em decorrência de sua atuação acadêmica e engajamento em movimentos sociais na defesa e garantia dos direitos reprodutivos (PULCINO; FERRARI, 2024, p. 21).

Foi no ano em que a descriminalização do aborto seria votada no Supremo Tribunal Federal que Diniz recebeu maior visibilidade e agressões. Posicionando-se enquanto mulher feminista, foi vítima do discurso de ódio por representar uma visão idealizada de maternidade e naturalização que se aplica a todas as mulheres (BIROLI, 2018).

No mesmo ano estava ocorrendo a campanha eleitoral para a presidência, e a pauta era bastante notada como forma de diferenciar os valores dos dois partidos na disputa. “A discussão sobre os direitos reprodutivos traz à tona as normatizações implicadas no gestar e na maternagem, que também entram em terrenos de disputas no centro do debate político e religioso” (PULCINO; FERRARI, 2024, p. 21)

A intensidade dos ataques à antropóloga fez dela não mais uma adversária política, “mas uma inimiga, que precisa ser excluída” (PULCINO; FERRARI, 2024, p. 22). O ódio manipulado contra Diniz era também destinado aos que com ela pudessem ter qualquer

---

<sup>68</sup> Conforme mencionado anteriormente, trata-se de uma sigla que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero. O "+" no final da sigla reconhece as orientações sexuais e identidades de gênero ilimitadas. Hoje a sigla já ganha mais duas letras: LGBTQIAPN+, incluindo pansexuais e não-binários.

ligação:

o que estava em curso era um processo ostensivo de silenciamento e de interrupção da sua atuação como militante política na defesa dos direitos humanos, mas também no exercício da sua função como professora e pesquisadora, uma vez que existiam ameaças direcionadas às suas atividades acadêmicas e universitárias (PULCINO; FERRARI, 2024, p. 22).

Lembremo-nos do “reino hiperimagético” que faz imperar uma “razão paranoica” na era digital, sustentando uma verdade que não abre qualquer dimensão para a dúvida (QUINET, 2020). A própria Diniz faz uma precisa leitura sobre esse ódio, articulando “terror” com “dúvida”: “chegaram ao ponto de cogitar um massacre na universidade caso eu continuasse dando aula. A estratégia desse terror é a covardia da dúvida” (DINIZ *apud* PIRES, 2018).

Tomamos como eixo diretivo nesta pesquisa o lugar da crença nas *fake news*. A leitura de Diniz dialoga com o nosso desenvolvimento, uma vez que a reconhece na dúvida uma ameaça. A montagem das *fake news* demonstra o lugar absoluto das certezas que não encontram espaço para dúvida, para o questionamento e para qualquer dimensão do impossível. É como se o questionamento, por mínimo que fosse, abalasse não só a construção de uma certeza como também a fantasia dos indivíduos. Poderíamos pensar, então, que o ódio e a agressividade contra Diniz foram uma resposta diante da dúvida, efeitos de seus questionamentos? Solução que não leva em conta o impossível e estrutural da constituição psíquica e subjetiva. É como se resolvesse o insondável do Outro simbólico, bem como o excedente do gozo real pela eliminação ou segregação do outro imaginário.

Em conversa com Fisher, Diniz contou que nas mensagens de ameaças, os seguidores chegavam a detalhar como iriam matá-la, até mesmo justificando coisas do tipo: “vou te matar porque é a vontade de Deus. Depois vou cometer suicídio” (FISHER, 2023, p. 375).

Mesmo com as constantes ameaças, o YouTube se recusou a tirar os vídeos do ar. Eles seguiam disponíveis, e Diniz cada vez mais ameaçada.

Após meses nessa toada, a universidade em que ela lecionava recebeu um alerta. O remetente disse estar a caminho para atirar em Diniz, depois nos alunos, a seguir em si mesmo. A polícia lhe informou que não tinha mais como garantir sua segurança. Ela também ficou preocupada com colegas e com os pais idosos, que passaram a receber ameaças semelhantes. Deixou o

Brasil, sem saber quando ou se ia voltar (FISHER, 2023, p. 375).

Küster ficou no Brasil e festejou o exílio da advogada e documentarista. Com entusiasmo, fez um vídeo declarando “eu a expus”, berrando para a câmera “aqui você não é bem-vinda”. A participação de Küster é um importante elemento, mas não a única causa. “Küster era, em certo sentido, um produto de forças maiores do que ele, acreditava Diniz” (FISHER, 2023, p. 375). A documentarista menciona um “ecossistema do ódio” cultivado pelo YouTube, de onde provinha o que o inspirou.

“O sistema do YouTube de recomendar o vídeo seguinte e o seguinte e o seguinte alimenta o ecossistema”. Esse efeito era persuasivo, fazendo com que o espectador vá associando: Diniz como inimiga do Brasil, depois, um vídeo sobre como feministas estão alterando os valores da família tradicional, depois, mais um sobre quanto dinheiro estão levando com tudo isso: “parece que a conexão é feita pelo espectador, mas quem faz a conexão é o sistema” (FISHER, 2023, p. 376).

O “ecossistema” que Diniz menciona trabalha inteligentemente os algoritmos, mantendo os espectadores vendo mais e mais vídeos, que é o principal interesse do YouTube. Associando vídeos que parecem diferentes, mas com temáticas aproximadas, a sensação desencadeada nos usuários é a da compreensão: “é essa repetição que leva a pessoa a dizer: ‘eu vou fazer o que tem que ser feito’” (FISHER, 2023, p. 376). É o que o YouTube tem como objetivo, manter seus usuários “vidrados” na tubulação.

A política de segregação necessita constantemente de indivíduos que sirvam como representantes de uma ameaça. Escolhem “estranhos” que possam servir como alvo, a quem a massa destinará seu gozo excedente na forma de ódio. Tal como aconteceu com Diniz, exílios estão ficando mais comuns. Quando se tem a cabeça exposta a prêmio, a ameaça se realiza inversamente: o “ameaçador” passa a sofrer ameaças constantes.

Alguns meses antes, Marcia Tiburi, ativista de esquerda que havia concorrido ao governo do estado do Rio de Janeiro, fugiu do Brasil para escapar de ameaças de morte fomentadas em grande parte nas redes sociais. Jean Wyllys, único deputado abertamente homossexual do país, tinha feito a mesma coisa (FISHER, 2023, p. 376).

Durante a entrevista cedida a Fisher, Diniz comenta que na noite anterior estava com

Wyllys em um restaurante. Alguém os reconheceu e em pouco tempo um grupo de brasileiros se juntou e os ameaçou na saída, seguindo-os pela rua. Mesmo morando fora do Brasil, Diniz comenta que por motivos assim raramente saía de casa. Questionada se ainda recebia mensagens de ameaça, sua resposta foi direta: “Todos os dias”. E expôs sua conclusão: “temos uma milícia que é mobilizada pelos algoritmos. [...] Os algoritmos estão construindo a milícia” (FISHER, 2023, p. 376).

Diversas matérias publicaram o caso. O Esquerda Diário de 9 de fevereiro de 2021 menciona que vários apoiadores de Bolsonaro retiraram contextos de uma publicação do Instagram da antropóloga, distorcendo-a (DEBORA DINIZ, 2021). Extraíram o trecho em que Diniz lista a agenda de Bolsonaro como se ela fosse a favor da pedofilia. Se não bastasse, a Gazeta do Povo reforçou a *fake news* com a seguinte chamada: “Débora Diniz acusa Bolsonaro de ‘perseguição a pedófilos’”.

A postagem original dizia: “a pauta prioritária de Bolsonaro no Congresso Nacional tem de arma em casa e na rua para mais gente; crianças em ensino domiciliar; perseguição a pedófilos; vantagens para agronegócios até perseguição aos povos indígenas”. Logo em seguida, Diniz afirma que “a perversidade parece complexa, mas não é. Segue a mesma lógica paranoica do patriarca que amplifica o medo para justificar a truculência. Por isso armas e pedófilos estão na mesma agenda: o patriarca espalha o pânico para justificar seu abuso de poder. Inclusive de ser ele mesmo um violentador sexual de crianças ou mulheres”.

Sobre Diniz: “um dia, ameaças começaram a inundar seu celular e e-mail. De início, Diniz as ignorou. Veterana das guerras culturais no Brasil, principalmente em torno do aborto, estava acostumada. Mas as ameaças chegaram a um número anormal” (FISHER, 2023, p. 374). Elas citavam na maioria das vezes a mesma fonte: Bernardo Küster: “as ameaças que enchiam o celular de Diniz ficaram mais frequentes e mais violentas, com longas descrições dos planos de estuprá-la e torturá-la. Geralmente ecoavam o que quer que Küster houvesse dito no último vídeo” (FISHER, 2023, p. 375).

A seguir, um fragmento publicado por Fisher sobre seu encontro com Diniz:

“Você nunca, nunca se sente tranquila com uma situação dessas”.

Estávamos conversando fazia uma hora, as câmeras e as luzes a aumentar a tensão enquanto eu lhe pedia que me guiasse naquela conversa gravada e em uma língua estrangeira sobre seu próprio trauma. Eu lhe disse que não conseguia imaginar como ela era capaz de continuar a se pronunciar, sabendo dos perigos que a rondavam até mesmo ali.

Ela deitou os braços sobre a mesa que nos separava e olhou para baixo. Estava chorando. “Tem momentos na vida em que você se vê de frente com um dilema”, disse ela. “Você só tem duas opções. Uma é deixar que eles vençam. A outra é revidar. Não quero essa linguagem para minha vida. Mas vou dedicar minha vida a mudar essa situação. E eles não vão me matar. Eles não vão me matar”.

Propus encerrar a entrevista, mas ela fez que não. Contou que havia acompanhado as histórias dos médicos e ativistas que os vídeos do YouTube miravam, dos professores que tinham se escondido, das vidas arruinadas e de cada comunidade desestabilizada. “Precisamos que as empresas encarem seu papel”, afirmou. Ela insistiu que os executivos do YouTube refletissem quanto a sua parte no que acontece. “A minha esperança é que eles entendam que fazem parte dessa comunidade do ódio. Eticamente, eles são os responsáveis” (FISHER, 2023, p. 376-377).

A segregação pela forma do exílio não é nova nem exclusiva do momento histórico em que *fake news* operam como recurso de alienação política:

em um passado não tão distante, inúmeros intelectuais, professores universitários, pesquisadores, artistas se exilaram devido à intolerância, perseguição e ameaça de morte advindas do regime instaurado com o golpe civil-militar de 1964. Em outras palavras, em nome da família e da vida, produzem-se justificativas para a violência, a injúria, a difamação e até para ameaças de morte (PULCINO; FERRARI, 2024, p. 23).

Diniz foi incluída no Programa de Proteção dos Defensores de Direitos Humanos e acabou deixando o país. O exílio é uma forma de segregação frequente, é uma forma de encobrir esse ponto estrutural que demonstramos no traço unário, que toma o um não como unidade narcísica que “incorpora” o semelhante e afasta o estranho, mas como o um da diferenciação. É segregando outros, tomados como rivais ameaçadores em suas imagens especulares e lugares imaginários, que neles depositamos o medo como forma de encobrir aquilo que nos é mais íntimo e estrutural. Há uma satisfação narcísica quando eles são segregados, seja cancelando-os nas redes sociais, expondo-os de forma desrespeitosa, exilando-os no estrangeiro ou até mesmo assassinando-os.

Voltamos ao ano de 1919, quando Freud publicava dois importantes textos, *Bate-se numa criança* e *O estranho*. Ambos foram redigidos durante a primeira guerra mundial, na qual três filhos seus e um sobrinho participavam. Se não bastasse a agonia de ter familiares no *front*, Freud também ficou sem pacientes de 1916 a 1920, mantendo a família com dificuldades. “Para se ter uma ideia, várias vezes interrompia o trabalho por mera falta de

papel” (JORGE, 2010, p. 96).

Ambos os textos nos ajudam a pensar o inconsciente a partir do lugar do *estranho* articulado a uma fantasia de espancamento, em que o sujeito busca algum tipo de defesa contra o complexo de castração (FREUD, 1919b/1996, p. 260). O estranho pode ser considerado, em termos freudianos, como “algo familiar que foi recalçado” (FREUD, 1919b/1996, p. 264), e, a partir do Outro em Lacan, nesse estranho algo do real que vem interpelar o sujeito.

O neologismo “extimidade”<sup>69</sup> cunhado por Lacan (1959-1960/2008) refere-se àquilo que encontramos do lado de fora, mas que ao mesmo tempo é o que há de mais íntimo, correlacionado com o *Unheimlich*<sup>70</sup> freudiano (IANNINI, 2024, p. 34).

Esse estranho se manifesta como uma espécie de “duplo” do sujeito, que é projetado em algum outro – um estrangeiro, alguém com um traço diferente, enfim, uma “comunista-gayzista-abortista” para eleitores de extrema-direita identificados com as *fake news* de Bolsonaro, conforme citado acima.

Quando Diniz se apresenta com seu discurso, esses usuários têm de se deparar com uma alteridade, com a existência de um discurso que vai contra seus ideais. Quando alguém como ela se manifesta, é colocado em xeque o senso de unidade promovido pelo compartilhamento de notícias falsas que dão a impressão de serem uma espécie de verdade circulante nas redes – conforme o efeito produzido pelas bolhas hiperpartidárias. Onde imperava a certeza, começa a surgir a ameaça da dúvida, que logo é transpassada pelo autor

---

<sup>69</sup> Trata-se de um termo que remete ao método de pesquisa em psicanálise. Ao mesmo tempo que tenta transmitir algo pela via conceitual, está sofrendo os atravessamentos do real e da condição do objeto *a* em sua inapreensibilidade: “aquilo que é mais externo ou mais distante é também o que é mais desprezado, mais desdenhado. Não é justamente isso que está em jogo no objeto *a*? Com a extimidade, não estaríamos diante de um método – ou, mais do que isso, de uma posição de leitura? Afinal, o que faz um psicanalista na biblioteca de um linguista, ou de um antropólogo, ou de um neurocientista? O que procuramos – e o que encontramos – nos livros de Judith Butler ou de Achille Mbembe? Que tipo de aventura nos dispomos a enfrentar, a quais riscos nos expomos, que paisagens queremos vislumbrar? Quaisquer que sejam as marcas visíveis e invisíveis de sua corporeidade, um psicanalista, ao abrir janelas, ao se engajar “fora” de seu campo próprio, visa no estranho, no exterior, àquilo que, na verdade, é êtimo. Visa ao ponto de fuga, ao ponto cego, que, no entanto, fixa, cintila; visa àquilo que escapou da teia conceitual desses próprios autores e textos. Seu olhar e sua leitura são clínicos, de ponta a ponta. O mesmo que se aplica a Freud – nem sempre ele tinha ideia do que acabara de descobrir – aplica-se, como método de leitura, a todos e a cada um” (IANNINI, 2024, p. 35-36). Essa leitura de Iannini nos posiciona diante do impossível não como impotência, isto é, ainda que o objeto *a* seja inapreensível, é justamente por isso que podemos colocar nosso desejo por pesquisar e encontrar algo novo, ainda não significado.

<sup>70</sup> Para muitos autores, como Iannini (2024), é preferível traduzir o termo como “infamiliar”. Ainda que concordemos com tal acepção, ao mesmo tempo reconhecemos na multiplicidade das traduções a possibilidade de se deixar o termo em aberto, contando com a participação de cada autor de acordo com a singularidade de seu uso e de sua pesquisa. No caso desta tese, optamos por manter o termo “estranho” – talvez mais correlato a *Fremde* no alemão – uma vez que as *fake news* consolidam o ideal de ameaça e exterioridade presente em *Unheimlich*, não possibilitando ver o caráter de “extimidade” que é o trabalho da nossa pesquisa.

da mensagem. Ao invés de o conteúdo compartilhado promover qualquer possibilidade de diálogo, ele é rapidamente tomado como ameaça. O real se manifesta a partir de uma interpelação, e ameaças de morte surgem como resposta.

Aqui, tanto a dimensão imaginária quanto a simbólica são colocadas em xeque. A apresentação do Outro, conforme vimos, é insuportável por sua condição que remete à insuficiência do desejo e ao complexo de castração. A interpelação desse campo do Outro coloca o sujeito em sua relação como objeto do Outro, fazendo do estranho aquilo que “nos faz aparecer como objeto, ao nos revelar a não-autonomia do sujeito” (LACAN, 1963/2005, p. 165).

Freud aborda a via do gozo e do real em termos “do pai temido, de cujas mãos é esperada a castração” (FREUD, 1919b/1996, p. 249). A estranheza logo se revela um sentimento de horror e ameaça. Podemos nos questionar se, diante dessa ameaça que o estranho promove, a resposta imaginária seria justamente a mesma, isto é, ameaçar de volta. Porém, essa ameaça que parece vir do estranho toca em algo da fantasia do sujeito com aquilo que lhe é mais íntimo e familiar. Quando os usuários se sentem ameaçados pelo que viram nas *fake news* e decidem ameaçar Diniz, estamos também testemunhando um modo de defesa imaginária, um tipo de reação que mantém o lugar do pai temível intacto, seu lugar real e de gozo.

No texto *Bate-se numa criança* (1919), vemos três tempos de uma fantasia construída e que deixa coordenadas que nos orientam para pensarmos o lugar do pai temível. Vemos também como isso participa na relação do sujeito com esse lugar, na transformação do amor à dor, numa dialética entre amor e gozo articulada a uma fantasia com sua estrutura mínima. Um “estudo que deveria ser célebre” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 115) pela forma que uma fantasia, ainda que repleta de imprecisões, permite condensar uma “massa considerável de experiências e a tentativa de organizá-la” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 116).

Freud (1908/1996) situa a fantasia como aquilo que para criança era o brincar e que no adulto permaneceu. A brincadeira não é o oposto à seriedade, mas sim à realidade. Com o brincar, assim como fazem os poetas adultos, as crianças “se emprestam” de algo do imaginário – e tanto crianças quanto poetas brincam de forma séria em suas fantasias.

Em *Bate-se numa criança*, vergonha e culpa são apresentadas de forma mais enfática do que em relação às próprias experiências ou lembranças do início da vida sexual (JORGE, 2010, p. 98), inclusive em indivíduos que não foram espancados por seus educadores

(FREUD, 1919a/1996, p. 196). Isso marca que “tal fantasia não se inscreve no registro sexual, há algo nela diverso do sexual propriamente dito, algo que podemos nomear, com Lacan, como sendo da ordem do real” (JORGE, 2010, p. 98). Aqui, entendemos o real não como realidade material, mas como campo do que não se inscreve no simbólico.

Freud (1924/1996) chega a mencionar um masoquismo originário decorrente dessa não inscrição. Na época, ele encarava isso como um problema de ordem econômica, ao concluir que um resto de excitação sexual não satisfeita se mantinha carregada no corpo pelo neurótico. Tal reminiscência não descarregada colocava o sujeito em posição de objeto, passivo e assujeitado na forma de um sintoma que deriva prazer do sofrimento (FREUD, 1924/1996, p. 179).

Encontramos no objeto *a* de Lacan as marcas desse remanescente, que retorna e expressa uma ausência. O que Freud toma como campo da insatisfação, Lacan toma como base para pensar a ausência no Outro do significante que cesse o automatismo da cadeia simbólica. Lembramos que o ponto de basta serve enquanto efeito da articulação imaginária e simbólica na significação fálica promovida pelo Nome-do-Pai. Mas no campo fora da significação, esse limite não ocorre pela via significante, produzindo o retorno pulsional na forma de um gozo e em fantasias que tentam dar conta de encobrir o furo do Outro e do real.

A fantasia de espancamento (FREUD, 1919a/1996) é rica em detalhes acerca das diferenças para quem está ocupando seu lugar. Seja em relação ao gênero – menina ou menino –, seja em relação à sua estrutura clínica – neurose ou perversão. Não adentraremos esses pormenores por nos servirmos justamente dessa estrutura mínima possível de se extrair dessa fantasia, já que também é uma fantasia neurótica e que o funcionamento neurótico extrapola a experiência dos consultórios, servindo-nos como chave de leitura do social a partir da universalidade do Édipo estrutural.

Vimos anteriormente que as fantasias neuróticas servem como uma “tela de proteção” em relação ao que há da ordem do insuportável no real. São proteções contra o real no sentido de serem substitutos do encontro com o sexual, que conta com o campo da pulsão não articulada totalmente à cadeia significante. Desde Freud, as fantasias possuem uma realidade, considerada psíquica, que não se define por ser ou não compartilhada, e mais pela crença que a sustenta. Trata-se de uma “realidade fantasiosa” que surge como efeito das significações das percepções de cada sujeito. Na civilização neurótica, a realidade psíquica é decisiva para o sujeito por lhe dar as significações para a vida com os outros, mas sempre no risco de colidir ou não compactuar com tantas outras realidades. O real é também a marca da impossibilidade

de existir uma única realidade para todos. O que mais se aproxima de um registro compartilhado seria o simbólico, mas lembrando que seu código não se confunde com o código linguístico. O Outro (A) é o código, lugar do tesouro significante e do inconsciente.

Dizer que há uma dimensão simbólica na fantasia é considerar seu campo de autonomia: “há uma autonomia no fantasiar em relação à realidade” (JORGE, 2010, p. 99). Aqui, uma criança é espancada. Trata-se de uma cena que Freud testemunhou em sua clínica, a partir do relato que se repetia de diversos pacientes; uma cena em que uma criança é espancada, seguida de questões:

quem era a criança que estava sendo espancada? A que estava criando a fantasia, ou uma outra? Era sempre a mesma criança, ou às vezes era uma diferente? Quem estava batendo na criança? Uma pessoa adulta? Se era, quem? Ou a criança imaginava-se a si mesmo batendo em outra? Nada do que foi apurado pôde esclarecer todas essas perguntas; apenas a resposta hesitante: “Nada mais sei sobre isto: estão espancando uma criança” (FREUD, 1919a/1996, p. 197).

Trata-se de um importante suplemento ao primeiro dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), sobretudo porque coloca em ação o mecanismo do recalque (FREUD, 1919a/1996, p. 193). Há nessa fantasia que se repete entre tantos pacientes sentimentos de prazer análogos a uma satisfação masturbatória (FREUD, 1919a/1996, p. 195), deixando uma incógnita para o lugar tanto de quem bate quanto daquele que apanha. Tal satisfação remonta também ao lugar de um prazer sintomático no sofrimento, dimensão econômica presente no masoquismo (FREUD, 1924/1996).

É frequente a aparição de fantasias de espancamento, sofrendo modificações no decorrer de uma análise a respeito do lugar do autor da fantasia, seu objeto, conteúdo e significado (FREUD, 1919a/1996, p. 200). Num primeiro instante, “a criança em que estão batendo não é jamais a que cria a fantasia” (FREUD, 1919a/1996, p. 200). Já aquele que bate também é obscuro a princípio. É com o trabalho analítico que se chega na figura do pai como a imagem de quem está espancando.

Trata-se de uma fantasia em três fases. Na primeira fase é o pai que está batendo. Podemos variar a frase principal em cada uma das três fases: na primeira, *O pai bate na criança que eu odeio*; na segunda, *Sou espancada pelo pai*; e na terceira, *Bate-se numa criança*.

Na primeira fase da fantasia, a criança que a produz não está participando da cena, a não ser como mera espectadora. Tanto quem apanha quanto quem bate são outras duas pessoas: uma criança e o pai. Essa criança geralmente assume a forma de um irmão ou de alguma outra criança que vem mostrar para o fantasiador que o pai está “batendo no outro” que disputa seu amor. Assim, bater naquela criança posiciona os investimentos de amor e ódio desse pai: o pai bate em quem odeia e ama a criança que está de fora da cena.

É uma primeira fase construída em torno da demanda de amor dirigida ao pai, uma espécie de “triunfo incestuoso” do qual a criança conclui: “o pai não ama essa outra criança, ama apenas a mim” (JORGE, 2010, p. 101). Ainda que para Jorge (2010, p. 102) indícios claramente sexuais ou sádicos não estejam presentes nessa fase, já que para a criança o recalque opera na forma de uma linguagem de amor e ternura. Somente mais tarde encontra-se na passividade (FREUD, 1924/1996) o masoquismo originário na forma de retorno do recalcado.

Na segunda fase da fantasia de espancamento ocorrem profundas transformações, com um elevado prazer. O pai mantém-se como aquele que bate, mas a criança espancada torna-se a própria autora da fantasia. Trata-se de uma fase que só se dá a partir das construções em análise e é a mais importante. Mesmo não tendo existido como experiência real, “nem por isso é menos uma necessidade” (FREUD, 1919a/1996, p. 201). É a fase mais importante por ter sofrido intenso recalque e porque opera sob o domínio de fantasias inconscientes.

A lógica nessa fase sofre uma inversão, pois, se o pai batia numa outra criança por amar o fantasiador, agora ele se depara com o pai batendo no próprio sujeito que fantasia. O sentimento de culpa transforma o amor em ódio, representantes sexuais das posições sádica e masoquista, remetendo às posições de atividade e passividade presentes no psiquismo. Vemos aqui uma mudança em relação ao campo escópico: a criança mantém-se passiva, mas ocupando o lugar de quem antes ela olhava e parecia distante<sup>71</sup>.

A terceira fase assemelha-se à primeira, pois é também consciente. A pessoa que bate já não é mais o pai, mas um substituto, como um professor (FREUD, 1919a/1996, p. 201). A criança sai de cena e volta ao lugar de expectadora. E a criança que apanha não é mais uma

---

<sup>71</sup> Aqui, caberia tomarmos *Unheimlich* não mais como “estranho” e sim “infamiliar”, agora que a criança ocupa outra posição na cena, passando de uma relação a três – ela (quem assiste), a criança que apanha e o pai – para uma relação a dois – ela (quem apanha) e o pai. É essa a passagem que não vemos acontecer, permanecendo encoberta pela paixão da ignorância que se mantém com as *fake news*. Freud (1919/1996a) nos chama a atenção para o fato de que a construção dos diferentes tempos da fantasia de espancamento é um trabalho analítico. O que fazem as *fake news* é também sustentar uma fantasia que legitima a segregação e a transposição do ódio para o *estranho*.

criança específica, mas muitas, generalizadas e desconhecidas – tornam-se *estranhas*.

Aqui, o recalque opera novamente sobre o próprio sujeito. Essa posição da criança que apanha como generalizada é um efeito de dessubjetivação, ao mesmo tempo que se torna a fase “mais familiar” (FREUD, 1919a/1996, p. 206).

Não se trata, como mencionamos, de uma fantasia típica e exclusiva de estruturas clínicas perversas, já que toda fantasia neurótica é também constituída de conteúdos perversos recalcados.

A perversão não mais é um fato isolado na vida sexual da criança, mas encontra o seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento que nos são familiares. É levada a uma relação com o objeto de amor incestuoso da criança, para com seu complexo de Édipo (FREUD, 1919a/1996, p. 207).

Notemos como Freud articula o lugar da fantasia com o complexo de Édipo e com a sexualidade na espécie humana; espécie fadada a, “entre todos os animais, a iniciar duas vezes a sua vida sexual” (FREUD, 1919a/1996, p. 208), já que entre a primeira infância e a puberdade sofre uma longa interrupção – denominada período de latência.

Tanto a fantasia de espancamento quanto outras fixações perversas seriam resíduos do complexo de Édipo, constitutivos das neuroses posteriores no adulto: “a fantasia é precisamente aquilo que outorga ser ao sujeito, fixando-o e localizando-o numa certa relação essencial com seu ser” (JORGE, 2010, p. 104). Entre amor e gozo, o sujeito entra no mundo da linguagem nos diferentes modos através dos quais ele vai se fixar em um dos polos da fantasia – enquanto sujeito (amor) ou objeto (gozo) do Outro. Ambas posições tocam na questão pulsional e ambivalente, já que a constituição do desejo opera na hiância entre os dois polos.

Podemos tomar os três momentos da fantasia em *Bate-se numa criança* como uma dialética “entendida precisamente como o deslocamento que se passa na estrutura da fantasia da ênfase no polo do amor para a ênfase no polo do gozo” (JORGE, 2010, p. 104). Lacan extraiu da noção de pulsão em Freud suas formulações sobre o campo do gozo, sobretudo na condição de parcialidade das pulsões. A fantasia, com seus três tempos, remonta à persistência de uma fixação da pulsão, numa espécie de resto parcial que não se unificou na tal pulsão genital, “pulsão ideal unificadora” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 114).

Vemos que muitos representantes políticos sofreram exílio ao trazerem ao debate uma sexualidade que não fosse a única realidade possível, não compactuando com o ideal de uma sexualidade única a todos. Como no caso de Diniz, tratam-se de *fake news* inventadas editando-se vídeos com falas que trazem à cena opiniões sobre ideologia de gênero e direito ao aborto.

A pulsão genital ainda ocupa uma espécie de referencial de normatividade a ser atingido, pautado por uma concepção idealista da sexualidade. Para Lacan, a questão chega a ser ainda mais radical, concluindo a não existência dessa pulsão genital ideal: “Pois a pulsão sexual é, por definição, parcial e não pode atingir nenhuma totalização nem ser dominada por uma finalidade biológica” (JORGE, 2010, p. 105).

O que vemos na fantasia é que o segundo tempo, o mais importante e que toca em algum núcleo do recalque, é feito “às pressas”, passa rápido para logo retornar ao ponto em que qualquer índice de subjetividade se apaga, generalizando o lugar de quem sofre o espancamento como estranho e remetendo à condição de *duplo* presente na relação do sujeito com o Outro. Essa “redução simbólica” elimina progressivamente a estrutura subjetiva da fantasia, deixando subsistir um resíduo dessubjetivado (LACAN, 1956-1957/1995, p. 120). Prevalece a dimensão imaginária, esvaziada do lugar do sujeito: “dito de outro modo, a relação intersubjetiva – e, logo tudo o que é significado – está perdida” (JORGE, 2010, p. 105).

É como objeto perdido que Lacan formaliza seu objeto *a*, como resíduo, resto que não adentra o campo das significações e que retorna, fazendo alusão ao lugar da pulsão em Freud. Qualquer possibilidade de um trabalho analítico sobre o pulsional encontra-se na segunda fase. Nela, o retorno do recalco se manifesta enquanto dualidade, a partir do momento em que o autor da fantasia se reconhece no lugar de quem também apanha, produzindo uma espécie de lógica de “*ou eu ou a outra criança*” na disputa do amor pelo pai.

Seria essa a dimensão que se repete nesses “estranhos familiares”, como foi o caso de Diniz? Haveria aí algo do retorno do recalco e que segue projetando em outros a quem grande parte da população destina seu ódio? E o que dizer do lugar ocupado por quem fomenta esse tipo de ódio, inclusive servindo-se das *fake news* para manipular conteúdos?

A segunda fase da fantasia, considerada “uma relação intersubjetiva dual” (JORGE, 2010, p. 105), ocorre de forma fugaz e rapidamente se precipita na terceira fase, de completa dessubjetivação. *Bate-se numa criança* significa que um alguém, não importa quem, bate

numa criança qualquer. O ponto aqui é que permanece uma fantasia que promove algum tipo de satisfação às custas de um qualquer que se torna alvo do espancamento.

O ponto nuclear da fantasia guarda o lugar do pai como aquele a quem a criança segue demandando amor. “Se o amor é o que vem em suplência à inexistência da relação sexual, de algum modo a sua função é homóloga à do estádio do espelho, que fornece uma unidade ao corpo, despedaçado pela pulsão, do bebê” (JORGE, 2010, p. 106).

Esse amor, supostamente garantido pelo pai à custa do ódio por uma terceira criança que se coloca no lugar de rival imaginária, reassegura a constituição do *eu*, sensação vivida como júbilo ao assegurar-se da imagem do corpo próprio pela primeira vez. O pulsional vem perturbar essa constituição imaginária, com a qual buscamos, na demanda de amor, alguma possibilidade de reviver a tal experiência de unificação: “o despedaçamento corporal, produzido pela pulsão sexual, fica encoberto pelo sentido imaginário oferecido pelo amor” (JORGE, 2010, p. 106).

A fantasia oferece ao sujeito uma significação acerca do amor do pai. Quando não trabalhada analiticamente, mantém-se no tempo em que o sujeito é mero espectador. Se é o outro que é espancado e não o sujeito, aquele que assiste à cena obtém inconscientemente a satisfação de ocupar o lugar de amado exclusivo, pois é só porque o amor do pai tem de ser compartilhado com os outros “irmãos” que o outro torna-se desprezado e odiado (FREUD, 1919a/1996).

Indo do âmbito familiar até o estatal, nada do campo pulsional se satisfaz nos moldes de algo “que ordena bem certinho as relações do ser humano com seu semelhante” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 135). Outra predominância imaginária se encontra na expressão “Deus nos fez à sua imagem e semelhança”. Frágil garantia; basta que essa imagem do outro destoe um mínimo que seja – tal qual Freud com sua ideia de “narcisismo das pequenas diferenças” – para que o amor se converta rapidamente em ódio. Como lidar com o fato de que Deus fez o homem à sua imagem e esse homem o assassinou?

Foi preciso matar Deus, matar o pai, para que seu filhos passassem a amá-lo ou respeitá-lo. Primeiro, como estranho ou ameaça, é assassinado para, depois, voltar como modelo ou lei, criando a ordem da semelhança entre seus filhos e produzindo uma irmandade. Efeito visto na paixão de Cristo e no mito do pai da horda.

O semelhante também se aproxima com a ideia do bem, enquanto o mal fica com o estranho; duas polaridades imaginárias em que se tenta situar o próximo. Inspirada na religião

e regida pelo “amor ao próximo”, vemos aquela polaridade cada vez mais ser apropriada politicamente por governos que acreditam possuir a última palavra acerca do real ou portar o verdadeiro sobre o verdadeiro.

Vemos a insustentabilidade de um moralismo que tenta aproximar o prazer do bem e o mal da ausência de Deus. Mas basta que se escorregue um pouco ou perder a medida sobre aquilo que se reconhece como prazer para cair no mal que o gozo comporta. “Nada é mais evidente em nossa experiência clínica. Quem é que, em nome do prazer, não afrouxa desde o primeiro passo um pouco sério em direção a seu gozo? Não é o que todos os dias sentimos de perto?” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 222).

Essa é a ilusória solução colocada na ideia de que o próximo não seja uma ameaça, mas um semelhante. Enquanto não tocamos o mal, e estamos no campo do bem, não há problema algum, “o nosso e o do outro são feitos do mesmo pano” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 223). Lacan relembra que São Martinho fez do pano uma longa história ao partilhar seu manto. Mas há também uma tentativa de domesticação: “o pano é, por natureza, feito para ser espalhado, ele tanto pertence ao outro quanto a mim” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 223).

O Santo é também uma das imagens que se aproximam da representação de Deus, do Governo ou do Pai. O que o pano compartilhado esconde é que, de fato, não há pano possível a ser passado para todos de forma igualitária. Para que haja a ideia de semelhantes, irmãos, que destino dar ao gozo e ao mal-estar? Quando quero o bem do próximo, isso só é interessante se esse bem permanecer semelhante à imagem do meu próprio bem (LACAN, 1959-1960/2008, p. 224). O amor ao próximo encontra sua impossibilidade justamente quando depara-se com a não compactuação do bem. “Talvez esteja aqui o sentido do amor ao próximo que me poderia tornar a dar a verdadeira direção. Para isso seria preciso enfrentar que o gozo de meu próximo, seu gozo nocivo, seu gozo maligno, é ele que se propõe como verdadeiro problema para o meu amor” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 225)

Vemos nos efeitos de segregação uma postura inversa: ao invés de tomarmos o gozo e o mal-estar como condições estruturais da constituição psíquica, resultando em imagens que diferenciam o semelhante e o estranho, fazemos destes a causa do sofrimento. Em outras palavras: elegemos, de tempos em tempos, um ou alguns que representem um coletivo para destinarmos o ódio e a agressividade, na tentativa de mantermos um grupo de irmãos e semelhantes. Quando a “solução” se dá na vida do ódio e do extermínio, mantém-se uma aposta na eliminação de seres humanos tomados por aquilo que eles representam dentro de

uma estrutura de significação. Simbólico e imaginário são confundidos, ideais e representações são aglutinadas, promovendo efeitos nefastos no real.

“Não há lei do bem senão no mal e pelo mal” (LACAN, 1959-1960/2008, p. 227). Impasse que coloca os movimentos de disputa entre esquerda e direita nos confins da lei e numa lógica que gira, patina, mas mantém-se em ignorância diante de qualquer possibilidade de ver o pai como falho, como impossível de ser, em absoluto, um bom pai. A lei está atravessada pelo gozo do próximo, fazendo deste o ponto pivô em que oscila meu poder:

devo ir na direção do meu dever de verdade na medida em que ele preserva o lugar autêntico de meu gozo, mesmo que ele fique vazio? Ou devo resignar-me a essa mentira que, fazendo-me substituir com toda a força o princípio de meu gozo pelo bem, me ordena a ficar mudando de opinião? – ou bem que eu recue diante da traição de meu próximo para poupar meu semelhante, ou bem que eu me abrigue detrás de meu semelhante para renunciar a meu próprio gozo (LACAN, 1959-1960/2008, p. 228).

Nas *fake news* contra Débora Diniz, uma série de adjetivos foram proliferados, misturando posicionamento político e orientação sexual na tentativa de classificá-la como uma inimiga, uma “não semelhante”. “Comunista”, “gayzista” e “abortista” são só alguns exemplos do que se foi agregado à pessoa de Diniz. A própria antropóloga construiu um “vocabulário” das mais variadas etiquetas recebidas junto às mensagens de ameaça:

Montei vocabulário bolsonarista em 24 horas de redemoinho do ódio: Feminista fedorenta, esquerdopata, feminaze, sovaco cabeludo, cara de fuinha, cara de maracujá, cara de gente chata, chata, tem chato, velha e velha (muito velha), puta velha, feia, estúpida, horrorosa, assassina, pedófila, seca, mal comida, mal amada, deveria ter sido abortada, cheira a bacalhau, vai morrer empalada, vou matar você, me espere na esquina, sei onde você mora, abortista, cretina, miserável, medonha, desprezível, mulheres e homens do mundo ataquem!, demoníaca, belzebu, vai morar na Venezuela/Coreia/Cuba, mentirosa, puta, sapatão, bafenta, com chulé e caspa, nojenta, feia, cocô e estrume, criminosa, inútil, invejosa, queria ser princesa, mas não é, queria ser Damares, mas não é, não brincou de boneca, deve ter gostado de Scania oportunista, mentirosa, não tem marido, a mãe devia ter abortado, aproveitadora, por que não divide o dinheiro, socialista-comunista-do PT, votou no PSOL, satanista, o revólver para descarregar na sua cara, quer proteger pedófilo, desocupada, parasita, vou contar para sua mãe, você queria ter casado com nosso presidente, cocô de diarreia, vou dar um tiro na sua cabeça, defensora de pedófilos (DINIZ, 2021).

Vemos a incessante tentativa aqui de se enquadrar o outro, fazendo do estranho – com um traço diferente, mas que remete à sua condição –, algo que se projeta para fora de qualquer questão estrutural.

A ambivalência - índice estrutural de uma identificação vacilante com o lugar do pai e com o Outro - fica encoberta nesses pares de oposição. Se vimos como os “irmãos” tentam fazer-se Um enquanto *egoais* pela via dos “ismos” (POLLO, 2022, p. 8), a mesma marca de superlativo é encontrada do lado do *estranho*, mostrando duas faces de uma mesma relação imaginarizada.

*Uma* “comunista” faz a oposição à massa que se identifica com a extrema-direita. *Uma* “gayzista” faz oposição a qualquer tentativa de associar gênero e escolha objetal via genital. *Uma* “abortista” faz oposição ao lugar moral da reprodução e ao direito de escolha.

Como vimos, o significado não é determinado por nada em si, a não ser pela própria estrutura significante que opera em antonímia, marcando o funcionamento da linguagem na via da oposição entres os pares significantes (LACAN, 1955-1956/1998). Trata-se do movimento de automatismo do simbólico na insistente tentativa de tudo significar. A ausência tenta ser encoberta e nela encontramos a hiância do sujeito que surge quando a crença cai e a dialética da castração entra em jogo.

Vimos o que fundamenta a fantasia de espancamento em atuação de forma inconsciente na neurose e na cultura, carregando em sua origem uma ligação incestuosa com o pai numa articulação entre recalque e sexualidade (FREUD, 1919a/1996, p. 213-215). Quando o simbólico já não dá mais conta de significar o estranho a partir das significações opostas, chega o momento de se passar ao ato e eliminar o diferente como tentativa de solução diante do real pela via do gozo.

O campo das paixões e do imaginário é marcado pela fantasia que dá consistência ao Outro, seja na figura do pai salvador, seja no estranho que ameaça. Quantos outros ainda teremos de segregar para nada tocarmos sobre os registros que em Lacan encontram-se além do imaginário e das paixões do ser?

## **5.2 Furo de notícia: pai real criminoso!<sup>72</sup>**

---

<sup>72</sup> Em jornalismo, furo é o jargão para a informação publicada num veículo antes de todos os demais. O furo é dado quando uma equipe de repórteres e editores consegue apurar uma notícia, um fato ou um dado qualquer e publicar essa informação sem que os veículos concorrentes tenham acesso a ela. Em psicanálise, “furo” é uma

Quando não podemos tratar o imaginário de uma sociedade, é ele quem prevalece: elimina-se o “diferente” por supor nele uma ameaça. A segregação é um efeito da lógica das massas, com seus Uns totalizantes. Mas é também a dimensão real do pai encoberta, é a mentira sobre o pai, mascarando seu crime com *fake news*. Tocamos na *hybris* de Laio e do acesso ilimitado do pai da horda, no retorno de um pai todo gozador cujo simbólico tentou colocar ordem com uma lei.

Vamos tomar o Édipo pelo avesso, valorizando os momentos de tensão do personagem que apontam para a existência de uma pulsão de morte presente também em Eros. Ainda que Édipo pudesse ter destino diferente, sua história nos serve para pensar a dimensão estrutural, isto é, trans-histórica:

se o século XX viu firmar-se, com Freud, a representação da mãe desejada e do pai legislador, baseada na família nuclear, o século XXI nos mostra o sujeito na posição de objeto de gozo dos pais, o pai fora da lei, a mãe que abandona e o ideal da família normativa voando pelos ares (QUINET, 2015, p. 12).

Quinet aponta a dimensão do pai fora da lei, gozador, tal qual a parte obscura de Laio que não é revelada durante a peça. É tentando velar essa dimensão de fora da lei que o sujeito coloca o pai no lugar de salvador. O recalque tenta manter a ordem no empuxo ao “não querer saber”, atuante de forma latente no sujeito.

Sem essa posição do pai – não como a pessoa biológica que assim é considerada, mas sua função social –, não seria viável tomar a universalidade da teoria psicanalítica (ESTEVÃO, 2017). E essa possibilidade implica o complexo de Édipo. Mas para entendermos o complexo de Édipo devemos avançar e tomar o mito além de sua historietta narrativa. Não estamos diante de um conceito simples de entender sem uma gama de outros conceitos da própria teoria psicanalítica.

O valor estético da tragédia está em sua produção de assimilação pelos espectadores por um viés que não seja tão eficiente e interessante como qualquer outro, fazendo do teatro grego um fenômeno que vai além do entretenimento. É considerado inclusive como forma de

---

forma de se dizer da marca deixada no Outro a partir da extração do objeto *a*, a partir daquilo que faz furo ao simbólico ao dele extrair o objeto que não se apreende na cadeia significante; o objeto *a* em sua relação com o gozo e com o real.

apreensão de certa moral, e não sem gerar algum tipo de prazer. Eis seu valor de norma e de modelo.

Ainda sobre sua universalidade:

para que se possa perceber a articulação entre o conceito de complexo de Édipo e a pretendida universalidade da teoria psicanalítica devemos, inicialmente, apontar que uma das questões mais polêmicas na leitura da teoria freudiana é a possível incompatibilidade existente entre dois níveis do discurso de Freud: a interpretação, centrada no indivíduo, e a metapsicologia, uma universalização das teses psicanalíticas (ESTEVÃO, 2017, p. 20).

Ferreira (2014) concorda com a articulação entre psicanálise e sociedade e cita ainda outros dois textos de Freud. Também está de acordo com a formulação lacaniana.

Sem dúvida, as implicações nos laços sociais e, conseqüentemente, na política, nos parecem ser vieses fundamentais para nossas formulações. Pois, para a psicanálise o social sempre teve extrema relevância e destaque, como se pode observar no percurso freudiano – de *Moral sexual civilizada e a doença nervosa moderna* (1908) a *Moisés e o monoteísmo* (1939) – e também na extensão do trabalho de Lacan – desde o inconsciente como linguagem à teoria dos discursos (FERREIRA, 2014, p. 15).

A teoria dos discursos leva em consideração o lugar do pulsional desde Freud e sua contribuição para a formulação de Lacan acerca do gozo e do objeto *a*, num “discurso sem palavras” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 11). Sem palavras pois trata de se apropriar dos discursos em seu mais-além das significações, em seus ordenamentos de gozo.

Vimos que o recalque opera na organização social pela via dos acordos que os indivíduos compactuaram na troca de prazeres imediatos por prazeres postergados. Nessa suspensão da satisfação imediata em prol do coletivo, eles criam laços sociais a partir de significações, constructos simbólicos-imaginários. A cultura é fundada com a renúncia do que em outras espécies vemos como instinto e que entre os humanos denominamos pulsão por ser desde sempre pervertida pela linguagem. A renúncia dos prazeres imediatos, assim como a palavra, torna-se “moeda de troca” e constitui-se como sistema de circulação.

Retomamos a lógica presente na alegoria, que Lacan aproveitou de Mallarmé, sobre a linguagem enquanto moeda de troca, que passa de mão em mão. Aqui vemos um correlato

entre linguagem e pulsão, articulados pela função da lei. Tanto a palavra que circula quanto a renúncia da satisfação imediata tornam-se elementos simbólicos por sua possibilidade de troca com outros indivíduos.

A fonte do mal-estar advindo da cultura decorre da dimensão pulsional com a qual o sujeito tem de lidar, sobre um dualismo (FREUD, 1929/1996) que será também seu motor. A cultura só se mantém por essa manutenção de certas pulsões recalçadas, em troca de um pacto, uma segurança entre seus iguais (ESTEVÃO, 2017, p. 26).

A função do pai opera nessa representação de segurança e igualdade – ou *ego-aldade* (POLLO, 2022) – para além de seu lugar como pai de carne e osso. Não haveria como pensarmos o que Lacan formula como discurso se não tivermos em conta que o que ordena o discurso é o lugar do pai em sua primeira identificação. Lacan aproxima o lugar do mestre ao do pai que merece todo o amor, em seu valor de Um, unindo a massa, unindo seus filhos. É no  $S_1$ , o significante-mestre, que encontramos o elemento que agencia o discurso de entrada na linguagem e no inconsciente.

Trata-se da identificação primária com o pai (FREUD, 1920/1996), pela via do amor. O pai que “preside à primeiríssima identificação” tendo o privilégio de merecer o amor de seus filhos (LACAN, 1969-1970/1992, p. 92). Na psicologia das massas, o Um depende de um líder que sustente o mesmo Ideal do eu para cada um. Ele unifica a massa a partir do traço comum que possibilita reconhecer o mesmo e o outro, sustentando a lógica do “nós *versus* eles”.

Na forma do matema do discurso temos a possibilidade de articular o que opera na via do significante associado ao gozo, mais-além da pessoa do líder. É que nesse laço entre a massa e o líder, ou entre os filhos e o pai, produz-se também uma cadeia significativa, representada na sequência dos elementos  $S_1$  e  $S_2$ . Esse enquadramento da pulsão e aparelhamento de gozo estabelece lugares no discurso conforme a posição do sujeito falante. Partindo dos três ofícios impossíveis freudianos – governar, educar e analisar –, Lacan acrescenta um quarto, o “fazer desejar”, que Freud aprendeu em seu atendimento ao sintoma histórico. Concordamos com Ferreira (2018, p. 74) que a estruturação proposta por Lacan a partir dos matemas permite-nos dar um passo na teoria freudiana acerca das organizações em grupos, sobretudo naquilo que o discurso organiza enquanto posicionamento e seus efeitos de identificação, tratando-se de um “discurso sem palavras”. Isso porque ele ultrapassa a dimensão da palavra e remete ao lugar de gozo que sujeito falante ocupa.

Se o  $S_1$  é o significante-mestre, que ordena o discurso em seu lugar de agente, temos no  $S_2$  o elemento do matema que remete ao saber e à sua relação com o gozo e a castração: “o significante-mestre, ao ser emitido na direção dos meios do gozo que são aquilo que se chama o saber, não só induz, mas determina a castração” (FERREIRA, 2018, p. 93).

Acrescentando ao par ordenado  $S_1$ - $S_2$  o sujeito (\$) e o objeto  $a$  ( $a$ ), construímos o matema de entrada na linguagem, denominado por Lacan (1969-1970/1992) de *Discurso do mestre*:

Figura 3 – Discurso do mestre

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Fonte: Lacan (1969-1970/1992).

O que Lacan nos chama atenção sobre essa situação do  $S_1$  e do seu funcionamento como significante-mestre é que algo fica de fora, torna-se oculto nesse processo, pois o sujeito (\$) que o significante pode representar nunca é unívoco: trata-se de uma representação, mas que não o representa totalmente, sendo inclusive “em torno disso que se dá o jogo da descoberta psicanalítica” (FERREIRA, 2018, p. 93).

Algo no campo do Outro, no lado direito do discurso do mestre, é apresentado como  $S_2$ , o saber que opera na cadeia. Lacan ilustra esse saber em Freud pela via do *Urverdrängt*, recalque originário. Lacan não traz aqui uma tradução, mas o aponta como “aquilo que não teve que ser recalcado porque já o está desde a origem” (FERREIRA, 2018, p. 94).

Não se trata de tentarmos compreender a estrutura; não se obtém um conhecimento fechado sobre o discurso nem sobre o recalque, pois são marcados pela entrada do sujeito na linguagem. Só podemos obter indícios nos efeitos promovidos pela linguagem.

Remeter ao saber que Freud formula na articulação com *Urverdrängt* situa essa espécie de “buraco” por onde o inconsciente se manifesta enquanto temporalidade, intervalo de um significante e outro representado por uma cadeia ( $S_1$ - $S_2$ ), entre o significante-mestre e o saber que vem do Outro. Temos notícias da castração simbólica por esses intervalos, sem os quais não reconheceríamos qualquer diferenciação entre os significantes nem produziríamos qualquer sentido. Conforme vimos, essa temporalidade que possibilita aberturas e

fechamentos decorre da extração do objeto *a* (*a*) no campo do Outro.

A não univocidade do sujeito advém do simbólico e da sua impossibilidade de abarcar totalmente o real. Se Lacan frisa que não se trata de nada além da representação, é por levar em conta a ideia freudiana do recalque originário, segundo a qual um representante psíquico não entraria no consciente. Esse representante psíquico recalcado é também um representante pulsional (FREUD, 1915/1998, p. 153).

Trata-se de uma produção de saber furado, não-todo, marcado pelo pulsional, sendo impossível ao sujeito qualquer encontro de univocidade dentro do discurso. Esse gozo advindo de tal impossibilidade se deve ao saber produzido, nomeado em sua forma de mais-de-gozar como objeto *a*. Esse objeto *a* já fora denominado objeto causa de desejo, do ponto de vista dos efeitos no discurso e daquilo que remete ao desejo enquanto desejo do Outro. Nesse estatuto do objeto *a* enquanto mais-de-gozar ele também aponta para uma perda no campo do Outro, de onde se extrai uma função para o objeto *a*, função do mais-de-gozar (LACAN, 1969-1970/1992, p. 97).

A função de mais-de-gozar situa o objeto *a* não somente onde escapa à cadeia significante, mas também no que dela se produz. Se o campo do desejo marca o furo no simbólico, o gozo marca o furo no real. O discurso funciona nessa clivagem, que já é marcada de início pelo discurso do mestre<sup>73</sup> na distinção do significante-mestre em relação ao saber (LACAN, 1969-1970/1992, p. 97).

O funcionamento operante nas redes sociais leva em conta tanto o lugar de uma cadeia de produção discursiva ( $S_1-S_2$ ) quanto o lugar fundamental da fantasia ( $\$ \diamond a$ ). Vimos que a relação que o sujeito estabelece vacila entre o Ideal do eu e o eu ideal, naquilo que ele sustenta de seu narcisismo a partir de um ponto de *onde é visto pelo Outro*. A condição da existência está atravessada pelo olhar; é preciso ser visto pelo Outro numa lógica do tipo “sou visto, logo existo” (QUINET, 2020, p. 13).

As redes sociais operam na estrutura de laço social ao, por exemplo, servirem-se de um prazer momentâneo gerado pela contagem de um novo seguidor, de mais uma

---

<sup>73</sup> Lacan (1969-1970/1992) matematiza a partir do discurso do mestre a possibilidade de mais outros três discursos: o universitário, o da histérica e o do analista. Em todos, temos a ordem  $S_1 - S_2 - a - \$$  inalterada, transformando-se em outros discursos a partir de seus giros e das mudanças de lugares que ocupam no matema: agente – Outro – produção – verdade. Trata-se de uma articulação que não esgotaremos aqui em vista de nosso interesse por extrair daquele seminário uma leitura do pai real e do gozo, que compõe a parte *Para além do complexo de Édipo*, referindo-se às aulas dos dias 18 de fevereiro, 11 e 18 de março e 15 de abril de 1970.

visualização ou de um “coraçõzinho” ou “curtida”<sup>74</sup>. Na dinâmica da lógica operante nessas ferramentas, podemos reconhecer o lugar do Outro, no endereçamento dessas demandas (FERREIRA, 2014, p. 133).

O imaginário opera de forma inflada, sustentando a dimensão narcísica entre os *avatars* dos perfis e seus compartilhamentos:

destacamos a relação direta entre os perfis e compartilhamentos e o ‘eu ideal’, narcísico, que se constitui no estádio do espelho, conforme nos indica Lacan e que compõe a dimensão imaginária do sujeito, se constituindo enquanto base de suas identificações e amparando a sua relação com os outros e as coisas do mundo, sempre revelando a sua condição de alienado ao Outro (FERREIRA, 2014, p. 133).

As redes sociais estimulam o lugar narcísico e imaginário com suas “pequenas recompensas” na forma de monetização, seguidores ou reações aos *posts*<sup>75</sup>. Poderíamos mencionar até mesmo uma “conexão”, entre aspas, já que uma fantasia sustenta a realidade em cada sujeito. O real do encontro não cabe na realidade psíquica de cada um diante do Outro.

A pulsão escópica vem denunciar um gozo, que no mito edípico também está presente. No momento em que Édipo descobre o que acabara de fazer, opta por se cegar. É o retorno de um excesso que advém do crime do pai, o qual Édipo não descobriu a tempo.

Se no capítulo anterior vimos a operação exercida pelo significante Nome-do-Pai na transmissão da lei e naquilo que ordena em termos de linguagem, aqui, no registro do real, é a *hybris* que se passa de pai para filho, de Laio para Édipo. Descobrimos nesse sentido trágico o que Lacan denominou de gozo.

Do sentido da tragédia grega também se extrai um saber. No caso do mito de Édipo, trata-se do crime do pai: quando Laio transgredir a lei da hospitalidade, não fica impune ao crime hediondo. Se Freud chama a atenção aos desejos inconscientes parricidas, Lacan atenta-se ao filicídio, remetendo ao gozo do pai transmitido de geração a geração (POLLO, 2016, p. 278). O crime de Laio amaldiçoará toda a sua prole, atingindo inclusive outras gerações e

---

<sup>74</sup> A possibilidade de reagir ao conteúdo de outro usuário é característica predominante nas redes sociais. No Facebook temos o botão “curtir” e no WhatsApp e Instagram, um ícone em forma de coração.

<sup>75</sup> Um *post* é qualquer conteúdo produzido e publicado numa plataforma de mídia social. Os *posts* podem incluir texto, imagens, vídeos, infográficos, webinars e podcasts. O objetivo deles é engajar o público, promover a marca e impulsionar a conversão em *leads*.

afetando não só Édipo como seus filhos. Se há sempre algo de impossível ao tentarmos definir o pai real, que ao menos seja possível nos fazemos uma questão: no fim, quem paga pelo crime do pai?

Questão pertinente para pensarmos os efeitos de segregação, sua relação com o lugar do pai real e as relações de ódio envolvidas nos compartilhamentos de *fake news*, muitas vezes promovendo violências em nome do “amor ao próximo”:

eis o mandamento do amor ao próximo. Freud tem razão ao parar nesse ponto, perturbado com sua invocação, porque a experiência mostra – e a análise articula como um momento decisivo de sua descoberta – a ambivalência pela qual o ódio segue como sombra todo o amor por esse próximo que é, de nós, também o que é mais estrangeiro (LACAN, 1974/2005, p. 51).

A função paterna, que em um momento do ensino de Lacan opera como um significante que ordena a cadeia, vai ganhando o estatuto como o nome de um Outro ausente, que pede alguma coisa do sujeito. O pai entra como interdição da lei, mas também à causa de desejo que se remete a ele. É um Outro que pede alguma coisa, vítimas, por exemplo (LACAN, 1967/2005), para provar sua existência. “Acreditando nele, algo de nós lhe é atribuído, transferindo-lhe o que das razões de viver vai além do simples viver” (ZENONI, 2007, p. 22).

Temos aqui um outro momento de Lacan abordar o Nome-do-Pai, tal qual o lugar do pai da exceção. É uma segunda abordagem do conceito, mas que na verdade remete ao primeiro pai, o da horda primitiva. Será conceitualizado como objeto *a*: “daquilo que não tem nome ao lugar do Outro” (LACAN, 1963/2005).

Ainda que o pai, seu nome enquanto significante que organiza e ordena possa operar, inclusive dando consistência a uma multidão, isso não deixa de incluir um gozo particular.

Por este motivo ele não é único, um nome universal, mas vários nomes, como tantas localizações do “*a*” particular que o fazem existir. Nada o impede de ser o efeito da transferência de uma multidão de indivíduos e, nesta condição, de ser o fundamento de uma unidade coletiva. Resta, no entanto, que o que o transfere e lhe dá consistência é um modo de gozar particular (ZENONI, 2007, p. 23).

Para Lacan, a “chave” sobre o que a psicanálise lida é a morte do pai enquanto “ponto sensível de tudo o que se enuncia – e não só a título mítico” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 125). Além do mito, o autor quer mostrar a estrutura presente nessa morte do pai enquanto função simbólica – como significante que opera uma lei de funcionamento da linguagem – e em sua versão do pai real – o pai que funda essa lei e que marca seus filhos.

O assassinato de Laio é a condição do gozo (LACAN, 1969-1970/1992, p. 126), não necessariamente à custa do assassinato, mas por eliminar a dimensão da dúvida – que nas *fake news* torna-se ameaçadora diante da necessidade de veicular certezas inabaláveis. Vemos na peça de Sófocles a Esfinge enquanto dúvida, na forma de uma questão que pairava sobre Tebas.

Mesmo derrotando a Esfinge, essa verdade que ela portava retorna a Édipo. Édipo também sofreu pela sua crença de que a resposta de forma absoluta resolveria o problema de Tebas, cidade que padece de uma peste muito pior depois da entrada do protagonista. Este elimina aquilo que representava certa ambiguidade, “suprimindo o suspense que a questão da verdade introduz no povo” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 126). O trágico está na desgraça que Édipo tem de encarar, ao mesmo tempo que a leva para seu povo. “É aí que Freud nos indica que, para Édipo, a questão da verdade se renova – e a que chega ela? Ao que podemos identificar, numa primeira aproximação, com alguma coisa que ao menos tem relação com o preço pago de uma castração” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 127).

Acessamos algo da dimensão do pai real não somente remetendo-nos àquele que cometeu um crime como também à lógica que opera na transmissão da própria castração, sendo, ao mesmo tempo, o que atinge os filhos e dá ao pai sua função. Deixando uma questão: como lidaríamos com a morte, a questão da morte, estando na origem? Situar a morte como origem encobriria alguma outra coisa? (LACAN, 1969-1970/1992, p. 128). O real não cessa de atravessar qualquer tentativa de dar uma resposta definitiva, até mesmo sobre o pai real.

Só se pode transcender o mito tomando o pai em sua posição de pai real, o pai morto que porta o gozo ao mesmo tempo que o interdita, sendo “aquele que tem o gozo sob sua guarda” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 130). Eis algo de impossível, pois, como o gozo pode ser o pai morto?

Que o pai morto seja o gozo, isto se apresenta a nós como sinal do próprio impossível. E é nisso mesmo que reencontramos aqui os termos que defini como aqueles que fixam a categoria do real, na medida em que ela se

distingue radicalmente, no que articulo, do simbólico e do imaginário – o real é o impossível (LACAN, 1969-1970/1992, p. 130).

O pai real, numa posição para além do mito, é tomado enquanto “operador estrutural”. Não se trata de extrair a historieta desse mito do pai da horda, nem qualquer psicologia, mas ver que esse pai que detém o gozo é, por sua vez, um pai castrado. O que o pacto entre os irmãos concebe é fazer crer que esse pai já foi o detentor de todo o gozo. Talvez, se existisse e estivesse vivo, os filhos teriam que vê-lo em sua própria castração, vê-lo que não é tão passível de um gozo assim e, logo, também se defrontar com a inconsistência do Outro. A morte do pai coloca em circulação o princípio do significante-mestre e esse significante leva a marca de uma castração encoberta.

A castração, tão fundamental para pensarmos os limites do simbólico e sua relação com a dialética do desejo, aqui, com o pai morto, faz do gozo o próprio impossível, “daquilo que, do simbólico, se enuncia como impossível” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 116). O pai, é ele também, um “feroz ignorante”, não sabendo nada da verdade que porta (LACAN, 1969-1970/1992, p. 122), tal qual o pai da horda primitiva – o “pai mítico” (*Urvater*) de Freud (1913/1996), que submete a todos, menos a si mesmo, à castração. “O *Urvater* é uma figura do pai real, agente da castração simbólica, que opera sobre um objeto imaginário que é o falo” (QUINET, 2015, p. 27).

Trata-se de uma lei sem dialética, anterior a qualquer agenciamento simbólico. Depois de sua morte, com o totem, cada filho introjeta um pedaço do corpo, lembrando que ninguém mais pode esse gozo todo – simbolizado pela parte que cada um porta. Antes, esse pai é a própria consistência imaginária, ou seja, um gozo não simbolizável nem dialetizável. Um gozo que um pode guardar todo para si, sem dividir com mais ninguém.

Esse pai é concebido como pai da exceção, que se torna o significante-mestre ( $S_1$ ) da lei e da ordenação dos discursos depois de morto. Essa é também a condição do significante, que nada significa sozinho, mas marca uma pura diferença. O  $S_1$  leva as marcas do traço unário.

O Édipo é revisitado (LACAN, 1969-1970/1992) para mais-além da articulação da lei com o desejo, mostrando seu avesso (QUINET, 2015, p. 43). O pai da horda primitiva e Laio, pai de Édipo, carregam aproximações no que tange ao gozo e à transgressão da lei.

Quando Lacan (1969-1970/1992, p. 116) aborda o real, reconhecendo os limites do

campo da linguagem e levando em conta um mais-além do desejo, a questão do pai pede nova interpretação.

Lacan reinterpreta o mito do pai da horda primitiva, no qual o pai morto não é mais visto sob a ótica do seu legado, como fundação da lei simbólica, mas sob a ótica de seu assassinato, quando leva embora consigo a chave do gozo, condenando todos a terem apenas restos... De gozo (QUINET, 2015, p. 44).

Aqui, o pai real também opera estruturalmente como pai da exceção, agente da castração, numa equivalência pai morto = gozo, podendo “ser representado pelo  $S_1$ , significante-mestre, que possui a castração como princípio” (QUINET, 2015, p. 44).

É na impossibilidade desse gozo, que nos é apresentada em Freud como a morte do pai totêmico, que Lacan encontra um novo operador, não mais como significante fálico, mas  $S_1$ , significante-mestre que marca um puro gozo. “O pai real nada mais é do que um efeito de linguagem, e não há outro real” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 134). A incidência do significante no real, operação de castração, como o puro significante marcando o sujeito em sua falta a ser. Édipo segue servindo à psicanálise não mais como uma narrativa de posições dentro das relações familiares, mas como trajetória entre o real e a linguagem.

A relação entre o pai real e o pai imaginário é uma dependência necessária. “A posição do pai real, segundo Lacan, está articulada como um impossível – impossível vinculado ao pai imaginário” (QUINET, 2015, p. 46). Esse enlace é de estrutura.

É no paradigma do fantasma, do morto-vivo, que temos a estrutura do pai não somente como ordenador da cadeia significante, mas também como elemento estrutural na dimensão real. Sendo um pai morto, podemos acessá-lo como paradigma: em Édipo, é o crime do pai que tentou ficar escondido e que volta como castigo para o filho e se efetiva via tragédia.

Vemos nos exemplos inaugurais freudianos o lugar ocupado pela dívida como representante da herança paterna. Temos o “gozo oral do pai” no que ficou conhecido como *Caso Dora* (FREUD, 1905/1996) e o “pai viciado” no *Homem dos ratos* (FREUD, 1909-1910/1996). São incidências que não cessam de não serem ditas aos filhos como “crimes” do pai. Isso que vem como fantasma – ou dívida –, esse espectro desvela o pai real – ou, se preferirmos, o real do pai: “o espectro é a encenação da articulação entre o pai real e o pai imaginário” (QUINET, 2015, p. 46). E é esta a articulação que vimos Freud analisar na fantasia de espancamento de *Bate-se numa criança* (FREUD, 1919a/1996).

O pai imaginário encobre o real, servindo para manter o neurótico em sua feroz ignorância, enquanto o pai real dá a ordem imperativa de um “ignore”: “o gozo do pai é aquilo do qual o neurótico não quer saber... Ele quer um pai que proteja e que lhe permita viver o desejo com a lei” (QUINET, 2015, p. 49).

Com o mito da horda em Freud, podemos localizar o pai enquanto função pela via da exceção. Trata-se da noção de significante sem representação, enfatizando sua condição de valor somente em referência a outro significante. Daí a noção de “tesouro dos significantes”, possível somente pela via de um significante privilegiado, o Nome-do-Pai: “essa função do pai é equivalente ao Nome-do-Pai – o significante da exceção, sem representação, que constitui todos os outros como um conjunto, o tesouro de significantes” (QUINET, 2015, p. 50).

É pela função de exceção à regra da castração – o pai, como pai mítico, seria aquele que se fizesse fora da regra universal – que se autoriza em puro gozo, proibindo o acesso aos filhos. A regra se funda pela exceção, pela morte do pai gozador. O objeto *a* que se apresentava como uma falta que marca o pulsional (LACAN, 1964/2008) pela hiância de onde o sujeito surge na sua relação com o Outro é também marca de gozo, como elemento que se extrai do Outro, e o mais-de-gozar toma corpo. “O discurso do mestre nos mostra o gozo como vindo do Outro – é ele quem diz os meios. O que é linguagem não o obtém a não ser insistindo até produzir a perda de onde o mais-de-gozar toma corpo” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 130).

Qualquer significante pode funcionar como significante-mestre. Isso denota também o lugar do pai como agente da castração, já que o significante, por si só, não cumpre qualquer função se não estiver articulado a outros. Por isso a castração, desde os primeiros seminários de Lacan, é função essencialmente simbólica. A linguagem sempre fracassa por não conter a totalidade do que escapa ao sujeito, àquilo que tange tanto ao pulsional irrepresentável quanto ao significante que falta no Outro.

Vemos em Lacan que o pai simbólico, este que leva a função da metáfora paterna pela via de um Nome-do-Pai, só consegue obter o efeito metafórico pela articulação na cadeia, naquilo que marca para o sujeito a dialética do falo entre ser ou ter. Só que há uma dimensão que escapa dessa lógica fálica: ninguém tem o falo, de fato, se não por meio de um efeito significante. A cadeia significante volta a se movimentar pela via disso que Lacan agora posiciona como o pai real, que toca na dimensão de um gozo, de uma perda. Ali onde o mestre fracassa, algo se engendra na via da repetição: “não é de seu Êxito, é de sua repetição

que se engendra algo que é uma outra dimensão, que chamei de perda – a perda de onde o mais-de-gozar toma o corpo” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 130).

Trata-se de um ponto fundamental para pensarmos o funcionamento das *fake news*. Conforme mencionamos, a incessante repetição de notícias nos *feeds*, “alimentando” o campo escópico dos usuários, tem uma função para além da demanda. Vemos uma relação pulsional que, diante da insatisfação, só tem como solução a repetição do mais um, desse lugar do mais-de-gozar do objeto *a* que opera na lógica de ofertas sem fim das redes sociais.

É pela repetição, e não pelo êxito, que algo do pai real opera nessa insistência do que vimos a partir do traço unário (LACAN, 1964/2008), que passa do Um do imaginário das massas para o 1 da série. Algo da função do pai, em sua dimensão real, permite uma contagem: mais um, mais um, mais um...

Abordarmos anteriormente o que se denomina hoje “atividade jornalística pós-noticiosa”, na qual o tempo de checagem é sempre menor do que o tempo de produção dessas notícias (SILVA; ALBUQUERQUE; VELOSO, 2019). É pela enxurrada de informações falsas, produzidas e compartilhadas em série, que vemos operar as *fake news*.

É sob a função da *falsificação* – uma das veiculadas na noção de *agente* – que também situamos uma faceta do pai real: “estamos cada vez mais familiarizados com as funções de agente. Vivemos numa época em que sabemos o que isso veicula – falsificações, publicidades, troços para vender” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 132). O uso das *fake news* poderia ocupar todas essas funções: ao mesmo tempo em que produz falsificações também promove candidatos idealizados no lugar de salvadores. As notícias começam a ocupar lugar de objetos de consumo, desviando-se da função de informar a população e passando a vender ideias que trarão vantagens a esses candidatos no momento das eleições.

E dá para irmos ainda mais longe, com a noção de *agente* levando o complemento do *duplo*: “um dos objetos mais incontestáveis, mais certos, de fascinação” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 133). O *agente duplo* faz daquilo que era inicialmente uma falsificação algo de verdadeiro ao assumir a própria função do agenciamento<sup>76</sup>.

Quando uma *fake news* “mimetiza” o lugar de notícia, vemos sua *falsificação dupla* (DOURADO, 2021, p. 53). Além de veicular um conteúdo falso que apresenta um fato forjado a partir de manipulação de evidências, as *fake news* enganam seu público com sua

---

<sup>76</sup> “O verdadeiro agente duplo é aquele que pensa que o que escapa às tramas, isso também seria preciso agenciar. Porque se é verdade, o agenciamento também o será, e ao mesmo tempo o primeiro agenciamento, aquele que era manifestamente uma falsificação, se tornará verdadeiro” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 133).

aparência de notícia; engana fazendo-se crer que é uma notícia.

Trata-se de apresentar a notícia como *news*, novidade, aproveitando-se de uma “mimetização jornalística” (GOMES; DOURADO, 2019), ou seja, utilizando-se de recursos e linguagem do jornalismo. As *fake news* cometem também um abuso ao explorarem o lugar da imprensa, que é quem ocupa o lugar de *agente* legítimo, instituído desde o século XIX, a comunicar fatos de interesse público (DOURADO, 2021, p. 53).

As *fake news* obtêm seus efeitos a partir desse lugar que escolhe para convencer seu público. A notícia inventada se torna uma espécie de verdade, conforme mencionamos, o que não se refere ao juízo de valores entre “verdadeiro ou falso”. Há um lugar da verdade ocupado por aquele que diz e de onde diz.

Veremos mais adiante como esse lugar da verdade funciona também pelo traço unário, a partir da repetição de *uns* – não o Um da massa, mas os “uns” de uma série (1, 1, 1, 1, 1...). É preciso manter a repetição em operação, produzindo seus substitutos constantemente a partir da polarização de lados opostos, para que o gozo se mantenha. Quer dizer, é preciso que as *fake news* sejam produzidas incessantemente, “mostrando” quem é a ameaça e quem é o salvador. A segregação se sustenta encobrendo o gozo do pai real, fazendo sua série de notícias falsas: mais uma, mais uma, mais uma.

Esse pai real só pode se dar no ato da repetição, já que o significante está sempre em risco de faltar para o sujeito, pois o significado pode perder efeito com o tempo. O real é aquilo que insiste enquanto traço unário, atravessando as tentativas de significações que o sujeito busca para sua existência. “Não há outro ato a não ser o ato que se refere aos efeitos dessa articulação significante e que comporta, ou melhor, e que é, de queda da própria existência do que quer que possa ser articulado como sujeito, e, por outro lado, o que ali preexiste como função legisladora” (LACAN, 1969-70/1992, p. 132).

O pai real só pode ser abordado enquanto sua função de agente<sup>77</sup>: “eis o nível do termo

---

<sup>77</sup> Lacan situará ainda o termo em suas ressonâncias, aproveitando-as para dizer desse *agente* que é tanto o lugar do pai real quanto o lugar dominante no matema dos discursos. *Agente* passar tanto pelo verbo agir como por seu instrumento, e ainda uma profissão da qual a gente contrata e lhe paga por seu *agenciamento*. “O verbo *agir* tem, na língua, mais de uma ressonância, começando pela do ator. Do acionista também – por que não, a palavra foi feita com a palavra ação, e isto lhes mostra que uma ação talvez não seja em absoluto o que se presume. Do ativista também – será que o ativista não se define, falando propriamente, por considerar-se antes de mais nada instrumento de alguma coisa? De Acteão, já que estamos nisso – seria um bom exemplo para quem soubesse o que isso aí quer dizer nos termos da coisa freudiana. E, afinal de contas, do que se chama simplesmente *meu agente*. Vejam o que isto em geral quer dizer – *eu lhe pago por isto*. Nem mesmo isso, *eu o indenizo por não ter outra coisa a fazer*, ou *honro meu compromisso com ele*, como se diz, simulando partir disto – de que ele é capaz de outra coisa” (LACAN, 1969-70/1992, p. 132).

em que convém considerar o que cabe ao pai real como agente da castração. O pai real faz o trabalho da agência-mestra” (LACAN, 1969-70/1992, p. 132).

Tenta-se mascarar o fato de que o pai real é um pai impossível por ter que se haver com seu agenciamento da castração; isto é, ele precisou ser morto, para, num segundo momento, fazer valer a lei. “A castração como enunciado de uma interdição só poderia, em todo caso, se fundar num segundo tempo, o do mito do assassinato do pai da horda, e, no dizer desse mesmo mito, não provém de outra coisa senão de um comum acordo” (LACAN, 1969-70/1992, p. 131).

Esse acordo de que não haverá mais repetição, no sentido que de não será mais permitido qualquer excesso, acaba por fundar, paradigmaticamente, uma repetição. O traço unário é o que insiste em tentar se inscrever, promovendo repetições por também remeter à insuficiência da cadeia significante e produzindo assim uma perda. Acontece que essa perda engendra um gozo, substancializado no matema lacaniano como objeto *a* e que será fundamental para a produção do laço social.

O laço social se produz pelos giros discursivos, tendo sua entrada pela via do discurso do mestre, no qual o agenciamento se dá pelo  $S_1$ , significante-mestre. A dimensão do pai real segue operando no laço social como efeito de linguagem pela entrada alienante nesse discurso inaugural, que é também o discurso do inconsciente. Lacan especifica que isso nada tem a ver com a realidade, mas sim com efeito de linguagem (LACAN, 1969-70/1992, p. 134).

Retomamos o pai imaginário como aquilo que incessantemente é reencontrado, dada a impossibilidade de acesso ao pai real. Sua operação somente é possível na via de um agente da castração:

de modo algum é surpreendente que reencontremos sem cessar o pai imaginário. É uma dependência necessária, estrutural, de algo que justamente nos escapa, o pai real. E o pai real, está estritamente fora de cogitação defini-lo de uma maneira segura que não seja como agente da castração (LACAN, 1969-70/1992, p. 135).

Impossibilidade que vai atravessar qualquer tentativa de significação unívoca na relação do sexo, uma vez que a própria castração será a operação introduzida pela incidência significante (LACAN, 1969-70/1992, p. 135). Conforme vimos na relação do Nome-do-Pai com os outros significantes, qualquer significação não passa de um efeito metafórico e leva a

marca da falta que opera no lado do Outro.

Lacan segue na linha de articulação entre esse significante e lei para mostrar o que está denominando como castração. Não se trata de uma fantasia, mas da própria dimensão desejante; não há qualquer causa do desejo que não seja produto dessa operação. A lei que determina o funcionamento da linguagem opera pela via da castração (LACAN, 1969-70/1992, p. 135).

Via que retoma a origem da psicanálise, na relação fundante de Freud com o sintoma histórico. Movido pela questão não somente do sintoma, mas também do desejo histórico, Freud extraiu de seus atendimentos os significantes-mestres que o conduziriam a uma conclusão: tratam-se de desejo por um mestre, que no matema encontra-se do lado do Outro:

é o que está no cantinho acima e à direita, para não nomeá-lo de outro modo. Ela [a histórica] quer que o outro seja um mestre, que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina, e ele não governa (LACAN, 1969-70/1992, p. 136).

Essa relação entre o desejo histórico e o mestre faz um giro discursivo, passando o sujeito barrado (\$), do lugar da verdade, para o de agente no *Discurso da histórica*:

Figura 4 – Discurso da histórica

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

Fonte: LACAN (1969-70/1992, p. 13).

Já não é mais o significante-mestre que agencia. Lacan deixa claro que se trata do desejo e de sua impossibilidade de especificar qualquer sexo. “Foi daí que Freud partiu. Ela é a histórica, mas isto não especifica forçosamente um sexo. Desde o momento em que fazem a pergunta – *O que quer Fulano?*, vocês entram na função do desejo e fazem o significante-mestre sair” (LACAN, 1969-70/1992, p. 136).

No *discurso da histérica*, Lacan apresenta sua formalização do que, desde Freud, temos como retorno do recaiado. Foi a partir do sintoma histérico, em sua época, que Freud fez o sujeito do inconsciente falar, uma vez que entendeu que as formações inconscientes contidas no sintoma podiam produzir um sujeito falante, caso houvesse um outro – no caso, o médico vienense – para legitimar um sujeito inconsciente. Vemos no matema o \$ que se dirige a um  $S_1$ ; podemos ler isso – pois o matema serve para ser lido e conta com a participação de quem o lê – como um sujeito dividido por sua condição de ser de linguagem, representado pelo \$, com sua barra, dirigindo-se a um Outro que ocupa a posição de  $S_1$ , de significante-mestre. “O matema do discurso da histérica aproxima a ideia desenvolvida na teoria freudiana de que o sintoma histérico é o retorno do recaiado – sintoma esse que se constitui a partir de significantes-mestres, desse mestre que é interrogado pelo sujeito” (FERREIRA, 2018, p. 75).

É como se no sintoma histérico pudéssemos acessar algo da estrutura fundamental do sujeito na relação com o Outro. Aqui, o sintoma também é um pedido de decifração endereçada ao outro, tomado como mestre. O mestre no matema lacaniano não é alguém que porta um saber de fato, um conhecimento encerrado e definido, mas é um efeito derivado de uma operação a partir do  $S_1$ . O  $S_1$  é o significante de entrada na linguagem. Quando toma-se o Outro daí é porque, antes, o sujeito reconhece no Outro alguma possibilidade de saber. Trata-se de ver no sintoma uma demanda insatisfeita pela cura, fazendo do Outro um lugar de endereçamento da própria condição de sujeito dividido. Esse ponto em que o eu nada quer saber e desloca para um outro sua demanda faz do \$, sujeito, um sintoma que pede decifração quando ocupa o lugar de agente no matema dos discursos (JORGE, 2002).

Nessa dinâmica de reconhecimento do Outro como portador de um saber – ou, ainda, que o saber está no Outro –, Freud identificou a dinâmica da transferência, dirigindo seus tratamentos nessa relação com o saber. O saber, ninguém o porta de fato como uma coisa em si; é um produto que passa necessariamente pela crença do sujeito em alguém que pode saber decifrar algo de seu sintoma. Essa crença é sustentada por uma transferência de suposição de saber num outro que, ao mesmo tempo, produz efeitos no Outro enquanto lugar estrutural.

Quando Lacan coloca o discurso como “sem palavras”, remetendo-nos ao mais-além das palavras e chamando a atenção para um posicionamento em sua relação com o gozo – e o que em Freud entendemos como pulsão –, encontramos aí, nessa forma de abordar o discurso, uma relação ética com o campo do gozo. Isso quer dizer que o fato de algo no sintoma histérico demandar um saber que o Outro produza não encerra a questão. Foram todos os

percalços e necessidades de reformulações de sua teoria que levou Freud a dedicar uma vida de pesquisa e tratamento àquilo que do inconsciente sempre lhe escapava.

O campo do gozo também nos serve para aproximarmos-nos do que em Lacan fora denominado como real – algo que não se inscreve, que escapa, que não “aceita” a definição simbólico-imaginária do sentido. Lacan não era ingênuo quanto a isso quando nos apontou que o sintoma histérico busca um mestre que no fim não governe. Isso pode ser pensado como: que haja um mestre, mas que ele não seja tão mestre assim para que algo da histeria siga reinando, porém fazendo laço com um Outro que ocupa a posição de mestre.

Notemos que aqui adentramos um campo muito singular a cada um: quem vai definir o quanto cada sujeito demanda do Outro como mestre? Esse campo do um a um remete ao pulsional em Freud e ao gozo em Lacan, dimensão que na topologia freudiana situa-se no econômico. Essa economia é ao mesmo tempo frustrante, pois remete ao um a um, ao singular de cada sujeito com seu sintoma, e ética, ao considerar que não há uma receita universal. Aí onde tantas massas procuram seu líder para lhes dizer o que devem fazer, a psicanálise aposta no saber singular contido no sintoma de cada sujeito inconsciente.

Lacan propõe uma alternativa de grupo, chamado de cartel, em que não se forme uma relação entre indivíduos por identificação ao ideal do mestre/líder, mas sim uma aproximação pela identificação ao trabalho – ao menos essa seria a orientação, lembrando que não há garantias de que se forme uma identificação em grupo (LACAN, 1964/2008, p. 64).

O cartel é uma forma de estarem engajados sem estarem identificados entre si. Não que se identificar com um grupo seja prejudicial; pelo contrário, Lacan reconhece algo comum aos seres humanos e que, caso não haja identificação grupal, algo vai mal (LACAN, 1964, p. 64). Mas “o que o cartel traria de diferente seria a estrutura que não almeja a competição entre os pares e a não-referência ao Outro, uma vez que cabe ao mais-um justamente furar qualquer tentativa que o coloque neste lugar” (FERREIRA, 2018, p. 78).

Ferreira (2018) aponta para a possibilidade de haver uma demanda, advinda de manifestações populares, pela “localização” de um sentido, pela possibilidade de algum significante promover compreensão, apontando para o sintoma no campo social e da sua promoção de laço; o *discurso histérico* que vem denunciar o furo da ordem estabelecida (FERREIRA, 2018, p. 80). Ao mesmo tempo, enquanto função discursiva, ele pode colocar o \$, sujeito barrado, como agente. Mas também o sintoma pode produzir uma identificação coletiva, pela via da insatisfação, entre os “egoais”.

Para Laclau (2013), haveria aí um populismo cuja identificação foi promovida pelo compartilhamento de demandas não satisfeitas. A insatisfação torna-se então a ligação coletiva, seu “denominador comum” (FERREIRA, 2014). O grupo dá-se não só pela sustentação de um inimigo comum, mas por uma ideia em comum, a ideia de demanda insatisfeita, por exemplo.

Assim como as notícias, as relações se tornam descartáveis, podendo ser trocadas ao perderem seu valor de uso. O tipo de agregação promovida aqui é composto de “agregação frouxa, associada a uma aglomeração que se deu em função de uma satisfação imediatista, sem que fosse capaz de fazer perguntar, de interrogar o mestre” (FERREIRA, 2018, p. 83). A verdade, que coloca o  $S_1$  fazendo laço com  $S_2$ , pode ser lida como uma verdade orientada pelo saber absoluto, não como posição no matema em relação de impossibilidade com o lugar da produção. O saber não se torna algo a ser interrogado, logo o mestre também não.

O sintoma histórico deu início às investigações freudianas, podendo supor nele um saber em operação. É essa relação entre sintoma e saber que vemos operar nos discursos. É no encontro com o objeto  $a$  que vemos a passagem do discurso histórico para o discurso do psicanalista.

Enquanto laço social, o discurso histórico pode fazer circular o interesse pelo deciframento do sintoma. Não temos como proposta aqui um maior aprofundamento, mas vale indicar que é nesse tipo de laço que se inspira o modelo do cartel, levando em consideração o vínculo pelo trabalho e pelo questionamento. Direção que trata o próximo não como semelhante, egoal, mas como um sujeito em relação com o saber.

No entanto, podemos perguntar: isso garante alguma coisa? Não, não garante nada. Não há o que possa efetivamente garantir. Mas, entendemos e defendemos, que a construção de uma narrativa permite a possibilidade de ouvir a própria história, aos moldes do que se faz em um processo de análise. Ao se ocupar esta posição de sujeito do discurso, de maneira similar ao que ocorre no processo de histerização discursiva, fundamental em um processo analítico, o que se tem é um movimento que interroga o significante-mestre, questionando seu saber, sua verdade (FERREIRA, 2018, p. 86)

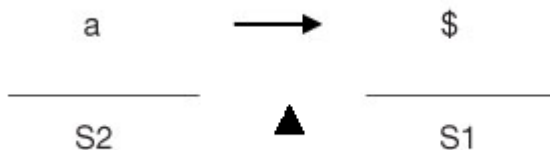
O mestre não domina o significante, mas pode ocupar o lugar de dominante por causa do significante, esse  $S_1$  que agencia o discurso da entrada na linguagem pela via da repetição – traço unário. Tomando a estrutura tal qual Lacan a monta e levando em conta a dimensão do gozo representando por  $a$ , a função do Nome-do-Pai também entra em questão.

O Nome-do-Pai, operador simbólico, é um “tampão”, mesmo se tratando de um pai morto, assassinado: “um nome<sup>78</sup>, isso serve também para tampar alguma coisa” (FERREIRA, 2018, p. 86).

A verdadeira “mola propulsora” encontra-se no gozo, na medida em que esse *a* separa o significante-mestre. Gostaríamos de atribuir o pai ao significante, que o Nome-do-Pai fosse o suficiente para manter o mestre dominando. Essa separação entre significante-mestre e saber, vemos em mais um giro, passando do discurso da histórica para o discurso do analista:

tomando o esquema do discurso do analista, o obstáculo constituído pelo gozo se encontra ali onde desenhei o triângulo, ou seja, entre o que pode se produzir, da forma que for, como significante-mestre, e o campo de que o saber dispõe na medida em que se propõe como verdade (LACAN, 1969-70/1992, p. 137).

Figura 5 – Discurso do analista



Fonte: Lacan (1969-70/1992, p. 137)

Com essa organização, em que agora o *a* ocupa o lugar do dominante, temos o andar

---

<sup>78</sup> Engana-se quem acredita que a questão do pai e do nome não atravessa a história da psicanálise e as transferências de trabalho dos próprios analistas dentro de seus vínculos institucionais e de formação. Em entrevista a Travassos (2018), a psicanalista Maria Anita Carneiro Ribeiro nos lembra dos atravessamentos vividos pelo próprio movimento psicanalítico: desde a cisão entre Freud e Jung ou até mesmo a disputa entre a filha de Freud, Anna Freud, e a psicanalista Melaine Klein após a morte dele, levando em conta que irreconciliações fazem parte da própria formação de um psicanalista. “O ideal de conciliação, de que tudo ficaria bem, de que não haveria briga, é a coisa menos psicanalítica. Não significa que psicanalista tem de ficar brigando, mas há coisas que são irreconciliáveis. Todo laço social que se estabelece a partir do discurso do mestre ou do discurso universitário, em que o que domina é a autoridade e a hierarquia, incitará briga” (RIBEIRO apud TRAVASSOS, 2018, p. 139). Soltar o imaginário é perigoso, bordejando um empuxo-ao-ódio derivado da ilusão de que se é possível dizer tudo. “Nós, como psicanalistas, sabemos que, antes de mais nada, a regra fundamental da psicanálise é um paradoxo, e é por isso que ela funciona” (RIBEIRO apud TRAVASSOS, 2018, p. 144). O paradoxo aqui é justamente o fato de que se sabe, de partida, por uma condição dos limites simbólicos, que não se pode dizer tudo, que dizer tudo é sempre impossível. A direção, para Ribeiro, é a da relação com a certeza, com verdades absolutas. Uma vez que há o inconsciente, o que podemos saber? “Podemos nos precaver de certezas absolutas, de verdades completas e totais, de narcisismo das pequenas diferenças e, principalmente, podemos nos precaver da ideia de que não haverá dissensões, rupturas, separações” (RIBEIRO apud TRAVASSOS, 2018, p. 144). É esse o mal-estar e ele segue valendo, inclusive, para psicanalistas.

de baixo do matema marcado pela separação entre significante-mestre ( $S_1$ ) e saber ( $S_2$ ), remetendo à castração sobre a relação do mestre com o saber. “Eis o que permite articular o que veridicamente corresponde à castração – é que, mesmo para a criança – apesar do que se pensa, o pai é aquele que não sabe nada da verdade” (LACAN, 1969-70/1992, p. 137).

O acesso à verdade é impossível, até mesmo para o mestre. A neurose insiste em convocar o pai imaginário para tampar essa impossibilidade. A crença das massas segue preenchendo esse buraco na eleição de novos representantes. E hoje vemos avançados aparatos tecnológicos que operam com essa estrutura, fazendo da impossível relação estrutural com a verdade o engendramento para proliferar notícias falsas, que se enlaçam muito bem com a crença no pai ideal.

É o pai ideal que tenta encobrir a dimensão estrutural, dominando a massa e mascarando que, no nível da estrutura, tanto a função do pai quanto qualquer possibilidade sobre o sexo são efeitos da linguagem (LACAN, 1969-1970/1992, p. 142). A concepção de indivíduo, como “não dividido”<sup>79</sup> é um ideal produzido, e convoca o sujeito a criar suas respostas singulares à questão do desejo e da diferença sexual.

A psicanálise parte da relação do ser com suas paixões, que, seja pelo amor, pelo ódio ou pela ignorância, mascaram sua condição de sujeito dividido (LACAN, 1953-1954/2009). A própria estrutura do discurso do mestre mascarava tal divisão e foi preciso que o discurso analítico mostrasse isso que ficou tanto tempo obscuro: “ali onde sou, é mais do que evidente que me perco” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 108).

Quando falamos das três paixões – amor, ódio e ignorância –, falamos do que move qualquer discurso religioso, distinguindo justamente a posição do analista pelo objeto *a*, sendo o elemento que rege o discurso analítico, situado como agente e posicionado o lugar do analista como função que não participa pela via das paixões. Se lembrarmos que paixões se referiam ao ser (LACAN, 1953-1954/2009), aqui o objeto *a* posiciona o analista em relação ao fato de que, nesse ser, algo sempre faltará no campo do Outro. A instância de interdição que se associa à função do pai é ela mesma ficção.

A partir de então, o passo de Lacan consistirá em mostrar que a instância do interdito – o pai que diz não ao gozo do filho – é, ela própria, uma ficção. Ela leva a crer na possibilidade do gozo do Outro, uma vez que o proíbe,

---

<sup>79</sup> Palavra derivada do latim, *individuus*, fazendo alusão àquilo que não pode ser dividido. Ela é formada com a negação *in* acompanhada do adjetivo *dividuus*, o qual se associa ao verbo dividir como *dividere*.

quando, na verdade, está cobrindo uma impossibilidade. Ela é o véu jogado sobre uma lacuna interna, aquela que a inexistência da relação sexual cava no próprio gozo (ZENONI, 2007, p. 23).

A religião busca cumprir a função de encobrir essa lacuna interna acerca da inexistência da relação sexual, sustentando a figura de um pai “todo amor”, que não passa de outra coisa senão aquele pai idealizado pela criança durante sua infância (LACAN, 1969-1970/1992, p. 105). O efeito desse amor vela a condição do Outro como castrado, fazendo do Outro um pai potente e salvador e prevenindo qualquer condição de mal-estar (FREUD, 1929/1996): “A ideia de um pai todo-amor, [...] é justamente isto que designa a primeira forma de identificação” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 105).

É a essência dessa constatação que sobrevive no mito de Freud (1913/1996) descrito em *Totem e tabu*, a ideia de que o primeiro a se amar de fato nesse mundo é o pai. Mas encontramos nesse amor primeiro também uma ambivalência, já que os filhos se reúnem para assassiná-lo. O amor ao pai, no mito freudiano, é o amor por um pai morto: “o pai original é aquele que os filhos mataram, e depois disto é do amor por esse pai morto que procede uma certa ordem” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 105).

Contrapondo o mito de Édipo ao mito da horda, extraímos uma conclusão importante sobre a articulação entre o trágico e seus efeitos de segregação. Entre um mito e outro há uma passagem que leva ao avesso: Édipo mata Laio e Tebas cai em desgraça, enquanto no mito da horda os irmãos matam o pai e fundam uma civilização. Matando o pai, descobrem-se irmãos.

Essa descoberta, que une todos a um referencial comum, é feita a duras penas: cada irmão introjeta um pedacinho do pai para que não se esqueça do lugar que ninguém mais deverá ocupar. Paradoxalmente, essa lei só vai funcionar com o esquecimento do pai pré-histórico, pela via do recalque. O pai passa a se manter presente, enquanto morto, e recalcado no símbolo da lei que todos portam.

Não é uma forma de organização que exime os irmãos de um enérgico trabalho: “as energias que empregamos em sermos todos irmãos provam bem evidentemente que não o somos” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 120). Podemos inclusive não compartilhar dos mesmos cromossomos com um irmão ou irmã consanguínea. Lacan frisa a importância de seguirmos a linha daquilo que toda a “obstinação com a fraternidade” na verdade recobre.

A abordagem que Lacan traz aqui em referência ao mito da horda nos posiciona a repensar também a idealização do pai salvador presente na figura de um pai que seja “todo-

amor”, pois o que o mito da horda acusa é que o pai fora um criminoso – lugar do pai morto, esse é o pai real antes de se tornar o símbolo de uma lei, um pai que não se acessa por ser anterior à lei. Sua morte é fundante de uma cultura, sua “existência” é pré-histórica. É um mito.

A postura do pai criminoso presente no mito de *Totem e tabu* ressoa a posição de Laio: toda a sina vivida por Édipo perpassa uma história anterior. Édipo paga por não decifrar a Esfinge, por não poder situar-se feito sujeito diante do enigma. Esse enigma portava a dimensão trágica que passa de geração a geração.

Trata-se de um pai morto que funciona como em *Totem e tabu*. Mas nesse mesmo mito temos a condição do pai vivo, o pai totêmico, que se coloca *como* exceção à lei; vai-se, portanto, do pai como aquele que sustenta a lei, como morto, ao pai como aquele que goza da condição de exceção à lei que opera para todos, menos para ele. Condição de agente duplo.

Curiosamente, o que Freud nomeou como complexo de Édipo foi o que o personagem não viveu, ou seja, ele não pôde tomar consciência da história do pai tirano e, quando chegou próximo disso, preferiu cegar-se a encontrar a outra faceta que faria do pai suposto herói também um criminoso.

Já o mito freudiano de *Totem e tabu*, na medida em que conta o processo de interdição do pai tirano sobre seus filhos, mantém o totem como representante da ambivalência dos sentimentos de amor e ódio. “Nesse mito, vemos duas figuras de pai: o pai gozador e tirano, chefe da horda, e o pai morto, que, transformado em totem, ocupa a função de pai simbólico que sustenta a lei daquela comunidade totêmica” (QUINET, 2015, p. 25).

Esse pai mítico em Freud é *Urvater*, o pai primitivo, que chega até nós como um pai que existiu anteriormente à lei que advém com sua morte. É um pai de que não temos consciência e que remete ao recalque, um pai possível de concebermos somente como anterioridade lógica, isto é, só depois de morto ele passa a significar algo do pai quando vivo, quando pré-histórico.

Antes de morrer, era um pai todo gozador. É ele quem ameaçava castrar aqueles que tentassem contrariá-lo. Ao enunciar a lei que interdita todos, deixa a si próprio de fora, confundindo-se com a própria lei. Foi preciso assassiná-lo para que a lei pudesse valer para todos e ninguém mais ocupasse o seu lugar.

Algo desse pai primitivo encontra-se em Édipo, a partir de sua história com Laio: é a maldição depositada sobre os Labdácidas. Laio, antes de Édipo, havia cometido o incesto ao

desrespeitar as leis de hospitalidade e raptar Crísipo, por quem havia se apaixonado.

Esse *Urvater* é um “pai violento, ciumento, que guarda para si todas as fêmeas e expulsa seus filhos à medida que crescem” (FREUD, 1913/1996, p. 169). Esse pai nada tem de salvador, protetor ou capaz de assumir qualquer tipo de ordem. É um pai tirano, que não ama nenhum de seus filhos e só lhe interessa o gozo. Não há para ele nada além de si mesmo e de suas necessidades. E só passa a operar depois do motim organizado pelos filhos e virar totem.

Nomeando Bolsonaro como um “mito” – e tantos outros pelas *fake news* no Brasil e no mundo –, os irmãos seguiriam mantendo recalcada a dimensão do pai gozador? Onde cidadãos permitem-se executar a própria lei ocupando esse lugar de exceção, permitindo-se inclusive promover discursos de ódio e segregação?

As *fake news* operariam na sustentação dessa lei não dialetizável, transmitindo mais do que um conteúdo enganoso, uma forma de falar verdades: “eu, quem falo, sou a própria lei”. Condição própria do significante que, quando ocupado de forma mítica, faz com que o próprio *eu* assuma seu lugar no discurso. Já não se precisa mais do pai encarnado, cada usuário autoriza-se a ocupar esse lugar enquanto verdade numa espécie de *eu mítico*, já que a fala<sup>80</sup> se organiza na forma de um discurso que ordena o gozo:

*eu, a verdade, falo. Mas não a fiz dizer, por exemplo: Eu, a verdade, falo para me dizer como verdade, nem para lhes dizer a verdade. O fato de ela falar não significa que ela diga a verdade. É a verdade, e ela fala. Quanto ao que ela diz, vocês é que têm de se haver com isso (LACAN, 1968-1969/2008, p. 168).*

Posição que nos faz pensar a do próprio “mito” Jair Messias Bolsonaro, que veio a público proclamar, em abril de 2020, sem o menor constrangimento: “eu sou, realmente, a Constituição” (CARVALHO, 2020).

Trata-se de uma verdade que não se aborda em termos de verdadeiro ou falso; ela inclusive remete à “falsificação” que Lacan articula com o lugar do agente. Esse pai é concebido como pai da exceção que se torna o significante-mestre da lei e da ordenação dos discursos depois de morto. Sua condição é “encarnada” no significante que agora opera sobre

---

<sup>80</sup> Lacan (1968-1969/2008) explora a relação entre verdade e fala a partir de uma posição discursiva, referindo-se àquele que fala como portador de uma verdade. Trata-se de uma concepção de verdade que merece maior articulação e que não esgotaremos aqui, deixando Iannini (2009) apontado como uma possibilidade de pesquisa.

os outros significantes.

Duas paixões do ser – o amor e o ódio – estão presentes na relação polarizada de cada usuário de redes sociais com seu “mito”, a quem obedece cegamente, e com o “estranho”, a quem destina discursos de ódio e segregação. Já a outra paixão, a ignorância, predomina no compartilhamento de milhares de usuários, impulsionados a passar a tragédia adiante sem nada dela querer saber.

A ideia de que haja uma realidade única para todos “torna-se real” pelas representações imaginárias que nela se pode compartilhar, já que ela é sempre psíquica e leva a coordenadas de cada sujeito na apropriação do mundo material e das coisas. Ao ter uma crença sustentada coletivamente, usuários encontram não somente na notícia falsa, mas também no reconhecimento de outros usuários, uma espécie de sustentação temporária no encontro do sujeito com seu objeto ( $\$ \diamond a$ ).

O que o mestre mascara é a condição do sujeito dividido, não unívoco, presente no matema da fantasia, diante do objeto  $a$ . O discurso do mestre foi uma forma de Lacan articular alguns elementos presentes no processo de alienação do sujeito na linguagem. É também um discurso fundamentado na fantasia inconsciente, acreditando-se “único a tornar impossível essa articulação que apontamos em outro lugar como a fantasia, na medida em que é a relação do  $a$  com a divisão do sujeito – ( $\$ \diamond a$ )” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 114).

Vemos os elementos da fórmula da fantasia fundamental ( $\$$  e  $a$ ) na base inferior do *discurso do mestre*, indicando que se trata de um discurso que deixa o sujeito cego – como Édipo – àquilo que causa sua divisão:  $a$ . Poderíamos pensar que destino teria Édipo se acaso pudesse entrar em contato com algo disso, que promove sua divisão e a de seu pai, Laio, esse objeto que é causa de desejo a todo ser falante.

Quando esse saber do lado do Outro, esse  $S_2$  do lado do mestre, pode passar para o lado da verdade, temos o discurso analítico levando o  $a$  como seu agente. Essa composição de  $a$  sobre  $S_2$  nada mais é que a verdade sobre o saber do próprio sujeito, e não mais o saber do Outro, o saber do pai idealizado que chega até o sujeito na forma do mandamento.

Quando o saber ( $S_2$ ) ocupa no matema do discurso analítico o lugar da verdade, de que verdade se trata aqui? Na direção de uma análise, há um trabalho de realização sobre a relação do sujeito com o saber, para então podermos questionar esse lugar da verdade. Não seria algo tão simples e objetivo quanto informar ao paciente sobre o que aconteceu com Édipo, ou explicar a ele sobre o destino trágico do herói grego e como isso tinha relações com a verdade

mascarada de seu pai.

Essa dimensão do pai real também nos orienta a pensar esse lugar do pai que é tão difícil de transmitir, que não se resolve somente pela via da informação. Não vemos aqui alguma semelhança com os insucessos de tantos *fact-checkings* tentando avisar os cidadãos sobre aquilo que o “pai” estaria mascarando? Esse tipo de relação com o pai real, com a construção dos matemas em Lacan e o lugar que aqui coloca a verdade nos orienta a pensar que, antes de tentarmos tocar na crença alienada dos orientados pelo pai idealizado, algo na estrutura discursiva precisaria dar seu giro, passando do discurso do mestre para o discurso do analista.

É uma importante articulação entre o mito da horda primitiva e a condição de todo sujeito com sua estrutura de linguagem, uma vez que o pai é, desde sua origem, um pai castrado. Essa dupla condição do pai passa a funcionar no discurso de entrada na linguagem, o discurso do mestre (LACAN, 1969-1970/1992, p. 106).

Novamente, com as articulações estruturais de Lacan, podemos ler outro ponto da origem da psicanálise. Lacan coloca em xeque o uso do mito de Édipo por Freud, não por ser um mito inválido, mas pelo encontro desse saber de Freud, a partir do mito de Sófocles, com o saber produzido pelo sintoma histérico.

Por que recorrer a um mito quando no sintoma histérico já havia algum saber? Do lado do mito edípico, um pai é mascarado em sua forma idealizada; do lado do sintoma histérico, essa verdade que Freud encontrou no mito deveria ser novamente questionada “no nível da própria análise, do quanto de saber é preciso para que esse saber possa ser questionado no lugar da verdade” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 106).

Qual é então a relação com o pai real nessa dinâmica? Trata-se de um saber sobre o sexual, considerando que nele também opera alguma perda para o sujeito? Essas questões nos mostram que ainda estamos numa civilização em que a descoberta freudiana e o mito de Édipo não foram superados (POLLO, 2016, p. 277).

Nos interessa também essa verdade para além do “verdadeiro ou falso” das *fact-checkings*. É de extrema importância o trabalho das *fact-checking*, mas a psicanálise poderia contribuir com a leitura dessa outra dimensão também, naquilo que se apresenta como estranho ao sujeito e que está em jogo no saber sexual. O saber sobre esse estranho objeto é o que o discurso do mestre vai buscar no campo do Outro com seu significante-mestre. O discurso histérico revela essa relação de gozo também presente no discurso do mestre, que o

saber vem no lugar do gozo (LACAN, 1969-1970/1992, p. 98).

Para Lacan, pensar a histeria enquanto discurso e não somente um sintoma é uma forma de relação com o saber do mestre, não o tomando em seu lugar de pai idealizado, enquanto o Um das massas, mas colocando a dimensão da clivagem na operação. Lacan diz que o discurso histérico faz uma “espécie de greve” à sua maneira e “desmascara a função do mestre com quem permanece solidária, valorizando o que há de mestre no que é o Um com U maiúsculo, do qual se esquiva na qualidade de objeto de seu desejo” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 99). O pai idealizado encobre qualquer saber de sua própria castração<sup>81</sup>.

Lacan aponta que aí haveria uma verdade, a verdade de que o mestre é sempre um mestre castrado (LACAN, 1969-1970/1992, p. 101), colocando o pai idealizado como pai impotente. Já o pai simbólico é justamente esse pai morto, que só se alcança partindo de “um lugar vazio e sem comunicação” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 101). Como operar nesse vazio sem comunicação numa época em que os *feeds* não deixam faltar qualquer tipo de “alimento” ao imaginário social? Sem qualquer vazio, como tocar esse além da morte do pai, único meio possível para se produzir algum saber sobre a verdade de sua castração?

Lacan resgata o Édipo nesse momento, perguntando-se por que Freud recorre ao mito ao substituir o saber de tantas históricas pelo do complexo de Édipo. É por esse mito desempenhar certo papel do saber como “pretensão de verdade”, representado pelo  $S_2$  ocupando o lugar da verdade no matema do discurso.

O discurso histérico leva esse nome indo além de um sintoma de época, mas colocando em ação o desejo. Trata-se de um desejo que busca um saber que o aplaque e, para tal, busca também um mestre. O interessante na dinâmica desse discurso é sua dominante vindo do sujeito e de seu desejo, justamente o que numa lógica das massas é o que não opera, sendo sua principal característica a ignorância, substituindo a vontade própria pela vontade de um líder ocupando um lugar de ideal (FREUD, 1921/1996).

Ali onde o líder “aglutina” o Ideal do eu à própria imagem haveria uma distância marcada pela dimensão do gozo e da pulsão, que é a distância real entre o sujeito e seu objeto. Seria ela que Freud inaugura com sua invenção da psicanálise? Quando “desacredita” de algo do próprio método que estava construindo até então e passa a dar lugar às fantasias de suas neuróticas, na célebre carta a Fliess, que deu o pontapé inicial de nossa pesquisa: “não

---

<sup>81</sup> “Por que não partir do fato de que o pai de Dora, ponto-pivô de toda a aventura, ou desventura, é propriamente um homem castrado, quero dizer quanto à sua potência sexual? É patente que ele está no fim da linha, muito doente” (LACAN, 1969-1970/1992, p. 99).

acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1887-1904/1986)?

Freud desacredita da fantasia no sentido de não considerar a veracidade dos fatos em termos de verdadeiro ou falso, de não fazer *fact-checking* da fantasia, porém não deixa jamais de lhe dar o crédito de portar elementos que podem ser analisados em sua conjuntura e dali extrair leituras sobre o sintoma e a cultura.

Vimos como a neurose marca não somente a condição de tantos sujeitos nos consultórios de psicanálise, mas também permite uma leitura universal do social a partir do lugar que o pai ocupa. Não só o pai ideal e salvador ou o pai na função de lei e ordem, mas sobretudo o pai real, que porta uma transgressão representado por um crime “fora da lei” e a marca de uma impossibilidade.

## CONCLUSÃO

Percorremos a relação entre o fenômeno das *fake news* e o lugar do pai para a psicanálise em suas três versões a partir dos três registros de Lacan. Percurso que segue mantendo a marca freudiana num momento em que ela se tornaria crucial para o desenvolvimento de uma teoria sobre o social, sem deixar de considerar a descoberta clínica de Freud (1887-1904/1986) ao concluir: *eu não acredito mais em minha neurótica*.

Disso podemos derivar, nos dias atuais, uma questão: mesmo com mais de um século de contribuições da psicanálise, ainda acreditamos na fantasia de um pai ideal e salvador? Como essa crença nos ajudaria a entender o que ainda promove tantos “estúpidos” a ocuparem cargos de poder?

Essa política não é sem consequências. Mantendo uma predominância do pai idealizado e imaginário, tal postura em nada dialetizaria nossa “ignorante consistência neurótica”. Não ver a dimensão dos três registros sobre o pai tem efeitos na relação do sujeito com o Outro. Nada toca na dimensão do saber próprio sobre seu desejo enquanto se mantém o Outro no lugar absoluto, sem furos.

Poderíamos seguir com esta pesquisa também naquilo em que as *fake news* se aproximam de um discurso religioso, tratando-se de uma discursividade em torno de um salvador e de um desamparo, articulando realidade e fé? São desenvolvimentos possíveis a partir de Freud, com *O futuro de uma ilusão*, e de Lacan, com *O triunfo da religião*, em especial quando este último nos lembra que a religião um dia triunfará por não dar espaço ao sem-sentido (LACAN, 1974/2005).

Reconhecemos o importante lugar ocupado por jornalistas na busca pela verdade sobre os fatos e acontecimentos. Eles ajudam a desmascarar cotidianamente farsas que se escamoteiam projetando o perigo para fora da massa e fazendo de “estúpidos” quaisquer o semblante de herói salvador. Muitas vezes essas *fake news* servem-se à invenção de supostos responsáveis para mudar o foco de milhares de usuários. Mas o trabalho de jornalistas e dos meios de *fact-checking* não é suficiente diante da velocidade de criação e compartilhamento de notícias falsas.

Também podemos nos perguntar: diante do cenário atual, qual contribuição possível vinda da psicanálise? Levamos em conta que o saber que se produz da teoria psicanalítica é um dentre vários, sendo sua contribuição participativa e composito, com outros saberes, um

mosaico. As *fake news* tornam-se o sintoma que vem acusar não uma insuficiência daqueles que trabalham no jornalismo, mas sim, da própria estrutura e sua incessante produção. Diante desse aparato, os métodos de *fact-checking* só poderiam ser insuficientes.

Vivemos em uma verdadeira milícia dos algoritmos que, somada à alienação que participa dos processos de visualização e compartilhamento de notícias falsas, aproveitam-se da não- Checagem de milhares de usuários. Podemos nos perguntar também sobre uma ausência de letramento digital nas redes sociais, mas também constatar uma receita que obtém o sucesso que almeja ao operar e declarar como munição os afetos envolvidos no fenômeno.

Faz-se necessário percebermos como uma repetição vem ocorrendo e em como o fenômeno das *fake news* também aproveita um elemento estrutural: a nostalgia do pai salvador. As paixões do ser tornam-se legitimadas pelo financiamento de empresas como a Cambridge Analytica que enfraquecem a democracia e o poder do Estado diante de, mais uma vez, a invenção de uma ameaça.

Essa ameaça inventada tenta encobrir o que há de estrutural e que colocaria o sujeito a lidar com seu desejo próprio, sem uma garantia depositada no anteparo de qualquer imagem – seja de si próprio ou a de um outro enquanto rival ou semelhante que justifique suas ações. Não é à toa que, em diversos países auxiliados pelas estratégias da Cambridge Analytica, essa ameaça inventada se repetia na forma de um “perigo sexual”.

Mesmo Lacan tendo deslocado a crença do pai imaginário para a crença no significante, dando crédito ao pai simbólico na via do Nome-do-Pai como significante articulador do discurso, ele deparou com a insuficiência desse registro, que não abarcou todo o campo sexual. Campo este que em nada se confunde com o biológico ou o anatômico, mas sim com o pulsional.

Aliás, o que Freud chamou de pulsão Lacan formalizou como condição do gozo presente também nos processos de significação e no lugar ocupado por quem vem agenciar qualquer discurso, deixando em aberto a necessidade de nos perguntarmos: e sobre o pai real, qual é a crença? Qual crédito se dá a esse que se faz exceção e porta a dimensão de um gozo?

Enquanto seguimos testemunhando uma cultura que parece ainda esperar o próximo pai imaginário e salvador, vemos desfilar constantemente representações de falsos heróis, sustentados por notícias falsas de um vilão inventado.

A partir dos três registros, vemos uma passagem da identificação com o pai salvador para uma identificação simbólica, situando o lugar do sujeito como efeito do inconsciente,

pela via de sua estrutura como linguagem. Essa passagem toma o indivíduo em sua singularidade, atravessado por seu próprio inconsciente, não o confundindo com o *eu* narcísico sustentado em uma imagem especular. Mas Lacan considera também um mais-além desse sujeito naquilo que opera em sua hiância em relação ao discurso, ao mesmo tempo que coloca em cena uma distância entre o Ideal do eu – posição então ocupada pelo líder diante de sua massa – e o que nomeou como objeto *a*, para falar desse lugar que no Outro apresenta-se como falta.

Na lógica das massas, em que o líder promete a salvação em troca do amor de seus escolhidos, o sexual é ditado moralmente. Essa é a contramão da psicanálise, que não considera o campo sexual como biológico ou lugar de comportamento a ser adequado a qualquer norma. Trata-se de uma dimensão que cada sujeito terá de significar a partir do lugar do desejo.

Não desconsideramos o importante lugar da organização sexual para uma cultura, em que é necessária alguma lei de ordem. O que foi colocado em xeque nesta pesquisa é o abuso cometido por alguns, que se põem no lugar de exercer uma espécie de verdade que se confunde com o próprio texto da lei.

Foi criando uma ameaça inventada que a campanha de Bolsonaro recorreu à disseminação de notícias falsas, produzindo uma narrativa de “doutrinação sexual” que viria do partido da oposição. Os exemplos são muitos, como os mencionados na Introdução sobre a mamadeira de piroca ou o evento envolvendo a artista Pabblo Vittar. Levando em conta uma espécie de estrutura montada nessa relação da ameaça sexual com o lugar do candidato como pai salvador, optamos por pegar um caso – o de Débora Diniz – e trabalhá-lo com maior densidade. O efeito produzido pelas *fake news* se dá justamente pela crença de que há uma ameaça sexual que vem do outro, semelhante, e que cumpre uma função de identificação especular, lugar do *eu* com o outro, sustentada de maneira narcísica. É o efeito do narcisismo das pequenas diferenças tomando o diferente como *estranho* a ser odiado.

Já no âmbito simbólico, vemos que qualquer relação com o outro é atravessada também pelo Outro. É nesse tesouro dos significantes que se buscará a maneira de lidar com o sexual; não somente pela via moral, entre o que é certo ou errado, mas em tudo aquilo que terá de inventar. Essa identificação coloca o sujeito em relação à cadeia significante. Lacan chamou de Nome-do-Pai esse pai simbólico, que permite ao sujeito se localizar diante do desejo materno como alguém que pode servir-se da lei transmitida pelo pai. O sujeito dividido é marcado então pelo lugar que ocupa na cadeia significante e em relação ao Ideal do eu que,

na lógica das massas, fica “tapeado” pelo traço que o pai salvador ocupa, mascarando a aglutinação de sua imagem com o próprio Ideal do eu para cada indivíduo na massa.

Esse Ideal do eu encoberto pela imagem do líder também distancia o sujeito do objeto *a*, objeto que leva as marcas do pulsional, fazendo furo no Outro e em sua consciência. Ali aonde o Outro não comparece com o significante, o sujeito pode se identificar como traço, na distância de seu ideal com o objeto *a*.

Podemos concluir que há dois importantes pontos a serem levados em consideração, abrindo a possibilidade de pesquisas futuras. Primeiro, o lugar do pai em suas diferentes versões a partir dos três registros de Lacan. Haveria também essa dimensão do pai real para mais-além de seu lugar de criminoso e de gozo. Mais do que indicá-lo como o pai de pré-história ou a história não contada de Laio, vemos a possibilidade de servir-se dele como *agente*, colocando em xeque sua consistência, mesmo como pai gozador. Isto é, há um esforço dos irmãos em assassiná-lo e, ao mesmo tempo, de se responsabilizarem por sua criação. Foi preciso tê-lo morto para que operasse e funcionasse. Há uma pesquisa possível a ser feita sobre esse lugar do pai enquanto Nome-do-Pai que não é somente um significante, mas um enodamento dos registros real, simbólico e imaginário. Lacan deixou a possibilidade de seguirmos esse caminho pela via de sua *teoria dos nós* e do que formulou como *tempo de laiusar* numa passagem do “Nome-do-Pai” para o “pai do nome”<sup>82</sup>.

Segundo, como as *fake news* fazem algum semblante sobre essa falta que remete ao lugar do objeto *a*; um trabalho que adentrasse mais a relação que esse objeto tem com o lugar da verdade e como o efeito repetitivo das *fake news* coloca em cena essa relação entre objeto *a* e gozo.

Ainda que não trate de tentar resolver a problemática entre a repetição de notícias falsas e a impossibilidade dos *fact-checkings* as verificarem em tempo hábil, esta pesquisa também tem como produto articulações para além de uma tese escrita.

O dito popular “*Só acredito vendo*” surgiu a partir da história de São Tomé, apóstolo que precisou ver Jesus ressuscitado para acreditar<sup>83</sup>: “Se eu não vir o sinal dos pregos nas mãos dele, e não tocar ali com o meu dedo, e também se não puser a minha mão no lado dele, não vou crer!” (BIBLIA). Se nos acostumamos cada vez mais a viver num reino

---

<sup>82</sup> “Se Freud encontrou a regulação do seu desejo nos mitos da morte do pai, será que poderíamos parafrasear Lacan e dizer que, também ele, encontrou a regulação do seu desejo nas diferentes articulações que construiu entre o Pai e o Nome?” (POLLO; SANT’ANNA, 2022, p. 87).

<sup>83</sup> O episódio da dúvida de Tomé está narrado na Bíblia no livro de João, capítulo 20, versículos 24 a 29 (BIBLIA).

hiperimagético, a imagem também pode ser a via de acesso no tratamento das *fake news*.

Em parceria com outros saberes, produzimos dois vídeos na tentativa de transmitir a falsificação das *fake news* não pela via dos fatos e do convencimento, mas inspirados pela descoberta freudiana, quando teve de considerar a fantasia nos processos de curas de suas neuróticas. Propomos, assim, mostrar as *fake news* em sua montagem, ou melhor, em sua desmontagem. Não se trata de equivaler o processo analítico ao que está sendo apresentado aqui, mas, tal qual as fantasias neuróticas chegam criadas para serem desmontadas no processo de uma análise, tentamos junto às artes visuais<sup>84</sup> mostrar as *fake news* “ao avesso”.

Figura 6 – Desmontagem da *fake news* “mamadeira de piroca”



O QR Code leva direto para o vídeo, que pode ser acessado também em <https://vimeo.com/manage/videos/1004896462>.

Figura 7 – Desmontagem da *fake news* “Manuela D’Ávilla com camiseta dizendo Jesus é Travesti”



O QR Code leva direto para o link do vídeo, que pode ser acessado também em <https://vimeo.com/manage/videos/1004898079>.

---

<sup>84</sup> Produto realizado junto com o artista plástico e designer gráfico Fernando Davis.

Trata-se de um primeiro ensaio, um produto em desenvolvimento com o intuito de ser divulgado em redes sociais e grupos de WhatsApp a partir das *fake news* já criadas e circuladas. A aposta é que a crença dos usuários não seria “abalada” logo de cara, já que o vídeo começa com a própria *fake news*. Mas, de forma dinâmica, produzida com recursos de imagem, e no decorrer do tempo, a falsificação revela seu processo de manipulação – apresentando sua montagem de forma inversa – até chegar à foto original.

A importância do pai para a psicanálise não remete a qualquer importância do pai de carne e osso, tampouco a qualquer crença em seu lugar de garantia da lei. Trata-se de uma origem, algo mais próximo à falta que representa o objeto *a* na teoria psicanalítica do que de qualquer ideal que colocamos aí.

Um pai, para que isso serve? Serve-se dele para que ele deixe de servir – ao menos que deixe de servir como pai salvador. Se Édipo precisou da propagação da peste em Tebas para se aproximar do próprio desejo, será que ainda precisamos repetir sua sina trágica? Esse é um preço que ainda pagamos por manter algum ponto da história do pai mascarada por uma *fake news*?

E qual o lugar da psicanálise na pólis, diante dessas conclusões? Levamos em conta que “o inconsciente é a política” (LACAN, 1966-1967/2023, p. 267), por participar daquilo que liga e opõe os homens entre si, e que nessa ligação e segregação vemos operar uma lógica que estrutura a fantasia de cada sujeito. Por isso, falar de Édipo se torna ainda necessário enquanto houver e funcionar a crença no pai salvador.

Tal crença segue alimentando o ódio pelo diferente, fazendo do estranho inimigo a ser eliminado. Não há lugar para qualquer ambivalência e, entre “o falso ou o verdadeiro” vemos ainda operar, de forma apaixonada, a ignorância diante do pai real: campo do gozo, para além do pai idealizado. Se com receitas como a de Steve Bannon vemos uma democracia ameaçada, também podemos concluir: diante da inconsistência radical da representabilidade e da ambivalência promovida pelo real, repetidamente vemos uma espécie de “retorno à consistência”, seja do pai salvador como do inimigo ameaçador.

Édipo só cometeu o crime e assassinou o próprio pai por ignorância em relação ao crime de Laio. Não teve o tempo necessário para saber a verdade oculta que o marcara desde o nascimento (LACAN, 1974/2008). Não houve tempo de usar o pai até gastar, de dispensá-lo na condição de servir-se dele. Tempo que também se abre para as modalidades de gozo, que não abordamos aqui, mas que podemos concluir a partir do que trabalhamos a respeito do

Nome-do-Pai: nada mais são que o meio de desvelar a natureza do ser humano, natureza que jamais se resume à natureza biológica, mas à criação de artifícios necessários que uma análise opera: da redução do sintoma em sua relação com a solidão, para cada um, de um modo de gozar (LACAN, 1963/2008).

## REFERÊNCIAS

- ABEL, M. C. No divã de Freud. **DF Letras: suplemento cultural do Diário da Câmara Legislativa do Distrito Federal**, v. 4, n. 35-38, p. 26-27, jan./abr. 1997.
- ALLCOTT, H.; GENTZKOW, M. Social media and fake news in the 2016 election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, p. 211-236, 2017.
- ALMEIDA, R. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. **Novos Estudos**. CEBRAP, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 185-213, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 jan. 2020.
- ALMEIDA, S. F. C. O lugar da afetividade e do desejo na relação ensinar-aprender. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 31-44, abr. 1993. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 nov. 2023.
- ANDRADE, A. G. C. Liberdade de expressão e discurso de ódio. **Revista da EMERJ**, v. 23, n. 1, p. 9-34, 2021.
- AO JORNAL NACIONAL, Bolsonaro inventa ‘9º seminário LGBT infantil’. **Carta Capital**. 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/a-globo-bolsonaro-distorce-fatos-e-cria-o-9o-seminario-lgbt-infantil/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- AOS FATOS. Disponível em: <https://www.aosfatos.org/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ASKER, D.; DINAS, E. Thinking fast and furious: emotional intensity and opinion polarization in online media. **Public Opinion Quarterly**, v. 83, n. 3, outono de 2019.
- BANDEIRA, L. #ElectionWatch: URSAL, illuminati, and Brazil’s YouTube subculture. **Atlantic Council**. 30 ago. 2018. Disponível em: <https://www.atlanticcouncil.org/commentary/article/electionwatch-ursal-illuminati-and-brazils-youtube-subculture/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- BERNAYS, E. L. Manipulating public opinion: the why and the how. **American Journal of Sociology**, v. 33, n. 6, p. 958-971, 1928.
- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Disponível em: <https://www.bible.com/pt/bible/1608/JHN.1.4.ARA>. Acesso em: 27 mar. 2025.

BIROLI, F. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLSONARO PRESIDENTE: a surpreendente trajetória de político do baixo clero ao Palácio do Planalto. **BBC News Brasil**. 28 out. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45778959>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BORGES, R. S. **Ficção e realidade**: as tramas discursivas dos programas de TV. 2008. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOYD, D.; ELLISON, N. Social network sites: definition, history, and scholarship. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 13, n. 1, article 11, 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.

BRESOLIN, K. Liberdade de expressão, esfera pública, plataformas digitais e mídias sociais. **ethic@-An international Journal for Moral Philosophy**, v. 22, n. 2, p. 761-790, 2023.

CAETANO, J. A. et al. Characterizing attention cascades in WhatsApp groups. **Proceedings of the 10th ACM conference on web science**, p. 27-36, 2019.

CALDAS, C. O. L.; CALDAS, P. N. L. Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no big-data, das fake news e das shistorms. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 196-220, abr./jun. 2019.

CANAVÊZ, F.; HERZOG, R. A singularidade do sintoma: por uma crítica psicanalítica à ideia de origem. **Psicologia clínica**, v. 19, p. 109-124, 2007.

CARNEIRO, M. A. B. S.; SANTA ROSA, J. G. S. Design de interface e a influência no desejo de compra: um estudo de caso sobre o Instagram. **Arcos Design**, v. 16, n. 2, p. 383-405, 2023.

CARVALHO, D. Eu sou a Constituição, diz Bolsonaro ao defender democracia e liberdade um dia após ato pró-golpe militar. **Folha de S.Paulo**. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/democracia-e-liberdade-acima-de-tudo-diz-bolsonaro-apos-participar-de-ato-pro-golpe.shtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

CAZOTTE, J. **O diabo enamorado** (1776). Rio de Janeiro: Imago, 1992.

CHEQUEADO. Disponível em: <http://www.chequeado.com/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COIMBRA, M. O mito da legitimidade. **Brasil 247**, 18 jan. 2019. Disponível em:

<https://www.brasil247.com/blog/o-mito-da-legitimidade>. Acesso em: 10 mar. 2022.

COMO A LUPA faz suas checagens? **Lupa**. 15 out. 2015. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens>. Acesso em: 10 mar. 2025.

COSTA, V. A. **De uma questão preliminar a toda abordagem educacional na psicose: a inclusão da forclusão**. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia – Psicologia Social) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

COSTA, V. **Provocações para a psicanálise no Brasil: racismo, políticas identitárias, violências e colonialismo**. São Paulo: Zagodoni, 2021.

DEBORA DINIZ é vítima de fake news de apoiadores de Bolsonaro e recebe ameaças de morte. **Esquerda Diário**. 9 fev. 2021. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Debora-Diniz-e-vitima-de-fake-news-de-apoiadores-de-Bolsonaro-e-recebe-ameacas-de-morte>. Acesso em: 19 mar. 2025.

DIADORIM. “Ideologia de gênero”: como o clã Bolsonaro usa internet para atacar LGBTI+. **Carta Capital**. 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/ideologia-de-genero-como-o-cla-bolsonaro-usa-internet-para-atacar-lgbti/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DINIZ, D. Vocabulário bolsonarista. **Twitter**. 7 fev. 2021. Disponível em: [https://x.com/debora\\_d\\_diniz/status/1358467321308798976](https://x.com/debora_d_diniz/status/1358467321308798976). Acesso em: 19 mar. 2025.

DIRESTA, R. It’s not misinformation. It’s amplified propaganda. **The Atlantic**. 9 out. 2021. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/ideas/archive/2021/10/disinformation-propaganda-amplification-ampliganda/620334/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DOURADO, T. **Fake news: quando mentiras viram fatos políticos**. Porto Alegre: Zouk, 2021.

DUNKER, C. I. L. Crença em psicanálise: elementos para uma concepção de ato. **Stylus**, Belo Horizonte, v. 8, p. 55-68, 2004.

DUPIM, G.; BESSET, V. L. A psicanálise aplicada ao social. **Polêmica**, v. 13, n. 2, 5 maio 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/10613/8489>. Acesso em: 27 mar. 2025.

E-FARSAS. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ENTENDA as etiquetas da Lupa. **Lupa**. 15 out. 2015. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/institucional/2015/10/15/entenda-nossas-etiquetas>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ENTENDA O ESCÂNDALO de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades. **BBC News Brasil**. 20 mar. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>. Acesso em: 10 mar. 2025.

ESTEVÃO, I. R. **A teoria freudiana do complexo de Édipo**. São Paulo: Escuta, 2017.

ESTEVÃO, I. R. Sobre três eixos da pesquisa em psicanálise: clínica, teoria e extensão. In: FULGENCIO, L. et al. **Modalidades de pesquisa em psicanálise: métodos e objetivos**. São Paulo: Zagodoni, 2018.

FAKE NEWS: ao tentar votar em Bolsonaro a urna eletrônica apresenta voto nulo. **Tribunal Regional Eleitoral**. Disponível em: <https://www.tre-mt.jus.br/eleicoes/eleicoes-plebiscitos-e-referendos/eleicoes-2018/fakenews/fake-news-ao-tentar-votar-em-bolsonaro-a-urna-eletronica-apresenta-voto-nulo>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FERREIRA, P. P. Coletividade e histeria: psicanálise e manifestações sociais, **Rev. Polis e Psique**, v. 8, n. 2, p. 67-92, 2018.

FERREIRA, P. P. **O sujeito e o gozo escópico na sociedade contemporânea conectada**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17060>. Acesso em: 27 mar. 2025.

FISHER, M. **A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo**. São Paulo: Todavia, 2023.

FRADE, R. M. Consumo de vídeo segue forte no Brasil, com TV tradicional mantendo reinado. **Uol**. 12 jul. 2024. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/colunas/na-sua-tela/2024/07/12/uso-video-brasil-streaming-tv.htm>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FREUD, S. **A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (1900)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 4.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer (1920)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição

standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 18.

FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos** (1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 19.

FREUD, S. **As pulsões e suas vicissitudes** (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 14.

FREUD, S. **Bate-se numa criança** (1919a). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. **Conferência XXXI: dissecação da personalidade psíquica** (1933). Rio de Janeiro: Imago, 1975. P. 92. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 22.

FREUD, S. **Conferências introdutórias sobre psicanálise** (1916-1917). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 16.

FREUD, S. **Inibição, sintoma e ansiedade** (1926 [1925]). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo** (1914a). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 14.

FREUD, S. **O esclarecimento sexual das crianças** (1907). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 8.

FREUD, S. **O estranho** (1919b). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. **O eu e o isso** (1923). Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 19.

FREUD, S. **O futuro de uma ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 21.

FREUD, S. **O inconsciente** (1915). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930 [1929]). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 21.

- FREUD, S. **O Moisés de Michelangelo** (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 13.
- FREUD, S. **O problema econômico do masoquismo** (1924). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 19.
- FREUD, S. **O tabu da virgindade** (1918). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 11.
- FREUD, S. **Observações sobre o amor de transferência** (1914b). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 12.
- FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica** (1895). Rio de Janeiro: Imago, 1996. P. 335-454. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 1.
- FREUD, S. Proyecto de psicologia (1950). In: STRACHEY, J. (ed.). **Obras completas de Sigmund Freud**. Buenos Aires: Amorrortu, 2007. Volume 1, p. 323-446. Original redigido em 1895.
- FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do ego** (1921). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 18.
- FREUD, S. **Totem e tabu** (1913). Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.
- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, volume 7.
- FURTADO, L. A. R. **Sua majestade o autista**: fascínio, intolerância e exclusão no mundo contemporâneo. 2011. 206 f. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22755>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- GILLESPIE, T. The politics of ‘platforms’. **New Media & Society**, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010.
- GOLDSTEIN, A. O sucesso das “guerras culturais” na campanha 2018: Bolsonaro no Facebook e Instagram. **Inter-legere**, v. 2, n. 26, p. c20148-c20148, 2019.
- GOMES, W. Fake news, crise epistêmica e epistemologia tribal. **Revista Cult**, São Paulo, p.

1-5, 8 abr. 2019.

GOMES, W.; DOURADO, T. M. Fake news: um fenômeno de comunicação política entre jornalismo, política e democracia. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 16, n. 2, p. 33-45, 2019.

GURGEL, D. F.; GURGEL, P. P. A. Wittgenstein por Lacan: considerações sobre a concepção de fato. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 23, n. 2, p. 61-70, 2020.

HART, B. **The psychology of rumour** (1916). Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2017115/>. Acesso em: 27 mar. 2025.

HAYNES, B. Facebook removes pages of Brazil activist network before elections. **Reuters**. 25 jul. 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/idUSKBN1KF1NB/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

IANNINI, G. **O que é psicanálise?** São Paulo: Autêntica, 2024. Freud no século XXI, volume 1.

IANNINI, G. **Estilo e verdade na perspectiva da crítica lacaniana à metalinguagem**. 2009. 356 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: RINALDI, D.; JORGE, M. A. C. (orgs.). **Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17**, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Volume 1: As bases conceituais.

JORGE, M. A. C. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010. Volume 2: A clínica da fantasia.

KAUFMANNER, H. **A solução elegante de Lacan: uma formalização do “Além do Princípio do Prazer”**. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

KNOLL, G. F. **Gêneros discursivos e hibridismo: publicidade disfarçada de notícia em revista** (2005). Painel apresentado no SIGET 2005. Disponível em: [https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET\\_III/artigos/Knoll.pdf](https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/SIGET_III/artigos/Knoll.pdf). Acesso em:

27 mar. 2025.

LACAN, J. **A angústia** (1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. O seminário, livro 10.

LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder (1958). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **A ética da psicanálise** (1959-1960). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. O seminário, livro 7.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud (1957/1998). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998

LACAN, J. A psicanálise e seu ensino (1956). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **A relação de objeto** (1956-1957). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. O seminário, livro 4.

LACAN, J. **As formações do inconsciente** (1957-1958). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. O seminário, livro 5.

LACAN, J. **As psicoses** (1955-1956). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. O seminário, livro 3.

LACAN, J. De um Outro ao outro (1968-1969). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. O seminário, livro 16.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1966). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P.537-590.

LACAN, J. Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista (1964). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 865-868.

LACAN, J. **Encore** (1972-1973). Paris: Seuil, 1975. Le séminaire, livre 20.

LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 322.

LACAN, J. **Mais, ainda** (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. O seminário, livro 20.

LACAN, J. **O avesso da psicanálise** (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. O seminário, livro 17.

LACAN, J. **O desejo e sua interpretação** (1958-1959). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016. O

seminário, livro 6.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu (1949). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** (1954-1955). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. O seminário, livro 2.

LACAN, J. **O mito individual do neurótico** (1953). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

LACAN, J. O seminário sobre “A carta roubada” (1957). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 13-66.

LACAN, J. O simbólico, o imaginário e o real (1953). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. O triunfo da religião (precedido de Discurso aos católicos) (1974). In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: “Psicanálise e estrutura da personalidade” (1960a). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Os escritos técnicos de Freud** (1953-1954). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. O seminário, livro 1.

LACAN, J. **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008. O seminário, livro 11.

LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. P. 248-260.

LACAN, J. Situação da psicanálise em 1956 (1956). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. P. 461-490.

LACAN, J. Subversão do sujeito e dialética do desejo (1960b). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Televisão** (1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Variantes do tratamento padrão (1955). In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **A lógica do fantasma** (1966-197). Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2023. O seminário, livro 14.

- LACLAU, E. **A razão populista**. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LAVROV diz que Ocidente se converteu em “império da mentira”. **Brasil 247**. 23 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/mundo/lavrov-diz-que-ocidente-se-converteu-em-imperio-da-mentira>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- LE BON, G. **The crowd: a study of the popular mind** (1895). London: T. Fischer Unwin, 1981.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Estruturas elementares do parentesco** (1949). Petrópolis: Vozes, 2012.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva**. São Paulo: Loyola, 1998. Volume 22.
- LIMA, V. M. Ideologia... De gênero? Um debate para a psicanálise de Zizek a Lacan. **Leitura Flutuante**, v. 9, n. 2, 2017.
- LISBOA, A. P. Acadêmicos brasileiros se exilam por ameaças de morte. **Correio Braziliense**. 13 mar. 2020. Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino\\_ensinosuperior/2020/03/13/interna-ensinosuperior-2019,834162/academicos-brasileiros-se-exilam-por-ameacas-de-morte.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/estudante/ensino_ensinosuperior/2020/03/13/interna-ensinosuperior-2019,834162/academicos-brasileiros-se-exilam-por-ameacas-de-morte.shtml). Acesso em: 19 mar. 2025.
- LOPES, D. É horrível ser difamado pelo Bolsonaro. **Vice**. 5 nov. 2013. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/e-horrivel-ser-difamado-pelo-bolsonaro/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- LOPES, G. O livro “Aparelho Sexual e Cia” faz parte do kit gay distribuído pelo MEC? **E-farsas**. 29 ago. 2018. Disponível em: <https://www.e-farsas.com/o-livro-aparelho-sexual-e-cia-faz-parte-do-kit-gay-distribuido-pelo-mec.html>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- LUPA. Disponível em: <https://lupa.uol.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- MACHADO, M. D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, p. e47463, 2018.
- MALLARMÉ, S. **Divagations**. Paris: Eugene Fasquelle, 1897.
- MARTINHO, M. H. C. A manifestação do ódio e da ignorância nas massas de nossa época. **Stylus**, v. 1, n. 45, p. 29-35, 2024. DOI: 10.31683/stylus.v1i45.1011. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1011>. Acesso em: 11 jul. 2024.

- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos** (1844). São Paulo: Abril Cultural, 1987.
- MELLO, H. H. S. **Acta de Psicanálise do Colégio Freudiano de Psicanálise**. Brasília: Linha, 1987. Volume XII, capítulo III.
- MILAN, B. **Lacan ainda**: testemunho de uma análise. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- MILLER, J.-A. Do amor à morte. **Opção Lacaniana online**, ano 1, n. 2, jul. 2010. Disponível em: [http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero\\_2/Do\\_amor\\_a\\_morte.pdf](http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_2/Do_amor_a_morte.pdf). Acesso em: 27 mar. 2025.
- MILLER, J.-A. **Lacan elucidado**: palestras no Brasil. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 1999.
- MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, v. 32, p. 725-748, 2017.
- MORAIS, A. P. S. B. O supereu como estrutural do sujeito e o consumo como o ideal do Outro na contemporaneidade. **Revista A Peste**, v. 3, n. 1 e 2, São Paulo, EDUC, 2011.
- MÜLLER, L. O que são feeds? **Tecmundo**. 5 jul. 2012. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/rss/252-o-que-sao-feeds-.htm>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- NASSIF, L. Os planos e o bilionário por trás da Cambridge Analytica. **GGN**, Outras mídias. 18 jul. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-planos-e-o-bilionario-por-tras-da-cambridge-analytica/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- O QUE É Big Data? **Oracle**. Disponível em: <https://www.oracle.com/br/big-data/what-is-big-data/>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- OLIVEIRA, S. S. et al. **Cost-effectiveness of transcatheter aortic valve implantation versus surgical aortic valve replacement in patients with severe aortic stenosis**. Porto: Universidade do Porto, 2020. Resumo de Comunicação em Conferência Nacional. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/128943>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- OS PLANOS e o bilionário por trás da Cambridge Analytica. **GGN**, Outras Mídias. 18 jul. 2022. Disponível em: <https://outraspalavras.net/outrasmidias/os-planos-e-o-bilionario-por-tras-da-cambridge-analytica/>. Acesso em: 27 mar. 2025.
- OSTROM, T. M.; SEDIKIDES, C. Out-group homogeneity in natural and minimal groups. **Psychological Bulletin**, v. 112, n. 3, 1992.
- OYAMA, T. Para evangélicos, fala de “ditadura gayzista” de Bolsonaro ecoará menos. **Uol**. 9 mar. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/thais-oyama/2022/03/09/para->

evangelicos-fala-de-ditadura-gayzista-de-bolsonaro-ecoara-menos.htm. Acesso em: 10 mar. 2025.

PACHECO FILHO, R. A. “Lease your body”: a encantação do corpo e o fetichismo da mercadoria. **Stylus**, n. 21, p. 37-46, 2010.

PACHECO FILHO, R. A. A (in)verdade da igualdade da Justiça na sociedade brasileira e a fantasia como estrutura da alienação ideológica. In: BRANDÃO, E. P. **Psicanálise e direito: subversões do sujeito no campo jurídico**. Rio de Janeiro: Nau, 2019. P. 189-225.

PACHECO FILHO, R. A. A posição do sujeito no laço totalitário do capitalismo contemporâneo. **Stylus**, n. 17, p. 75-83, 2008.

PACHECO FILHO, R. A. A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. **Revista A Peste**, v.1, n. 1, São Paulo, EDUC, 2009.

PACHECO FILHO, R. A. A uberização do psicanalista e os perigos para a psicanálise e a escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância. **Stylus**, v. 1, n. 45, p. 37-47, 2024. DOI: 10.31683/stylus.v1i45.1010. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1010>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PACHECO FILHO, R. A. **Psicanálise, cultural e migração**. São Paulo: YM, 2002.

PACHECO FILHO, R. A. Psicologia social no Brasil: considerações epistemológicas e políticas a respeito de um campo fragmentado. **Mental**, ano IV, n. 7, Barbacena, 2006.

PACHECO FILHO, R. A.; METZGER, C.; AMBRA, P. Para-além do pai salvador da pátria? In: PEREIRA, A. B.; COELHO JÚNIOR, N. E. **Sonhar: figurar o terror, sustentar o desejo**. São Paulo: Zagondoni, 2021.

PAIM FILHO, I. et al. Das unheimliche: o horror ao saber e o fascínio do não saber. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre**, p. 593, 2013.

PARKER, V. **The great and widening divide: political false polarization and its consequences**. Dissertação (Mestrado em Artes), Universidade Wilfrid Laurier, 2018.

PASQUINI, P. Estudo diz que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news. **Valor Econômico**. 2. nov. 2018. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PAULA, C. P. A.; ARAUJO, E. P. O.; SARAIVA, P. D. G. P. Comunicação, informação e

imaginário no processo eleitoral brasileiro: o “Messias” Bolsonaro e o mito do rei pela graça de Deus. **Prisma.com**, v. 41, p. 100-122, 2020.

PAULA, T. F. Deus acima de tudo: a atuação política da Igreja Universal do Reino de Deus nas eleições presidenciais de 2018. Dissertação (Mestrado em Sociologia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

PEREIRA, A.; COELHO JÚNIOR, N. E. (orgs.). **Sonhar**: figurar o terror, sustentar o desejo. São Paulo: Zagodoni, 2021.

PEREIRA, M. E. C. **Pânico e desamparo**. São Paulo: Escuta, 2008.

PIAUI. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

PIRES, B. Antropóloga convive com a “covardia da dúvida” de quem a ameaça de morte. **El País Brasil**, São Paulo, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470\\_991854.htm](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/15/politica/1544829470_991854.htm) Acesso em: 28 jul. 2023.

POLITIFACT. Disponível em: <http://www.politifact.com/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

POLLO, V. A lógica das massas e a lógica coletiva. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 14, n. especial, p. 4-10, abr. 2022.

POLLO, V. O amor e demônio transferencial. **Stylus**, v. 1, n. 45, p. 127-137, 2024. DOI: 10.31683/stylus.v1i45.1020. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1020>. Acesso em: 12 jul. 2024.

POLLO, V. Resenha do livro Édipo ao pé da letra. **Stylus**, n. 33, p. 277-279, 2016. DOI: 10.31683/stylus.vi33.608. Disponível em: <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/608>. Acesso em: 13 jul. 2024.

POLLO, V.; BARBOSA, L. Uma paixão devastadora. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 19, p. 437-451, 2016.

POLLO, V.; SANT’ANA, M. L. R. As três versões do pai: o parricídio, o nome e o dizer. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 25, n. 1, p. 82-88, 2022. <https://doi.org/10.1590/1809-44142022001010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/agora/a/JV8CQwGfGPmsLNg6ywByZgc/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 2025.

PULCINO, R.; FERRARI, A. Quando mulheres-pesquisadoras se tornam alvos de discursos

- de ódio nas redes sociais? **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 7, n. 22, 2024.
- QUADRADO, J. C.; FERREIRA, E. S. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis**, v. 23, n. 3, p. 419-428, set. 2020.
- QUINET, A. **Édipo ao pé da letra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- QUINET, A. Paranoia de massa da era digital: os softidiots e a bigbrotherização. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n. especial, p. 12-22, set. 2020.
- QUINET, A. **Um olhar a mais**: ver e ser visto na psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- RAMOS, R. et al. Q. Análise da influência das cores na experiência do usuário em aplicativos móveis. **Observatório de la Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 2, p. e3452, 2024.
- RATHJE, S.; BAVEL, J. J.; LINDEN, S. Out-group animosity drives engagement on social media. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 118, n. 26, 29 jun. 2021.
- REIS, T.; EGGERT, E. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educação & Sociedade**, v. 38, p. 9-26, 2017.
- RINALDI, D. O traço da identificação. **Simpósio de Intersecção Psicanalítica do Brasil**, p. 125-133, 2008.
- RINALDI, D. **Psicologia das massas e as paixões do ser**. Texto apresentado na XVIII CER-Brasil, Jornada externa: “Psicologia das massas e o coletivo de Lacan”, evento de Convergência, Vitória, 14 maio 2022.
- RODRIGUES, C. Neste 1º de abril, lembre nove fake news que marcaram o cenário político do Brasil. **Brasil de Fato**. 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/neste-1o-de-abril-relembre-nove-fake-news-que-marcaram-o-cenario-politico-do-brasil/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- RUDGE, A. M. Nostalgia do Pai. **Trivium**, v. 1, n. especial, p. 11-16, 2022.
- SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Autêntica, 2016.
- SANTOS, L. F. A.; ESTEVÃO, I. R. “Ideologia de gênero”? Como situar a psicanálise nessa querela? **Reverso**, v. 43, n. 81, p. 67-74, 2021.
- SCHUDSON, M. Political observatories, databases & news in the emerging ecology of public information. **Daedalus**, v. 139, n. 2, p. 100-109, 2010.

SCOLA, J. Imagens literais demais: pensando elementos estéticos no fazer político do bolsonarismo e suas consequências. **Novos Debates**, v. 6, n. 1-2, 2020.

SEGATO, R. **Crítica da colonialidade em oito ensaios**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SERRÃO, A. L. Vídeo distorce notícias antigas para dizer que cloroquina é mais eficaz que vacinas contra Covid-19. **Estadão**. 4 out. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/cloroquina-mais-eficaz-que-vacina-noticias-antiga/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SHIBUTANI, T. **Improvised news: a sociological study of rumor**. Indianapolis: Bobbs-Menill, 1996.

SHOAIB, A. Trump campaign made \$80,000 a day selling MAGA hats, according to Jared Kushner's new memoir. **Business Insider**. 30 jul. 2022. Disponível em: <https://www.businessinsider.in/politics/world/news/trump-campaign-made-80000-a-day-selling-maga-hats-jared-kushner-says/articleshow/93232628.cms>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SILVA FILHO, E. A.; ESTEVÃO, I. R. Ensaio como modalidade acadêmico-científica para a psicanálise: breve sequência. **Revista Eletrônica Multidisciplinar de Investigação Científica**, v. 3, n. 14, 2024.

SILVA JÚNIOR, J.; SILVA, F. V. Empreendedorismo moral no debate sobre sexualidade na escola: um estudo de fake news checadas pelo site E-farsas. **Tabuleiro de Letras**, v. 14, n. 1, p. 166-181, 2020.

SILVA, M.; ALBUQUERQUE, M. E.; VELOSO, M. S. Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso à informação ao excesso de informação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 410-426, 2019.

SILVEIRA, J. M. A sexualidade da criança no cotidiano da instituição infantil. **Revista Educativa – Revista de Educação**, v. 16, n. 2, p. 285-296, 2013.

SOLER, C. **A querela dos diagnósticos**. São Paulo: Blucher, 2018.

SOLER, C. **Os afetos lacanianos**. São Paulo: Aller, 2022.

TRAVASSOS, J. 20 anos de escola: entrevista com Maria Anita Carneiro Ribeiro. **Stylus**, Rio de Janeiro, n. 36, p. 139-146, 2018.

- TUCKER Carlson diz que governo dos EUA o impediu de entrevistar Vladimir Putin. **Brasil 247**. 24 set. 2023. Disponível em: <https://www.brasil247.com/midia/tucker-carlson-diz-que-governo-dos-eua-o-impediu-de-entrevistar-vladimir-putin>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- TUFEKCI, Z. How social media took us from Tahrir Square to Donald Trump. **MIT Technology Review**, 14 ago. 2018.
- VESTERGAARD, T.; SCHRODER, K. **A linguagem da propaganda**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VIEIRA, M. A. Algumas considerações sobre o amor, a paixão e o afeto. In: RIBEIRO, M. A.; MOTTA, M. (orgs.). **Os destinos da pulsão**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1997. P. 131-144.
- VIEIRA, N. Digital influencers: afinal, o que é ser um influenciador nas redes? **Canal Tech**. 20 abr. 2020. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/digital-influencers-afinal-o-que-e-ser-um-influenciador-nas-redes-162554/>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.
- YURKOVA, O. Como fake news são criadas e ferramentas simples para identificá-las. **Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo**. 11 jun. 2021. Disponível em: <https://abraji.org.br/noticias/como-fake-news-sao-criadas-e-ferramentas-simples-para-identifica-las>. Acesso em: 10 mar. 2025.
- ZENONI, A. Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. **Psicologia em revista**, v. 13, n. 1, p. 15-26, 2007.
- ZEP; BRULLER; H. **Aparelho sexual e cia.:** um guia inusitado para crianças descoladas. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996
- ZIZEK, S. **Lacrimae rerum:** ensayos sobre cine modernos y ciberespacio. Buenos Aires: Debate, 2006.